

**THOMAS
BULFINCH**

**AS
LENDAS
DE**

**CARLOS
MAGNO**




**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**

Título original: *Legends of Charlemagne*

Copyright da tradução © 2024 by Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Av. Rio Branco, 115 — Salas 1201 a 1205 — Centro — 20040-004

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B933l

Bulfinch, Thomas

A lenda de Carlos Magno / Thomas Bulfinch; tradução por Regina Lyra. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.

Formato: epub com 3.859KB

ISBN: 9786556409160

1. Literatura americana – mitologia. I. Lyra, Regina. II. Título.

CDD: 810

CDU: 821.111(73)

André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242

Conheça outros livros da editora:



SUMÁRIO

PREFÁCIO

PREFÁCIO DO AUTOR

AS LENDAS DE CARLOS MAGNO

I. INTRODUÇÃO

II. OS PARES OU PALADINOS

III. O TORNEIO

IV. O CERCO DE ALBRACA

V. AVENTURAS DE RINALDO E ORLANDO

VI. A INVASÃO DA FRANÇA

VII. A INVASÃO DA FRANÇA (CONTINUAÇÃO)

VIII. BRADAMANTE E RUGGIERO

IX. ASTOLFO E A FEITICEIRA

X. O ORCO

XI. AS AVENTURAS DE ASTOLFO CONTINUAM, E AS DE ISABELLA COMEÇAM

XII. MEDORO

XIII. ORLANDO FURIOSO

XIV. ZERBINO E ISABELLA

XV. ASTOLFO NA ABISSÍNIA

XVI. A GUERRA NA ÁFRICA

XVII. RUGGIERO E BRADAMANTE

XVIII. A BATALHA DE RONCESVALES

XIX. RINALDO E BALARDO

XX. A MORTE DE RINALDO

XXI. HUON DE BORDEAUX

XXII. HUON DE BORDEAUX (CONTINUAÇÃO)

XXIII. HUON DE BORDEAUX (CONTINUAÇÃO)

XXIV. HOLGER, O DINAMARQUÊS

XXV. HOLGER, O DINAMARQUÊS (CONTINUAÇÃO)

XXVI. HOLGER, O DINAMARQUÊS (CONTINUAÇÃO)

GLOSSÁRIO

PREFÁCIO

*THOMAS BULFINCH:
O 13º PAR DE FRANÇA*

A Editora Nova Fronteira faz chegar em 2024 à leitora e ao leitor a tradução para o português da obra *As lendas de Carlos Magno*, do escritor e professor estadunidense Thomas Bulfinch (1796-1867), realizada pela experiente tradutora Regina Lyra. Mas o que é esse livro? É o resultado de um esforço de reunião realizado pelo autor, (re)conhecido pela sua dedicação a projetos similares, que são ainda mais singularizados pela ambição de aproximar certos temas de um público não especialista, mas curioso e culto.

Logo na introdução de *As lendas de Carlos Magno*, o autor aponta que:

“Numa época em que a escuridão intelectual assolou a Europa Ocidental, uma constelação de escritores brilhantes surgiu na Itália. Destes, Pulci (nascido em 1431), Boiardo (1434) e Ariosto (1474) escolheram como temas as fábulas românticas que, ao longo de muitas eras, haviam sido transmitidas por meio das baladas dos poetas e das lendas de monges cronistas. Esses autores organizaram tais fábulas, enfeitaram-nas com os adornos da fantasia, ampliaram-nas com as próprias invenções e lhes conferiram imortalidade. Pode-se afirmar com convicção que, enquanto a civilização se mantiver de pé, essas produções terão seu lugar entre as criações mais valiosas do gênio humano.”

Desse trecho, sobressaem as intenções editoriais de Thomas Bulfinch, de reunir informação que ele considerava útil e de difundi-la, para alcançar um fim elevado, qual seja: pela leitura de certas narrativas, homens e mulheres poderiam adquirir conhecimentos para fruir outros textos. Sim, as mulheres estavam incluídas, pois já haviam se tornado no contexto do autor um público

consumidor e escritor de livros. Então, para ele, os mitos e a literatura — que se alimenta obviamente dos mitos — são um patrimônio e um conhecimento que integram a humanidade, educam e facilitam o convívio social entre homens e mulheres. Não por acaso, Thomas Bulfinch se interessou por discursos fundadores, como a mitologia clássica e as narrativas que foram expressas nas jovens línguas românicas nascidas no medievo. Quanto a este, chamo a atenção dos leitores para o julgamento pejorativo do escritor sobre o período: “época em que a escuridão intelectual assolou a Europa Ocidental”, uma percepção que não se coloca hoje, graças à pesquisa realizada nas áreas de História, História da Arte, Letras e Filosofia, voltadas ao período medieval. Ora, se o próprio escritor se volta às obras de humanistas italianos — todos medievais —, poderíamos sorrir de forma condescendente para sua contradição... Então, esses textos fundadores seriam “educadores”. Na verdade, se aproximarmos essa percepção à concepção de clássico,¹ como compreendeu Italo Calvino (1923-1985), esses textos seriam aqueles que todo mundo estaria relendo e saberia citar até sem ter lido diretamente, tal a forma como estariam colados às tradições culturais que o tempo arrasta, renovando-as sempre, entretanto.

No caso de *As lendas de Carlos Magno*, o escritor Thomas Bulfinch reuniu as obras dos humanistas italianos que ele fez questão de citar: Luigi Pulci (1432-1484), Matteo Maria Boiardo (1440-1494) e Ludovico Ariosto (1474-1533), e acrescentou outras fontes. Fez uma escolha, a sua seleção, pois poderia ter bebido diretamente de *A Canção de Rolando*,² por exemplo. Mas Bulfinch afirma que os “seus” italianos são os principais poetas que louvaram as aventuras dos pares³ de Carlos Magno: “Boiardo nos fala dos amores de Orlando; Ariosto, de sua decepção e consequente loucura, e Pulci aborda sua morte.” Da escolha de Thomas Bulfinch, faz parte, por exemplo, o poema da cavalaria *Il Morgante*, de Luigi Pulci, que teve uma primeira edição em 1478 e uma segunda em 1483. Nessa segunda edição, foram acrescentados cinco cantares que retomam justamente a trama da batalha de Roncesvales. São cinco cantares de tom diferente dos anteriores de natureza burlesca.

É verdade que, em ambos os casos, dos italianos e do autor do poema francês mais antigo, lemos a transformação literária de um fato histórico: a batalha de Roncesvales, que, no final do século VIII, opôs os francos aos

bascos, com derrota franca. Os muçulmanos estavam fora disso... Na *Canção de Rolando*, os sarracenos são estabelecidos como inimigos, os bascos, esquecidos, e Roland, apesar de heroísmo sobre-humano, é morto. As aventuras de Roland/Orlando, Carlos Magno e dos pares de França são tema que se espraia da região em que alguns dos agentes históricos tiveram existência documentada e tornada literatura. As narrativas heroicas do norte da França, bem como a poesia do sul da França, cultivada em outro idioma, o occitano, moveram-se graças a “agentes culturais”, como trovadores e jograis, mas também graças a religiosos e cavaleiros, e foram recebidas em Cortes letradas da Itália. Alguns dos poetas italianos cultivariam mesmo o próprio occitano. Se folharmos a *Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321) ou as novelas do *Decamerão* de Giovanni Boccaccio (1313-1375), vamos encontrar personagens, trovadores e temas do norte e do sul da França renovados pela leitura desses letrados italianos. Vamos encontrar logo depois a obra dos italianos traduzida em Castela. Nenhum imobilismo caracterizou as sociedades medievais. Luigi Pulci, Matteo Maria Boiardo e Ludovico Ariosto são letrados que receberam e reelaboraram tradições medievais moventes em suas obras.

Então, Thomas Bulfinch, que viveu no século XIX, se voltou à tradição clássica quando apresentou os mitos gregos e romanos aos leitores e às leitoras de sua época e país, mas também se voltou à obra dos humanistas italianos para apresentar ao mesmo público as aventuras do ciclo carolíngio,⁴ convencido de que o resultado do seu trabalho teria um papel formativo para a sociedade. Aqueles que lerem a tradução de Regina Lyra vão experimentar as escolhas desse professor do século XIX. Vão ler a sua mediação histórica, a narrativa do nascimento do Islã, da expansão do Islã, da forma como os muçulmanos avançaram pelo que chamamos hoje de França e foram rechaçados por Carlos Martel. A narrativa do estadunidense é heroica e singulariza os carolíngios como salvadores do cristianismo e de um modo de viver ocidental. Essa maneira de interpretar os eventos históricos é questionável, mas ainda se manifesta no presente dos leitores e das leitoras que ora recebem a tradução da Nova Fronteira: uma forma de aprofundar distâncias e encobrir diálogos que, entretanto, mesmo a obra não consegue calar, como as histórias de amizade entre cavaleiros cristãos e muçulmanos. As relações que as fontes e a pesquisa histórica revelam são mais complexas que os limites dos nossos preconceitos.

Isso não significa, é claro, que não tenha havido embate, sangue e silêncio nas relações entre culturas diversas no tempo.

As lendas de Carlos Magno traz aventuras incríveis. Destaco duas: as que cercam Angélica, alvo dos amores e da loucura de Orlando, e as aventuras de Bradamante e Ruggiero. Angélica desperta a paixão em outros cavaleiros e se vê em diversas ocasiões em franco perigo contra o assédio dos homens. Mas se destaca o fato de que é ela, afinal, quem escolhe o próprio marido e que ele é claramente inferior do ponto de vista nobiliárquico aos pretendentes à sua mão, Orlando superior a todos. É uma escolha do coração. Thomas Bulfinch convoca o *Orlando Furioso* de Ariosto (capítulo XIII de *As lendas de Carlos Magno*). O caso das aventuras de Bradamante e Ruggiero é especialmente interessante, porque Bradamante é uma donzela guerreira e Ruggiero é seu companheiro de armas e apaixonado. Em vários momentos, Ruggiero está em uma posição que demanda o esforço de Bradamante para salvá-lo. Além de toda a dificuldade interposta para o enlace feliz pelo enredo, existem ainda dois importantes desafios: a diferença de fé e a diferença social. A segunda parece mais intransponível, afinal Ruggiero precisa suplantar um príncipe bizantino! *As lendas* ainda tem outra donzela guerreira. Trata-se de Marfisa, irmã de Ruggiero. O público vai se surpreender com fontes encantadas, com cavalos espertos e leais, com desafios entre cavaleiros, com eventos extraordinários, em que se destacam espadas reivindicadas e justiças necessárias, realizadas pelos pares de França. Neste livro, é possível até mesmo ir à lua com São João e Astolfo! Carlos Magno não é protagonista, é personagem também e erra, por exemplo, quando o amor paterno suplanta o seu juízo no julgamento moral. É interessante que o ciclo arturiano intervém na obra, na presença da Fada Morgana.

Por que ler hoje *As lendas de Carlos Magno* reunida por Thomas Bulfinch? O escritor acreditava no poder formativo da leitura dos textos fundadores. Imagens, temas, personagens e episódios reunidos por ele podem ser discernidos por apreciadores e apreciadoras de jogos, filmes, livros (literários ou não) e séries concebidos em nosso tempo. Esses e essas podem experimentar uma sintonia muito profunda com um tempo que nos ultrapassa, e essa sintonia pode ampliar a experiência histórica, como consciência e memória partilhada entre jovens, crianças e pessoas maduras. Ler *As lendas de Carlos*

Magno pode ser ainda uma experiência de reivindicar Carlos Magno como parte de uma tradição literária compartilhada, uma tradição que despreza fronteiras políticas contemporâneas e que pulsa nas tramas da arte, para nos aproximar como leitores e leitoras.

MARCELLA LOPES GUIMARÃES⁵

Notas

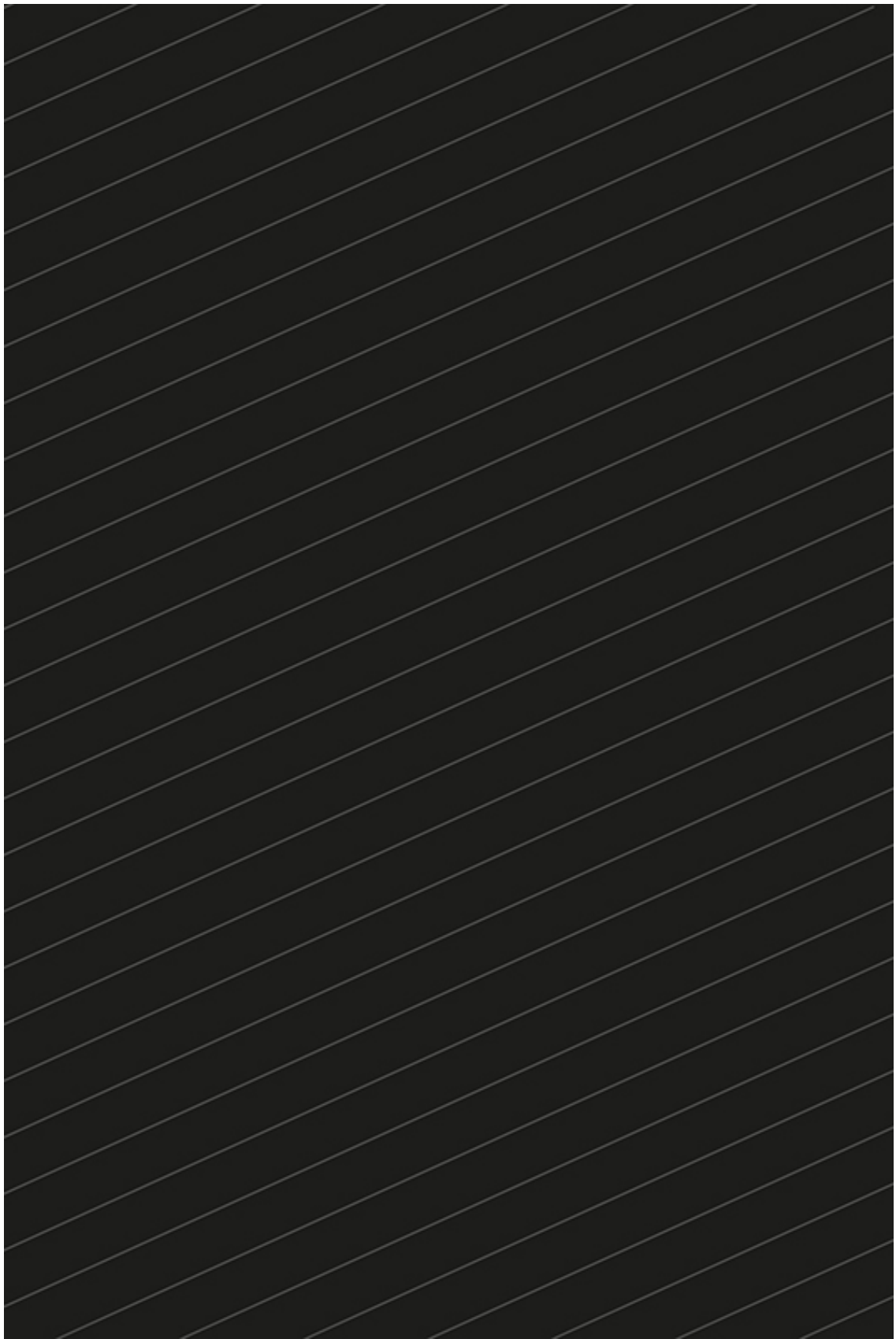
1 Eu me reporto ao conhecido livro *Por que ler os clássicos?*, de Italo Calvino.

2 Canção de gesta, cuja redação mais antiga é do século XI, considerada a primeira obra-prima da literatura francesa. Nesse poema narrativo de que desconhecemos o autor, narra-se o conflito entre Carlos Magno e os sarracenos e a morte de Roland, sobrinho do imperador. Os humanistas italianos (e Thomas Bulfinch) identificam Roland como Orlando.

3 No capítulo II de *As lendas de Carlos Magno*, é o próprio Bulfinch que explica: “Os doze cavaleiros mais ilustres de Carlos Magno eram chamados de Pares, em razão da igualdade reinante entre eles, enquanto o nome de Paladino, também conferido a cada um, indicava que moravam no palácio e eram companheiros do rei.”

4 Houve outros ciclos de histórias de grande sucesso no medievo, como o ciclo arturiano.

5 Professora de História Medieval da UFPR e Bolsista Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq.



PREFÁCIO DO AUTOR

Além da provida por colégios e universidades, uma instrução de outro tipo é necessária para a formação do indivíduo, qual seja a que tem por objeto um conhecimento da literatura de entretenimento consumida pela elite do período georgiano. Para conviver com a sociedade culta, um jovem precisará com mais frequência estar familiarizado com as criações da fantasia do que com as descobertas da ciência ou as especulações da filosofia.

Numa época em que a escuridão intelectual assolou a Europa Ocidental, uma constelação de escritores brilhantes surgiu na Itália. Destes, Pulci (nascido em 1431), Boiardo (1434) e Ariosto (1474) escolheram como temas as fábulas românticas que, ao longo de muitas eras, haviam sido transmitidas por meio das baladas dos poetas e das lendas de monges cronistas. Esses autores organizaram tais fábulas, enfeitaram-nas com os adornos da fantasia, amplificaram-nas com as próprias invenções e lhes conferiram imortalidade. Pode-se afirmar com convicção que, enquanto a civilização se mantiver de pé, essas produções terão seu lugar entre as criações mais valiosas do gênio humano.

Nas duas obras precedentes, *A era da fábula* e *A era da cavalaria*, o autor deste volume procurou fornecer ao leitor moderno um conhecimento suficiente das fábulas da literatura clássica e medieval para tornar inteligíveis as alusões presentes na leitura e nas conversas. A obra presente tem a mesma pretensão. Como as duas anteriores, esta almeja dotar-se de uma natureza superior àquela de uma obra destinada meramente a entreter. Reivindica ser útil na familiarização de seus leitores com os temas de obras dos grandes poetas da Itália, já que se espera que todo jovem culto detenha algum conhecimento a respeito deles.

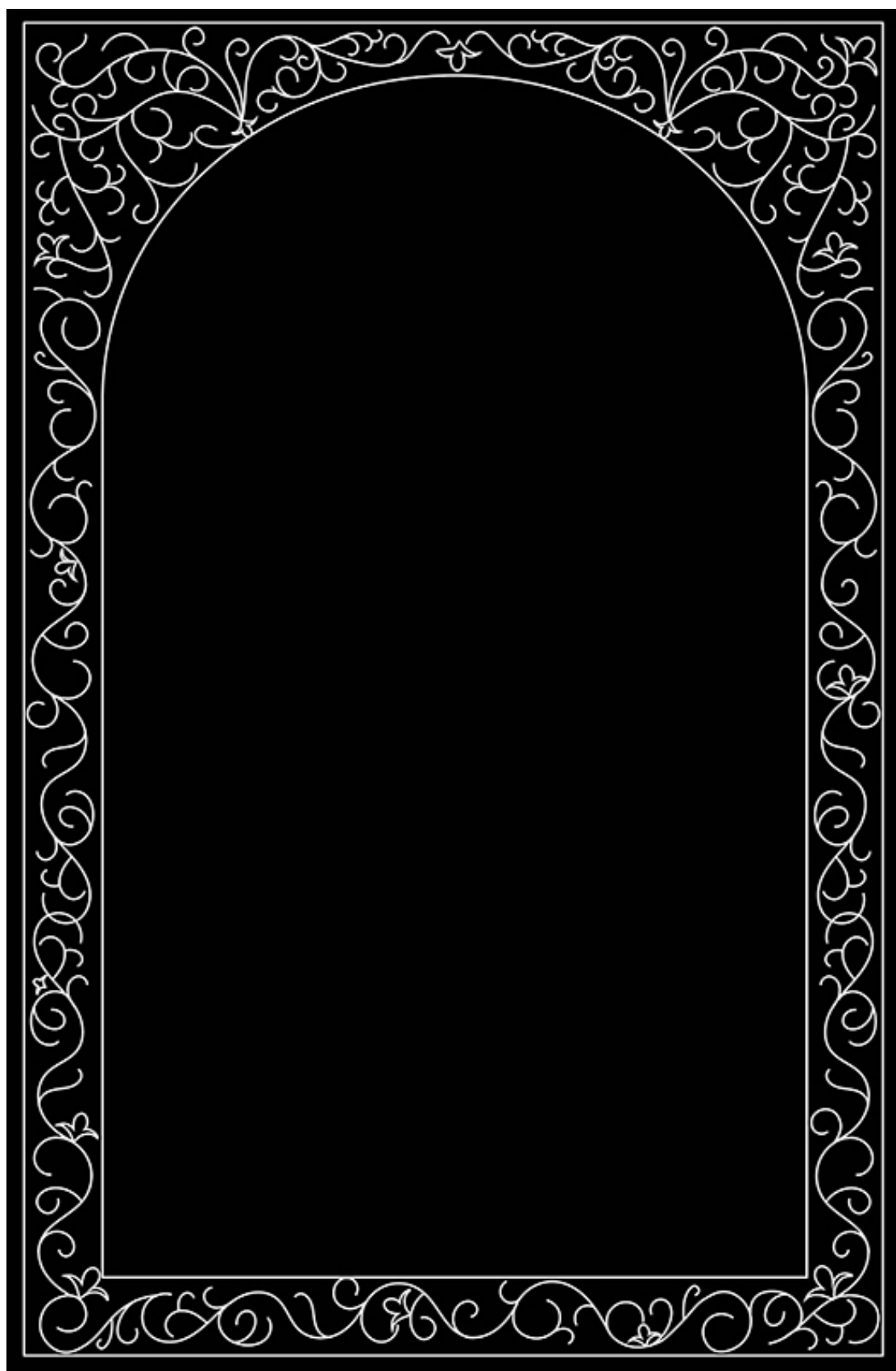
Ao ler esses romances, não podemos deixar de observar como as invenções primitivas foram usadas, repetidamente, por gerações sucessivas de fabulistas. A Sereia de Ulisses é o protótipo da Sereia de Orlando, e a personagem Circe reaparece em Alcina. As fontes do Amor e do Ódio remontam à história de

Cupido e Psique, e efeitos similares de uma seca mágica aparecem no conto de Tristão e Isolda, bem como substituindo a seca por uma flor, em *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. Existem várias outras situações do mesmo tipo que o leitor há de identificar sem a nossa ajuda.

As fontes das quais tiramos essas histórias são, primeiramente, os poetas italianos mencionados acima; em seguida, os “Romances de Cavalaria” do Conde de Tressan; e, por último, certas coletâneas alemãs de contos populares. Alguns capítulos foram tomados de empréstimo da Tradução dos Poetas Italianos, de Leigh Hunt. Pareceu desnecessário tornar a fazer o que ele já havia feito tão bem; ainda assim, por outro lado, tais histórias não poderiam ser omitidas da série sem deixá-la incompleta.

THOMAS BULFINCH

As
Lendas
de
Carlos
Magno



Capítulo I



INTRODUÇÃO

Aqueles que investigaram a origem das fábulas românticas relativas a Carlos Magno e seus pares creem que os feitos de Carlos Martel, e talvez os de outros Carlos, se fundiram na tradição popular com aqueles efetivamente atribuídos a Carlos Magno. Essa foi, decerto, uma era momentosa e, caso tenham paciência de fazer um rápido retrospecto da verdadeira história dos tempos antes de mergulhar na leitura dos anais fabulosos que apresentaremos em seguida, nossos leitores descobrirão que ela foi quase tão romântica quanto as baladas dos poetas.

No século que se iniciou no ano 600, os países que faziam limite a leste e ao sul com a terra natal do nosso Salvador ainda não conheciam a Sua religião. A Arábia era a sede de uma religião idólatra que se assemelhava à dos persas antigos, que idolatravam o sol, a lua e as estrelas. Em Meca, no ano 571, nasceu Maomé, que ali se autoproclamou o profeta de Deus, tão superior a Cristo em dignidade quanto Cristo havia sido a Moisés. Depois de adquirir aos poucos um número considerável de discípulos, Maomé recorreu às armas para difundir sua religião. A energia e o comprometimento de seus seguidores, auxiliados pela fragilidade das nações vizinhas, tornaram possível estender o domínio da Arábia e disseminar a religião de Maomé em regiões tão distantes quanto o Indo, a leste, a Pérsia e a Ásia Menor, ao norte, o Egito, a oeste, e o litoral sul do Mediterrâneo, espalhando-se daí para a área principal da Espanha. Tudo isso se deu no espaço de cem anos contados da Hégira, ou fuga de Maomé de Meca para Medina, que teve lugar no ano 622 e tornou-se o marco a partir do qual os maometanos contam o tempo, à semelhança do que fazem os cristãos com o nascimento de Cristo.

Da Espanha foi aberto o caminho para os sarracenos (como eram chamados os seguidores de Maomé) chegarem à França, cuja conquista, se

alcançada, teria sido muito provavelmente seguida pela conquista de todo o restante da Europa, o que resultaria no banimento do Cristianismo do mundo, já que o Cristianismo não era então universalmente professado nem mesmo por aquelas nações que hoje consideramos as pioneiras em termos de civilização. Boa parte da Alemanha, da Grã-Bretanha, da Dinamarca e da Rússia ainda era pagã ou bárbara.

Nessa época reinava na França, embora ainda sem o título de rei, o primeiro daqueles Carlos dos quais falamos, Carlos Martel, o avô de Carlos Magno. Os sarracenos da Espanha haviam feito incursões na França em 712 e 718 e se retirado levando com eles um vasto butim. Em 725, Ambessa, que era então o governante sarraceno da Espanha, atravessou os Pirineus com um exército numeroso e tomou de assalto a cidadela de Carcassona. Tamanho foi o terror despertado por essa invasão que o país em grande parte se submeteu ao conquistador, e um governante maometano foi nomeado para a província e instalado em Narbona. Ambessa, porém, foi vítima de um ferimento letal em um de seus embates, e os sarracenos, tendo sido assim impedidos de continuar avançando, recuaram até Narbona.

Em 732, os sarracenos voltaram a invadir a França sob o comando de Abderramão, avançando rapidamente até as margens do Garona e cercando Bordeaux. A cidade foi tomada de assalto e entregue aos soldados. Os invasores continuaram a avançar e se espalharam pelos territórios de Orleans, Auxerre e Sens, mas as tropas foram repentinamente reunidas pelo comandante, que tomara conhecimento da rica abadia de St. Martin de Tours e decidira saqueá-la e destruí-la.

Durante todo esse tempo, Carlos nada fizera para se opor aos sarracenos, pois aquela parte da França onde as incursões haviam se dado não estava então sob o seu domínio, constituindo um reino independente chamado Aquitânia, cujo rei era Odão. Agora, porém, Carlos se deu conta do perigo e se dispôs a enfrentá-lo. Abderramão avançava em direção a Tours quando informações sobre a aproximação de Carlos, no comando de um exército de francos, obrigou-o a recuar para Poitiers, a fim de se apossar de um campo de batalha vantajoso.

Carlos Martel reunira soldados vindos de todas as partes de seus domínios e, no comando de um exército poucas vezes visto na França, atravessou o Loire,

provavelmente em Orleans e, tendo recebido o reforço do remanescente do exército da Aquitânia, surgiu diante dos árabes em outubro de 732. Ao que parecia, os sarracenos tinham noção do terrível inimigo que combateriam agora e, pela primeira vez, esses conquistadores formidáveis hesitaram. Os dois exércitos permaneceram estáticos durante sete dias antes que qualquer deles se aventurasse a dar início ao ataque; finalmente, contudo, o sinal foi dado por Abderramão, e o vultoso exército sarraceno investiu com fúria contra os francos. No entanto, a forte linha de frente dos guerreiros do norte resistiu como uma muralha, e os sarracenos, ao longo de quase o dia todo, gastaram energia em tentativas vãs de impressioná-los. No final, por volta das quatro da tarde, quando Abderramão se preparava para uma nova e desesperada tentativa de romper a linha dos francos, um clamor terrível se fez ouvir na retaguarda sarracena. Era o Rei Odão, que, com seus aquitanos, atacara o acampamento, levando boa parte do exército sarraceno a fugir em tumulto do campo de batalha a fim de proteger seu butim. Nesse momento de confusão, a linha dos francos avançou e, varrendo o campo à frente, promoveu um massacre nas hordas inimigas. Abderramão se esforçou ao máximo para reunir seus soldados, mas, quando ele próprio, com o mais corajoso de seus oficiais, sucumbiu à espada dos cristãos, a desordem prevaleceu e os soldados remanescentes buscaram refúgio no imenso acampamento em que Odão e seus aquitanos haviam sido rechaçados. Já era tarde então, e Carlos, sem disposição para arriscar um ataque no escuro, reuniu seu exército e passou a noite na planície, contando retomar a batalha pela manhã.

Dessa forma, quando raiou o dia, os francos se prepararam para a batalha, mas nenhum inimigo apareceu. Quando, afinal, se aproximaram do acampamento sarraceno, os francos o encontraram vazio. Os invasores haviam aproveitado a noite para bater em retirada e já estavam voltando para a Espanha, deixando o vultoso butim cair nas mãos dos francos.

Essa foi a célebre batalha de Tours, na qual muitos sarracenos pereceram e apenas mil e quinhentos francos tiveram o mesmo destino. Carlos recebeu o sobrenome de Martel (o Martelo) por conta dessa vitória.

Os sarracenos, a despeito do sério golpe, continuaram a ocupar sua posição no sul da França, mas Pepino, o filho de Carlos Martel, que sucedeu ao pai e assumiu o título de rei, tomou pouco a pouco os redutos que eles detinham, e

em 759, com a conquista de Narbona, a capital, pôs fim ao domínio sarraceno na França.

Carlos Magno, ou Carlos, o Grande, sucedeu ao pai, Pepino, no ano de 768. Esse príncipe, embora seja o herói de várias lendas românticas, é maior na história do que na ficção. Seja se o considerarmos como guerreiro ou como legislador, como patrono do conhecimento ou como civilizador de uma nação bárbara, ele faz jus à nossa mais calorosa admiração. Assim é Carlos Magno na história, mas os romancistas com frequência o retratam como fraco e passional, vítima de conselheiros traiçoeiros e presa de nobres turbulentos, de cuja destreza ele depende para manter o trono. A descrição histórica é, sem dúvida, a verdadeira, pois se baseia em registros fidedignos e é confirmada pelos acontecimentos da época. No auge do seu poder, o império francês abrangeu o que hoje chamamos de França, Alemanha, Suíça, Países Baixos, Bélgica e grande parte da Itália.

No ano 800, Carlos Magno, estando em Roma, para onde se deslocara com um exército numeroso a fim de proteger o Papa, foi coroado Imperador do Ocidente pelo Pontífice. No dia de Natal, Carlos adentrou a Igreja de São Pedro como se pretendesse meramente participar da celebração da missa com o restante da congregação. Estava diante do altar, curvado para rezar, quando o Papa se adiantou e colocou uma coroa de ouro em sua cabeça. Imediatamente o povo romano gritou: “Vida e vitória a Carlos, o Augusto, coroado por Deus todo-poderoso e pacífico imperador dos romanos.” O Papa, então, se prostrou diante dele e o reverenciou, conforme a tradição surgida no tempo dos antigos imperadores, e concluiu a cerimônia ungindo-o com óleo consagrado.

As guerras de Carlos Magno foram principalmente contra os povos pagãos e os bárbaros, que, chamados de saxões, habitavam as regiões agora chamadas de Hanover e Holanda. Ele igualmente comandou expedições contra os sarracenos da Espanha, mas as guerras travadas com os sarracenos não tiveram lugar, como afirmam os romances, na França, mas, sim, em solo espanhol. Carlos Magno entrou na Espanha pelos Pirineus Orientais e conquistou com facilidade Barcelona e Pamplona. Saragoça, contudo, recusou-se a lhe abrir os portões da cidade, e Carlos recorreu a negociações que o levaram a aceitar uma vasta quantidade de ouro como preço para empreender o caminho de volta pelos Pirineus.

Durante esse percurso, ele marchou com todo o seu exército através dos despenhadeiros, passando pelos vales do Engui, do Eno e Roncesvales. O governante da região aguardou o avanço das tropas de Carlos Magno, como um leal vassalo da monarquia. Agora, porém, diante do retorno dos francos, reuniu todos os montanhese selvagens que o reconheciam como chefe e, juntos, ocuparam os picos das montanhas sob as quais o exército precisaria passar. O corpo principal da tropa não enfrentou qualquer bloqueio, bem como não se aperceberam do perigo. A retaguarda, contudo, marchando consideravelmente atrás e incumbida de transportar o butim, foi atacada pelos montanhese no Passo de Roncesvales e massacrada. Alguns dos comandantes francos mais corajosos morreram nessa ocasião, entre os quais costuma ser incluído Rolando ou Orlando, governador militar da Marca de Bretanha. Seu nome ganhou fama posteriormente, e o desastre de Roncesvales e a morte de Rolando se tornariam o episódio mais famoso no vasto ciclo do romance.

Embora tenham ocorrido posteriormente encontros hostis entre o exército de Carlos Magno e o exército dos sarracenos, estes foram de pequena monta e quase sempre em solo espanhol. Assim, a base histórica para as narrativas dos romancistas é escassa, a menos que consideremos que acontecimentos de uma era anterior ou posterior estejam incorporados àqueles da época de Carlos Magno.

Existe, no entanto, uma narrativa fictícia que durante muito tempo foi encarada como autêntica e é atribuída a Turpin, arcebispo de Reims, um personagem real do tempo de Carlos Magno. Seu título é *A história de Carlos, o Grande, e Orlando*. Atualmente considera-se sem hesitação que se trata de uma coletânea de tradições populares, produzida por algum monge crédulo e inescrupuloso, que achou por bem dar dignidade a seu romance atribuindo sua autoria a um indivíduo conhecido e eminente. A obra apresenta seu suposto autor, o bispo Turpin desta forma:

“Turpin, arcebispo de Reims, amigo e secretário de Carlos, o Grande, versado em literatura sacra e profana, com genialidade comprovada em prosa e verso, advogado dos pobres, amado por Deus, que com frequência lutou corpo a corpo contra os sarracenos e brilhou nos períodos de Carlos e seu filho Luís até o ano da graça de 830.”

Os títulos de alguns capítulos do arcebispo Turpin revelarão a natureza da obra. São eles: “Sobre as Muralhas de Pamplona, que tombaram sob o próprio peso”; “Sobre a Guerra do sagrado Facundus, onde nasciam as Lanças” (alguns cristãos enterravam à noite suas lanças, eretas, no solo diante do castelo, vindo a achá-las pela manhã cobertas de cascas e ramos de árvores); “Como o Sol ficou imóvel durante Três Dias, e o Massacre de Quatro Mil Sarracenos”.

A narrativa de Turpin talvez tenha sido a fonte de aventuras maravilhosas que poetas e romancistas posteriores acumularam em torno dos nomes de Carlos Magno e seus Paladinos ou Pares. Ariosto e outros poetas italianos, contudo, beberam de fontes diferentes e sem dúvida lançaram mão de suas próprias invenções para criar inúmeras outras histórias protagonizadas pelos mesmos heróis, não hesitando em citar como autoridade inspiradora “o bom Turpin”, embora a história do bispo não contenha vestígio destas. Quanto mais escandalosa a improbabilidade, ou melhor, a impossibilidade de suas narrativas, mais cuidadosos são eles em citar “o arcebispo”, em geral acrescentando o próprio testemunho dessa veracidade inquestionável.

Os principais poetas italianos que louvaram as aventuras dos pares de Carlos Magno são Pulci, Boiardo e Ariosto. Os personagens de Orlando, Rinaldo, Astolfo, Gano e outros, são os mesmos em todos, embora as aventuras a eles atribuídas sejam diferentes. Boiardo nos fala dos amores de Orlando; Ariosto, de sua decepção e consequente loucura, e Pulci aborda sua morte.

Holger, o dinamarquês, é um personagem real. A história entra em acordo com o romance ao retratá-lo como um cavaleiro poderoso que, oriundo da Dinamarca e pagão, abraçou o Cristianismo e serviu sob as ordens de Carlos Magno. Revoltou-se contra o imperador e foi mandado ao exílio. Posteriormente comandou um daqueles bandos de piratas nórdicos que devastaram a França nos reinados dos sucessores degenerados de Carlos Magno. A descrição feita por um antigo cronista mostra um Carlos Magno, conforme o retrata Holger, tão pitoresco que somos tentados a transcrevê-la. Carlos Magno avançava para o cerco de Pavia. Didier, rei dos lombardos, encontrava-se na cidade com Holger, ao qual concedera refúgio. Quando souberam que o rei se aproximava, os dois subiram até uma torre alta, de onde podiam vislumbrar uma grande extensão do campo.

Primeiramente, viram os aparatos de guerra, que estavam à altura dos exércitos de Dario ou Júlio César. “Aquele é Carlos Magno”, disse Didier. “Não”, contradisse Holger. O lombardo em seguida identificou uma grande massa de soldados, que enchia a planície. “Sem dúvida Carlos avançou com aquela hoste”, disse o rei. “Não ainda”, retrucou Holger. “Que esperança temos”, prosseguiu o rei, “se ele vier com uma hoste maior que essa?”. Finalmente Carlos apareceu, a cabeça coberta por um elmo de ferro, as mãos calçando luvas de ferro, o peito e os ombros envoltos por uma armadura de ferro, a mão esquerda portando uma lança de ferro, enquanto a direita brandia a espada. Os que seguiam à sua frente, os que marchavam a seu lado e os que vinham na retaguarda empunhavam armas similares. O ferro cobriu os campos e as estradas; pontas de ferro refletiam os raios do sol. Esse ferro, tão duro, estava nas mãos de gente cujos corações eram ainda mais duros. O brilho dos artefatos espalhou o terror nas ruas da cidade.

Essa imagem de Carlos Magno em seu aspecto militar seria incompleta sem outra que aludisse a seu “ânimo pacífico”. Um dos maiores historiadores modernos, M. Guizot, comparou a glória de Carlos Magno a um meteoro brilhante, surgindo repentinamente da escuridão do barbarismo para desaparecer não menos repentinamente na escuridão do feudalismo. Mas a luz desse meteoro não foi extinta, e a volta da civilização ficou devendo ao grande imperador dos francos muito do que foi permanentemente benéfico. Sua mão de governante pode ser percebida na legislação do seu tempo, bem como na aplicação das leis. Ele encorajou o aprendizado; defendeu o clero, a única classe pacífica e intelectual, contra os nobres usurpadores e turbulentos; foi um pai afetuoso, que supervisionava atentamente a instrução dos filhos de ambos os sexos. De seu estímulo ao conhecimento, daremos alguns detalhes.

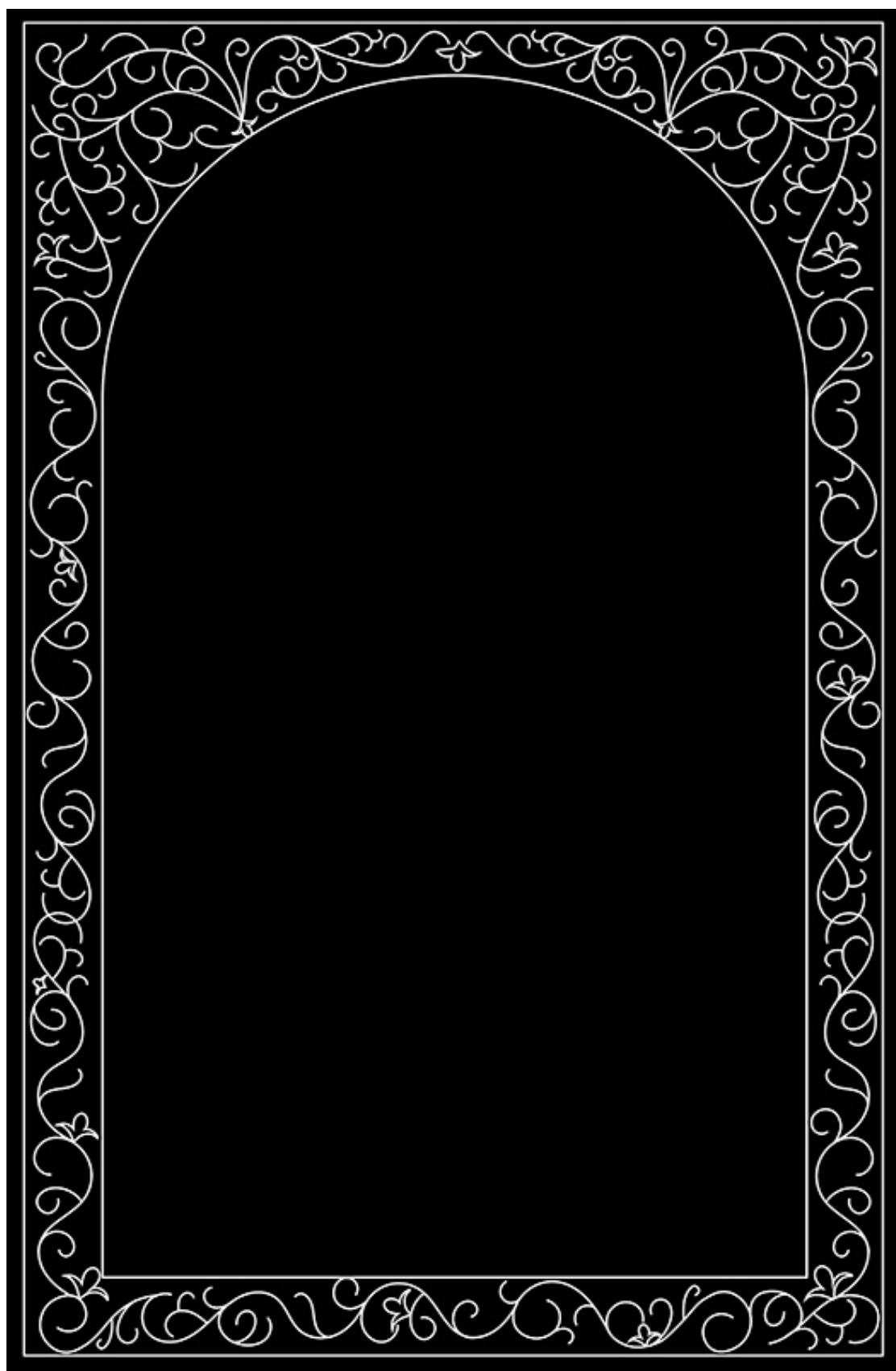
Carlos Magno providenciou a vinda de homens da Itália e de outros países estrangeiros para reviver as escolas públicas da França, que haviam sido desmanteladas pelas desordens de épocas anteriores. Recompensou com liberalidade esses eruditos e manteve alguns deles a seu lado, honrando-os com sua amizade. Destes, o mais famoso é Alcuin, um inglês cujos escritos ainda existem para provar sua instrução e sapiência. Com a ajuda de Alcuin e de outros como ele, Carlos Magno fundou uma academia, ou colégio real, para orientar os estudos de todas as escolas do reino. Ele próprio era membro dessa

academia, em pé de igualdade com os demais. Comparecia às reuniões e cumpria todos os deveres de um acadêmico. Cada membro adotou o nome de algum indivíduo famoso da antiguidade. Alcuin chamava a si mesmo de Horácio, outro acadêmico adotou o nome de Agostinho, um terceiro, o de Píndaro. Carlos Magno, que sabia os salmos de cor e ambicionava ser UM REI SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS, recebeu dos irmãos acadêmicos o nome de Davi.

Uma prova interessante do respeito que lhe deviam as nações estrangeiras é a comitiva que lhe foi enviada pelo califa dos árabes, o famoso Haroun Al Raschid, um príncipe, em termos de caráter e conduta, à altura de Carlos Magno. Os embaixadores chegaram trazendo, além de outros valiosos presentes, um relógio, o primeiro a ser visto na Europa, que despertou admiração universal. Tinha o formato de uma construção de doze lados com doze portas. Essas portas formavam nichos, cada qual contendo uma pequena estátua representando uma hora. Ao soar da hora, as portas, uma a cada badalada, se abriam e delas saíam tantas quantas pequeninas estátuas, que, seguindo uma à outra, marchavam solenemente ao redor da torre. O relógio era movido à água, e as badaladas provinham de bolas de metal em número igual ao das horas, que caíam sobre um címbalo do mesmo metal, sendo o número a cair determinado pela descarga da água, que, conforme era derramada no recipiente, liberava a sua saída.

Carlos Magno foi sucedido no trono pelo filho Luís, um príncipe bem-intencionado, mas fraco, em cujo reinado o legado deixado pelo pai começou rapidamente a ruir. Luís passou o trono sucessivamente a dois outros Carlos, príncipes incapazes, cuja conduta tibia e muitas vezes tirânica é, sem dúvida, a fonte de incidentes da mesma natureza atribuídos a Carlos Magno nos romances.

A deportação ilegal e desregrada dos paladinos de Carlos, sobre a qual frequentemente aparecem relatos nas lendas românticas, foi também uma característica do império em declínio, mas não da natureza de Carlos Magno.



Capítulo II



OS PARES OU PALADINOS

Os doze cavaleiros mais ilustres de Carlos Magno eram chamados de Pares, em razão da igualdade reinante entre eles, enquanto o nome de Paladino, também conferido a cada um, indicava que moravam no palácio e eram companheiros do rei. Seus nomes são os mesmos que lhes atribuem os romancistas, mas, ainda assim, nos cabe enumerar os mais destacados: Orlando ou Rolando (o primeiro sendo a versão italiana e o último, a versão francesa do nome), sobrinho favorito de Carlos Magno; Rinaldo de Montalvão, primo de Orlando; Namo, Duque da Bavária; Salomão, Rei da Bretanha; Turpin, o arcebispo; Astolfo, da Inglaterra; Holger, o dinamarquês; Malagigi, o mago; e Florismart, o amigo de Orlando. Houve outros que são às vezes chamados de paladinos, e não se pode estritamente limitar seu número a doze. O próprio Carlos Magno pode ser considerado um deles, assim como Ganelão, ou Gano de Maganza, o inimigo traiçoeiro dos demais, tido em alta conta pelo soberano iludido, que era vítima constante de suas artimanhas.

Vamos apresentar ao leitor com mais detalhes um punhado dos principais pares, deixando que os outros se apresentem conforme forem aparecendo ao longo da narrativa. Começemos com Orlando.

Orlando

Milon, ou Milone, um cavaleiro de excelente família e parente distante de Carlos Magno, após se casar secretamente com Bertha, a irmã do imperador, foi banido da França e excomungado pelo Papa. Depois de vagarem a pé como pedintes durante muito tempo, Milon e a esposa chegaram a Sutri, na Itália, onde se refugiaram na caverna em que Bertha deu à luz Orlando. Ali permaneceram mãe e filho, recebendo uma escassa ajuda, graças à compaixão

de camponeses vizinhos, quando Milon partiu para terras estrangeiras em busca de honra e fortuna. Orlando cresceu entre os filhos dos camponeses, superando todos os demais em força e graça varonil. Entre os companheiros da mesma idade, embora numa posição muito acima da sua, estava Oliveiros, filho do governante da cidade. Os dois meninos tiveram uma rusga que levou a uma luta em que Orlando massacróu o rival; isso, no entanto, não impediu que surgisse entre ambos uma amizade que duraria a vida toda.

Orlando era tão pobre que às vezes andava seminu. Como era querido pelos amigos, um dia quatro deles lhe deram panos para fazer roupas. Dois lhe levaram um pano branco e dois, um pano vermelho; a circunstância forneceu a Orlando inspiração para seu brasão, ou escudo.

No caminho para Roma a fim de receber a coroa imperial, Carlos Magno jantou em público em Sutri. Orlando e a mãe não tinham o que comer nesse dia, e, ao se deparar com o grupo real e ver a abundância de provisões, Orlando arrancou dos comensais o máximo que foi capaz de carregar e fugiu para o seu abrigo apesar da resistência dos assaltados. O imperador, ao ser informado do incidente, recordou-se de um aviso que recebera em sonhos e ordenou que o menino fosse seguido, missão da qual se encarregaram três cavaleiros que teriam sido recebidos por Orlando com um porrete quando entrassem na gruta, caso a mãe não o tivesse detido. Quando souberam por ela a identidade dos dois, os cavaleiros se prostraram aos pés da mulher e prometeram conseguir-lhe o perdão do imperador, promessa facilmente cumprida. Orlando caiu nas graças do imperador, voltou com ele para a França e de tal maneira se destacou, que se tornou o apoiador mais poderoso do trono e do Cristianismo.⁶

Rolando e Ferragus

Orlando, ou Rolando, se destacou principalmente pelo combate que travou com Ferragus. Ferragus era um gigante e, além disso, tinha uma pele tão impenetrável que nenhuma espada podia marcá-la. O estilo de luta do gigante consistia em prender o adversário com os braços e carregá-lo para longe, a despeito de toda a resistência que este oferecesse. A incrível habilidade de Rolando capacitou-o tão somente a evitar que ele caísse nas garras do gigante,

mas todos os seus esforços para feri-lo com a espada foram inúteis. Após uma longa luta, Ferragus estava tão cansado que propôs uma trégua e, tão logo esta foi aceita, deitou-se e imediatamente adormeceu. Dormiu em total segurança, pois constituía uma afronta às leis da cavalaria aproveitar-se de um adversário nessas circunstâncias. Ferragus, porém, estava tão desconfortável devido à falta de um travesseiro que Orlando sentiu pena e providenciou uma pedra bem lisinha para o gigante apoiar a cabeça. Quando acordou, depois de um cochilo reconfortante, e percebeu o que Orlando fizera, Ferragus se mostrou bastante grato e sociável, falando livremente e na linguagem presunçosa habitual a tais personagens. Entre outras coisas, contou a Orlando que era inútil tentar matá-lo com uma espada, pois todas as partes do seu corpo eram invulneráveis, salvo uma. Enquanto falava, levou a mão a essa parte vital, bem no centro do peito. Auxiliado por essa informação, quando a luta foi retomada, Orlando conseguiu furar o gigante precisamente no local anteriormente indicado, infligindo-lhe um ferimento mortal. Enorme foi a comemoração no acampamento cristão, e choveram louvores ao paladino vitorioso da parte do imperador e toda a sua hoste.

Noutra ocasião, Orlando encontrou um pujante guerreiro sarraceno e dele tomou, como prêmio pela vitória, a espada Durindana. Essa arma famosa já pertencera ao ilustre Príncipe Heitor de Troia. Com acabamento impecável e resistência incomparável, nenhuma armadura no mundo servia de proteção contra ela.

Um Rolando por um Oliveiros

Guerin de Montglave era senhor de Vienne, vassalo de Carlos Magno. Por ter brigado com seu soberano, este cercou sua cidade, devastando a nação vizinha. Guerin era um guerreiro idoso, mas entregara sua defesa nas mãos dos quatro filhos e dois netos, que se incluíam entre os cavaleiros mais corajosos da época. Após dois meses de cerco, Carlos Magno soube que Marsílio, Rei da Espanha, invadira a França e, convencido de não ter opositores, avançava rapidamente sobre as províncias do sul. Diante disso, Carlos ouviu o conselho de seus pares e concordou em entregar aos Céus a decisão de sua briga com

Guerin por meio de um único combate entre dois cavaleiros, um de cada lado da disputa, escolhidos por sorteio. A proposta soou aceitável a Guerin e seus filhos. Os nomes dos quatro indivíduos, assim como o do próprio Guerin, que não quis ser excluído, e os dos dois netos foram postos dentro de um elmo. O de Oliveiros foi sorteado, cabendo assim ao mais jovem dos netos a honra e o risco do combate. O rapaz aceitou o encargo com satisfação, exultante por ser considerado digno de defender a causa da família. Pelo lado de Carlos Magno, Rolando foi o escolhido, e nem ele nem Oliveiros conheciam a identidade de seu oponente.

A dupla se encontrou na ilha de Rhone, e os guerreiros de ambos os acampamentos se acomodaram numa e noutra margem para assistir à luta. No primeiro embate, as duas lanças se atritaram, mas os dois cavaleiros continuaram montados. Desmontaram, então, e desembainharam as espadas, dando início a um embate que parecia tão equilibrado, que os espectadores não conseguiam opinar sobre o resultado provável. Mais de duas horas se passaram e os cavaleiros continuavam a atacar e se esquivar, avançar e recuar, nem um nem outro demonstrando cansaço ou desatenção. Finalmente, Orlando investiu com fúria contra Oliveiros, enterrando a Durindana tão profundamente na barra do escudo que lhe foi impossível desenterrá-la. Oliveiros, quase no mesmo instante, golpeou com tamanho vigor o escudo peitoral de Orlando, que o cabo de sua espada se partiu. Dessa forma, os dois combatentes se viram desarmados. Praticamente sem uma pausa sequer, um se atirou sobre o outro, cada qual determinado a derrubar o adversário. Quando tal intento não foi alcançado, os dois tentaram arrancar o elmo do oponente. Ambos foram bem-sucedidos e nesse instante se encararam com os rostos à mostra. Rolando reconheceu Oliveiros, e Oliveiros, Rolando. Ambos ficaram atônitos, mas em seguida correram para se abraçar. “Dou-me por vencido”, disse Orlando. “Rendo-me”, atalhou Oliveiros.

Os espectadores nada entenderam. Viram os dois ex-adversários de mãos dadas, o que deixava claro que o combate chegara ao fim. Os cavaleiros rodearam a dupla e em uníssono declararam os dois igualmente gloriosos. Se havia alguém disposto a sussurrar que a luta ficara indefinida, esse alguém foi silenciado pela voz de Holger, o dinamarquês, que proclamou em alto e bom

som que as exigências da honra haviam sido cumpridas e declarou que sustentaria a validade desse resultado contra quem quer que o contradissesse.

Tendo a briga com Guerin e os filhos ficado sem solução, fez-se uma trégua de quatro dias e nesse período, graças ao esforço do Duque Namor, por um lado, e de Oliveiros, pelo outro, chegou-se a uma reconciliação. Carlos Magno, acompanhado de Guerin e sua valorosa família, marchou ao encontro de Marsílio, que se apressou a bater em retirada para o outro lado da fronteira.

Rinaldo

Rinaldo foi um dos quatro filhos de Aymon, que se casou com Aya, a irmã de Carlos Magno. Rinaldo era, portanto, sobrinho de Carlos Magno e primo de Orlando.

Quando Rinaldo atingiu a idade adequada para empunhar armas, Orlando já tinha um nome ilustre devido a suas incursões contra os sarracenos, expulsos da França por Carlos Magno e seus intrépidos cavaleiros. A fama de Orlando inspirara Rinaldo a imitá-lo. Ansioso para partir em busca da glória, ele vagou na região próxima a Paris e um dia flagrou ao pé de uma árvore um cavalo imponente, totalmente guarnecido e portando uma armadura completa. Vestiu-a, então, e montou no cavalo, mas sem pegar a espada. Na data em que, junto aos irmãos, recebera do imperador o título de cavaleiro, Rinaldo jurara jamais carregar uma espada até obter a de um cavaleiro famoso como prêmio pela vitória num combate.

Rinaldo se pôs a caminho da floresta das Ardenas, famosa por tantas aventuras. Mal a adentrara quando se deparou com um velho, curvado sob o peso da idade, que lhe contou que havia ali um cavalo selvagem, indomável, que derrubava tudo o que se interpunha em seu caminho. Confrontá-lo, ou até mesmo encontrá-lo por acaso, significava morte certa. Rinaldo, longe de sentir temor, mostrou-se ansioso para enfrentar o animal. Esse era o cavalo Baiardo, que mais tarde se tornaria muito famoso e que pertencera anteriormente a Amadis de Gaula. Após a morte desse herói, Baiardo foi vítima do feitiço de um mago, que vaticinou que quando o encantamento fosse quebrado ele seria subjugado por um cavaleiro da linhagem de Amadis e dono de igual coragem.

Para ganhar esse magnífico cavalo era preciso conquistá-lo usando a força ou a habilidade, pois, tão logo fosse derrubado, o animal se tornaria dócil e controlável. Seu habitat costumeiro era uma caverna nas fímbrias da floresta, mas pobre de quem se aproximasse dele, salvo se dotado de força e coragem sobre-humanas. Tendo dado seu recado, o idoso se foi. Não se tratava, na verdade, de um velho, mas de Malagigi, o mago, primo de Rinaldo, que, para promover as empreitadas do jovem cavaleiro, providenciara-lhe o cavalo e a armadura que o rapaz tão oportunamente achara, e agora indicava o caminho para a aquisição de um animal inigualável.

Rinaldo embrenhou-se na floresta e passou vários dias à procura de Baiardo, sem sucesso. Certo dia, encontrou um cavaleiro sarraceno com o qual travou amizade após um embate, como costuma ocorrer entre os cavaleiros. Seu nome era Isolier e, assim como Rinaldo, ele buscava Baiardo. Rinaldo venceu a luta e Isolier, após uma derrota tão acachapante, ficou um bom tempo desacordado. Quando voltou a si e estava prestes a retomar o combate, um camponês que passava (na verdade, Malagigi) abordou a dupla com a notícia de que o terrível cavalo se achava nas imediações e que os dois deveriam conjugar suas forças para subjugá-lo, pois a tarefa exigia a habilidade de ambos.

Rinaldo e Isolier, agora amigos, se prepararam para enfrentar Baiardo e foram juntos atrás dele. Quando o encontraram, permaneceram imóveis durante bastante tempo, escondidos entre a vegetação, admirando a força e a beleza do animal.

O baio lustroso (daí o nome de Baiardo) — que tinha uma estrela prateada na testa, patas traseiras brancas, torso esbelto, cabeça delicada e amplo peito musculoso, além de omoplatas poderosas, patas retas e fortes e uma vasta crina que lhe caía sobre o pescoço arqueado —, surgiu correndo pela floresta, indiferente a pedras, arbustos e árvores, destruindo tudo que lhe bloqueasse o caminho e relinchando desafiadoramente.

Primeiro viu Isolier e avançou sobre ele. O cavaleiro encarou-o de lança em riste, mas o animal feroz a partiu, e seu passo não foi reduzido sequer por um instante. O espanhol com destreza saltou de lado e abriu caminho para o veloz garanhão. Baiardo mudou seu rumo e investiu sobre o cavaleiro que já desembainhara a espada, pois não nutria esperança de domar o animal, o que já concluía ser impossível.

Baiardo avançou, empinando ferozmente, ora para um lado, ora para outro. O cavaleiro atacou-o com a espada no local onde a estrela prateada lhe ornava a testa, mas sem resultado, o que o encheu de vergonha por supor que o golpe fora fraco, visto desconhecer que o couro do cavalo era tão resistente que nem a mais afiada espada lograria perfurá-lo.

A espada riscou mais uma vez o ar e acertou o alvo com uma força maior, levando o animal a sentir o golpe e baixar a cabeça. No momento seguinte, porém, o cavalo investiu contra o adversário com tamanha força que o pagão desabou no chão, atordoadado e inerte.

Rinaldo, que assistiu ao tombo de Isolier e pensou que lhe esvaíra a vida, avançou com fúria contra o cavalo e com o próprio punho desferiu um golpe tão possante nas mandíbulas que o sangue tingiu de escarlata a boca do animal. Mais rápido que uma flecha se solta do arco, o garanhão se virou e tentou deter o braço do cavaleiro com os dentes.

Rinaldo recuou e então desferiu outro golpe, dessa vez na testa. Baiardo se virou e escoiceou com ambas as patas, usando força suficiente para derrubar uma montanha. O cavaleiro estava alerta e conseguiu evitar tanto coices quanto cabeçadas, mas um passo em falso acabou levando-o a ser atingido por um coice violento, cujo choque quase o fez desmaiar. Um segundo coice o teria matado, mas o cavalo escoiceou a esmo e não atingiu Rinaldo, que logo se recuperou. Assim continuou a contenda até que, por acaso, a pata de Baiardo ficou presa nos galhos de um carvalho. Rinaldo a segurou e usando toda a sua força e determinação, jogou o cavalo ao chão.

Bastou Baiardo tocar o solo para sua fúria se aplacar. Não mais despertando pavor, o animal tornou-se doce e sereno, embora mantendo digna a própria temperança.

O paladino afagou-lhe o pescoço, o peito, alisou-lhe a crina, enquanto o cavalo relinchava satisfeito com os carinhos do dono. Rinaldo, vendo-o totalmente subjugado, tirou a sela e os arreios do outro equino e os transferiu para Baiardo.

Rinaldo tornou-se um dos mais ilustres cavaleiros da Corte de Carlos Magno — o mais ilustre, para falar a verdade, com exceção de Orlando. No entanto, nem sempre era tão obediente quanto deveria às ordens do imperador,

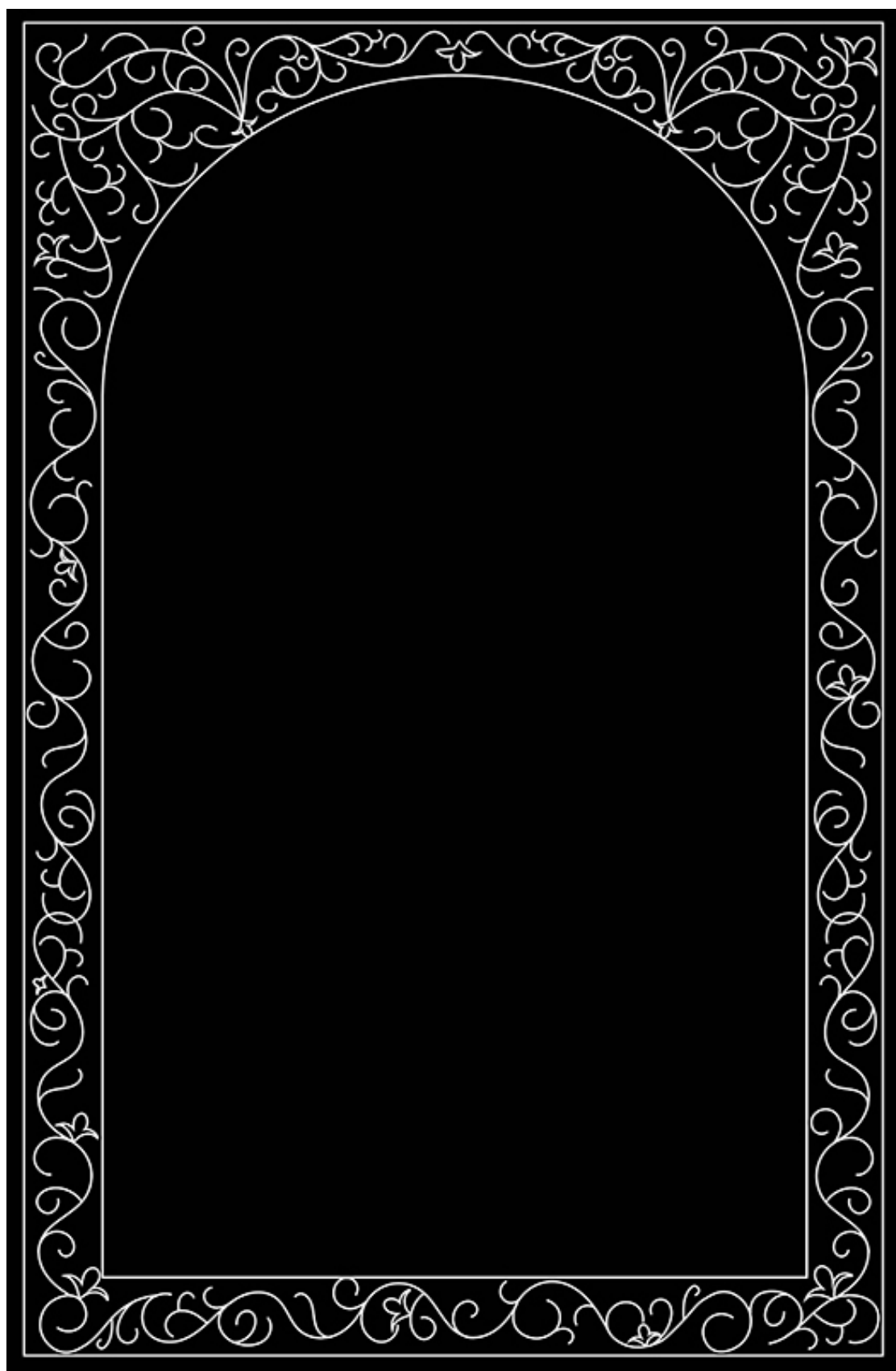
e cada falta que cometia jamais deixava de ser ressaltada pelo ardiloso Gano, Duque de Maganza, o traiçoeiro inimigo de Rinaldo e de toda a sua família.

Certa vez, Rinaldo desagradou seriamente Carlos Magno, sendo banido da Corte. Não vendo qualquer possibilidade de tornar a cair nas graças do imperador, o cavaleiro foi para a Espanha para servir ao rei sarraceno, Ivo. Seus irmãos Alardo, Ricardo e Ricciardetto o acompanharam, e os quatro serviram tão lealmente ao rei que cresceram em sua estima. Ivo lhes deu terras nas montanhas da fronteira da França com a Espanha e entregou toda a região no entorno à autoridade de Rinaldo. Havia muito mármore nas montanhas, e o rei forneceu operários que construíram para Rinaldo um castelo cercado de muros altos, de modo a ser quase inexpugnável. Feito de pedra branca e situado no topo de um promontório de mármore, o castelo brilhava qual uma estrela, e Rinaldo lhe pôs o nome de Montalvão. Ali reunia os amigos, muitos deles banidos como ele, e o povo da região providenciava provisões em troca da proteção que o castelo provia. No entanto, alguns homens de Rinaldo não respeitavam as leis, o que manchou a reputação de Rinaldo e sua guarnição, visto que conseguiam à força o que não eram capazes de ganhar de presente. Vez por outra encontramos menções a Montalvão como um ninho de flibusteiros e vemos seus defensores rotulados de desprezíveis.

O desagrado de Carlos Magno não durou muito e, à época do início da nossa história, Rinaldo e os irmãos já haviam sido totalmente perdoados pelo imperador e nenhum dos cavaleiros do imperador serviu-o com maior zelo e lealdade que eles ao longo de todas as guerras travadas contra os sarracenos e pagãos.

Nota

⁶ É evidente que Shakespeare pegou emprestado nessa fonte o incidente similar em *Como quiserem*. Os nomes dos personagens da peça, Orlando, Oliver e Rowland, indicam a mesma coisa.



Capítulo III



O TORNEIO

Corria o mês de maio e celebrava-se a festa de Pentecostes. Carlos Magno ordenara celebrações majestosas e convocara, além dos seus paladinos e vassalos da coroa, todos os estrangeiros, cristãos ou sarracenos então presentes em Paris. Entre os convidados figuravam o Rei Grandônio, da Espanha; Ferrau, o Sarraceno, cujos olhos eram como os de uma águia; Orlando e Rinaldo, os sobrinhos do imperador; o Duque Namor; Astolfo, da Inglaterra, o mais belo homem vivo; Malagigi, o mago; e Gano de Maganza, o traidor velhaco, dotado da arte de fazer o imperador acreditar ter seu afeto, embora conspirasse às suas costas.

Sentava-se, majestoso, Carlos Magno à cabeceira dos seus vassalos e paladinos, jubiloso de pensar quão numerosos e poderosos eram eles, enquanto ouviam música e se banquetavam, quando de repente adentraram o salão quatro enormes gigantes cercando uma mulher de beleza incomparável, acompanhada de um único cavaleiro. Havia muitas damas presentes até então consideradas bonitas, mas cuja beleza se apagou após essa aparição. Cada cavaleiro cristão dirigiu-lhe o olhar e cada pagão a rodeou, enquanto ela, com uma doçura que amoleceria o coração de uma pedra, assim se dirigiu ao imperador:

— Nobre soberano, a fama do vosso valor e do valor de vossos cavaleiros, que ecoa de mar a mar, encoraja-me a ter a esperança de que dois peregrinos, vindos do fim do mundo para vos ver não descubram que se fatigaram à toa. E, antes que eu revele o motivo que nos trouxe até aqui, sabeis que este cavaleiro é meu irmão Uberto e que eu sou sua irmã Angélica. Fomos informados de que o torneio terá lugar por estes dias, razão pela qual o príncipe meu irmão está aqui para provar seu valor e dizer que, caso algum cavaleiro presente decida enfrentá-lo no torneio, aceitará o desafio de um por um, na escadaria de

Merlin, junto à Fonte da Pinha, nas seguintes condições: nenhum cavaleiro que se bata com ele e seja derrubado terá permissão para voltar ao combate, tornando-se então seu prisioneiro; caso, no entanto, venha a ser derrubado, meu irmão partirá do país, deixando-me como prêmio para o vencedor.

É preciso dizer que essa Angélica e seu irmão, que chamava a si mesmo de Uberto, mas cujo nome verdadeiro era Argalia, eram os filhos de Galafron, Rei de Catai, que os enviara para acabar com as hostes cristãs, visto que Argalia estava armado com uma lança encantada, que inevitavelmente derrubava tudo o que tocava, bem como montado em um cavalo, criatura mágica, cuja velocidade superava a do vento. Angélica, por sua vez, possuía um anel que a protegia de quaisquer feitiços e que, levado à boca, tornava invisível seu portador. Assim, esperava-se que Argalia vencesse e fizesse prisioneiro qualquer que fosse o cavaleiro que ousasse lutar com ele e que os encantos de Angélica seduzissem os paladinos a ponto de empreenderem o feito fatal, enquanto seu anel lhe proveria um meio fácil de escapar.

Quando encerrou sua encenação dissimulada, Angélica ajoelhou-se diante do rei e aguardou sua resposta, sob os olhares de admiração de todos os presentes. Orlando em especial se sentiu irresistivelmente atraído por ela, tomado por tremores e alterado no semblante. Todos os cavaleiros no salão foram vítimas da mesma sensação, até mesmo o idoso Duque Namor com seus cabelos brancos, além do próprio Carlos Magno.

Os presentes silenciaram, absortos no deleite de contemplá-la. O fogoso jovem Ferrau mal pôde resistir ao ímpeto de arrancá-la do círculo de gigantes e fugir com ela; Rinaldo ficou vermelho como fogo, enquanto Malagigi, que descobrira, graças a seus poderes mágicos, que a estranha não falava a verdade, murmurou baixinho: “Falsa criatura deslumbrante! Vou puni-la por isso de tal forma que não lhe restará motivo para gabar-se desta visita.”

Carlos Magno, a fim de mantê-la diante de si o máximo de tempo possível, retardou seu assentimento fazendo numerosas perguntas, que a belidade respondeu com modéstia, até, afinal, concordar com o desafio.

Assim que a moça se foi, Malagigi consultou seus alfarrábios e descobriu toda a trama de Galafron, o vil rei infiel, conforme explicamos, o que o convenceu a perseguir a donzela e frustrar seus intentos. O mago se dirigiu apressado até o local determinado e ali encontrou o príncipe e a irmã num belo

pavilhão, onde ambos dormiam, enquanto os quatro gigantes montavam vigília. Malagigi lançou-lhes um feitiço que tirou do seu livro e imediatamente os quatro gigantes caíram num sono profundo. Desembainhando a espada (pois também era um cavaleiro), sem ruído se aproximou da moça, com a intenção de livrar-se dela. Ao contemplar tanta beleza, porém, fez uma breve pausa, pensando não haver necessidade de pressa, visto imaginar que também ela havia sido enfeitiçada e, sendo assim, não acordaria. No entanto, o anel usado pela beldade a protegera do encantamento, e algum ruído ou algo similar a fez acordar naquele preciso momento, soltar um grito potente e correr até o irmão, despertando-o. Com a ajuda dos seus conhecimentos sobre magia, os irmãos amarraram o mago e, apossando-se do livro de magia, usaram os feitiços ali contidos contra o próprio feiticeiro. Em seguida, convocaram um bando de demônios e os instruíram a levar o prisioneiro até o Rei Galafron, em sua majestosa cidade de Albraca, onde, ao chegar, Malagigi foi trancafiado numa caverna submarina.

Enquanto tudo isso acontecia, reinava em Paris um levante, porquanto Orlando insistia em ser o primeiro a se aventurar na escadaria de Merlin, reivindicação que deixou ressentidos os demais pretendentes à mão de Angélica, que contestaram seu direito à precedência. O tumulto foi apaziguado com o recurso habitual ao sorteio, cujo resultado assegurou o primeiro lugar a Astolfo, o segundo a Ferrau, o Sarraceno, e o terceiro a Grandônio, seguidos por Berlinghieri e Otho, sucedidos pelo próprio Carlos Magno. Quis a má sorte que o indignado Orlando ficasse em trigésimo-primeiro lugar.

Astolfo era bonito, corajoso e rico, mas, fosse por desatenção ou carência de habilidade, não costumava se sair bem nos torneios, sendo com frequência derrubado, infortúnio que encarava com total bom humor, sempre disposto a tornar a montar e tentar remediar a sorte, em geral sem sucesso.

Partiu para sua aventura com grande disposição e imponência, enfrentou Argalia e foi imediatamente atirado da sela. Reclamou do destino, ao qual atribuiu toda a culpa. Sua mágoa, contudo, foi de certa forma amenizada pela gentileza de Angélica, que, tocada pela juventude e beleza do cavaleiro, concedeu-lhe acesso ao pavilhão e providenciou para que fosse tratado com generosidade e respeito.

O violento Ferrau foi o adversário seguinte de Argalia, que o derrubou com a mesma rapidez com que derrubara Astolfo. Ferrau, porém, não aceitou facilmente a derrota. Gritando “O que representa para mim o compromisso do imperador?” e desembainhando a espada, avançou contra Argalia, que, forçado a se defender, desmontou e também empunhou sua espada. Coube-lhe a pior parte no embate e não lhe restou senão se render e, após algumas palavras, ouvir a proposta de casamento de Ferrau a Angélica. A beldade, por sua vez, não nutrindo desejo de se unir a alguém tão tosco e selvagem, ficou de tal forma horrorizada que, instando o irmão a ir encontrá-la na floresta de Ardenas, desapareceu com a ajuda dos poderes do anel mágico. Argalia, diante disso, montou rapidamente em seu cavalo e disparou na mesma direção. Ferrau o perseguiu, e Astolfo, deixado sozinho, apossou-se da lança encantada, descartando a sua, que se partira, sem conhecer o tamanho do tesouro que possuía agora, e voltou ao torneio. Carlos Magno, informado da partida da moça e do irmão, ordenou a continuação da contenda conforme o havia sido programado e Astolfo, com a ajuda da lança encantada, derrubou todos os oponentes, fato que o deixou perplexo assim como causou espanto aos demais.

O paladino Rinaldo, ao tomar conhecimento do resultado da disputa entre Ferrau e o estrangeiro, impelido pelo amor e pela impaciência, saiu a galope atrás da fugitiva. Orlando, notando sua ausência, adotou conduta similar e, no final, os três se viram na floresta de Ardenas, perseguindo a beldade invisível.

Ora, nessa floresta havia duas fontes: a construída pelo sábio Merlin, que a destinara a Tristão e Isolda,⁷ e cuja virtude era tamanha que um gole da sua água provocava o esquecimento do amor sentido por quem o tomava, chegando mesmo a despertar a ojeriza pelo indivíduo antes amado. A outra fonte era dotada de características diametralmente opostas e um gole de sua água inspirava o amor pelo primeiro ser vivo que se visse em seguida. Rinaldo encontrou, por acaso, a primeira das duas e, encalorado, desceu do cavalo e tomou um gole para aplacar tanto a sede quanto a paixão. Assim, ao contrário de amar Angélica como antes, passou a odiá-la de todo o coração e a desprezar a busca em que se envolvera. Por isso, cansado da cavalgada e encontrando um recanto abrigado e florido, deitou-se e adormeceu.

Pouco depois surgiu Angélica, que, vindo da direção oposta, se deparou com a segunda fonte, onde estancou sua sede. Retomando, depois, seu

caminho, flagrou Rinaldo adormecido, ficando instantaneamente apaixonada e incapaz de se mover.

O campo à volta era repleto de lírios do vale e rosas silvestres. Angélica, sem saber o que fazer, finalmente arrancou um punhado dessas flores e deixou-as cair, uma a uma, sobre o rosto do cavaleiro adormecido. Ao acordar e ver quem o despertara, Rinaldo aceitou os cumprimentos com expressão fechada, montou em seu cavalo e partiu a galope. Em vão a linda criatura o seguiu e chamou-o, em vão perguntou-lhe o que havia feito para ser de tal maneira rejeitada. Rinaldo desapareceu, deixando-a desesperada e fazendo-a voltar, aos prantos, ao local onde o encontrara dormindo. Ali também ela se deitou, apertando o corpo de encontro à terra que o corpo dele tocara e, devido ao cansaço e à tristeza, adormeceu.

Enquanto Angélica dormia, o destino levou Orlando ao mesmo lugar. A moça em seu sono tinha um encanto inimaginável e indescritível em palavras. Orlando ficou ali parado como um homem transportado para outra esfera.

— Estarei na Terra ou no paraíso? — exclamou. — Decerto estou dormindo e este é o meu sonho.

Mas o sonho revelou-se totalmente distinto dos seus desejos. Ferrau, que matara Argalia, apareceu furioso de ciúmes e seguiu-se uma luta que acabou despertando Angélica.

Horrorizada com a cena, ela montou em seu palafrém e, enquanto os dois cavaleiros se ocupavam em lutar, fugiu pela floresta. Os cavaleiros continuaram a se enfrentar até serem interrompidos por um mensageiro que informou a Ferrau que o Rei Marsílio, seu soberano, necessitava urgentemente da sua ajuda e o convocara a retornar à Espanha. Ferrau, diante disso, propôs a suspensão do combate, com o que Orlando, ansioso para sair em busca de Angélica, prontamente concordou. Ferrau, por sua vez, partiu para a Espanha junto do mensageiro.

A busca de Orlando foi em vão. Com o auxílio dos poderes mágicos, Angélica voltou para a terra natal, mas não conseguiu tirar Rinaldo da cabeça, o que a fez decidir libertar Malagigi e usá-lo para conquistar o amado, se possível fazendo com que ele voltasse a lhe ter afeto. Com efeito, ela libertou o mago de sua prisão, abrindo com as próprias mãos seus grilhões e lhe

devolvendo o livro, além de lhe prometer grandes honrarias e recompensas com a condição de que ele pusesse Rinaldo a seus pés.

Malagigi, com a ajuda do livro, invocou um demônio, montou em seu lombo e partiu. Chegando a seu destino, atraiu Rinaldo até uma barca encantada que o levou, sem piloto visível, a uma ilha onde se erguia uma construção chamada de Castelo Feliz. A ilha toda era um jardim. Num dos lados, próximo ao mar, havia um palácio, feito de mármore, tão alvo e lustroso que nele se refletia a paisagem à volta. Rinaldo saltou da barca e logo encontrou uma dama que o convidou a entrar. O palácio era tão belo por dentro quanto por fora, cheio de aposentos revestidos de lápis-lázuli e ouro, além de quadros valiosos. A dama conduziu o cavaleiro até um cômodo com as paredes retratando cenas e que se abria para o jardim, ornado por colunas de cristal com capitéis de ouro. Ali ele viu um grupo de damas, três delas cantando em coro, enquanto outra tocava um instrumento que emitia acordes maravilhosos e as demais dançavam em círculo. Quando o viram chegar, todas o cercaram e uma lhe informou, com extrema doçura:

— Digno cavaleiro, as mesas estão postas e a hora do banquete chegou.

Dito isso, e ainda dançando, atravessaram com ele o pátio até uma mesa coberta por uma toalha de ouro e linho, sob um caramanchão de rosas e ao lado de uma fonte.

Quatro damas já se encontravam sentadas e ficaram de pé para indicar a Rinaldo a cabeceira, onde o sentaram numa cadeira de pérolas. Com efeito, ele se viu atônito. Seguiu-se uma refeição que incluiu as carnes mais delicadas e vinhos de inenarrável sabor e fragrância, servidos em copos cravejados de pedras preciosas. Quando se aproximava o fim do banquete, harpas e alaúdes foram ouvidos à distância, e uma das damas sussurrou ao ouvido do cavaleiro: “Esta casa, e tudo que ela contém, lhe pertence; foi construída especialmente para isso e quem a construiu é uma rainha. Sem dúvida o cavaleiro é um homem de sorte, pois a rainha o ama e, além disso, é a maior beldade do mundo! Seu nome é Angélica.”

No instante em que ouviu o nome que tanto detestava, Rinaldo levou um susto e, a despeito de tudo que a dama pudesse dizer, saiu correndo pelo jardim e não parou até chegar ao lugar em que desembarcara. A embarcação continuava na praia. Pulando nela ele se pôs a navegar, embora não houvesse

ninguém ali além dele. Em vão tentou controlar o movimento do barco, que avançou furiosamente até alcançar uma praia distante coberta com uma vegetação lúgubre. Cercado por encantamentos de um tipo bastante diverso daqueles a que acabara de resistir, Rinaldo foi atraído para um poço.

O poço pertencia a um castelo chamado Altaripa, onde havia cabeças humanas penduradas e era pintado com sangue. Enquanto o paladino contemplava a cena intrigado, uma mulher pavorosa surgiu na beira do poço e lhe disse que ele estava prestes a ser atirado para um monstro, que só era impedido de devastar toda a nação se alimentado com carne humana. Rinaldo replicou:

— Que seja, mas me deixe continuar armado como estou e nada me causará medo.

A velha riu com desdém. Rinaldo permaneceu a noite toda no poço, e na manhã seguinte foi levado ao covil do monstro. O covil era cercado por um muro alto. Rinaldo foi trancado ali com a besta, e seguiu-se um terrível combate, no qual o cavaleiro conseguiu deixar uma marca nas escamas do monstro, enquanto o monstro, com suas garras tenebrosas, arrancou o peitoral e a malha do paladino. Rinaldo começou a achar que a sua hora tinha chegado e olhou à volta para ver se havia meios de escapar. Reparou em uma viga que se projetava da parede a cerca de três metros de altura e, dando um salto quase miraculoso, conseguiu alcançá-la e nela se aboletar. Ali permaneceu durante horas, com o brutamonte tentando, incansavelmente, atingi-lo. De repente, ouviu o som de alguma coisa atravessando o ar como um pássaro e Angélica em pessoa se empoleirou no extremo da viga. Tinha algo na mão que estendeu na direção de Rinaldo, falando num tom doce. No instante em que a viu, porém, Rinaldo ordenou-lhe que partisse, recusando toda e qualquer oferta de ajuda e declarando por fim que se ela não o deixasse ele se atiraria sobre o monstro e cumpriria seu destino.

Angélica, dizendo que preferia perder a vida a desagradá-lo, partiu, mas antes jogou para o monstro um bolo de cera que preparara e cercou-o com uma corda cheia de nós. A besta mordeu a isca e, vendo que os dentes se grudavam na cera, extravasou a fúria em coices e saltos, assim, quanto mais se emaranhava nos nós, mais estes se tornavam resistentes por tais movimentos, a ponto de praticamente a imobilizar.

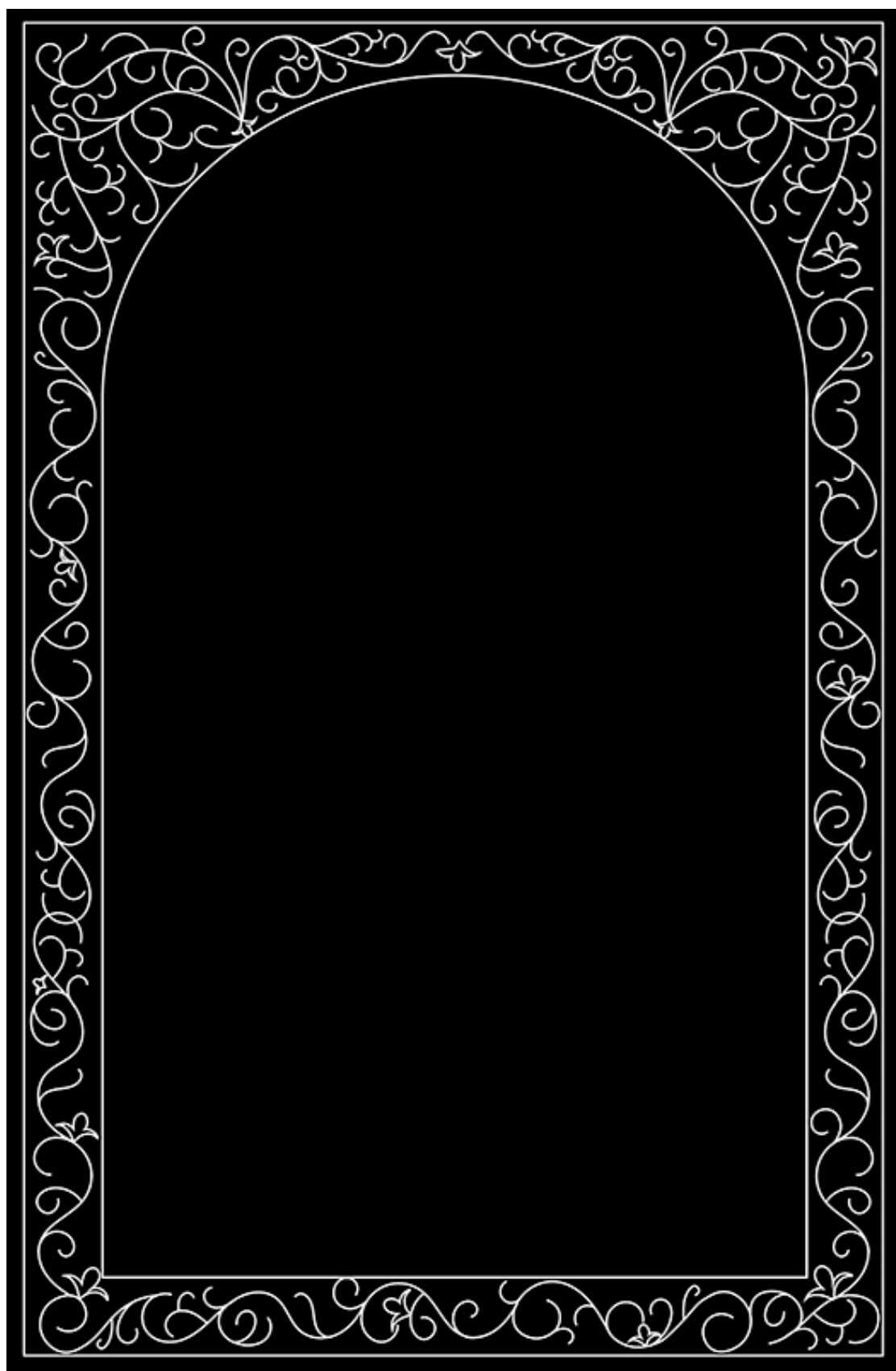
Rinaldo, ao ver surgir a oportunidade, saltou sobre as costas do monstro, agarrando seu pescoço com toda a força até matá-lo.

Restava superar mais uma dificuldade. Os muros eram extremamente altos, e a única abertura existente não passava de uma janela com grades impossíveis de serem quebradas. Em seu desespero, Rinaldo encontrou a lima que Angélica deixara no chão e com ela conseguiu se libertar.

Outras aventuras por ele vividas serão contadas noutro capítulo.

Nota

⁷ Vide a história de ambos em *Rei Artur e seus cavaleiros*.



Capítulo IV



O CERCO DE ALBRACA

No preciso momento em que Carlos Magno reunia toda a sua Corte para o grande torneio, seu reino era invadido por um monarca poderoso, que, ademais, se mostrara tão corajoso na batalha que ninguém se sentia capaz de enfrentá-lo. Chamava-se Gradasso, e seu reino, Sericana. Ora, como ocorre com frequência, os mais ricos e mais poderosos almejam aquilo que não podem ter e assim acabam perdendo o que já têm, e esse rei não se conformava de não possuir a Durindana, a espada de Orlando, e Baiardo, o cavalo de Rinaldo. Para se apropriar de ambos, decidiu guerrear contra a França e para tanto reuniu um potente exército.

Fez seu caminho através da Espanha e, após derrotar em várias batalhas Marsílio, soberano dessa nação, foi avançando rapidamente em direção à França. Embora Marsílio fosse um sarraceno e já tivesse sido um inimigo, Carlos Magno viu-se obrigado a socorrê-lo nessa situação extrema pela existência de um perigo comum. Dessa forma, com o consentimento de seus pares, despachou Rinaldo junto de um exército de peso para combater Gradasso.

Houve muita luta, com resultados duvidosos, e Gradasso continuou avançando rumo à França. Impaciente, contudo, para alcançar seus objetivos, resolveu desafiar Rinaldo para um único embate, a ser travado no solo e conforme as seguintes condições: caso Rinaldo vencesse, Gradasso lhe entregaria todos os prisioneiros e voltaria para casa, mas caso o vencedor fosse Gradasso, Rinaldo lhe entregaria Baiardo.

O desafio foi aceito, e a luta teria lugar não fossem as artes de Malagigi, que acabava de retornar do reino de Angélica com o firme propósito de conseguir convencer Rinaldo a admirar a princesa, que estava morrendo de amores por ele. Malagigi atraiu Rinaldo para longe do exército disfarçando-se

de Gradasso e, após uma breve disputa, fingiu voar diante dele, artifício que levou Rinaldo a segui-lo até um barco, no qual foi levado embora, envolvendo-se em várias aventuras, como já relatamos.

O exército, agora sob o comando de Ricciardetto, irmão de Rinaldo, logo foi reforçado com a chegada de Carlos Magno e todos os seus pares, mas sofreu uma experiência desastrosa, com a consequente captura do imperador e muitos dos seus paladinos. Gradasso, contudo, não se aproveitou da vitória: pegou Carlos pela mão, sentou-o a seu lado e lhe disse que guerreava apenas por uma questão de honra. Renunciaria a todas as conquistas sob a condição de que o imperador lhe entregasse Baiardo e a Durindana, ambos pertencentes aos vassalos do soberano dos francos, sendo-lhe o primeiro já devido de toda forma, visto que Rinaldo descumprira o compromisso de encontrá-lo. Carlos Magno prontamente concordou com os termos propostos.

Baiardo, depois da partida do dono, ficara a cargo de Ricciardetto, tendo sido mandado para Paris, de onde Astolfo assumira o comando durante a ausência de Carlos Magno. Astolfo recebeu com enorme indignação a mensagem reivindicando Baiardo e respondeu por um arauto que “não entregaria o cavalo de seu compatriota Rinaldo sem um torneio. Se Gradasso quisesse o garanhão, que viesse buscá-lo, e ele, Astolfo, estaria à sua espera no campo”.

A resposta divertiu Gradasso, já que a reputação de Astolfo como guerreiro não era das melhores. De boa vontade renovou, então, a barganha feita com Rinaldo. Sob tais condições o embate teve lugar. A lança encantada, nas mãos de Astolfo, realizou um novo milagre, e Gradasso, o temível Gradasso, foi derrubado do cavalo.

Cumprindo a palavra dada, ele libertou os prisioneiros e pôs em marcha seu exército para voltar à terra natal, renovando os votos de jamais descansar enquanto não tomasse de Rinaldo o cavalo e de Orlando a espada, ainda que precisasse morrer para tanto.

Carlos Magno, cheio de gratidão, teria mantido Astolfo a seu lado e lhe concedido uma série de honrarias, mas o cavaleiro preferiu ir em busca de Rinaldo a fim de lhe devolver Baiardo, partindo de Paris com essa finalidade.

Nossa história retorna agora a Orlando, o qual deixamos embevecido com a visão da bela adormecida, que, no entanto, lhe escapara enquanto ele lutava

contra Ferrau. Depois de procurá-la em vão por todos os cantos da floresta, Orlando decidiu segui-la até a Corte do pai. Deixando, então, o acampamento de Carlos Magno, empreendeu uma longa viagem em direção ao oriente, pedindo informações por todo lado na tentativa de obter pistas da fugitiva. Após várias aventuras, chegou um dia a um local onde várias estradas se cruzavam e, encontrando ali um arauto, pediu-lhe notícias. O arauto respondeu que havia sido enviado por Angélica para solicitar a ajuda de Sacripanto, Rei de Circássia, para seu pai, Galafron, que se encontrava sitiado na cidade de Albraca por Agrican, Rei da Tartária. Agrican havia pedido a mão da donzela e, ao ser rejeitado, decidira pegar em armas para obtê-la. Orlando descobriu dessa forma estar a um dia de distância de Albraca e, sentindo-se agora um pretendente de Angélica, seguiu em frente a toda velocidade.

A jornada levou-o a uma ponte, sob a qual corria um rio espumoso. Ali, uma donzela entregou-lhe um cálice, acrescentando que o costume na ponte era oferecê-lo a todo viajante. Orlando aceitou o copo e sorveu seu conteúdo. Tão logo bebeu, viu-se tonto e esqueceu totalmente o objetivo da viagem, bem como tudo o mais. Sob essa influência mágica, seguiu a donzela até um palácio maravilhoso, deparando-se ali com vários cavaleiros que lhe eram desconhecidos e que também não se conheciam, embora fossem irmãos de armas e capazes de se reconhecer, caso não tivessem bebido do Cálice do Esquecimento.

Continuando em busca de Rinaldo, Astolfo, regamente vestido e equipado, como de hábito, chegou a Circássia, onde encontrou um grande exército comandado por Sacripanto, o rei da nação, a caminho de Albraca para defender Galafron, o pai de Angélica. Sacripanto, impressionado com a aparência majestosa de Astolfo e seu cavalo, abordou-o com cortesia e tentou alistá-lo. Astolfo, porém, orgulhoso de suas recentes vitórias, com desdém rejeitou a proposta e seguiu adiante. O Rei Sacripanto, por demais deslumbrado com a aparência do cavaleiro, não se dispôs a abrir mão da sua companhia tão facilmente e, despindo os adornos reais, pôs-se a perseguir o cavaleiro.

No dia seguinte, cruzou o caminho de Astolfo um cavaleiro desconhecido chamado Sir Florismart, senhor da Torre Sylvan, um dos mais valentes e habilidosos cavaleiros vivos, que tinha a guiá-lo uma donzela jovem, loura e

virtuosa à qual se achava amorosamente ligado, chamada Flordelis. Astolfo se aproximou e desafiou o estranho, exigindo-lhe que este lhe entregasse a moça ou se preparasse para reivindicar, por meio de armas, o direito a ficar com ela. Florismart aceitou o desafio e os dois travaram combate. Florismart foi derrubado e seu cavalo caiu morto, enquanto Baiardo não sofreu ferimento algum.

Florismart ficou de tal forma desesperado ante a própria derrota e a aflição da donzela que desembainhou a espada e se preparou para enterrá-la no próprio peito. Astolfo, porém, segurou-lhe a mão, dizendo que combatera apenas pela glória de vencer e que não reivindicaria a donzela.

Enquanto Florismart e Flordelis expressavam gratidão eterna, surgiu o Rei Sacripanto, que, cobiçoso tanto da donzela de um dos cavaleiros quanto do cavalo e das armas do outro, desafiou ambos a combatê-lo. Astolfo enfrentou o desafiante, que foi instantaneamente derrubado do cavalo, com o qual Astolfo presenteou Florismart, restando ao rei voltar para seu acampamento a pé.

Os amigos seguiram caminho e não demorou para que Flordelis descobrisse, por meio de sinais que lhe eram familiares, que se aproximavam das águas do Esquecimento, o que a fez aconselhar os cavaleiros a recuar ou a alterar o percurso. Os dois não lhe deram ouvidos e, prosseguindo indiferentes, logo chegaram à ponte onde Orlando fora feito prisioneiro.

A donzela da ponte abordou-os, como fizera com Orlando, oferecendo o cálice encantado, mas Astolfo, alertado de antemão, rejeitou-o com desprezo. A moça atirou o cálice no chão e dele brotou um fogaréu que tornou a ponte inalcançável. No mesmo instante, os dois cavaleiros foram atacados por um punhado de guerreiros, conhecidos e desconhecidos, que, não tendo lembrança de coisa alguma, se uniram cegamente na defesa do seu cárcere. Entre eles se achava Orlando, que Astolfo reconheceu e, a despeito de toda a autoconfiança, não ousou enfrentar, dando meia-volta e fugindo graças à força e à destreza de Baiardo.

Florismart, por sua vez, vergado pela impossibilidade de vencer, decidiu ceder à necessidade e à insistência da feiticeira. Bebeu do cálice e se tornou prisioneiro como os demais. Flordelis, privada dos dois amigos, saiu de cena e se dedicou a tentar incansavelmente libertar seu amado. Astolfo seguiu viagem até Albraca, onde Agrican se preparava para o cerco. Foi gentilmente recebido

por Angélica e admitido no grupo que a defendia. Impaciente para se destacar, uma noite aventurou-se sozinho até o acampamento de Agrican e se pôs a derrubar soldados com a lança encantada. Logo, porém, foi cercado e subjugado, tornando-se prisioneiro de Agrican.

Reforços, porém, não tardariam. Um dia, debruçados sobre os muros, envoltos no que descreveram como uma nuvem de poeira, cidadãos e soldados viram cavaleiros avançarem em direção ao acampamento dos sitiadores. Era o exército de Sacripanto, que imediatamente atacou o acampamento de Agrican com a finalidade de cortar caminho até a cidade sitiada. Agrican, contudo, montando no lombo de Baiardo, tomado de Astolfo, sem, contudo, empunhar a lança de ouro, cujas virtudes lhe eram desconhecidas, conseguiu um feito fantástico, reunindo seus soldados desgarrados, que haviam cedido ao ataque repentino e inesperado. Sacripanto, por sua vez, encorajou seus homens a desempenharem atos desesperados de coragem, além do incentivo adicional da visão de Angélica, cuja figura surgiu no alto da muralha da cidade.

De lá, ela assistiu ao combate solitário entre os dois líderes, Agrican e Sacripanto. Neste embate, o defensor já parecia derrotado, quando os circassianos romperam o cerco e separaram os lutadores no tumulto que se seguiu. Sacripanto, gravemente ferido, se aproveitou da confusão, escapando para o interior de Albraca, onde foi carinhosamente recebido e cuidado por Angélica.

Com a continuação da batalha, os circassianos acabaram sendo obrigados a fugir e, ao se verem encurralados entre as linhas inimigas e a cidade, buscaram refúgio sob as muralhas. Angélica ordenou que as grades levadiças fossem erguidas para permitir a entrada dos fugitivos. Assim, Agrican, passando despercebido em meio à multidão, entrou também, na esteira dos circassianos e cataianos e, quando a grade levadiça tornou a baixar, ficou preso do lado de dentro.

Por um breve intervalo, o terror que ele inspirava pôs em fuga todos os oponentes, mas, quando finalmente ficou claro que poucos ou nenhum de seus seguidores haviam entrado com ele, os fugitivos o cercaram. Quando parecia não lhe restar saída, foi salvo precisamente pela circunstância mesma que ameaçava destruí-lo. Os soldados de Angélica, fechando o cerco sobre ele,

abandonaram seus postos e o exército sitiador entrou na cidade por uma brecha na muralha derrubada.

Dessa forma Agrican foi resgatado, a cidade, tomada, e os moradores, passados no fio da espada. Angélica, porém, com alguns cavaleiros que a haviam defendido, entre os quais Sacripanto, abrigou-se na fortaleza, localizada no alto de uma rocha.

A fortaleza era inexpugnável, mas nela não havia provisões suficientes nem outras necessidades básicas. Diante disso, Angélica declarou aos que a tinham acompanhado sua intenção de sair em busca de ajuda e, prometendo retornar rapidamente, partiu, com o anel encantado no dedo. Montando em seu palafrém, a donzela passou pelas linhas inimigas e ao nascer do sol já estava a quilômetros de distância do acampamento adversário.

Quis o destino que a estrada a levasse até a vizinhança da fatal ponte do Esquecimento, e ao se aproximar ela viu uma donzela chorando amargamente. Era Flordelis, cujo amado, Florismart, como relatamos, sofrera o mesmo fado de Orlando e muitos mais, tornando-se vítima da feiticeira do cálice. Flordelis contou a Angélica suas aventuras e a fez prometer toda a ajuda possível para resgatar seu amado e os outros cavaleiros. Angélica, então, aproveitando a oportunidade e auxiliada pelo anel, entrou sem ser vista no castelo, quando o portão foi aberto para receber uma nova vítima. Ali, usando o talismã, rapidamente desencantou Orlando e os demais prisioneiros. Mas Florismart não se encontrava entre eles, pois havia sido dado a Falerina, uma feiticeira mais poderosa, e continuava em seu poder. Angélica convocou os cativos resgatados para ajudá-la a recuperar seu reino e todos partiram para Albraca.

A chegada de Orlando com seus companheiros, nove ao todo e considerados os cavaleiros mais corajosos da França, alterou o rumo da guerra. Onde quer que o grande paladino chegasse, flâmulas e estandartes se curvavam a ele. Agrican tentou em vão reunir seus soldados. Orlando mantendo sempre sua posição, forçava o oponente a não desviar dele a atenção. O rei tártaro acabou por forjar um stratagema. Montado em seu cavalo, deu meia-volta, fingindo fugir desesperado. Orlando correu-lhe atrás, como pretendia Agrican, que só parou ao chegar a uma clareira na floresta onde havia uma fonte.

O lugar era lindo, e o tártaro apeou-se do cavalo para beber água na fonte sem, contudo, retirar o elmo nem qualquer outra peça da armadura. Orlando

logo o alcançou, gritando:

— Tão ousado, mas ainda assim um fujão! Como pretendíeis fugir de um único adversário e escapar?

O rei tártaro pulara na sela assim que vira o inimigo e, quando o paladino terminou de falar, respondeu num tom sereno:

— Sem dúvida sois o melhor cavaleiro que já conheci e pretendo deixar-vos intocado, para o vosso próprio bem, se parar de me impedir de reunir meus homens. Fingi fugir para trazer-vos até aqui. Se insistirdes em lutar, precisarei revidar e matar-vos, mas posso invocar o céu como testemunha de que prefiro não fazê-lo. Eu lamentaria profundamente a vossa morte.

O conde Orlando sentiu-se tocado por tamanha galhardia e disse:

— Quanto mais nobre vos mostrais, mas me aflige pensar que se morreredes sem conhecer a fé verdadeira estareis perdido no outro mundo. Ouvi meu conselho para obterdes a salvação do corpo e da alma. Recebei o batismo e ide em paz.

Agrican respondeu:

— Suspeito estar na presença do paladino Orlando. Se assim for, eu não perderia esta oportunidade de enfrentar-vos para ser Rei do Paraíso. Não me trazei mais esses assuntos de outro mundo, pois vossos sermões serão em vão. Cada um por si e que a espada seja o juiz.

O sarraceno desembainhou a espada, avançando sobre Orlando e dando início a um combate tão longo e obstinado, visto que um e outro eram prodígios de destreza, que, reza a lenda, se estendeu do meio-dia até a noite. Orlando, então, vendo as estrelas surgirem no céu, foi o primeiro a propor uma pausa.

— O que faremos agora que a claridade do dia se foi?

— Descansemos neste prado e recomeçemos a luta ao amanhecer — respondeu prontamente Agrican.

Assim foi feito. Cada qual amarrou seu cavalo e se deitou na grama, não muito distante do outro, como fariam dois amigos, ficando Orlando ao lado da fonte e Agrican debaixo de um pinheiro. Era uma noite bonita e clara e, no decorrer da conversa que entabularam até pegarem no sono, o defensor do cristianismo, olhando para o firmamento disse:

— Esse espetáculo noturno é um belo exemplo de criação; Deus fez tudo isso, essa lua de prata e essas estrelas de ouro, e a claridade do dia e o sol, tudo para o bem dos seres humanos.

— Já vi que desejais falar de questões de fé — retrucou o tártaro. — Ora, eu posso muito bem dizer-vos que não disponho de conhecimento de tais assuntos, bem como de instrução nessa seara. Jamais consegui aprender coisa alguma quando era menino. Tinha tanto horror a isso que quebrei a cabeça do homem encarregado de me ensinar, o que provocou tamanho efeito nos outros que não houve quem quisesse me mostrar um livro depois. Minha infância se limitou a montar e caçar, além de aprender a lutar. De que serve para um cavaleiro passar o dia todo estudando um livro? Ao cavaleiro, destreza, e ao religioso, sermões; esse é o meu mote.

— Entendo — concordou Orlando — que as armas sejam a prioridade de um cavaleiro, mas não acho que o conhecimento o desonre. Ao contrário, o conhecimento é adorno tão valioso quanto as demais vitórias, como são as flores para a pradaria diante de nós. E, no que tange ao conhecimento do Criador, o homem que não o tem não é melhor que um tronco ou uma pedra ou uma besta feroz, como também sem estudo ele não consegue adquirir o devido sentido da profundidade ou da sacralidade da contemplação.

— Instruído ou não instruído — prosseguiu Agrican —, poderíeis vos mostrar mais educado e não me obrigar a falar de um assunto sobre o qual me encontro em desvantagem. Se optardes por dormir, desejo-vos uma boa noite, mas, se preferirdes conversar, recomendo que faleis de luta ou de donzelas. Aliás, acaso não sois aquele Orlando que faz tanto ruído no mundo? O que vos trouxe a estas paragens? Acaso já vos apaixonastes? Suponho que sim, pois ser um cavaleiro e nunca ter se apaixonado equivaleria a ser um homem sem um coração batendo no peito.

O conde respondeu:

— Sou Orlando e apaixonado estou. O amor me fez abandonar tudo e me trouxe a esta região distante. Para resumir, digo-vos que o meu coração está nas mãos da filha do Rei Galafron. Vós o enfrentastes com fogo e espada para vos apossar dos seus castelos e seus domínios, e eu vim ajudá-lo sem pedir nada em troca, apenas para agradar a filha e ganhar sua mão em casamento. Nada mais me importa nesta vida.

Quando o rei tártaro, Agrican, ouviu o oponente falar dessa forma e se deu conta de estar, de fato, diante de Orlando, bem como tomou conhecimento da paixão do paladino por Angélica, a agonia e o ciúme fizeram seu rosto mudar de cor, embora por causa da escuridão isso não tenha ficado aparente. Sentiu o coração bater com tamanha violência que chegou a pensar que fosse morrer.

— Ora — disse ele a Orlando —, voltaremos a lutar quando amanhecer, e um de nós será deixado aqui, morto. Tenho uma proposta a vos fazer, um pedido. Meu amor pela mesma donzela é tão imenso que imploro que a deixeis para mim. Ficarei muito agradecido e desistirei do cerco, pondo fim à guerra. Não suporto imaginar que a outro seja dado amá-la e que viverei para ver isso acontecer. Por que, sendo assim, deveria um de nós perecer? Abri mão dela. Ninguém haverá de sabê-lo.

— Até hoje — respondeu Orlando — jamais fiz uma promessa que não tenha cumprido e, ainda assim, garanto-vos que se fizesse tal promessa, mesmo jurando mantê-la, eu não a cumpriria. Seria como se vós me pedísseis para arrancar os braços e as pernas do meu próprio corpo e os olhos do meu rosto. Mais fácil seria para mim viver sem respirar do que parar de amar Angélica.

Agrican mal teve paciência para esperar que Orlando terminasse de falar para montar, furioso, no lombo do cavalo, embora fossem altas horas da noite.

— Tratai de desistir dela — gritou — ou haveis de morrer!

Orlando, ao ver o infiel ficar de pé e sem ter a certeza de que além de furioso ele seria também traiçoeiro, quase com a mesma rapidez subiu em seu cavalo para retomar o confronto.

— Jamais! — exclamou. — Eu jamais poderia desistir dela mesmo que quisesse e agora não quero, mesmo que pudesse. Tereis de ganhá-la por outros meios que não estes.

Avançaram com seus cavalos um sobre o outro, na escuridão da noite, no prado verdejante. Foram rancorosos e terríveis os golpes que desferiram e sofreram à luz do luar. Agrican lutava enraivecido; Orlando, com mais frieza. O embate já durava mais de cinco horas e começava a amanhecer quando o rei tártaro, furioso de enfrentar tamanha dificuldade, atingiu o inimigo com um golpe particularmente violento, que cortou em dois o escudo como se este fosse feito de madeira e, embora não sangrasse, já que era predestinado, Orlando se sentiu como se cada junta do seu corpo tivesse sido atingida.

A sensação tomou-lhe corpo, mas sequer uma partícula da sua alma. Tão terrível foi o golpe que o paladino desferiu em resposta que não somente o escudo, mas cada pedaço da malha que cobria Agrican se desfez em pedaços e três costelas se partiram.

O tártaro, rugindo qual um leão, ergueu a espada com veemência ainda maior que antes e desferiu contra o elmo do paladino um golpe mais poderoso do que qualquer outro que este já recebera de algum mortal. Por um instante, o cavaleiro perdeu os sentidos. Sua visão falhou, os ouvidos zumbiram, o cavalo amedrontado se virou, já a ponto de fugir. Já prestes a tombar da sela, Orlando voltou a si justamente graças à queda iminente.

“Que vergonha!”, pensou ele. “Como terei um dia a ousadia de encarar Angélica? Estou lutando há horas com este homem, e ele é um só! E eu sou Orlando! Se o combate durar mais ainda, hei de me encerrar num mosteiro e jamais empunhar novamente a espada!”

Orlando murmurou essas palavras com os lábios fechados e os dentes trincados, e talvez quem o visse pensasse que, em lugar de ar, estivesse lhe saindo fogo pela boca e pelo nariz. Erguendo a Durindana com ambas as mãos, desceu-a sobre o ombro de Agrican com força tamanha que o peitoral foi cortado de alto a baixo e partiu o arco da sela, embora fosse feito de osso e ferro, e cavalo e cavaleiro tombaram. Agrican empalideceu e sentiu a morte invadi-lo. Pediu a Orlando num tom gentil para se aproximar e falou com a clareza que lhe foi possível:

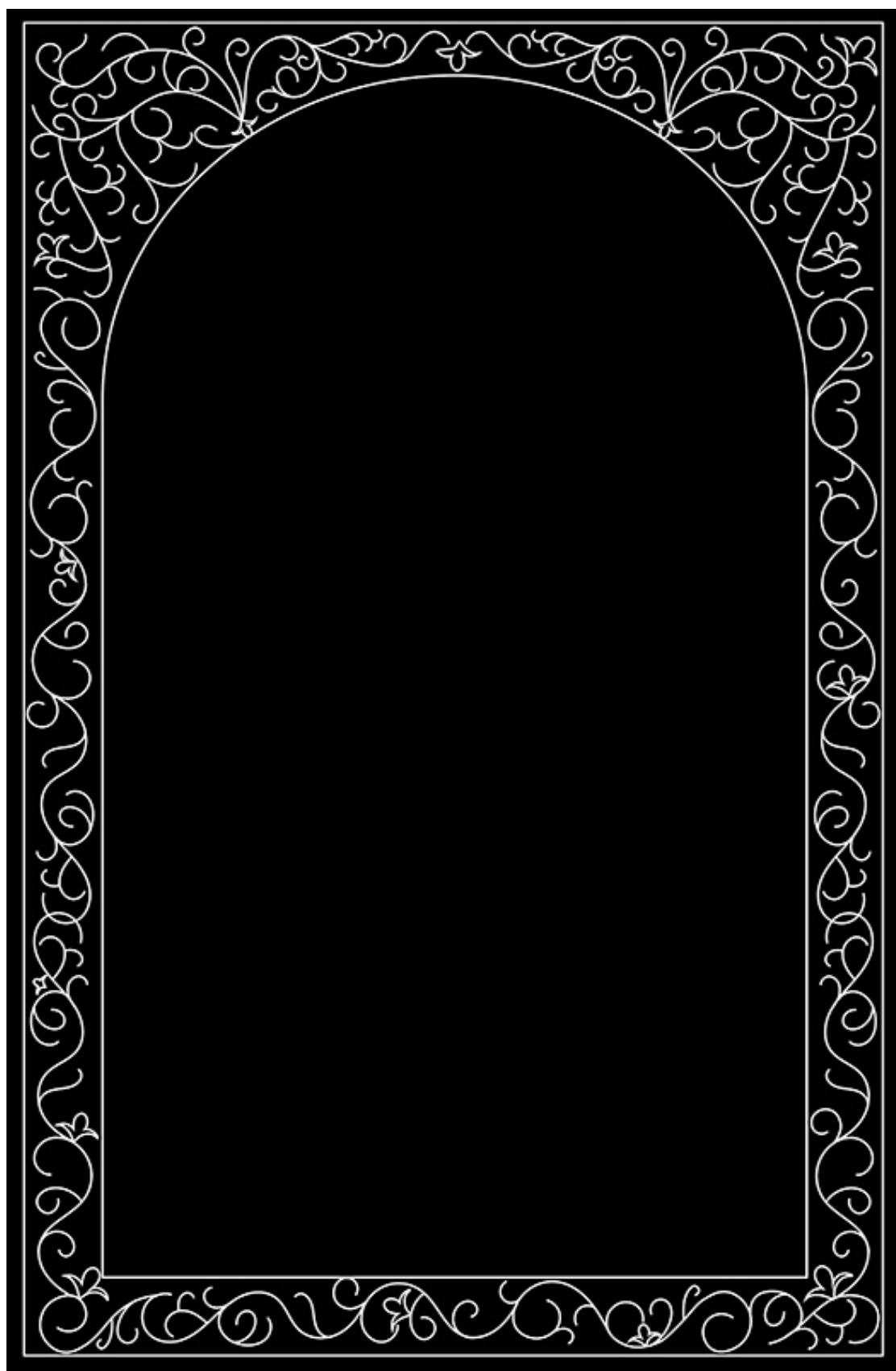
— Acredito n’Aquele que morreu na cruz. Batizai-me, peço-vos, com a água da fonte, antes que eu perca os sentidos. Pratiquei o mal na vida, mas não preciso me rebelar contra Deus também na morte. Que Ele que veio para salvar o resto do mundo me salve!

Chorou então o rei imponente, embora tivesse sido poderoso e destemido.

Orlando desmontou rapidamente, com o rosto molhado de lágrimas também. Com carinho pegou nos braços o rei e o deitou na beirada de mármore da fonte, chorando em coro e de coração com o sarraceno e lhe pedindo perdão. Depois batizou-o com a água da fonte e se ajoelhou para rezar a Deus por sua alma.

Então, olhando para o outro, percebeu que sua aparência se alterara, que seu corpo enrijecera e esfriara. Deixou-o ali na beirada de mármore da fonte,

envolto na armadura, com a espada a seu lado e a coroa na cabeça.



Capítulo V



AVENTURAS DE RINALDO E ORLANDO

Deixamos Rinaldo quando, tendo derrotado o monstro, partiu do castelo de Altaripa e seguiu caminho a pé. Logo encontrou uma donzela chorosa que, ao ser indagada sobre a causa de suas lágrimas, lhe disse estar em busca de alguém que empreendesse um combate para resgatar seu amado, feito prisioneiro por uma vil feiticeira, com Orlando e vários outros. A donzela era Flordelis, a amada de Florismart, e Rinaldo prometeu-lhe ajuda, convencido de poder realizar a aventura fosse por meio de coragem ou de talento. Flordelis insistiu para que Rinaldo levasse o cavalo que lhe pertencia, com o que concordou o cavaleiro, com a condição de que ela fosse também.

Ao passarem por uma floresta, os dois ouviram ruídos estranhos e Rinaldo, tranquilizando a donzela, seguiu em direção ao local de onde eles vinham. Não demorou a ver um gigante abrigado sob uma caverna abobadada, com um grande porrete na mão, parecendo prestes a atacar o invasor mais audacioso. Ao lado da caverna estava acorrentado um grifo, que, junto ao gigante ali se encontrava para vigiar um cavalo belíssimo, o mesmo que um dia pertencera a Argalia. Esse era um cavalo mágico, único em vigor, velocidade e forma, que desprezava a dieta habitual dos garanhões da sua espécie — milho ou grama — e se alimentava tão somente de ar. Seu nome era Rabican.

Esse estupendo cavalo, vendo-se livre depois de Argalia ser morto por Ferrau, voltara para sua caverna natal e ali fixara morada sob a proteção do gigante e do grifo. Quando Rinaldo se aproximou, o gigante atacou-o com o porrete. Rinaldo se defendeu dos golpes e revidou com outro, o que, caso sua pele não fosse das mais resistentes, teria posto fim ao combate. O gigante, porém, embora ferido, escapou e libertou o grifo. O pássaro monstruoso alçou voo e lá de cima investiu sobre Rinaldo, que, vendo uma chance, infligiu-lhe um ferimento grave. O grifo, no entanto, ainda teve forças para mais um voo e

continuou seus ataques, dos quais se esquivou Rinaldo como pôde, enquanto a donzela, trêmula, a tudo assistia.

O embate prosseguiu, aumentando de intensidade com a proximidade da noite, até que Rinaldo optou por um expediente desesperado para concluí-lo. Caiu, como se desmaiasse devido aos ferimentos e, quando o grifo se aproximou, desferiu um golpe que arrancou uma de suas asas. O animal, apesar de perder altura, agarrou-o com força com as garras, perfurando com elas a malha e armadura. Rinaldo, contudo, no auge do desespero e usando a espada, matou afinal a criatura.

Entrou, então, na caverna e encontrou ali o magnífico cavalo todo ajaezado. O animal era negro como carvão, salvo por uma estrela branca na testa e uma pata traseira branca. Em termos de velocidade, não tinha rival, embora em força fosse inferior a Baiardo. Rinaldo montou em Rabican e saiu da caverna.

Enquanto seguia caminho, encontrou um fugitivo do exército de Agrican, que lhe fez um tal relato sobre a destreza de um cavaleiro que combatia na defesa de Angélica que Rinaldo se convenceu de que se tratava de Orlando, embora não conseguisse entender como o paladino se libertara do cativo. Decidiu, por isso, voltar à cena da luta a fim de satisfazer a própria curiosidade, e Flordelis, na esperança de que Florismart estivesse com Orlando, concordou em acompanhá-lo.

Enquanto tais acontecimentos tinham lugar, o clima era de derrota e desânimo no acampamento tártaro desde a morte de Agrican. O Rei Galafron, chegando ao local com um exército para libertar sua cidade, Albraca, atacou o acampamento do inimigo, levando tudo que viu pela frente. Rinaldo chegava agora à cena da ação e observava o lugar como um espectador indiferente quando foi flagrado por Galafron. O rei imediatamente reconheceu Rabican, com o qual presenteara Argalia ao enviá-lo a Paris para a malfadada missão. Impelido pela ideia de que o cavaleiro no cavalo era o assassino de Argalia, Galafron investiu sobre Rinaldo com toda a sua força. Rinaldo foi rápido em revidar o golpe e teria criado dificuldades para o rei, caso seus seguidores não cercassem instantaneamente a dupla e separassem os combatentes.

Rinaldo viu-se, assim, quase involuntariamente, alistado no grupo de inimigos de Angélica, o que não o preocupou, já que a água que bebera da

fonte do ódio fizera com que se virasse radicalmente contra ela.

Durante vários dias seguidos a luta prosseguiu, sem resultados significativos, com Rinaldo enfrentando os mais corajosos cavaleiros da liga de Angélica e derrotando-os um após outro. Deparou-se, finalmente, com Orlando e os dois censuraram com veemência a causa escolhida pelo outro e travaram um violento combate. Orlando montava Baiardo, o cavalo de Rinaldo, que por acaso passara a pertencer a Agrican, que o perdera para Orlando em virtude de ter sido por ele vencido. Baiardo não se dispunha a lutar contra seu dono, e Orlando estava perdendo terreno até que Rinaldo, vendo de repente Astolfo, que por amor a ele tomara seu lado na luta, em desvantagem numérica, desistiu de se bater contra Orlando e correu para defender o amigo. A noite impediu a continuação da contenda, mas foi lançado e aceito um desafio para a sua retomada no próximo encontro de ambos.

Angélica, porém, suspirando de amor por Rinaldo, não pretendia vê-lo novamente exposto a destino tão terrível. Fez um pedido a Orlando, prometendo que seria dele caso o cavaleiro a atendesse. Ao obter tal promessa, ela o convenceu a partir sem demora para destruir o jardim da feiticeira Falerina, onde muitos bravos cavaleiros haviam caído numa armadilha e sido capturados.

Orlando se pôs a caminho em seu cavalo Brigliadoro, revoltado com Baiardo pela conduta deste no dia anterior. Angélica, para agradar a Rinaldo, enviou-lhe o animal, mas o cavaleiro não se comoveu com isso, assim como não se comovera com seus atos de generosidade anteriores.

Quando tomou conhecimento da partida de Orlando, Rinaldo cedeu às súplicas da amada de Florismart e se preparou para cumprir a promessa de resgatar seu amante das garras da feiticeira. Dessa forma, tanto Rinaldo quanto Orlando estavam destinados a viver a mesma aventura, embora não soubessem disso.

O castelo de Falerina era protegido por um rio atravessado por uma ponte guardada por um rufião que desafiava todos que passavam para o combate. Tamanha era sua força que saía vitorioso em todos os encontros, como provavam os braços de vários cavaleiros, arrancados por ele e empilhados como troféus na margem do rio. Rinaldo o atacou, mas com sorte idêntica aos

demaís, pois o vigia da ponte lhe acertou um golpe tão violento com uma clava de ferro que o derrubou no chão. Quando o vilão se aproximou, porém, para despi-lo da armadura, Rinaldo o segurou, e o brutamonte, incapaz de se libertar, pulou com Rinaldo no lago, onde ambos desapareceram.

Orlando, enquanto isso, no cumprimento da promessa feita a Angélica, seguia caminho em busca da mesma aventura. Ao passar por uma floresta, viu um cavaleiro armado até os dentes e montado num cavalo, vigiando uma dama amarrada a uma árvore e chorando copiosamente. Orlando correu para soltá-la, mas foi intimado pelo guardião a não intervir, pois o castigo da dama era merecido devido à sua maldade. Para provar o que dizia, o homem enumerou algumas denúncias contra ela. A dama negou-as todas, e Orlando acreditou na sua palavra, desafiando o guardião e saindo vitorioso. Tendo liberado a dama, partiu levando-a em seu cavalo.

Enquanto cavalgavam, outra donzela montada num alvo palafrém surgiu para alertar Orlando sobre um perigo iminente e lhe informar que o jardim da feiticeira estava próximo. Orlando ficou encantado com essa informação e indagou o que fazer para ser admitido ali. A moça respondeu que só era possível entrar no jardim ao nascer do sol e lhe passou instruções que fariam com que ele fosse admitido. Deu a ele também um livro, no qual se achava pintado o jardim, bem como tudo ali contido, inclusive o palácio da pérfida feiticeira, onde ela se isolava a fim de executar a magia em que estava ocupada, que consistia na confecção de uma espada capaz de partir até mesmo substâncias encantadas. O objetivo dessa empreitada, contou-lhe a donzela, era a destruição de um cavaleiro do ocidente, chamado Orlando, que, segundo lera a feiticeira no livro do Destino, se achava a caminho para acabar com seu jardim. Feito esse relato, a donzela seguiu viagem.

Orlando, entendendo que seria melhor adiar sua missão até a manhã seguinte, deitou-se e logo adormeceu. Vendo isso, a mulher que ele resgatara e que decidira fugir para ir ao encontro do seu amado montou Briadoro e partiu, levando embora a Durindana.

Quando Orlando acordou, sua indignação, como é possível supor, foi enorme ante a descoberta do roubo, mas, como bom e honesto cavaleiro que era, não permitiu que o fato desviasse sua atenção do objetivo pretendido. Arrancou um galho avantajado de um olmo para substituir a espada e, ao

nascer do sol, pegou a trilha que levava ao portão do jardim, onde um dragão, vigilante, o aguardava. Matou o dragão com golpes sucessivos e entrou no jardim, cujo portão se fechou às suas costas, impedindo-lhe a saída. Olhando à volta, Orlando viu uma fonte, que transbordava para dentro de um rio, em cujo centro havia uma figura com os seguintes dizeres nos braços:

*O regato cujas águas arroxeadas e róseas
Daqui até o palácio encantado correm.*

Seguindo pela margem do regato e extasiado com as delícias do jardim maravilhoso, Orlando chegou ao palácio e ao entrar encontrou a castelã, vestida de branco, com uma coroa de ouro na cabeça, contemplando a própria imagem refletida na superfície da espada mágica. Orlando surpreendeu-a antes que ela pudesse escapar, tomou-lhe a espada e, segurando a dama pelos longos cabelos que ondulavam como uma cauda às suas costas, ameaçou-a de morte caso não libertasse os prisioneiros e o deixasse sair. A feiticeira, porém, manteve-se firme em seu propósito e não respondeu. Orlando, incapaz de convencê-la fosse com ameaças ou súplicas, viu-se obrigado a amarrá-la a uma faia para tentar lograr seu intento da melhor forma possível.

Foi quando se lembrou do livro que ganhara e, consultando-o, descobriu que havia uma saída no lado sul, mas para alcançá-la era preciso atravessar um lago habitado por uma sereia, cujo canto sedutor era irresistível para quem o ouvisse. O livro, contudo, ensinava ao leitor como se proteger desse perigo. Seguindo em frente, Orlando colheu uma grande quantidade de flores, que brotavam por todo lado, e encheu com elas o elmo e os ouvidos. Percebeu então os pássaros cantando. Descobrimo que, embora visse os bicos abertos, as gargantas inchadas e as penas eriçadas dos passarinhos, não distinguia uma nota sequer do que cantavam, ficou satisfeito com o artifício que engendrara em defesa própria e continuou caminhando em direção ao lago, que era pequeno, mas profundo, e tão cristalino e sereno que era possível enxergar até o fundo.

Tão logo alcançou a margem, as águas pareceram gorgolejar e a sereia, erguendo-se parcialmente das profundezas, cantou de forma tão doce que pássaros e animais correram para a beira do lado a fim de ouvi-la. Nada disso

Orlando escutou, mas fingindo ceder aos encantos da beldade, sentou-se. A sereia saiu da água com a intenção de levar a cabo a destruição do cavaleiro, mas Orlando pegou-a pelos cabelos e, enquanto ela cantava ainda mais alto (sendo o canto sua única defesa), cortou-lhe a cabeça. Então, seguindo as instruções do livro, besuntou o corpo todo com o sangue.

Protegido por esse talismã, Orlando encontrou todos os monstros encarregados da defesa da feiticeira e do seu jardim e, afinal, descobriu-se de novo no lugar onde prendera a castelã, que continuava amarrada à faia. A cena, porém, mudara. O jardim desaparecera, e Falerina, antes tão arrogante, agora implorava piedade, garantindo a Orlando que muitas vidas dependiam da sua sobrevivência. Orlando prometeu deixá-la viver caso ela promettesse libertar os prisioneiros.

Isso, contudo, não era tarefa fácil, pois os cativos não estavam em suas mãos, mas nas de uma feiticeira muito mais poderosa, Morgana, a Senhora do Lago, e a mera ideia de confrontá-la fez Falerina empalidecer de medo. Apresentando a Orlando os riscos da empreitada, ela o levou até a morada de Morgana. Para alcançá-la era preciso passar pelo mesmo descortês vigia da ponte que sempre vencia os adversários e que tantos cavaleiros capturara, tendo Rinaldo sido o último deles. Tratava-se de um camponês de índole feroz, chamado Arridano. Morgana lhe fornecera uma armadura impenetrável e o dotara de uma força que crescia proporcionalmente à do adversário. Ninguém jamais escapara desses embates, visto ser tão grande o seu poder de resistir que até mesmo debaixo d'água lhe era possível respirar sem problemas. Dessa forma, depois de lutar contra um cavaleiro e mergulhar com o adversário no lago, ele voltava à tona em triunfo trazendo os braços do inimigo.

Enquanto Falerina repetia alertas e conselhos, Orlando viu surgirem os braços de Rinaldo como se fossem troféus, em meio a outros espólios de guerra obtidos pelo vilão e, esquecendo a última briga, decidiu vingar o amigo. Chegando ao desfiladeiro, onde Arridano pretendia barrar-lhe o caminho, um torneio desesperado teve lugar, durante o qual Falerina fugiu. Arridano, concluindo que seria derrotado numa disputa armada, recorreu à sua arte peculiar, agarrando o antagonista e com ele mergulhando no lago. Ao atingir o fundo, Orlando imaginou estar numa pradaria, enquanto o lago, através do qual brilhavam os raios de sol, parecia situar-se acima da sua cabeça. A água o

cercava por todos os lados, formando uma espécie de parede de cristal. Ali, o combate foi retomado, e Orlando contou com a vantagem da sua espada mágica, forjada por Falerina para ser imune a qualquer feitiço. Assim armado, e contrabalançando a força do adversário com sua habilidade e energia superiores, não tardou a derrubar no chão o adversário, tirando-lhe a vida.

Apressou-se, então, a voltar à superfície e, seguindo o caminho que se abriu na água (tamanho era o poder da espada mágica), rapidamente alcançou a margem e se viu num campo tão cheio de pedras preciosas quanto o céu é de estrelas.

No meio dessa pradaria havia uma fonte e junto a ela dormia Morgana, uma dama de aparência encantadora, vestindo roupas brancas e carmins, uma vasta cabeleira lhe caindo na testa, enquanto a parte de trás da cabeça quase não exibia cabelo.

Enquanto admirava em silêncio a beldade, Orlando ouviu uma voz exclamar:

— Agarre a fada pelo cacho que lhe cai na testa se quiser ser bem-sucedido.

Sua atenção, porém, foi despertada por outra coisa impedindo-o de registrar o conselho. Seu olhar se fixou num conjunto de torres, pináculos e colunas, palácios com balcões e janelas, longas aleias repletas de árvores. Era uma cena de magnificência arquitetônica que extrapolava tudo que ele já vira. Enquanto a admirava num espanto mudo, a imagem aos poucos se dissolveu e sumiu.⁸

Recuperado do espanto, Orlando voltou o olhar na direção da fonte. A fada, que despertara e se pusera de pé, agora dançava ao redor da água com a leveza de uma folha, cadenciando os passos de acordo com a seguinte canção:

*Àquele que riqueza e tesouros almejar
Honra, prazer, nobreza e o que mais desejar,
Bastará apenas que me agarre pelo cabelo
Para tudo isso poder alcançar.*

*Que não deixe, porém, de boas ações praticar
Antes de fruir o breve repouso merecido
Pois a perda de hoje só há de aumentar*

A dor de amanhã para o pobre iludido

A fada, tendo entoado a canção, se foi, fugindo da pradaria florida por uma montanha enorme e inacessível. Orlando a perseguiu por entre espinhos e pedras, enquanto o céu aos poucos se nublava, e finalmente foi assaltado pela tempestade, por raios e granizo.

Enquanto o cavaleiro persistia em sua missão, uma mulher pálida e esquelética armada com um chicote saiu de uma caverna e, interceptando seus passos, agrediu-o com golpes vigorosos. Chamava-se Arrependimento e disse a Orlando que era encargo dela punir todos que ignoravam a voz da Prudência e capturar a Fada Fortuna tão logo pudesse.

Orlando, furioso diante desse castigo, investiu contra sua algoz, mas foi como se investisse contra o vento. Descobrimdo ser inútil resistir, retomou a caça à feiticeira, alcançou-a e tentou agarrá-la pelas vestes brancas e carmins, sem sucesso. Finalmente, quando ela virou a cabeça por um instante, o paladino aproveitou a oportunidade e puxou-a pelo cacho que lhe caía na testa. De imediato a tempestade passou, o céu serenou e Arrependimento recolheu-se à caverna.

Orlando exigiu, então, de Morgana, as chaves da prisão, e a feiticeira, adotando uma falsa expressão complacente, entregou-lhe uma chave de prata, aconselhando-o a ser cauteloso em utilizá-la, pois quebrar o cadeado equivaleria a envolver todos em uma inevitável destruição. O aviso levou o conde a meditar por um bom tempo e a ponderar:

*Quão poucos dentre os pretendentes que a dama importunam
Sabem como fazer girar a roda da Fortuna.*

Sem soltar a feiticeira, cujo cacho de cabelo continuava preso em suas mãos, Orlando se dirigiu para a prisão, girou a chave, sem com isso dar causa aos danos relatados, e libertou os prisioneiros, entre os quais estavam Florismart, Rinaldo e vários dos mais corajosos cavaleiros da França.

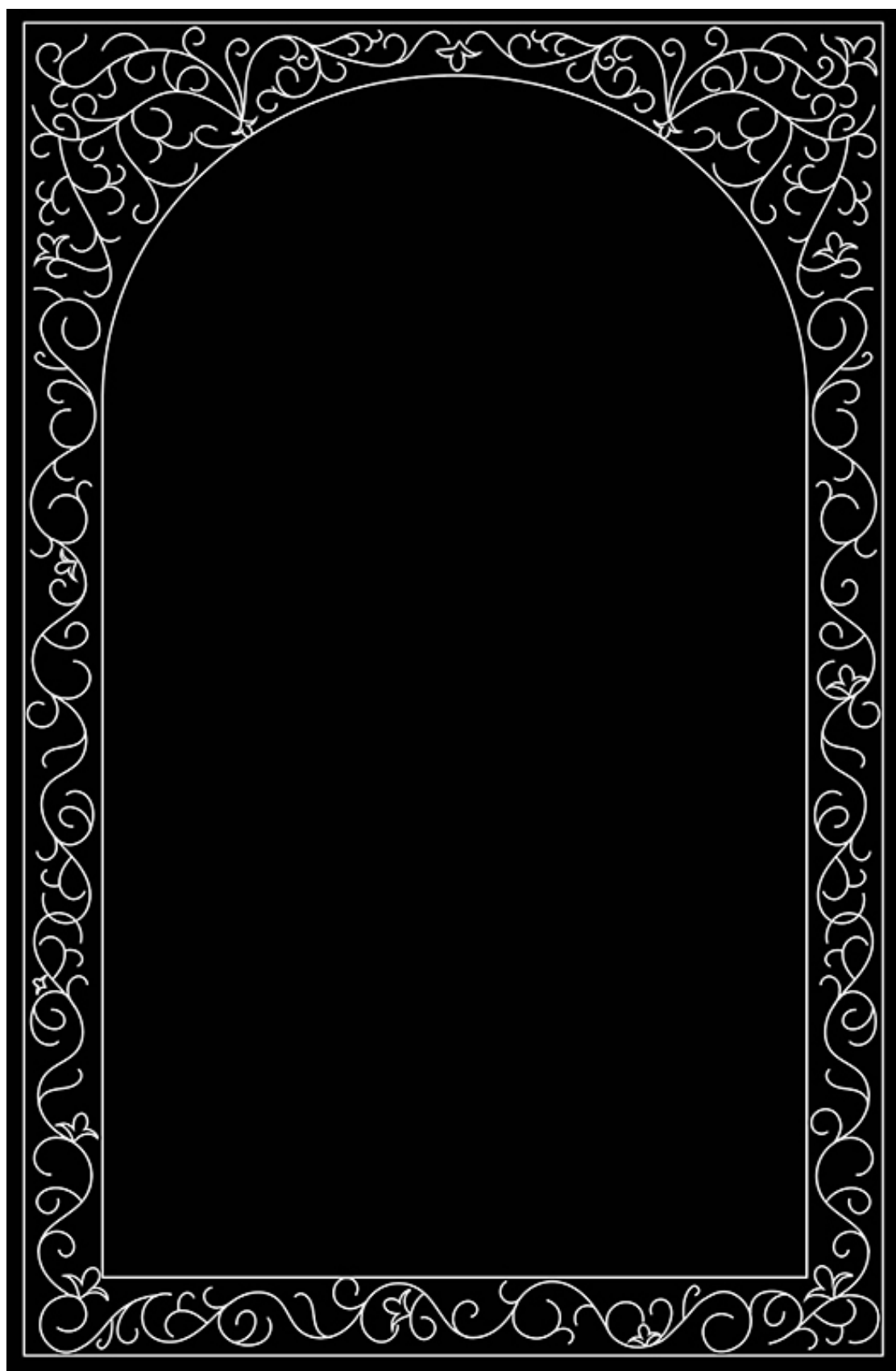
Morgana desaparecera e os cavaleiros, guiados por Orlando, refizeram o caminho que fizera o paladino, logo alcançando o campo do tesouro. Ao se ver no meio dessa enorme abastança, Rinaldo se lembrou da própria tropa empobrecida em Montalvão e não pôde resistir à tentação de se apropriar de

uma parte do butim. Foi-lhe especialmente difícil exercer autocontrole diante de uma corrente de ouro cravejada de diamantes, da qual se apossou e que já ia carregando, não obstante os protestos de Orlando, quando um vento violento o deteve e lançou-o de volta num redemoinho, já próximo ao portão. Isso se repetiu três vezes, e Rinaldo cedendo, afinal, à necessidade e ignorando os apelos dos amigos, abandonou o que pilhara.

O grupo logo chegou à ponte e a atravessou sem percalços, encontrando do outro lado o troféu decorado com seus brasões. Cada cavaleiro pegou o que lhe pertencia, e todos, exceto os paladinos e seus amigos, se despediram a fim de executar seus propósitos ou deveres. Dudon, o dinamarquês, um dos cavaleiros resgatados, informou aos primos que havia sido capturado por Morgana a caminho de uma visita a eles em nome de Carlos Magno, que solicitara seu auxílio para defender a Cristandade. Orlando se achava por demais fascinado por Angélica para atender a tal convocação e, seguido pelo leal Florismart, que se recusou a deixá-lo, voltou para Albraca. Rinaldo, Dudon, Iroldo, Prasildo e os demais tomaram o rumo do ocidente.

Nota

8 Essa é uma descrição poética de um fenômeno que dizem ter realmente ocorrido no estreito de Messina, entre a Sicília e a Calábria. Chama-se Fata Morgana ou Miragem.



Capítulo VI



A INVASÃO DA FRANÇA

Agramante, Rei da África, convocou os reis seus vassalos para deliberarem em conjunto. Recordou-lhes as ofensas que sofrera por parte da França e lembrou-lhes que o pai morrera lutando contra Carlos Magno, bem como, sendo ainda jovem, não lhe fora permitido até esse momento lavar a mancha de derrotas anteriores. Propôs, então, a eles declarar guerra à França.

Sobrino, seu conselheiro mais sábio, se opôs ao projeto, considerando-o precipitado. Porém, Rodomonte, o jovem e destemido Rei de Argel rotulou de ultrajante e covarde esse parecer, declarando-se ansioso para levar a cabo a empreitada. O Rei de Garamanta, venerável em razão da idade e famoso por sua sabedoria profética, interveio e garantiu a Agramante que uma tentativa desse tipo decerto fracassaria, a menos que ele pudesse conseguir a cooperação de um rapaz marcado pelo destino a ser um combatente à altura dos mais vigorosos cavaleiros da França: o jovem Ruggiero, descendente em linha direta de Heitor de Troia. Esse príncipe morava então no monte Carena, onde Atlantes, seu pai adotivo e um mago poderoso, o mantinha exilado, ao ter descoberto por meio de seus poderes mágicos que perderia o filho caso lhe desse permissão para se juntar ao mundo. Havia um único meio de quebrar os encantos de Atlantes e tirar Ruggiero de seu exílio: um anel, pertencente a Angélica, Princesa de Catai, que era um talismã contra todos os feitiços. Se fosse possível achá-lo, tudo daria certo; sem ele, a empreitada estaria fadada ao fracasso.

Rodomonte desdenhou tal declaração do velho profeta, e a mesma reação teria, provavelmente, o conselho, caso o rei idoso, oprimido pelo peso dos anos, não tivesse exalado seu último suspiro precisamente enquanto reafirmava sua previsão. O ocorrido causou impressão tão profunda, que levou à decisão

unânime de adiar a guerra até que fosse feita uma tentativa para ganhar a adesão de Ruggiero à causa.

O Rei Agramante, então, proclamou que a soberania de um reino seria a recompensa concedida a quem quer que conseguisse obter o anel de Angélica. O anão Brunello, o ladrão mais sutil de toda a África, assumiu esse encargo.

Para lograr tal intento, Brunello prontamente partiu para o reino de Angélica e chegou às muralhas de Albraca enquanto o exército sitiante se encontrava acampado diante da fortaleza. Com a atenção das tropas voltada para a batalha que era travada abaixo, o anão escalou a muralha, aproximou-se sem ser visto da princesa, tirou-lhe do dedo o anel e escapou despercebido. Rumou, apressado, para o litoral e, vendo um barco pronto para partir, nele embarcou, chegando a Biserta, na África. Ali encontrou Agramante, que aguardava com impaciência o talismã capaz de frustrar os feitiços de Atlantes e pôr Ruggiero em suas mãos. O anão, ajoelhando-se diante do rei, entregou-lhe o anel, e Agramante, eufórico com o sucesso da missão, corou-o Rei de Tingitana, como recompensa.

Todos estavam agora ansiosos para sair em busca de Ruggiero. Com esse intuito, a cavalgada partiu e, no devido tempo, chegou ao monte Carena.

Ao pé da montanha estendia-se uma planície cheia de árvores frutíferas e vegetação, banhada por um enorme rio. Dali era possível vislumbrar, no topo, um belo jardim no qual se erguia a mansão de Atlantes; o anel, porém, que revelava o que antes era invisível, não habilitava Agramante ou seus seguidores a entrarem nesse paraíso desvendado. Tão íngreme e lisa era a rocha que até mesmo Brunello fracassou em todas as tentativas que fez para escalá-la, nem por isso desistindo de alcançar tal objetivo. Depois de obter o consentimento de Agramante, fez os cavaleiros reunidos organizarem um torneio na planície abaixo, de modo a atrair Ruggiero para dele participar. O stratagema funcionou.

Ruggiero compareceu ao torneio e foi presenteado por Agramante com um esplêndido cavalo, Frontino, e uma espada magnífica. Sendo informado pelo rei de sua intenção de invadir a França, com satisfação concordou em aderir à expedição.

Rodomonte, enquanto isso, demasiado impaciente para aguardar os preparativos de Agramante, já embarcara com todos os soldados que conseguira

reunir, atracando na costa da França e derrotando os cristãos em vários embates. Antes disso, porém, Gano, ou Ganelão (como às vezes é chamado), o traidor, inimigo de Orlando e de outros sobrinhos de Carlos Magno, havia se correspondido, de forma traiçoeira, com Marsílio, o rei sarraceno da Espanha, convidando-o para ir à França. Marsílio, assim encorajado, comandou um exército na travessia da fronteira e se juntou a Rodomonte. A situação era essa quando Rinaldo e os outros cavaleiros que haviam atendido ao chamado de Dudon pegaram o caminho de volta à França.

Ao chegar a Buda, na Hungria, encontraram o rei dessa nação prestes a enviar o filho, Ottachiero, à frente do seu exército para socorrer Carlos Magno. Encantado com a chegada de Rinaldo, o rei pôs o filho e seus soldados sob o comando do cavaleiro. No devido tempo, o exército alcançou a fronteira da França e, junto com os soldados de Desiderius, Rei da Lombardia, entrou na Provença. Não fazia muitos dias que marchavam nessa trilha quando os exércitos confederados ouviram, por trás dos morros, o ruído de tambores e trombetas que indicavam o conflito entre os pagãos, liderados por Rodomonte, e as forças cristãs. Rinaldo, observando de uma montanha a destreza de Rodomonte, deixou seus soldados a cargo dos amigos e galopou ao encontro do inimigo, de lança em punho. O impulso era irresistível, mais ainda visto que Rodomonte não estava a cavalo, mas Rinaldo, não querendo se aproveitar dessa vantagem, voltou a galope até o morro, onde deixou Baiardo em meio à bagagem, retornando, então, para enfrentar Rodomonte no solo.

Nesse ínterim, a batalha se tornara generalizada e os húngaros foram derrotados. Ottachiero fora ferido, e Dudon, capturado, conforme descobriu Rinaldo, mortificado, ao voltar. Enquanto ia ao encontro de Rodomonte para reiniciar o embate, mais uma vez ouviram-se tambores e trombetas, e Carlos Magno, comandando o destacamento principal de soldados, surgiu no horizonte pronto para a batalha.

Diante disso, Rodomonte montou no cavalo de Dudon, deixando Rinaldo a pé, e galopou na direção desse novo inimigo.

Agramante, acompanhado de Ruggiero, a essa altura já aportara e se juntara a Rodomonte com todos os seus soldados. Ruggiero abraçou essa primeira oportunidade de se destacar e espalhar o terror por onde quer que passasse, enfrentando e vencendo vários dos mais corajosos cavaleiros da

França. Viu-se, finalmente, na iminência de lutar contra Rinaldo que, tendo sido interrompido enquanto combatia Rodomonte e incapaz de segui-lo por estar a pé, chamava aos gritos o oponente para que voltasse a fim de decidir a disputa. Ruggiero também estava a pé e, vendo um cavaleiro cristão tão ansioso por um embate, ofereceu-se para substituir o adversário anterior. Rinaldo percebeu imediatamente que o príncipe mouro era um guerreiro à sua altura e com satisfação aceitou o desafio. A luta no campo de batalha durou algum tempo, mas a sorte foi favorável ao exército infiel, e os soldados de Carlos Magno cederam e debandaram em meio a uma enorme confusão. Os dois desafiantes foram separados por uma multidão de fugitivos e perseguidores, e Rinaldo se apressou a recuperar seu cavalo. Baiardo, porém, se soltara das amarras no tumulto, e Rinaldo o seguiu até uma floresta densa, afastando-se definitivamente de Ruggiero.

Ruggiero, que também procurava o próprio cavalo, chegou a um local onde dois guerreiros travavam um combate mortal. Embora não soubesse de quem se tratava, conseguiu concluir que um deles era pagão, e o outro, cristão. Impelido pelo espírito da cortesia, aproximou-se e exclamou:

— Que aquele dos dois que adora Cristo faça uma pausa e ouça o que tenho a dizer: o exército de Carlos foi derrotado e está em fuga, o que significa que se quiser seguir seu líder não há tempo a perder.

O cavaleiro cristão, ninguém menos que Bradamante, uma guerreira tão hábil quanto o melhor dos cavaleiros, ficou estupefato com a notícia e teria de bom grado deixado a disputa indefinida e corrido para o campo de batalha, caso Rodomonte, seu oponente, não lhe negasse peremptoriamente consentimento para tanto. Ruggiero, indignado com essa descortesia, insistiu para que a guerreira seguisse seu caminho, substituindo-a na luta com Rodomonte.

O embate, obstinadamente mantido por ambas as partes, foi interrompido pelo retorno de Bradamante, que, incapaz de alcançar os fugitivos e relutando em deixar para outrem o encargo e o risco de uma contenda que era sua, voltara para reivindicá-la. Chegou, no entanto, no momento em que seu substituto desferira um tal golpe no inimigo que este foi obrigado a largar a espada e as rédeas. Ruggiero, ignorando a oportunidade de se aproveitar da

situação indefesa do adversário, permaneceu montado em seu cavalo enquanto o de Rodomonte andava a esmo levando em seu lombo o cavaleiro atônito.

Bradamante se aproximou de Ruggiero, mais impressionada ainda com a postura do cavaleiro e a demonstração de tamanha capacidade de tolerância. Dirigiu-se a ele, pedindo desculpas por tê-lo exposto a um inimigo contra o qual lutara em nome dela e alegando como motivo o dever de defender a causa do seu soberano. Enquanto isso, Rodomonte, recuperado do golpe, aproximou-se de ambos, montado em seu cavalo. Seu comportamento, porém, havia mudado, e ele declarou ter abandonado qualquer ideia de travar outro combate com um oponente que, segundo afirmou, “já o conquistara com sua cortesia”. Dito isso, despediu-se do adversário, pegou a espada e sumiu de vista.

Bradamante se mostrou, novamente, desejosa de ir ao encontro dos companheiros de armas e Ruggiero se ofereceu para acompanhá-la, embora ainda desconhecesse estar diante de uma mulher.

Enquanto cavalgavam juntos, Bradamante indagou o nome e a condição do novo acompanhante, e Ruggiero a pôs a par da sua origem e linhagem. Contou-lhe que Astíanax, o filho de Heitor de Troia, estabelecera o reino de Messina na Sicília. Dele descendiam dois ramos, do qual haviam brotado duas famílias de renome. De um deles originara-se a raça régia de Pepino e Carlos Magno, e do outro, a de Reggio, na Itália.

— Pertenço ao ramo de Reggio — prosseguiu. — Minha mãe, obrigada a fugir após o assassinato do meu pai, morreu ao me dar à luz. Fui, então, adotado por um sábio feiticeiro, que me treinou para ser guerreiro em meio aos perigos do deserto e das perseguições.

Terminado o relato, Ruggiero pediu que o interlocutor lhe fornecesse informações similares em nome da cortesia, ouvindo em resposta que a sua linhagem era a de Clermont e que tinha um irmão chamado Rinaldo, cuja fama Ruggiero talvez conhecesse. Ruggiero, surpreso e impressionado, pediu que Bradamante retirasse o elmo e, ao ver seu rosto, ficou extasiado.

Enquanto a contemplava com admiração, um perigo inesperado se abateu sobre os dois. Um grupo escondido na floresta a fim de interceptar os cristãos em fuga saiu do esconderijo e investiu contra a dupla. Bradamante, despida do elmo, foi ferida na cabeça. Ruggiero encheu-se de fúria diante desse ataque, e Bradamante, repondo o elmo, juntou-se a ele para executar uma pronta

vingança contra os inimigos. Livraram-se de todos, mas acabaram separados no curso dessa empreitada, e Ruggiero, desistindo da perseguição, vagou pelo morro e pelo vale em busca daquela que nem bem conhecera já havia perdido.

Enquanto empreendia essa busca, cruzou no caminho com dois cavaleiros, aos quais se juntou, pedindo-lhes ajuda para achar seu par, descrevendo, para esse fim, as armas que portava, mas se abstendo de informar, até certo ponto movido pelo ciúme, sua condição e seu sexo.

Era noite quando os três se encontraram, e depois de cavalgarem juntos madrugada adentro, o sol já começava a raiar quando um dos desconhecidos, observando o escudo de Ruggiero, exigiu saber que direito ele tinha a usar as insígnias troianas. Ruggiero declarou sua origem e linhagem e, por sua vez, indagou do interlocutor a que se devia a pretensão deste de conhecer Heitor, ao que o desconhecido respondeu:

— Meu nome é Mandricardo e sou filho de Agrican, o rei tártaro que Orlando traiçoeiramente matou. Afirmo que foi de forma traiçoeira, pois numa luta justa tal intento jamais seria alcançado. Em busca dele vim até a França, para vingar meu pai e arrancar-lhe a Durindana, a famosa espada que pertence a mim e não a ele.

Quando os cavaleiros quiseram saber que direito ele tinha de reivindicar a Durindana, Mandricardo contou sua história:

— Antes da morte do meu pai, eu era um jovem inquieto e rebelde. Esse acontecimento despertou minhas energias e me impeliu a buscar vingança. Decidido a não dever o sucesso senão ao meu próprio esforço, parti sem escolta, cavalo ou armas. Viajando sozinho e a pé, deparei-me com um pavilhão, situado próximo a uma fonte, e nele entrei, disposto a aventuras. Ali conheci uma donzela graciosa, que, respondendo à minha pergunta, esclareceu que a fonte era obra de uma feiticeira, cujo castelo ficava atrás de um morro vizinho, onde ela vigiava um tesouro do qual vários cavaleiros haviam tentado se apossar, sem sucesso, tendo perdido a vida ou a liberdade por causa disso. Esse tesouro continha as armas de Heitor, Príncipe de Troia, morto traiçoeiramente por Aquiles. O tesouro estava completo, salvo pela espada, Durindana, que caíra nas mãos de uma rainha chamada Pentésiléia, que a legara aos seus descendentes dos quais herdou-a Almontes, morto por Orlando que, então, tornou-se seu proprietário. As demais armas de Heitor foram

resgatadas por Eneias e ofertadas a essa feiticeira como recompensa por serviços prestados. “Se tiverdes a coragem de tentar obtê-las”, disse a donzela, “serei vossa guia”.

Mandricardo contou ter aceitado com satisfação a proposta e recebido da donzela um cavalo e uma armadura, partindo em seguida para realizar a missão, acompanhado da moça.

No caminho, recebera dela a lista dos perigos que o aguardavam. As armas de Heitor ficavam sob a guarda de um cavaleiro, um dos muitos que haviam fracassado na conquista desse prêmio e que fora feito, como todos os demais, prisioneiro da feiticeira, sendo obrigado a revezar-se com os outros para defender o tesouro contra quem tentasse aventura similar. A dupla chegou ao castelo, que era feito de alabastro e revestido de ouro. Diante dele, num gramado, viram um cavaleiro armado e a cavalo, que não era outro senão Gradasso, Rei de Sericana, que, ao retornar para casa depois da sua fracassada tentativa de invadir a França, havia sido capturado pela feiticeira e ficara sujeito a lhe obedecer. Ao vê-lo, Mandricardo baixou a viseira do elmo e empunhou a lança. O defensor do castelo também estava preparado, e cada qual investiu contra o oponente. Enfrentaram-se de igual para igual, partindo suas lanças e recorrendo, então, às espadas. Passado um bom tempo de contenda, o resultado continuava indefinido, mas Mandricardo, decidido a concluir a disputa, prendeu Gradasso com os braços, lutou com ele e ambos caíram de seus cavalos. Mandricardo, porém, caiu em pé e, aproveitando essa vantagem, obrigou Gradasso a se render. A donzela interveio então, parabenizando o vencedor e consolando o derrotado da melhor forma que pôde.

Mandricardo e a donzela se dirigiram ao portão do castelo que descobriram estar desguarnecido. Quando entraram, viram um escudo que pendia de uma pilastra de ouro. Nele havia uma águia branca num campo azul-celeste, em homenagem ao pássaro sob a forma do qual Zeus raptou Ganimedes, fina flor da Frígia, levando-o para o Olimpo. Os seguintes dizeres se achavam ali gravados:

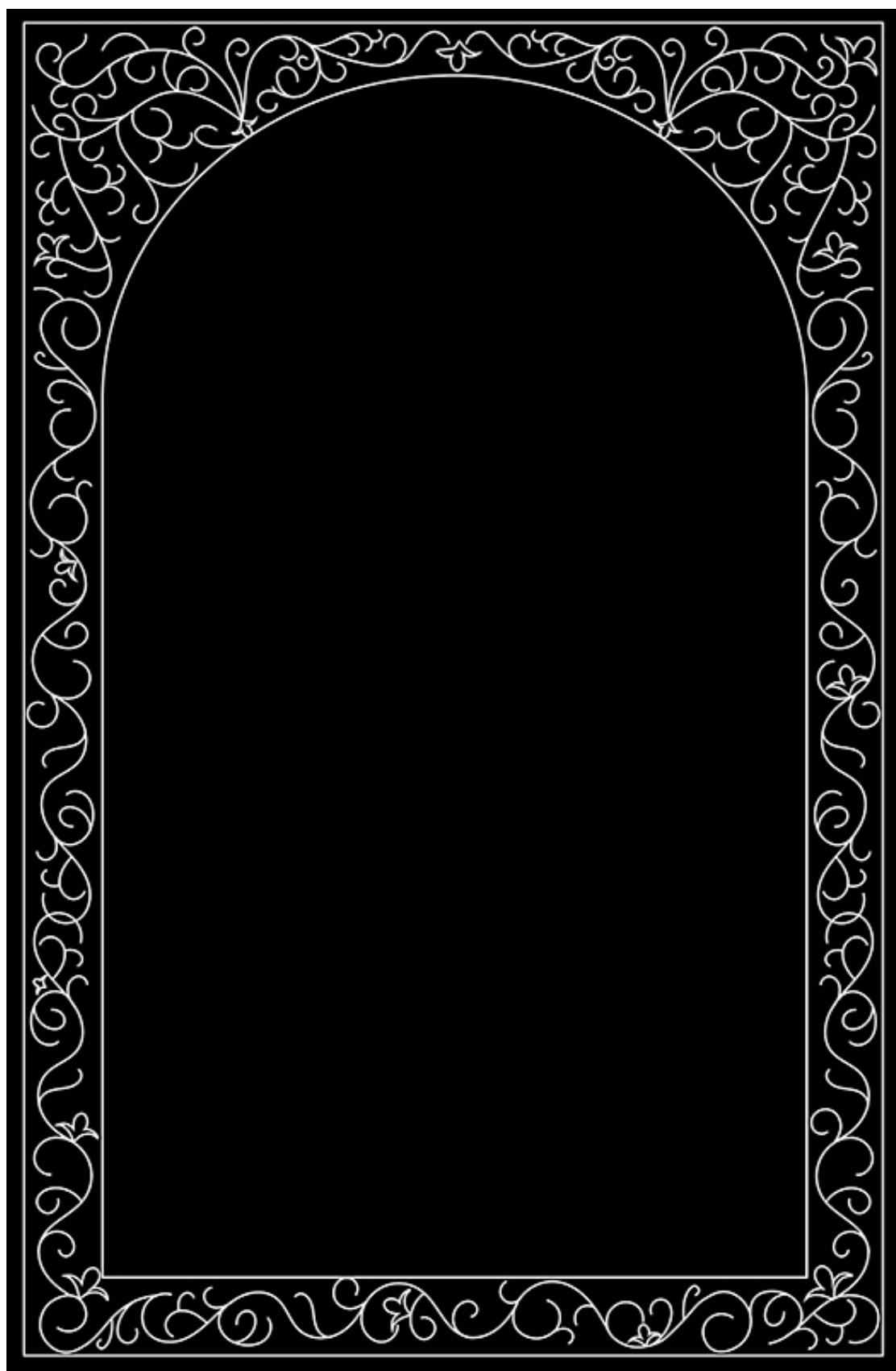
*Que ninguém com mão profana meu escudo ouse tocar
Salvo se for capaz de, sozinho, a força de Heitor demonstrar.*

A donzela, apeando-se do palafrém, reverenciou as armas, ajoelhando-se respeitosamente. O rei tártaro inclinou a cabeça com a mesma reverência. Em seguida, aproximando-se do escudo, tocou-o com a espada. Nesse instante, um terremoto sacudiu o solo e o portão por onde haviam entrado se fechou. Outro portão, em frente ao primeiro, abriu-se, revelando um campo repleto de caules e grãos de ouro. Diante disso, a donzela explicou que não havia maneira de retornar senão colhendo o que estava diante dele e arrancando pela raiz uma árvore no meio do campo. Mandricardo, sem responder, começou a arar o solo com a espada, mas mal desferira três golpes quando notou que cada caule ceifado imediatamente se transformava em algum animal venenoso ou voraz, prestes a atacá-lo. Instruído pela donzela, pegou uma pedra do chão e atirou-a no meio do bando. Um fato curioso então se deu: tão logo a pedra caiu sobre os animais, uns se voltaram contra os outros, destroçando-se mutuamente. Mandricardo não se deteve para admirar tal milagre, persistindo no cumprimento da sua tarefa e arrancando a árvore. Agarrando-a pelo tronco, fez várias tentativas de arrancá-la pela raiz. Cada tentativa provocava uma chuva de folhas, instantaneamente transformadas em pássaros predadores, que investiam sobre ele batendo com as asas em seu rosto com guinchos pavorosos. Sem desanimar ante esse novo incômodo, Mandricardo continuou a puxar o tronco até este ceder. Uma lufada de vento e trovões fez os gaviões e os abutres voarem ruidosamente para longe.

Isso, contudo, somente deu lugar a um novo inimigo: no buraco aberto no lugar do qual a árvore fora arrancada surgiu uma serpente furiosa que, avançando sobre Mandricardo, enroscou-se nas pernas do rei com força tal que quase o esmagou. A sorte, porém, novamente lhe sorriu, pois, esquivando-se por baixo do monstro, Mandricardo caiu de costas no buraco, esmagando o inimigo com seu peso.

Depois de parcialmente recuperado e seguro de que a serpente fora destruída, Mandricardo começou a observar o lugar em que caíra e viu tratar-se de um cofre, cravejado de metais valiosos e iluminado por carvão incandescente. No centro havia uma espécie de esquife de mármore sobre o qual jazia o que aparentava ser um cavaleiro de armadura, mas não passava, na verdade de uma panóplia vazia, composta pelas armas preciosas antes pertencentes a Heitor, entre as quais somente a espada não estava. Enquanto

Mandricardo contemplava aquele tesouro, uma porta se abriu às suas costas e um grupo de donzelas entrou, dançando. Pegando uma por uma as armas ali expostas, as moças o levaram até o local onde o escudo estava pendurado e onde se achava sentada, em toda a sua pompa, a feiticeira do castelo. Ali ele foi investido com as armas que fizera por merecer, depois de prestar o juramento solene de jamais usar outra lâmina exceto a Durindana, que teria de tomar de Orlando, concluindo, assim, a conquista das armas de Heitor.



Capítulo VII



A INVASÃO DA FRANÇA (CONTINUAÇÃO)

Tendo chegado ao fim da sua história, Mandricardo recorreu a Ruggiero e propôs decidir nas armas qual dos dois era mais digno de usar o símbolo do cavaleiro troiano.

Ruggiero não encontrou nenhum outro motivo para recusar a proposta além do escrúpulo oriundo da observação de que seu oponente não portava espada. Mandricardo insistiu que isso não precisava ser um empecilho, já que seu juramento o impedia de utilizar uma espada até que conseguisse obter a Durindana.

Mal terminou de apresentar esse argumento, e um novo adversário surgiu na pessoa de Gradasso, que agora o acompanhava. Gradasso reivindicou seu direito precedente à Durindana, cuja conquista fora o objetivo que o motivara a aventurar-se (como já relatado no início) naquela frustrada invasão da França. Uma briga eclodiu entre os reis da Tartária e de Sericana. Enquanto tinha lugar a inflamada disputa, um cavaleiro apareceu, acompanhado de uma donzela, ao qual Ruggiero relatou a causa do embate. Tratava-se de Florismart e sua companheira Flordelis. Florismart conseguiu celebrar um acordo entre os dois contendores, informando-os de que podia levá-los à presença de Orlando, o proprietário da Durindana.

Gradasso e Mandricardo rapidamente selaram uma trégua, a fim de acompanhar Florismart, e Ruggiero se negou a ficar para trás.

A caminho do encontro, o grupo foi abordado por um anão, que solicitou ajuda em nome da sua amada, que havia sido levada por um feiticeiro montado num cavalo alado. Por menos dispostos a deixarem a questão da espada indefinida, não foi possível aos cavaleiros recusar tal apelo. Dois deles, Gradasso e Ruggiero, acompanharam então o anão. Mandricardo seguiu em

busca de Orlando, e Florismart, com Flordelis, tomaram a direção do acampamento de Carlos Magno.

Atlantes, o feiticeiro que criara Ruggiero e lhe dedicava uma profunda afeição, graças a seus poderes mágicos estava ciente de que o rapaz estava fadado a lhe ser tirado e convertido à fé cristã sob a influência de Bradamante, a donzela real que o destino pusera em seu caminho. Pensando em frustrar o desígnio divino nessa questão, Atlante decidiu usar seus poderes para recuperar o domínio sobre Ruggiero. Com a ajuda de seus demônios subservientes, ergueu um castelo a uma altura inacessível, nos montes Pirineus, e, com a finalidade de tornar o pupilo seu morador, decidiu atrair e capturar cavaleiros e donzelas que o destino levasse às redondezas do castelo, onde, numa espécie de paraíso sensual, o desejo de todos seria esquecer glória e dever e desfrutar de prazeres indolentes.

O anão que tentava agora seduzir os cavaleiros fora enviado por Atlantes, que pretendia atraí-los para seus domínios.

Devemos, porém, voltar a Rinaldo, cujo combate com Rodomonte havia sido interrompido mais cedo. Em busca de seu último adversário e decidido a definir a disputa, Rinaldo adentrou a floresta de Ardenas, onde imaginou que Rodomonte pudesse estar. No curso dessa busca, foi surpreendido pela visão de uma linda criança dançando nua, com três donzelas de aparência tão bela quanto a dele. Enquanto admirava a visão, a criança se aproximou e, jogando para ele punhados de rosas e lírios, derrubou-o do cavalo. Mal tocou o solo, Rinaldo foi agarrado pelas dançarinas e açoitado com flores até quase perder os sentidos. Quando começou a voltar a si, um membro do grupo se aproximou e lhe disse que o castigo era consequência da sua rebelião contra o poder perante o qual todas as coisas se curvam, e que o único remédio para cicatrizar as feridas por ele infligidas era beber da água do Amor. Dito isso, deixaram-no só.

Rinaldo, dolorido e zozzo, arrastou-se até uma fonte próxima e, sedento e quase inconsciente, bebeu com voracidade aquela água, que era doce ao paladar, mas amarga para o coração. Depois de vários goles, recuperou a força e a consciência e se viu no mesmo lugar em que Angélica o acordara com uma chuva de flores e de onde ele fugira, desdenhando a cortesia da princesa.

A essa recordação da cena seguiu-se o reconhecimento do seu crime e, arrependendo-se amargamente da própria ingratidão, Rinaldo montou em

Baiardo com a intenção de correr para o reino de Angélica a fim de lhe pedir perdão de joelhos.

Refaçamos agora os nossos passos e voltemos ao momento em que os paladinos souberam por Dudon da convocação feita por Carlos Magno para que retornassem à França para repelir os invasores, comando obedecido por todos, com exceção de Orlando, cuja paixão por Angélica ainda o mantinha refém. Orlando, chegando a Albraca, encontrou a cidade sitiada. Ainda assim, entrou na fortaleza e relatou suas aventuras a Angélica, desde o instante em que partira até se separar de Rinaldo e dos demais, quando estes se despediram para partir em defesa de Carlos Magno. Angélica, por sua vez, descreveu a angústia das tropas e a força dos sitiadores e por fim pediu a Orlando que facilitasse sua fuga do perigo iminente e a escoltasse até a França. Orlando, sem suspeitar de que o amor dela por Rinaldo fosse o motivo secreto desse pedido, aceitou de bom grado a proposta.

Deixando as tochas ardendo na fortaleza, os dois partiram ao cair da noite e passaram em segurança pelo acampamento do inimigo. Depois de enfrentarem inúmeras aventuras, chegaram ao litoral e embarcaram num bote rumo à França. A embarcação chegou em segurança e os viajantes, desembarcando na Provença, prosseguiram por terra. Um dia, encalorados e exaustos, buscaram abrigo do sol na floresta de Ardenas e o destino conduziu Angélica até a fonte do Desprezo, de cuja água ela bebeu vorazmente.

Saindo da floresta, o conde e a donzela encontraram um cavaleiro desconhecido que não era outro senão Rinaldo, prestes a sair numa peregrinação em busca de Angélica, para implorar seu perdão pela própria insensibilidade e declarar sua recém-descoberta paixão. Surpresa e deleite o deixaram inicialmente sem fala, mas, recuperando-se em seguida, com euforia saudou-a, reivindicando-a para si e exortando-a a aceitar sua proteção. Angélica o repeliu com desprezo, e Orlando, furioso ante tal invasão de seus direitos, desafiou Rinaldo a resolver a disputa nas armas.

Horrorizada com a luta que se seguiu, Angélica fugiu pela floresta e chegou a uma planície repleta de tendas. Era o acampamento de Carlos Magno, que comandava o exército reserva destinado a apoiar os soldados que haviam avançado para enfrentar Marsílio. Carlos, depois de ouvir o relato da donzela, com dificuldade separou os dois primos, entregando em seguida Angélica, o

pomo da discórdia, aos cuidados de Namor, Duque da Bavária, com a promessa de que ela seria daquele que mais a merecesse na batalha iminente.

Esses planos e esperanças foram, porém, frustrados. O exército cristão, vencido em todas as frentes, fugiu dos sarracenos, e Angélica, indiferente a ambos os amantes, montou num rápido palafrém e adentrou a floresta, jubilosa, a despeito do medo, por ter recuperado a liberdade. Parou, finalmente, num pequeno bosque, onde soprava uma brisa amena e cujas árvores novinhas eram banhadas por dois riachos cristalinos, que se encontravam e fundiam suas águas, gerando um murmúrio agradável. Acreditando estar longe de Rinaldo e vencida pelo cansaço e pelo calor estival, viu, encantada, um gramado quase escondido por um tapete de flores convidando-a a deitar e descansar. Desceu do palafrém e deixou-o solto para que pudesse refazer as energias com a grama tenra que margeava os riachos. Então, num nicho atapetado com musgo e cercado por rosas, deitou-se para um merecido repouso.

Não dormira muito tempo quando foi despertada pelo ruído de um cavalo se aproximando. Assustada, viu um cavaleiro armado que chegara à margem do córrego. Sem saber se o cavaleiro era ou não temível, sentiu o coração bater mais rápido. Afastou as folhas para conseguir enxergar quem era, mas mal ousou respirar por medo de revelar sua presença. Logo o cavaleiro se esticou na margem florida e, descansado a cabeça na mão, passou a sonhar acordado. Interrompendo, então, o próprio silêncio, começou a proferir queixas misturadas a profundos suspiros. Rios de lágrimas lhe escorreram pelo rosto e o peito parecia arfar com uma chama escondida.

— Ai, vãos arrependimentos! — exclamou. — Ai, destino cruel! Outros triunfam, enquanto eu sofro horivelmente! Mil vezes perder a vida do que arrastar uma corrente tão vergonhosa e opressiva!

A essa altura, Angélica reconheceu o estranho e viu que se tratava de Sacripante, Rei da Circássia, um dos mais valorosos pretendentes à sua mão. Esse príncipe seguira Angélica desde o seu reino até a França, onde soube, inconformado, que ela se encontrava sob a guarda do paladino Orlando, e que o imperador anunciara que a daria como recompensa ao sobrinho que, pela coragem, demonstrasse mais merecê-la.

Enquanto Sacripanto continuava a se lamentar, Angélica, que sempre se mostrara dura como o mármore aos suspiros do monarca, disse a si mesma que nada a impedia de usar seus préstimos nessa crise tão infeliz. Embora firmemente decidida a jamais aceitar casar-se com ele, sentiu a necessidade de lhe dar uma tênue esperança em troca do favor que queria pedir. De repente, como Diana, saiu do esconderijo e se aproximou do inconformado.

— Que os deuses vos preservem — disse — e afastem de vós tudo o que de mal pensais de mim!

Contou-lhe então as mazelas que sofrera desde que haviam se despedido na Corte do pai e como se valera da proteção de Orlando para escapar da cidade sitiada. Nesse momento, ouviu-se um ruído de um cavalo e da armadura de um cavaleiro. Sacripanto, furioso com a interrupção, repôs o elmo, montou em seu cavalo e empunhou a lança. Viu um cavaleiro avançando, com escudo e penacho alvos como a neve. Encarou-o com expressão zangada e, embora estivesse a uma certa distância, desafiou-o para um combate. O outro, sem se sentir intimidado, meramente preparou sua defesa sem responder. Os dois cavalos, esporeados simultaneamente, investiram um sobre o outro com o ímpeto de uma tempestade. Os escudos foram ambos perfurados pela lança dos adversários e apenas a têmpera dos peitorais salvou-lhes a vida. Ambos os cavalos recuaram com a violência do choque, mas o do cavaleiro desconhecido se recuperou ao ser tocado pela espora. O do rei sarraceno tombou morto, levando o cavaleiro a cair com ele. O cavaleiro branco, vendo o inimigo em tal condição, não se deu ao trabalho de retomar a contenda, mas, pensando já ter feito o suficiente para alcançar a glória, seguiu caminho através da floresta e já estava a quase dois quilômetros de distância quando Sacripanto desvencilhou-se do próprio cavalo.

Como um fazendeiro cujos bois caíram mortos com o barulho de um trovão, fica paralisado e com tristeza contempla a própria perda, Sacripanto igualmente se mostrou confuso e mortificado por Angélica haver testemunhado sua derrota. Gemeu, suspirou, menos da dor e dos ferimentos do que de vergonha por se ver reduzido a esse estado diante dela. A princesa teve pena do príncipe e o consolou da melhor maneira que pôde.

— Não vos aflija, meu senhor — disse ela. — Esse acidente ocorreu tão somente em consequência da debilidade do seu cavalo, que necessitava de mais

descanso e comida para um embate como esse. Vosso adversário também não merece crédito pela vitória, já que se apressou a partir, não se aventurando a retomar a contenda.

Enquanto ela assim consolava Sacripanto, os dois se deram conta da aproximação de alguém que parecia ser um mensageiro, com uma sacola e uma corneta. O recém-chegado abordou Sacripanto, indagando se ele vira um cavaleiro com um escudo brando e uma pluma branca no elmo.

— Na verdade, eu o vi demasiado bem — respondeu Sacripanto. — Foi ele quem me derrubou. Espero ao menos descobrir agora quem é esse cavaleiro.

— Essa informação eu tenho — disse o homem. — Saiba que, se alguém o derrubou, esse destino se deve à destreza de uma dama tão bela quanto corajosa. Trata-se da ilustre Bradamante, que obteve no combate as honras da vitória.

Com essas palavras, o mensageiro seguiu caminho, deixando Sacripanto mais confuso e mortificado do que nunca. Em silêncio, ele montou no cavalo de Angélica, levando a donzela na garupa e partiu em busca de um abrigo mais seguro. Mal haviam cavalgado três quilômetros quando um novo ruído se fez ouvir na floresta. Um cavalo galante e vigoroso, que transpunha os obstáculos e afastava os galhos que se interpunham em seu caminho, surgiu-lhes, então, diante dos olhos, equipado com arreios adornados de ouro.

— Se posso crer em meus olhos, que enxergam com dificuldade na mata — disse Angélica —, esse cavalo que corre com tanto vigor entre os galhos é Baiardo, e fico encantada de ver como aparenta saber a necessidade que temos dele, estando ambos no lombo de um animal tão frágil.

Sacripanto, descendo do palafrém, aproximou-se do veloz corredor e tentou segurar seu bridão. O altivo animal, porém, virando-lhe as costas, desferiu-lhe uma série de coices suficiente para partir um muro de mármore. Baiardo, então, pôs-se ao lado de Angélica com a mesma doçura que um cão fiel demonstra pelo dono após uma longa separação. Lembrava-se de como ela o acariciara e até mesmo o alimentara em Albraca. A donzela pegou o bridão com a mão esquerda, enquanto com a direita lhe afagava o pescoço. O belo animal, dotado de inteligência ímpar, se submeteu integralmente. Sacripanto aproveitou a oportunidade para avançar sobre ele, controlando seus arroubos, e Angélica, abandonando a garupa do palafrém, reassumiu seu lugar na sela.

Voltando, porém, a atenção para o local de onde vinha o ruído de armas, Sacripanto viu Rinaldo. Esse herói estava agora mais apaixonado por Angélica do que pela própria vida, e ela dele fugiu como o diabo da cruz.

A fonte da qual bebera Angélica produzira um tal efeito sobre a bela rainha que a levou a implorar a Sacripanto, com uma expressão atormentada e numa voz trêmula, que não aguardasse a chegada de Rinaldo e a acompanhasse na fuga.

— Serei, acaso — reagiu Sacripanto —, tão digno da vossa confiança a ponto de fazer-vos duvidar do meu poder de vos defender? Esquecei-vos da batalha de Albraca e como, em vossa defesa, lutei corpo a corpo contra Agrican e todos os seus cavaleiros?

Angélica não respondeu, indecisa sobre como agir, mas Rinaldo já se achava próximo demais para ser possível dele escapar. O recém-chegado avançou ameaçadoramente na direção do rei circassiano, pois reconhecera o próprio cavalo.

— Vil comandante — gritou —, descei desse cavalo e evitai a punição que vos é devida pela ousadia de roubar de mim o que me pertence. Deixai, igualmente, a princesa em minhas mãos, pois seria, com efeito, um pecado permitir que dama tão encantadora e animal tão extraordinário permanecessem sob vosso domínio.

O Rei de Circássia, furioso ante tamanho insulto, gritou em resposta:

— Mentis, vilão, ao me chamardes de ladrão, termo que mais se aplica a vós do que a mim. É verdade que a beleza dessa dama e a perfeição desse cavalo são inigualáveis; aproximai-vos, então, para que decidamos qual de nós dois é mais digno de possuí-los.

Ditas essas palavras, o Rei de Circássia e Rinaldo investiram um contra o outro com todas as suas forças, um lutando no solo e o outro a cavalo. Não se deve, contudo, supor que o rei sarraceno tirou alguma vantagem disso, pois um jovem pajem sem experiência equestre não se sairia tão mal no manejo de Baiardo quanto esse rematado cavaleiro. O animal leal amava por demais seu dono para feri-lo, recusando tanto ajuda quanto obediência àquele que o instava a avançar, baixando a cabeça e arqueando o lombo, estirando as patas para os lados, a ponto de quase derrubar o sarraceno da sela. Sacripanto, percebendo ser incapaz de controlá-lo, ficou em pé na sela e saltou

graciosamente para o chão quando a oportunidade se apresentou. Livre da inconveniência do cavalo, retomou o combate em termos mais equânimes. A habilidade dos dois contendores no manejo da espada era similar; um investia, o outro se esquivava; com um dos pés firmemente plantados, ambos giravam e serpenteavam, quer para desferir golpes quanto para evitá-los. Finalmente Rinaldo, investindo contra o circassiano, acertou-lhe um golpe tão terrível que Fusberta, sua fiel espada, cortou pelo meio o escudo de Sacripanto, embora este fosse feito de osso e coberto com uma grossa placa de aço bem temperado. O braço do sarraceno, privado de sua defesa, quase foi paralisado pelo golpe. Angélica, pressentindo que o desfecho da luta estava próximo e temendo tornar-se o prêmio de Rinaldo, deixou de lado a hesitação e virando a cabeça do palafrém fugiu a toda velocidade. A despeito do grande número de seixos que cobriam uma íngreme descida, a donzela mergulhou num vale profundo, tremendo de medo de que Rinaldo estivesse às suas costas. No chão do vale, encontrou um velho ermitão, cuja barba branca lhe chegava à cintura e cuja aparência veneranda lhe conferia respeitabilidade.

O ermitão, encolhido sob o peso dos anos e a privação do jejum, se movia com lentidão, montado num asno indigente. A princesa, dominada pelo pavor, implorou que o homem lhe salvasse a vida e a conduzisse a algum porto marítimo onde pudesse embarcar e partir da França para jamais ter de ouvir o odioso nome de Rinaldo.

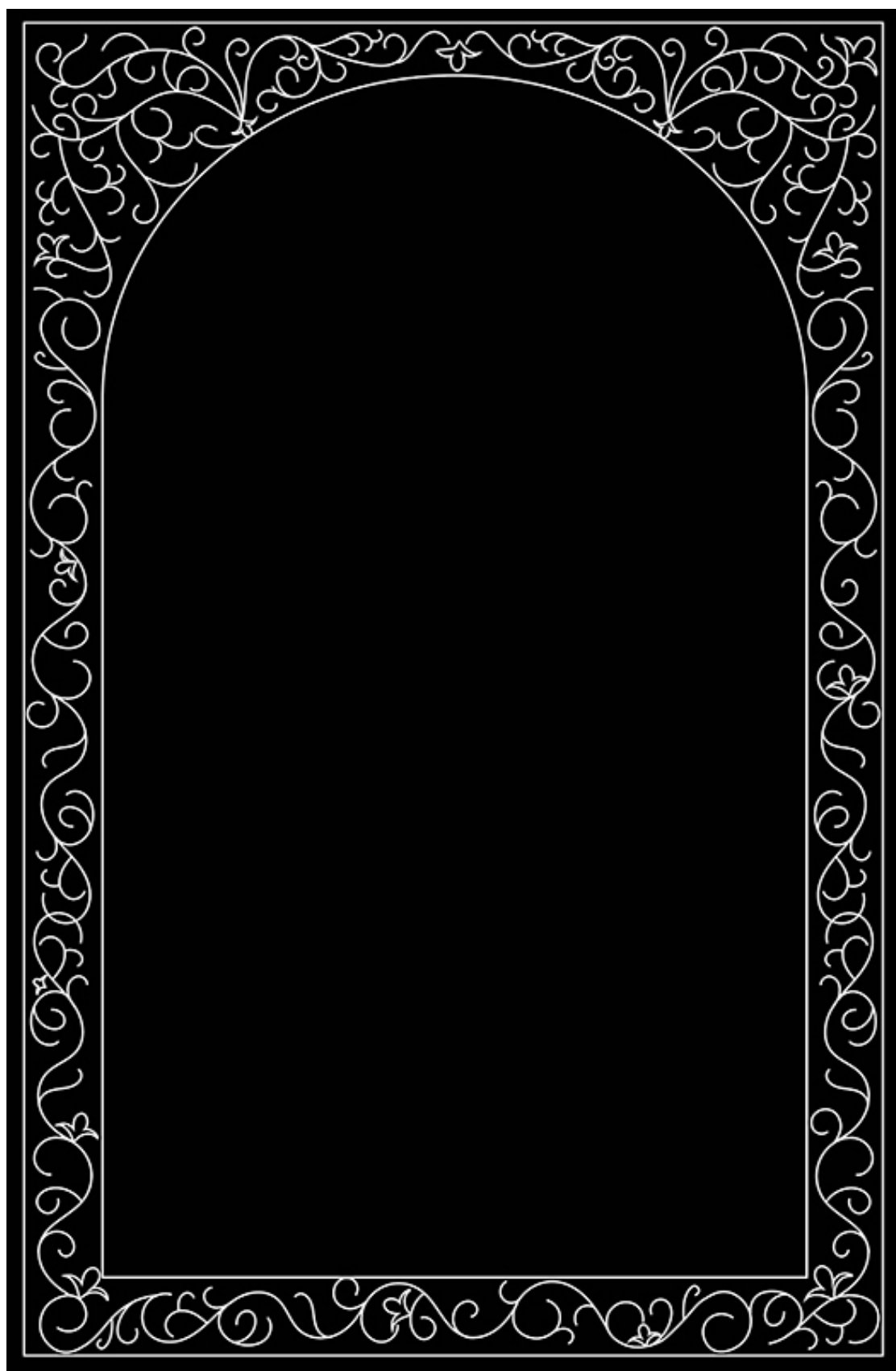
O velho ermitão era uma espécie de mago. Consolou Angélica e prometeu protegê-la de todos os perigos. Abriu, então, o alforje e dele tirou um livro do qual leu apenas uma página antes que, em resposta aos seus dizeres mágicos, surgisse um elfo disfarçado de camponês que se dispôs a cumprir suas ordens. Depois de recebê-las, a criatura se transportou para o local onde os cavaleiros ainda se enfrentavam e, sem hesitar, se interpôs entre ambos.

— Dizei-me, vos peço — disse ele —, que bem há de advir para aquele que melhor se sair neste torneio? O objeto pelo qual vos bateis já foi perdido, pois o paladino Orlando, sem esforço ou oposição, está levando neste momento a Princesa Angélica para Paris. Aconselho-vos a ir atrás deles sem demora, visto que se chegarem a Paris não poreis mais os olhos nela.

Ouvindo essas palavras, os dois adversários se viram confusos, estupefatos e silenciosamente concordaram estar dando ao rival de ambos uma ótima

oportunidade de triunfar sobre eles. Rinaldo, aproximando-se de Baiardo, suspirou de vergonha e raiva, fazendo um terrível juramento: caso alcançasse Orlando, arrancar-lhe-ia o coração. Montando, então, no cavalo e esporeando-o com vigor, abandonou o Rei de Circássia a pé na floresta.

Que não soe estranho o fato de Rinaldo contar com tamanha obediência da parte de Baiardo, que, durante tanto tempo impedira quem quer que fosse de sequer tocar em seu bridão. Esse esplêndido animal era dotado de uma inteligência quase humana; fugira do dono apenas para fazê-lo ir ao encalço de Angélica e capacitá-lo a recuperar a donzela. Vira a fuga da princesa e, com Rinaldo envolvido num duelo no solo, sentiu-se livre para rastrear o paradeiro de Angélica. Dessa forma, levou o dono a segui-lo, sem permitir que se aproximasse, mas conduzindo-o até a princesa. Agora, porém, tão iludido quanto Rinaldo pela falsa informação do elfo, deixou-se montar e se dispôs a servir o dono como de hábito. Rinaldo, por sua vez, impelido pela raiva, fez o animal disparar até Paris, porém mais lentamente do que gostaria, embora a velocidade de Baiardo fosse maior do que a do vento. Cheio de impaciência para encontrar Orlando, não se permitiu dormir mais que umas poucas horas nessa noite. Cedinho no dia seguinte, viu à frente a cidade enorme, sob as muralhas da qual o imperador Carlos recolhera os vestígios do seu exército. Antecipando que logo seria atacado por todos os lados, o imperador providenciara a recuperação das velhas fortificações e a construção de novas, cercadas por fossos largos e profundos. O desejo de não se render ao inimigo levou-o a aproveitar todas as chances de alistar novos aliados. Esperava receber da Inglaterra ajuda suficiente para habilitá-lo a erguer um novo acampamento, e, tão logo Rinaldo com ele se reuniu novamente, escolheu-o para ir até a Inglaterra, na condição de seu embaixador a fim de solicitar reforços. Rinaldo nem de longe apreciou essa missão, mas obedeceu ao comando do imperador, sem dedicar nem mesmo um dia ao objetivo que era mais caro ao seu coração. Partiu, apressado, para Calais e embarcou sem demora para a Inglaterra, desejando ardentemente concluir o mais rápido possível a missão para poder retornar logo à França.



Capítulo VIII



BRADAMANTE E RUGGIERO

Bradamante, o cavaleiro da pluma e do escudo brancos, cuja súbita aparição e encontro com Sacripanto já relatamos, andava em busca de Ruggiero, do qual o destino a separara logo após se conhecerem. Após o encontro com Sacripanto, Bradamante seguiu seu caminho pela floresta, na esperança de reencontrar Ruggiero, chegando, finalmente, a uma fonte.

Essa nascente atravessava uma vasta pradaria. Árvores antigas a sombreavam e os viajantes, atraídos pelo doce murmúrio das águas, ali paravam para se refrescar. Bradamante, olhando à volta a fim de apreciar as belezas do lugar, flagrou, sob a sombra de uma árvore, um cavaleiro reclinado que parecia oprimido por um profundo sofrimento.

Bradamante abordou-o e pediu para que ele esclarecesse o motivo dessa angústia.

— Ai, meu senhor — respondeu o infeliz —, choro por uma jovem amiga encantadora, minha noiva prometida, que foi arrancada de mim por um vilão, aliás, melhor chamá-lo de demônio, que, montado num cavalo alado, desceu das alturas, agarrou-a e levou-a, aos gritos, para o seu covil. Atravessei penhascos e ravinas à sua procura até que meu cavalo não mais foi capaz de suportar meu peso e agora aguardo apenas a morte.

Acrescentou, ainda, que dois cavaleiros, que casualmente haviam cruzado seu caminho, tinham tentado em vão ajudá-lo. Seus nomes eram Gradasso, Rei de Sericana, e Ruggiero, o Mouro. Ambos sucumbiram aos feitiços do mago, juntando-se a outros cativos mantidos num castelo inexpugnável situado no pico da montanha. À menção do nome de Ruggiero, Bradamante se encheu de alegria, mas esse sentimento logo se transformou no oposto ao descobrir que seu amado era um prisioneiro nas mãos do feiticeiro.

— Digno cavaleiro — disse ela —, não cedais ao desespero; este dia pode ser mais ditoso do que vos parece se me conduzires ao castelo que encerra a vossa amada.

O cavaleiro respondeu:

— Depois de perder tudo que me tornava cara a vida, não vejo motivo para evitar os perigos da empreitada e farei o que me pedis. Aviso-vos, porém, de antemão, dos perigos que vos aguardam. Se vierdes a sucumbir, não me caberá a culpa.

Ditas essas palavras, os dois rumaram para o castelo, mas foram interceptados por um mensageiro do acampamento, enviado para convocar Bradamante a voltar para o exército, onde sua presença se fazia necessária para animar os soldados e evitar o avanço dos mouros.

O cavaleiro sofredor, cujo nome era Pinabel, descobriu dessa forma que Bradamante pertencia à casa de Clermont, entre a qual e a sua própria, a de Mayence, existia uma antiga disputa. A partir desse instante, o traidor passou a tramar tão somente uma maneira de livrar-se da companhia de Bradamante, de quem supôs que nada poderia esperar de bom — pelo contrário, pensou que poderia vir a sofrer algum ferimento mortal caso seu nome e sua linhagem fossem descobertos por ela. Assim supunha devido ao fato de julgá-la conforme seu padrão pessoal e, consciente dos próprios maus propósitos, imaginar merecer o troco.

Bradamante, a despeito da convocação para retornar ao exército do imperador, não se estava disposta a deixar que seu amado permanecesse no cativeiro e decidiu levar a cabo a aventura em que se envolvera. Com Pinabel na dianteira, a dupla afinal chegou a uma floresta, no meio da qual se erguia uma montanha íngreme e rochosa. Pinabel, que a essa altura em nada mais pensava senão em como escapar de Bradamante, propôs subirem ao topo para terem uma visão mais ampla e encontrar um abrigo para passarem a noite. Sob esse pretexto, deixou Bradamante e subiu a encosta da montanha até chegar a uma fenda na rocha, pela qual espiou, percebendo que ela se alargava mais abaixo formando uma caverna espaçosa. Enquanto isso, Bradamante, temendo perder seu guia, seguiu-o de perto, juntando-se a ele na boca da caverna. O traidor, então, concluindo que escapar seria impossível, elaborou outro plano. Disse à guerreira que antes da sua chegada vira na caverna uma donzela jovem

e bonita, cujo vestido suntuoso revelava seu berço nobre, que, aos prantos lhe pedira auxílio. Antes, porém, que ele conseguisse descer para ajudá-la, um rufião a agarrara, levando-a para as profundezas da caverna.

Bradamante, cheia de retidão e coragem, prontamente acreditou na mentira do traidor mayenciano. Ansiosa para resgatar a donzela, olhou à volta em busca de meios para facilitar a descida e, vendo um grande olmo de galhos compridos, enroscou um deles com a espada e direcionou-o até a entrada da gruta. Pediu, então, a Pinabel para segurar com firmeza a extremidade maior, enquanto ela, agarrada aos galhos, deslizava para dentro da caverna.

O traidor sorriu ao vê-la assim suspensa e, perguntando-lhe zombeteiro se era uma boa saltadora, largou o galho com uma expressão pérfida e a viu desabar lá embaixo.

— Como seria bom que toda a sua raça estivesse aí também para que não sobrasse ninguém — sussurrou.

No entanto, o estratagema atroz não funcionou. Os gravetos e a folhagem do galho amorteceram a queda, e Bradamante, apesar do susto, não se feriu gravemente, continuando apta a outras aventuras.

Assim que se recuperou do choque, Bradamante examinou o local e localizou uma porta pela qual teve acesso a uma segunda caverna, maior e mais alta do que a primeira. Sua aparência era a de um templo subterrâneo. Colunas do mais puro alabastro a decoravam e sustentavam o teto; um altar simples se erguia no centro; um lampião, cujo brilho as paredes de alabastro refletiam, provia alguma claridade.

Inspirada por um ímpeto de religiosidade, Bradamante se aproximou do altar e, caindo de joelhos, proferiu orações e agradecimentos ao Salvador da sua vida, invocando a proteção divina. Nesse momento, uma pequena porta se abriu e uma mulher surgiu descalça e com os cabelos soltos, usando um vestido esvoaçante. Chamando Bradamante pelo nome, assim se dirigiu a ela:

— Destemida e generosa Bradamante, sabei que um poder superior vos trouxe até aqui. O espírito de Merlin, cuja última morada terrena foi este lugar, avisou-me da vossa chegada, bem como do destino que vos aguarda. Esta gruta famosa é obra do mago Merlin; aqui repousam suas cinzas. Imagino que não ignorais como perdeu a vida esse mago sábio e virtuoso. Vítima da ardilosa feiticeira do lago, Merlin, devido à fatal obediência ao pedido da vilã, enterrou-

se vivo na tumba, sem poderes para resistir ao feitiço daquela ingrata, que o reteve aqui até o fim da vida. Seu espírito paira neste local e não partirá até que a última trombeta convoque os mortos para serem julgados. Ele responde às perguntas dos que se aproximam da sua tumba, onde talvez vos seja concedido o privilégio de ouvir-lhe a voz.

Bradamante, atônita diante de tais palavras e dos objetos que a cercavam, não soube dizer ao certo se aquilo era um sonho ou a realidade. Confusa, mas recatada, baixou os olhos e enrubesceu.

— Ah, quem sou eu para um profeta tão grande se dignar de falar comigo!

Ainda assim, com uma satisfação secreta, seguiu a sacerdotisa, que a conduziu até a tumba de Merlin, que era feita de uma espécie de pedra bruta e resplandecia como fogo. Os raios que emanavam da pedra bastavam para iluminar aquele lugar horrível, onde o sol jamais penetrava. Impossível saber, contudo, se a luz não passava de um efeito da fosforescência da pedra em si ou dos muitos talismãs que a recobriam.

Bradamante mal ultrapassara a soleira desse local sagrado quando ouviu o mago saudá-la com uma voz firme e clara:

— Que vossos propósitos prosperem, ó casta e nobre donzela, futura mãe de heróis, glória da Itália, destinada a encher o mundo com vossa fama. Que grandes comandantes e renomados cavaleiros abundem entre vossos descendentes para defender a Igreja e devolver as próprias nações ao esplendor de tempos passados. Que príncipes doutos como Augustus e o sábio Numa tragam de volta a era de ouro.⁹ Para realizar esses grandes destinos, tereis de contrair núpcias com o ilustre Ruggiero. Libertai-o sem demora e prostrai por terra o traidor que o arrancou de vós e agora o mantém agrilhado!

Com essas palavras concluiu Merlin seu discurso, deixando a Melissa, a sacerdotisa, o encargo de transmitir à donzela todas as instruções para alcançar o sucesso em sua missão.

— Amanhã — disse ela — vos conduzirei ao castelo na rocha onde se encontra o cativo de Ruggiero. Não vos deixarei antes de guiar-vos através da floresta selvagem e mostrarei o caminho correto de modo a que não haja o risco de equívocos.

Na manhã seguinte, Melissa conduziu Bradamante por entre rochas e precipícios, atravessando corredeiras e despenhadeiros, aproveitando o tempo

para fornecer as informações necessárias para levar a cabo a empreitada.

— Além do castelo, impenetrável por maior que seja a força do invasor e daquele cavalo alado, que são capazes de frustrar qualquer tentativa de acesso, o feiticeiro possui ainda um escudo que lança uma luz tão brilhante a ponto de cegar qualquer um que a contemple. Nem penseis em evitá-la fechando os olhos, pois como será possível evitar os golpes do inimigo e atacá-lo sem enxergar? Mas hei de vos ensinar o meio correto de enfrentar tais desafios. Agramante, o príncipe mouro, possui um anel roubado de uma Rainha da Índia, que tem o poder de neutralizar todos os feitiços. Por saber que Ruggiero é mais importante para ele do que qualquer outro de seus guerreiros, Agramante deseja resgatá-lo do poder do mago e com essa finalidade enviou Brunello, o mais habilidoso e sagaz de seus servos, munido desse anel para realizar tal missão, que agora mesmo se encontra em andamento. No entanto, bela Bradamante, como não desejo que qualquer outra pessoa goze da glória de libertar da escravidão vosso futuro marido, revelarei os meios para alcançar o sucesso. Seguindo esse caminho que leva ao litoral, haveis de chegar a uma estalagem, onde o sarraceno Brunello já se encontrará. Sereis capaz de reconhecê-lo prontamente devido à sua estatura de pouco mais de um metro, à cabeça desproporcional, aos olhos vesgos, à tez lívida e às sobrancelhas espessas que se juntam à barba espessa. Ademais, suas vestes de mensageiro decerto o denunciarão.

“Será fácil atraí-lo para uma conversa, vos apresentado como um cavaleiro desejoso de travar combate com o feiticeiro. Não o deixe, contudo, nutrir quaisquer suspeitas acerca do vosso conhecimento a respeito do anel. Não tenho dúvidas de que vos guiará até o castelo do feiticeiro. Aceite o convite que ele fará, mas trate de vos manter às suas costas até vislumbrar a cúpula brilhante do castelo. Então, não hesiteis em matá-lo, pois o malfeitor não merece piedade, e roubar dele o anel. Mas não deixeis que ele desconfie da vossa intenção, pois, se puser o dito anel na boca, ele se tornará instantaneamente invisível e sumirá de vista.”

Dito isso, a sacerdotisa Melissa e a donzela Bradamante se aproximaram da cidade de Bordeaux, onde o amplo rio Garona oferta ao mar o tributo de suas águas. Despediram-se as duas com efusivos abraços. Bradamante, dedicada de corpo e alma ao seu objetivo, apressou-se a chegar à estalagem, onde Brunello a

precedera pouco antes. A jovem heroína reconheceu-o sem dificuldade. Abordou-o e lhe fez algumas perguntas irrelevantes, às quais ele respondeu com hábil falsidade. Bradamante, por sua vez, escondeu-lhe seu sexo, sua religião, sua nação natal e sua linhagem. Enquanto conversavam, gritos foram subitamente ouvidos por toda a hospedaria.

— Rainha dos céus! — exclamou Bradamante. — Qual pode ser a causa desse tumulto repentino?

Logo, porém, desvendou-se o motivo. Hospedeiro, crianças, criados, com os olhos voltados para cima, como se vissem um cometa ou um eclipse total, contemplavam um prodígio que parecia extrapolar os limites da possibilidade. Bradamante viu claramente um cavalo alado levando em seu lombo um cavaleiro coberto por uma rica armadura riscar o ar em enorme velocidade. As asas desse estranho animal estavam totalmente abertas e eram revestidas de penas multicoloridas, que a armadura reluzente do cavaleiro fazia brilhar com as cores do arco-íris. Em pouco tempo cavalo e cavaleiro desapareceram por trás dos picos das montanhas.

— Trata-se de um feiticeiro — disse o hospedeiro —, um mágico que com frequência é visto cruzando o ar dessa maneira. Às vezes voa no céu como se contornasse as estrelas e noutras cavalga no solo. É dono de um maravilhoso castelo no topo dos Pirineus. Muitos cavaleiros demonstraram sua coragem dirigindo-se até lá a fim de atacá-lo, mas nenhum deles jamais retornou, o que gera temor por terem perdido a vida ou a liberdade.

Bradamante, dirigindo-se ao hospedeiro, indagou:

— Posso lhe pedir para me fornecer um guia que me conduza ao castelo desse feiticeiro?

— Faço questão — interveio Brunello — de vos evitar mais delongas; possuo todas as instruções por escrito e posso vos conduzir.

Bradamante, agradecida, aceitou a oferta.

O hospedeiro podia dispor de um cavalo razoável, que Bradamante barganhou para obter. No dia seguinte, à primeira luz da aurora, a guerreira pegou o caminho que margeava um vale estreito, cuidando para manter o sarraceno Brunello na dianteira.

A dupla subiu até o cume dos Pirineus, de onde é possível avistar a França, a Espanha e os dois mares. Dali desceram por uma estrada cansativa que

terminava num vale profundo. No centro do vale se erguia uma montanha de rocha áspera e perpendicular, em cujo topo se situava o castelo, cercado por uma muralha de metal. Disse Brunello:

— Pergunto-me se será essa a fortaleza onde o feiticeiro mantém os prisioneiros. Só mesmo sendo dotado de asas para chegar tão alto. Não admira que se faça necessário ao dono do castelo recorrer à ajuda de um cavalo alado.

Bradamante, suficientemente alertada, viu que era chegada a hora de se apossar do anel, hesitando, porém, em matar um homem indefeso. Agarrou Brunello, antes que o anão se desse conta, e o amarrou a uma árvore, roubando-lhe o anel que lhe adornava um dos dedos. Os gritos e súplicas do pérfido sarraceno não a comoveram. Dirigindo-se até o sopé da montanha onde ficava o castelo, soprou a trompa e gritou palavras de desafio a fim de atrair o mago para o combate.

O feiticeiro não tardou a se apresentar, montado em seu cavalo alado. Bradamante ficou surpresa e, ao mesmo tempo satisfeita, ao ver que essa pessoa, descrita como tão poderosa, não portava lança nem porrete ou qualquer outra arma letal. Tinha apenas no braço um escudo, coberto com um pano, e na mão, um livro aberto. Quanto ao cavalo alado, nada havia de feitiço ali. Era um animal comum, de uma espécie ainda existente nas montanhas Riphean. Como acontece com um grifo, sua cabeça era de águia, as patas, em garra, e as asas, revestidas de penas, sendo, no mais, um cavalo. Esse ser estranho é chamado de hipogrifo.

A heroína atacou o feiticeiro quando ele se aproximou, atingindo-o no flanco, com toda a energia de que foi capaz, mas feriu tão somente o vento. Depois de algumas tentativas vãs de atingi-lo, desceu do seu cavalo, como se esperasse combater com mais eficiência no solo. O feiticeiro estava agora preparado para utilizar sua única arma, o Escudo Mágico, que, uma vez desvelado, jamais fracassava na tarefa de subjugar um inimigo ao privá-lo dos sentidos. Bradamante, confiante no anel, observou os movimentos do adversário e quando o escudo foi desnudado atirou-se ao chão, fingindo-se vencida pelo esplendor do metal, mas com a intenção de obrigar o mago a se apeiar do cavalo.

A estratégia funcionou. Quando a viu prostrada, o feiticeiro fez o cavalo pousar no solo e, desmontando-o, pendurou o escudo na sela e se aproximou

da guerreira caída a fim de fazê-la prisioneira. Bradamante, que o observava atentamente, assim que o teve a seu alcance, pôs-se de pé num salto, agarrou-o com força e o derrubou. Com a mesma corrente que o mago preparara para prendê-la, amarrou-o com firmeza sem que o vilão conseguisse esboçar qualquer reação eficaz.

O feiticeiro, num tom de desespero, exclamou então:

— Tire a minha vida, jovem!

Bradamante, contudo, sequer cogitou concordar com tal pedido. Desejosa de saber o nome do feiticeiro e com que propósito ele construía, com seus poderes mágicos, uma fortaleza tão inexpugnável, exigiu dele tais informações:

— Ai de mim! — respondeu o dono do castelo, com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. — Meu intento ao construir esse castelo não foi o de esconder butins nem qualquer outro propósito criminoso. Eu quis apenas proteger a vida de um jovem cavaleiro, objeto da minha afeição mais terna, depois que descobri, graças aos meus poderes, que ele está fadado a se tornar um cristão e a perecer logo depois, vítima da mais vil das traições. Esse jovem, chamado Ruggiero, é o mais belo e talentoso dos cavaleiros. Fui eu, pobre Atlantes, que o criei desde a infância. O chamado da honra e o desejo de glória o afastou de mim para seguir Agramante, seu príncipe, na invasão da França, e eu, mais devotado a Ruggiero do que o mais amoroso dos pais, busquei os meios para trazê-lo de volta ao lar, na esperança de salvá-lo do destino cruel que o ameaça.

“Com essa finalidade, tomei-o para mim, utilizando os mesmos artifícios que tentei utilizar contra vós e com os quais consegui prender muitos cavaleiros e damas no meu castelo. Meu objetivo com isso era criar para o meu amado pupilo um cativo ameno, provendo companhia para entretê-lo e distrair sua mente de ideias de guerra e glória. Ai de mim! Meus cuidados foram em vão! Mesmo assim, vos imploro, arrancai-me qualquer outro bem, mas poupai meu amado pupilo. Levai este escudo, este animal alado, libertai quaisquer de vossos amigos que estejam entre os meus prisioneiros, libertai todos se assim vos aprouver, mas deixai meu amado Ruggiero ou, se for o caso de roubá-lo de mim, privai-me também da vida, que então não valerá mais a pena preservar.”

Tendo ouvido tal discurso, Bradamante respondeu:

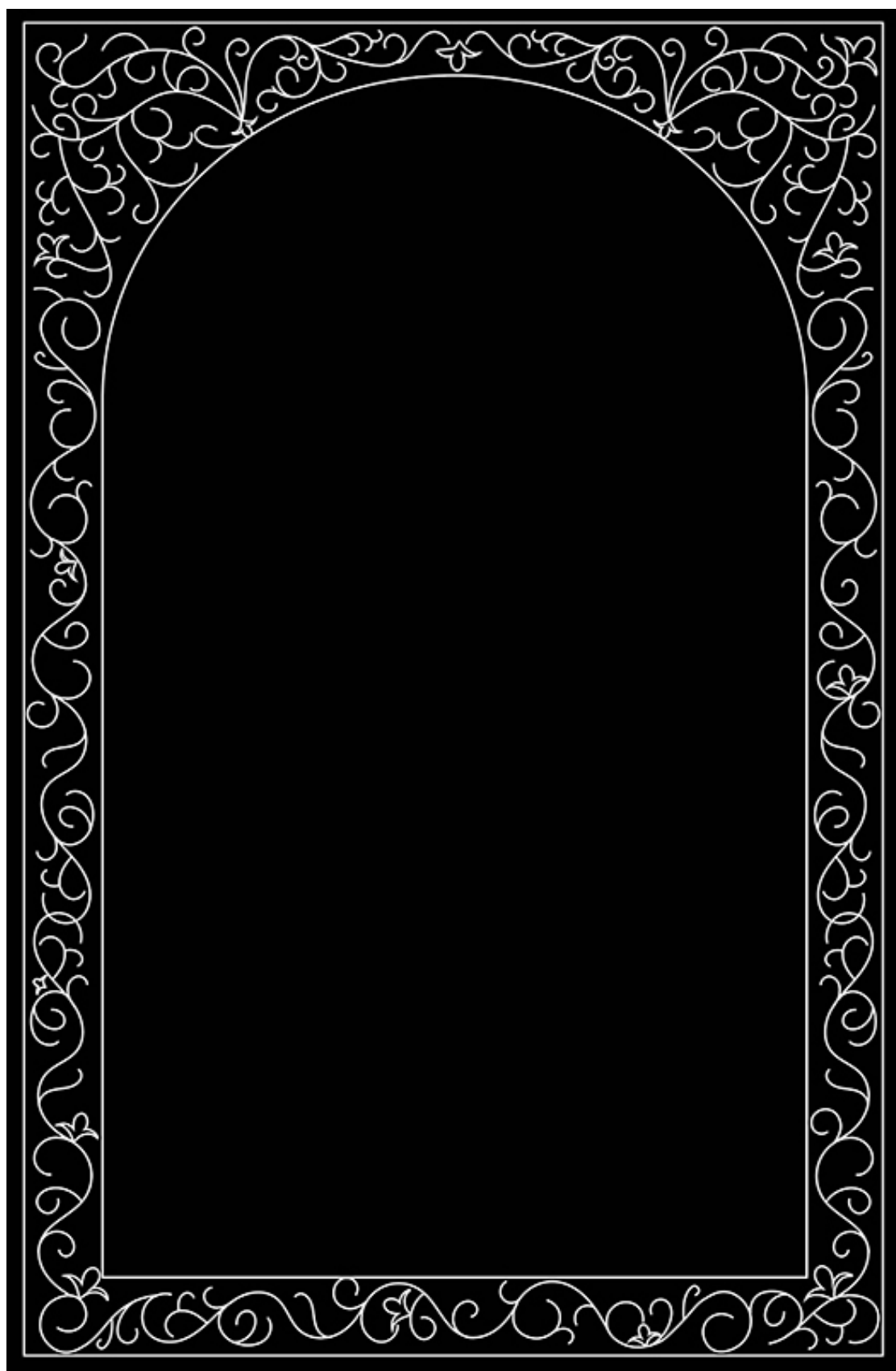
— Velho, não ouseis nutrir esperanças de me comover com vossas súplicas vãs. É precisamente a liberdade de Ruggiero que exijo. Pretendeis mantê-lo em cativeiro e na indolência para salvá-lo de um destino que prevedes. Velho pretensioso! Como podeis prever o destino do jovem cavaleiro se sois incapaz de prever o seu próprio? Desejais que eu ceife a vossa vida. Não, meu propósito e minha alma rejeitam tal pedido.

Dito isso, Bradamante mandou que o feiticeiro a conduzisse ao castelo. Os prisioneiros foram libertados, embora alguns secretamente lamentassem o fim da vida voluptuosa que levavam ali. Bradamante e Ruggiero se reencontraram e foram tomados de enorme felicidade.

Desceram da montanha até o local onde o encontro ocorrera. Ali encontraram o hipogrifo, com o escudo mágico em seu invólucro pendurado na sela. Bradamante adiantou-se para segurar o bridão enquanto o hipogrifo aparentemente aguardava sua aproximação. Antes, porém, que ela o alcançasse, o animal abriu as asas e voou para um monte vizinho, repetindo o movimento uma segunda vez e escapando dela. Ruggiero e os demais cavaleiros libertados se dispersaram na planície e morros próximos a fim de detê-lo e finalmente o animal permitiu que Ruggiero lhe tomasse as rédeas. O destemido Ruggiero não hesitou em pular em seu lombo e esporeá-lo, atijando-o de tal maneira que, após percorrer a galope uma curta distância, o hipogrifo repentinamente abriu as asas e alçou voo. Bradamante viu, então, com tristeza, seu amado lhe ser arrancado no exato momento do reencontro. Ruggiero, que não sabia como manejar o cavalo, foi incapaz de controlar seu voo, sendo carregado por sobre os cumes das montanhas, numa altura suficiente para que não conseguisse sequer distinguir o que era terra e o que era água. O hipogrifo tomou a direção do ocidente, rasgando o ar tão rapidamente quanto uma nau recém-mastreada rasga as ondas, impelida pelos ventos mais frescos e favoráveis.

Nota

9 Essa profecia é apresentada por Ariosto nessa saudação à nobre casa de Este, que são os príncipes do ducado de Ferrara, terra natal do poeta.



Capítulo IX



ASTOLFO E A FEITICEIRA

Durante o longo voo no lombo do hipogrifo, Ruggiero sobrevoou terra e mar, sem saber o que era o quê. Assim que adquiriu algum controle sobre o animal, obrigou-o a pousar na terra mais próxima. Vendo-se suficientemente próximo ao solo, Ruggiero pulou para o chão, amarrando a criatura a uma murta. Próximo dali, corriam as águas puras de uma fonte cercada de cedros e palmeiras. Ruggiero pôs de lado o escudo e, removendo o elmo, inspirou deliciado o ar fresco e refrescou os lábios com a água da fonte. Pode-se bem imaginar que o seu cansaço era imenso depois da jornada que empreendera. Quando se preparava para aproveitar o deleite do repouso, porém, reparou que o hipogrifo, que ele havia amarrado à murta, assustado por alguma coisa, fazia tentativas violentas para se soltar. Esses movimentos balançavam de tal forma a árvore que várias de suas lindas folhas haviam sido arrancadas e jaziam agora no chão.

Um ruído semelhante ao de madeira ardendo parecia vir da murta, a princípio fraco e indistinto, mas cuja intensidade foi crescendo pouco a pouco. No final, uma voz se fez ouvir:

— Cavaleiro, se a doçura do vosso coração corresponder à beleza da vossa pessoa, libertai-me, suplico-vos, deste animal torturante. Já sofro internamente e não preciso que demônios externos aumentem o meu penar.

Ruggiero, ao ouvir os primeiros tons dessa voz, voltou os olhos imediatamente para a murta e se aproximou rapidamente da árvore, diante da qual se deteve, atônito, quando percebeu que era dali que vinha a voz. Na mesma hora desamarrou o cavalo e, rubro de surpresa e arrependimento, exclamou:

— Quer sejais uma mortal ou a deusa desta floresta, perdoai, vos imploro, meu erro involuntário. Se tivesse me ocorrido que essa madeira dura encerrava

um ser dotado de sentimento, eu jamais teria exposto uma árvore tão linda aos insultos do meu corcel! Que as doces influências do céu e do ar rapidamente reparem o sofrimento que infligi! De minha parte, prometo pela dama que é dona do meu coração satisfazer todos os vossos desejos a fim de merecer vosso perdão.

Ao som dessas palavras, a murta pareceu estremecer da raiz à copa, e Ruggiero notou que um fluido semelhante a lágrimas começou a escorrer pelo tronco, como acontece com uma tora de lenha posta sobre o fogo. A voz, então, se fez novamente ouvir:

— A generosidade que inspira vossas palavras me impele a revelar quem fui no passado e que fatalidade me transformou no que sou hoje. Meu nome era Astolfo, primo de Orlando e Rinaldo, cuja fama correu mundo. Eu mesmo figurava entre os mais corajosos paladinos da França e por direito de nascença me caberia governar a Inglaterra, sucedendo Otho, meu pai. Voltando do oriente longínquo com Rinaldo e vários outros cavaleiros valorosos para atender à convocação do grande imperador da França, chegamos a um local onde a poderosa feiticeira Alcina possuía um castelo no litoral. Ela fora até a praia para se distrair pescando e nos detivemos para ver como, apenas com seus poderes, sem linha ou anzol, lhe era possível tirar da água o que lhe aprouvesse.

“Não muito distante da praia, uma enorme baleia exibia um lombo tão amplo e imóvel que mais parecia uma ilha. Alcina tinha os olhos fixos em mim e planejava me enfeitiçar. Dirigindo-se a nós, ela disse: ‘Esta é a hora em que a mais bela das sereias vem todos os dias às areias daquela ilha. Canta com voz tão doce que até mesmo as ondas ficam mais suaves ao ouvi-la. Se desejarem usufruir desse prazer, acompanhem-me até lá.’ Assim dizendo, Alcina indicou a baleia, que todos supúnhamos ser uma ilha. Impetuoso como sempre, não hesitei em segui-la em meu cavalo e montei no lombo do mamífero. Em vão Rinaldo e Dudon me alertavam com sinais. Alcina, sorrindo, assumiu a dianteira e me mostrou o caminho. Nem bem havíamos montado em seu lombo, a baleia se pôs em movimento, abrindo suas enormes barbatanas e rasgando rapidamente as águas. Foi então que percebi minha tolice, mas já era tarde demais para arrependimentos. Alcina acalmou minha raiva e declarou ter agido assim por me amar. Não demoramos a chegar até aqui, onde, a princípio, tudo foi feito para me apaziguar e tornar meus dias agradáveis. Logo, porém,

após satisfazer seu desejo de conquista, Alcina tornou-se indiferente e, depois, entediada e desejosa de se ver livre de mim. Para tanto me enfeitiçou como já fizera com vários amantes, alguns dos quais ela transformou em oliveiras, palmeiras, cedros, fontes, rochas e até mesmo bestas selvagens. E vós, cortês cavaleiro, trazido por acidente a esta ilha encantada, cuidai-vos para não sofrer sina igual ou sereis transformado, como fomos, numa árvore, fonte ou rocha.”

Ruggiero expressou seu espanto ante tal relato. Astolfo acrescentou que a ilha em grande parte estava sujeita aos humores de Alcina. Com a ajuda da irmã Morgana, ela conseguira despojar uma terceira irmã, Logestilla, de quase todo o seu patrimônio, pois a ilha lhe fora originalmente legada pelo pai. Logestilla, contudo, tinha equilíbrio e sabedoria, enquanto as outras duas eram falsas e voluptuosas. Seus domínios e os das irmãs eram separados por um golfo e uma cadeia de montanhas e unicamente por isso Alcina não pudera usurpá-los.

Astolfo encerrara sua história e Ruggiero, ciente de que ali estava um primo de Bradamante, de bom grado teria descoberto um meio de ajudá-lo. No entanto, estando isso fora do seu alcance, consolou-o da melhor maneira possível, pedindo-lhe em seguida instruções para chegar ao palácio de Logestilla e como evitar o de Alcina. Astolfo lhe disse para pegar a estrada à esquerda, embora esta fosse acidentada e cheia de pedras. Avisou-o de que essa estrada seria crivada de grandes obstáculos, que hordas de monstros barrariam sua passagem, criaturas usadas por Alcina para impedir seus súditos de escaparem ao seu domínio. Ruggiero agradeceu à murta e se preparou para a jornada.

A princípio pensou em montar no cavalo alado e escalar a montanha em seu lombo, mas se sentiu demasiado inseguro quanto à habilidade para controlá-lo e não quis correr o risco de novamente sair voando em disparada. Além disso, depois de tantas horas sem comer, precisava se alimentar sem demora. Por isso, seguiu a pé com o cavalo atrás de si pela estrada que, até determinado ponto, conduzia tanto aos domínios de uma quanto aos da outra irmã.

Não percorrera mais de três quilômetros quando viu a magnífica cidade de Alcina, cercada por uma muralha de outro tão alta que parecia tocar o céu. Alguns decerto hão de pensar que não se tratava de ouro genuíno, senão apenas

fruto de alquimia. Não importa. Prefiro pensar que era ouro, pois definitivamente brilhava como tal.

Uma estrada ampla e plana levava aos portões da cidade e dali saía outra, estreita e tosca, conduzindo a uma região montanhosa. Ruggiero pegou sem hesitar a estrada estreita, mas nem bem começara a trilhá-la quando foi assaltado por uma hoste imensa que lhe bloqueou a passagem.

Nunca se viu nada tão ridículo, tão extraordinário, quanto essa hoste de diabretes. Alguns tinham forma humana do pescoço aos pés, mas a cabeça era de macaco ou de gato; outros possuíam pernas e orelhas de cavalo; velhos e velhas, carecas e horrendos, corriam para lá e para cá como se ensandecidos, semicobertos com trapos feitos de peles de animais. Um deles cavalgava a toda num cavalo sem bridão, outro trotava empoleirado no lombo de um asno ou uma vaca. Havia aqueles que, cheios de energia, saltitavam e puxavam os rabos ou as crinas dos animais montados pelos companheiros. Alguns tocavam trombetas, outros brandiam xícaras; alguns estavam armados com espetos enquanto outros portavam tridentes. Uma figura, que aparentava comandar o grupo, com um barrigão e uma cabeça enorme, montava uma tartaruga, que ora ia para um lado, ora para o outro, sem conseguir manter a direção.

Um desses monstros, cuja aparência o fazia lembrar um ser humano, embora tivesse o pescoço, as orelhas e o focinho de um cão, começou a ladrar furiosamente para Ruggiero, a fim de fazê-lo virar à direita e voltar à estrada que levava à cidade esfuziante, mas o corajoso cavaleiro exclamou:

— Não farei isso enquanto puder lançar mão desta espada.

Em seguida, dirigiu a ponta da arma diretamente para o rosto da criatura, que tentou atacá-lo com uma lança. Ruggiero, porém, era demasiado célere para se deixar atacar e atravessou o corpo do agressor com a espada, fazendo-a sair pelas suas costas. O paladino, dando agora vazão à raiva, investiu com vigor contra o bando, atingindo um dos monstros nos dentes, outro na cintura. A tropa era, contudo, numerosa demais e a despeito de seus golpes, cercou-o tão de perto que, para abrir caminho, seria necessário que ele dispusesse de tantos braços quanto Briareu.

Se tivesse desvelado o escudo do feiticeiro, pendurado em sua sela, Ruggiero poderia facilmente derrotar a turba de monstros, mas talvez não tenha pensado nisso ou quem sabe preferisse buscar defesa tão somente na

própria espada valorosa. Nesse momento, no auge da perplexidade, viu saírem dos portões da cidade duas jovens beldades, cuja postura e figurino proclamavam sua origem e delicadeza. Cada qual montava um unicórnio, cuja alvura superava a do arminho. As duas se dirigiram à pradaria onde Ruggiero tão valentemente combatia os diabretes, que se afastaram ante a aproximação de ambas. As donzelas estenderam a mão para o jovem guerreiro, cujas bochechas enrubescidas denunciavam o vigor do exercício e a presença de recato. Grato pela ajuda, ele expressou seu agradecimento e, não ousando confrontá-las, acompanhou-as até o portão da cidade.

Essa bela entrada imponente tinha um pórtico com quatro enormes colunas, todas de diamantes. Se eram diamantes verdadeiros ou falsos não me cabe dizer. Que importância tem isso, já que pareciam genuínos aos olhos e nada poderia ser mais alegre e esplendoroso? Entre as colunas, jovens encantadoras se entretinham, saltitando satisfeitas. Todas correram para receber Ruggiero e o conduziram para o interior do palácio, que mais parecia um paraíso.

Podemos muito bem chamar assim essa morada, onde as horas passavam voando, despercebidas, em meio a novas delícias. A mera ideia de saciedade, carência e, acima de tudo, de idade, jamais ocupava a mente dos moradores, que não vivenciavam qualquer outra sensação além de luxo e prazer; o cálice da felicidade lhes parecia transbordante e inesgotável. As duas jovens donzelas às quais Ruggiero devia seu resgate dos diabretes o levaram até os aposentos da castelã. A bela Alcina se adiantou e o cumprimentou com uma expressão ao mesmo tempo digna e cortês. Toda a sua Corte cercou o paladino, devotando-lhe as mais lisonjeiras atenções. O castelo era menos admirável por sua magnificência do que pelo charme dos habitantes, que pertenciam a ambos os sexos e se igualavam em beleza, juventude e graça. Nesse grupo encantador, porém, Alcina brilhava assim como o sol empana as estrelas. O jovem guerreiro ficou fascinado. As críticas que ouvira da goiabeira soavam agora como calúnias vis. Como seria possível suspeitar de que falsidade e traição se disfarçavam sob sorrisos e toda aquela cândida sinceridade? Não duvidou de que Astolfo tivesse merecido seu fado e talvez mesmo uma punição mais severa, encarando seus relatos como fruto de um espírito decepcionado e de uma sede de vingança.

Não devemos, porém, condenar Ruggiero de forma demasiado rigorosa, visto ter sido ele vítima de poderes mágicos.

Sentaram-se todos à volta de uma mesa e imediatamente liras e harpas harmoniosas impregnaram o ambiente com acordes sublimes. Os encantos poéticos não ficaram ausentes do recital estupendo; a magnificência do banquete fazia justiça a um evento da realeza. A traidora nada esqueceu que pudesse seduzir o paladino e prendê-lo ali, pretendendo, quando dele se cansasse metamorfoseá-lo como já fizera com outros. Assim se passaram os dias, um após o outro. Jogos agradáveis, caçadas, danças ou esportes rurais faziam o tempo voar, embora tivessem tempo para se refrescar no banho ou dormir.

Ruggiero dedicou-se assim a aproveitar uma vida de ociosidade e luxúria enquanto Carlos Magno e Agramante lutavam em defesa do império. Não posso, contudo, me demorar com ele enquanto a valorosa Bradamante persistia dia e noite em dirigir seus passos para onde quer que julgasse existir a menor chance de resgatar seu amado Ruggiero.

Por esse motivo, depois de procurá-lo em vão no campo e nas cidades, ela ficou sem saber aonde ir. Não lhe ocorreu que o paladino pudesse ter morrido. A queda de um tal herói teria ecoado do Hidaspes até o mais longínquo rio do ocidente. No entanto, sem saber se Ruggiero estaria no solo ou no ar, a guerreira decidiu, como último recurso, voltar à caverna que abrigava a tumba de Merlin, a fim de pedir ao mago uma pista segura do paradeiro do amado.

Enquanto essa ideia lhe ocupava a mente, Melissa, a feiticeira sábia, surgiu de repente à sua frente. Essa maga virtuosa e benevolente descobrira por meio dos seus poderes que Ruggiero andava ocioso, esquecido da própria honra e nobreza. Incapaz de aceitar a noção de que alguém nascido para ser herói desperdiçasse seu tempo em incessante repouso, deixando uma reputação manchada na lembrança dos que lhe sobrevivessem, Melissa entendeu ser necessário empregar medidas vigorosas para atraí-lo de volta ao caminho da virtude. Melissa não sofria da cegueira oriunda da afeição pelo galante paladino, como acontecia com Atlantes, que, tendo apenas a intenção de preservar a vida de Ruggiero, não dava a menor importância à sua fama. Fora a magia desse velho feiticeiro que conduziu o hipogrifo até a ilha da sedutora

Alcina, onde Atlantes esperava que seu pupilo aprendesse a esquecer a honra e o amor pela glória.

Ao ver Melissa, o semblante de Bradamante se iluminou e seu coração se encheu de esperança. Melissa nada escondeu da donzela, contando-lhe como Ruggiero cedera aos estratagemas de Alcina. Bradamante foi, então, assolada pela tristeza e pelo pavor. A gentil feiticeira, porém, acalmou-a, dissipou seus temores e prometeu-lhe que em poucos dias o paladino estaria de novo a seus pés.

— Filha — disse Melissa —, dai-me o anel que usais no dedo e que tem o poder de neutralizar feitiços. Graças a ele, tenho certeza de que entrarei na fortaleza onde a pérfida Alcina mantém Ruggiero em cativeiro e conseguirei derrotá-la e liberar o cavaleiro.

Bradamante sem hesitar entregou o anel, recomendando Ruggiero aos cuidados de Melissa, que, recorrendo a seus poderes, providenciou sem demora um potente palafrém, negro como breu, exceto por uma das patas, que era baia. Montada no lombo do animal, cavalcou tão velozmente que na manhã seguinte já alcançara o castelo de Alcina.

Ali chegando, transformou-se na imagem e semelhança do velho mago Atlantes, acrescentando um palmo à própria altura e um bocado mais à sua circunferência. Cobriu o queixo com uma longa barba e o rosto com um bom número de rugas. Incorporou também a voz e a postura do mago e contemplou o próprio trabalho, avaliando a chance de, sozinha, encontrar Ruggiero. Finalmente achou-o, vestido com uma bela túnica de seda e ouro, usando um colar de pedras preciosas em volta do pescoço e vários braceletes nos braços até pouco antes musculosos devido ao exercício. O cabelo, bem como todos os movimentos do corpo, mostravam uma efeminação e nada parecia ter sobrado do antigo Ruggiero com exceção do nome, tamanho era o poder que Alcina tinha sobre ele.

Melissa, personificando o velho mestre do paladino, apresentou-se a ele com expressão fechada.

— É esse então o fruto de todo o meu esforço? Foi para isso que te alimentei com o tutano de ursos e leões, que te ensinei como domar dragões e, assim como Hércules, estrangular serpentes? Tudo o que fiz foi apenas fazer de ti um frágil Adônis? Minhas observações noturnas das estrelas, das entranhas

ainda quentes dos animais, a sorte que tantas vezes li, os mapas que estudei indicavam, afinal, equivocadamente que nascestes para a grandeza? Quem acreditaria que tu te tornarias escravo de uma feiticeira medíocre? Oh, Ruggiero, aprende a conhecer essa Alcina, aprende a entender seus poderes e neutralizá-los. Pega este anel, coloca-o no dedo, volta à presença dela e vê com os próprios olhos seus atributos verdadeiros.

Ouvindo essas palavras, Ruggiero, confuso, envergonhado, fitou o chão, sem saber o que responder. Melissa aproveitou a oportunidade, enfiou-lhe o anel no dedo e o paladino voltou a si. Que choque foi o dele! Dominado pela vergonha, não ousou olhar seu mentor nos olhos. Quando, afinal, ergueu o olhar não foi a figura do velho que o encarou, mas a da sacerdotisa Melissa, que, sem o anel, voltara à aparência real. Ouviu dela os motivos que a tinham levado a acorrer em seu socorro, bem como soube da dor e dos lamentos de Bradamante e da sua busca incansável por ele.

— Essa linda amazona — concluiu Melissa — mandou-vos esse anel, que é um antídoto inigualável para todos os feitiços. Teria enviado o próprio coração, caso ele fosse mais poderoso na tarefa de servir-vos.

Melissa não precisou dizer mais nada. O amor de Ruggiero por Alcina, fruto tão somente de feitiçaria, desapareceu assim que o encantamento foi quebrado e agora ele a odiava com igual intensidade, nada vendo nela senão seus vícios e se ressentindo da vergonha que lhe fora imposta.

A surpresa ao encontrar novamente Alcina não foi menor que a sua indignação. Fortalecido pelo anel no combate aos feitiços, viu-a pelo que era: um monstro de feiura. Todos os seus encantos se revelaram, com efeito, deformidades. Alcina era mais velha que Hécuba ou que a Sibila de Cumas, mas o poder da magia, que infelizmente os nossos tempos não mais detêm, a capacitara a parecer encantadora e a dotara da sedução da juventude. Ruggiero agora entendia tudo isso, mas, de posse dos conselhos de Melissa, escondeu a própria surpresa, envergonhou sob algum pretexto a armadura há muito abandonada e empunhou Balisarda, sua espada de confiança, pegando também o escudo de Atlantes, coberto com o véu.

Escolheu, então, um cavalo do estábulo de Alcina sem levantar as suspeitas da castelã, deixando, porém, o hipogrifo, como lhe aconselhou Melissa, que

prometeu dele cuidar e treiná-lo para que ficasse mais controlável. O cavalo escolhido foi Rabican, que pertencia a Astolfo, e o anel foi devolvido a Melissa.

Ruggiero não cavalgara muito quando se deparou com um dos caçadores de Alcina, que levava um falcão pousado no pulso e era seguido por um cão. O caçador montava um cavalo potente e aproximou-se sem hesitar do paladino, exigindo saber, num tom imperioso, aonde ia o cavaleiro com tanta pressa. Ruggiero não se dignou parar nem responder. Diante disso, o caçador, convencido da fuga iminente, disse:

— E se eu, com meu falcão, vos detivermos?

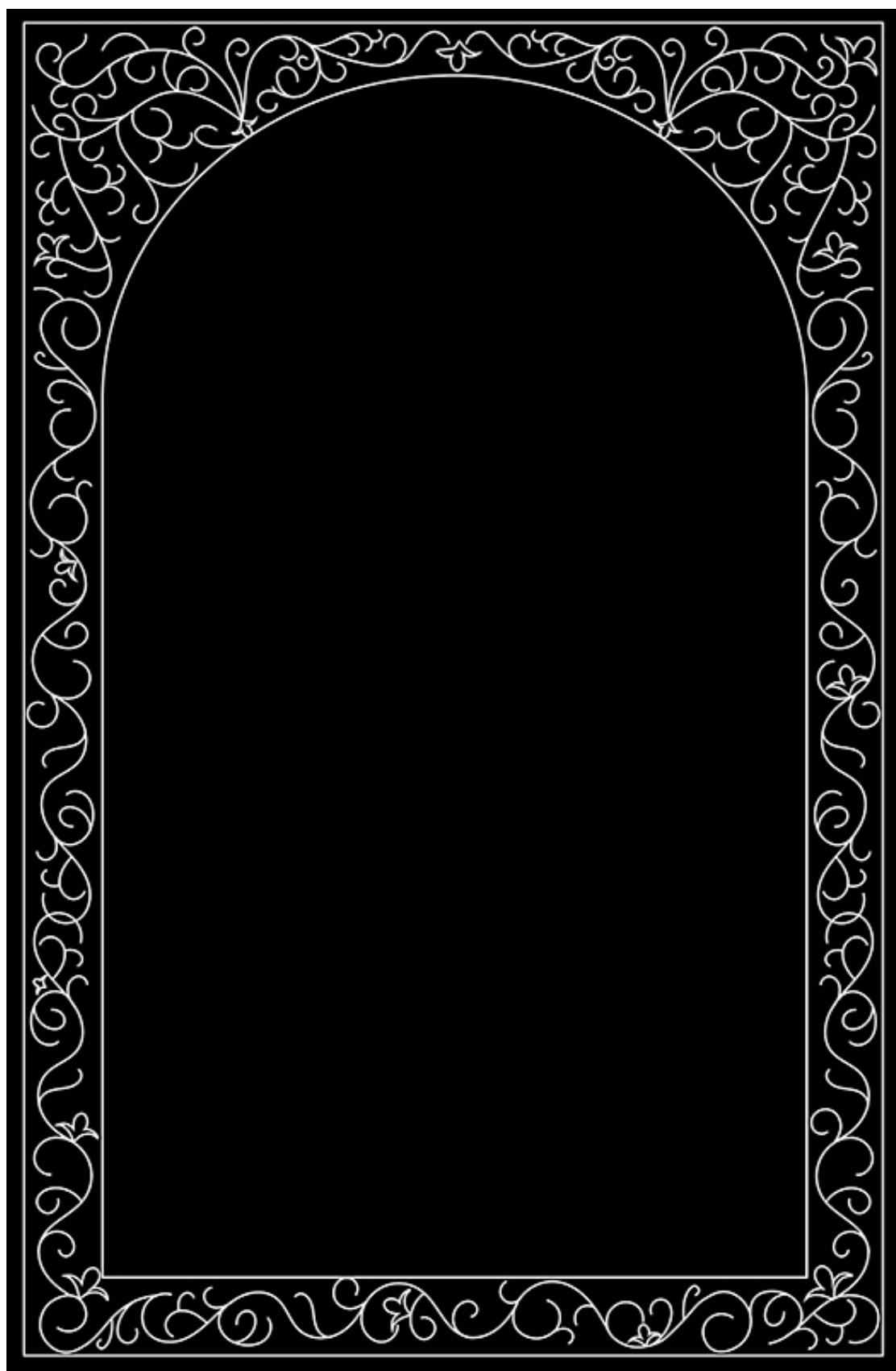
Dito isso, fez alçar voo o pássaro, cuja velocidade nem mesmo Rabican podia igualar. O caçador então saltou do cavalo e o animal, de boca aberta, se pôs a perseguir Ruggiero com a rapidez de uma flecha. O caçador também corria como se perseguido pelo vento ou por uma bola de fogo, e a rapidez do cão era comparável à de Rabican. Ruggiero, concluindo ser impossível fugir, parou e encarou seus perseguidores. Sua espada, porém, revelou-se inútil contra tais inimigos. O insolente caçador assaltou-o com palavras e açoitou-o com seu chicote, a única arma que possuía; o cão mordeu-lhe os pés e o cavalo desferiu-lhe coices. Ao mesmo tempo, o falcão investiu com as garras e as asas contra o cavaleiro e Rabican, fazendo com que, amedrontado, o cavalo ficasse incontrolável. Nesse momento, o som de trombetas e címbalos foi ouvido no vale, e tornou-se evidente que Alcina ordenara que todas as suas tropas se empenhassem na perseguição. Ruggiero percebeu que não havia tempo a perder e felizmente lembrou-se do escudo de Atlantes, que lhe pendia do pescoço. Desvelou-o e o efeito foi o esperado. O caçador, o cão e o cavalo desabaram no chão; as asas trêmulas do falcão perderam a capacidade de sustentar o pássaro, que caiu sem sentidos. Ruggiero, livre dos importunadores, deixou-os em seu transe e partiu.

Enquanto isso, Alcina, com todas as forças possíveis, deixou o palácio para ir atrás do paladino. Melissa aproveitou a oportunidade para revistar todos os cômodos, protegida pelo anel. Desfez, um por um, todos os feitiços que encontrou, rompeu os selos, queimou as imagens e desfez os nós de bruxaria. Então, correndo pelos campos, desencantou as vítimas transformadas em árvores, fontes, pedras ou bestas. Todos aqueles que recuperaram a liberdade declararam gratidão eterna à salvadora, empreendendo suas fugas, com a maior

rapidez possível, para os domínios da boa Logestilla, de onde partiram para seus lares.

Astolfo foi o primeiro a ser libertado por Melissa, pois Ruggiero o deixara a seus cuidados. A sacerdotisa o ajudou a recuperar os braços e, em especial, a preciosa lança de ouro que já pertencera a Argalia. A feiticeira montou com ele no cavalo alado e em pouco tempo os dois chegaram, voando, ao castelo de Logestilla, onde Ruggiero logo se juntou a ambos.

Nessa morada, os amigos desfrutaram de um breve período de agradável e frutífera interação com a sábia Logestilla e sua Corte virtuosa. Depois disso, cada qual partiu, Ruggiero com o hipogrifo, o anel e o escudo; Astolfo com a lança de ouro e montando Rabican, o mais rápido dos garanhões. Logestilla deu a Ruggiero um cabresto e um bridão destinados a domar o hipogrifo; Astolfo foi presenteado com uma trompa dotada de poderes maravilhosos, para ser tocada quando todas as outras armas se revelassem inúteis.



Capítulo X



O ORCO

Deixamos a encantadora Angélica no instante em que, fugindo de seus pretendentes Sacripanto e Rinaldo, empenhados numa luta, ela encontrou um ermitão idoso. Vimos que seu pedido ao ancião foi lhe prover os meios de chegar ao litoral para escapar de Rinaldo, a quem votava ódio, partindo da França e da própria Europa. O suposto ermitão, que não era senão um vil feiticeiro, sabendo muito bem que não agradaria seus falsos deuses auxiliando a princesa em sua empreitada, fingiu que atenderia seu desejo. Forneceu à donzela um cavalo, no qual, graças aos poderes que possuía, introduzira um demônio e, depois de ajudar Angélica a montar no animal, indicou-lhe o percurso a fazer para alcançar o mar.

Angélica seguiu viagem sem de nada desconfiar, mas, quando chegou à costa, o demônio impeliu o animal a entrar na água. A donzela tentou em vão fazer o animal voltar para terra firme, mas ele continuou a cavalgar até que, já prestes a anoitecer, desabou com ela numa praia.

Vendo-se sozinha, abandonada nessa solidão amedrontadora, Angélica permaneceu imóvel, estupefata, de mãos postas e o olhar voltado para o céu, até que afinal, explodindo em lágrimas, exclamou:

— Ó, sorte cruel, ainda não exauristes tua fúria contra mim? A que novas mazelas me condenas? Ai de mim! Termina tua obra! Entrega-me a alguma besta feroz ou a qualquer outro destino que escolheres para pôr fim à minha vida. Serei grata a ti por extinguir a minha vida e o meu sofrer.

Então, exaurida pela dor, adormeceu deitada na areia.

Antes de relatar o que sucedeu a seguir, é preciso declarar que lugar era esse em que a pobre donzela se achava agora. No mar que banha a costa da Irlanda existe uma ilha chamada Ebuda, cujos habitantes, no passado numerosos, haviam sido exterminados pela fúria de Proteu até não sobrar mais que um

punhado deles. Essa divindade ficou enfurecida devido à ausência das homenagens que até então costumavam lhe prestar os moradores da ilha e, para levar a cabo sua vingança, mandara um pavoroso monstro marinho, chamado Orco, para devorá-los. Tamanho foi o pavor causado pela iminência do massacre, que todos os ilhéus se trancaram na fortaleza, confiando em suas muralhas para protegê-los. Angustiadados, recorreram aos conselhos do Oráculo, sendo orientados a apaziguar a ira do monstro marinho com a oferenda da mais bela virgem que a nação produzisse.

Aconteceu que precisamente no dia em que o Oráculo emitiu essa instrução e quando se expediu a ordem para que fosse encontrada, entre as mais belas donzelas da Terra, aquela que seria ofertada ao monstro, alguns marinheiros, aportando na praia em que dormia Angélica, viram a beldade ali deitada.

Ó Destino cego, cujo poder sobre as questões humanas é demasiado grande! Como podeis entregar aos dentes de um monstro terrível esses encantos que tantos soberanos duelaram entre si para possuir? Ó destino cruel! A linda Angélica está fadada a ser a vítima dos cruéis habitantes dessa ilha.

Ainda adormecida, a princesa foi amarrada pelos ebudianos, e apenas quando a puseram no barco foi que ela tomou ciência da própria situação. O vento enfunou as velas e levou o barco rapidamente até o porto, onde todos concordaram que essa era sem dúvida a vítima escolhida pessoalmente por Proteu para a finalidade pretendida. Quem consegue imaginar os gritos, a angústia mortal da infeliz donzela, as queixas que dirigiu até mesmo aos céus, quando a terrível notícia do seu destino lhe foi dada? Eu não consigo. Por isso, vou me dedicar a uma parte mais feliz da história.

Ruggiero partiu do palácio de Logestilla no lombo do seu corcel alado sobrevoando os topos das montanhas na direção do oriente. Foi capaz de controlar o hipogrifo com facilidade, graças ao bridão que lhe dera Melissa. Por mais ansioso que estivesse para reencontrar Bradamante, não pôde deixar de se maravilhar com a visão aérea de vastas regiões e nações populosas ao longo do percurso. Aproximou-se, finalmente, da Inglaterra e viu um exército imenso em todo o seu esplendor e pompa militar, parecendo avançar para a batalha, esperançoso da vitória. Fez o hipogrifo pousar não muito longe da cena e foi imediatamente cercado por observadores admirados, cavaleiros e soldados,

incapazes de refrear a curiosidade e o deslumbramento. Ruggiero descobriu, depois de indagar, que a tropa imponente diante de seus olhos constituía o exército destinado a partir em socorro do imperador francês, atendendo ao pedido feito pelo ilustre Rinaldo na condição de embaixador do Rei Carlos, seu tio.

A essa altura, a curiosidade dos cavaleiros ingleses foi parcialmente saciada pela contemplação do hipogrifo em repouso, e Ruggiero, causando-lhes nova surpresa e satisfação, tornou a montar no animal e, esporeando-lhe os flancos, o impeliu a alçar voo com a rapidez de um meteoro, dirigindo-se para oeste até poder ser avistado da costa da Irlanda. Ali, Ruggiero flagrou o que lhe pareceu ser uma bela donzela, sozinha, amarrada a uma rocha que se projetava mar adentro. Qual não foi seu espanto quando, chegando mais perto, ele identificou a Princesa Angélica! Nesse dia ela havia sido amarrada à rocha, a fim de aguardar a chegada do monstro marinho para devorá-la. Ruggiero exclamou ao se aproximar:

— Que mãos cruéis, que alma bárbara, que destino fatal vos prendeu com essas correntes?

Angélica reagiu com uma torrente de lágrimas, de início sua única resposta. Depois, numa voz trêmula, revelou ao paladino o destino terrível a que estava ali exposta. Enquanto falava, um troar pavoroso foi ouvido à distância no mar. O monstro gigantesco logo ficou à mostra, uma parte do corpo surgindo acima das ondas e a outra parte escondida na água. Angélica, semimorta de medo, entregou-se ao desespero.

Ruggiero, de lança em punho, esporeou o hipogrifo em direção ao Orco, investindo contra ele. O monstro tenebroso não guardava semelhança com coisa alguma produzida pela natureza. Não passava de uma massa corpórea que se debatia e se contorcia. Do gênero animal, tinha apenas a cabeça, os olhos e a boca, esta provida de presas como as de um javali selvagem. A lança de Ruggiero atingiu-o entre os olhos, mas rocha e ferro não se mostraram mais impenetráveis que suas escamas. O cavaleiro, percebendo a ineficácia do primeiro golpe, preparou-se para desferir um segundo ataque. O animal, vendo acima da água a sombra das asas do hipogrifo, abandonou sua vítima e se virou para a que lhe pareceu mais próxima. Ruggiero aproveitou a oportunidade e desferiu golpes furiosos em várias partes do corpo da criatura, tomando

cuidado para se esquivar dos dentes assassinos. As escamas, porém, continuaram impenetráveis. O Orco açoitava a água com a cauda até fazer surgir uma espuma que envolveu cavaleiro e cavalo, desnorteando Ruggiero, que já não sabia ao certo se estava na água ou no ar e levando-o a temer que as asas do hipogrifo, encharcadas, não fossem capazes de sustentá-lo. Nesse instante, o cavaleiro lembrou-se do escudo mágico, pendurado na sela, mas o medo de que também Angélica sofresse seu efeito desencorajou-o de usá-lo. Foi quando lhe veio à mente a lembrança do anel que ganhara de Melissa, cujo poder ficara provado recentemente. Correndo para Angélica, pôs o anel em seu dedo. Então, desvelando o escudo, virou sua superfície brilhante diretamente para o monstro detestável. O efeito foi instantâneo. A criatura, privada dos sentidos e do movimento, rolou na água e passou a flutuar de barriga para cima. Ruggiero de bom grado tentaria testar o poder da própria lança nas partes agora expostas daquele corpanzil, mas Angélica lhe implorou para libertá-la sem demora das correntes, antes que o Orco voltasse a si. Ruggiero, comovido com as súplicas da donzela, apressou-se a atendê-la e, depois de soltá-la, ajudou-a a montar com ele no hipogrifo. O animal alçou voo de imediato e logo adquiriu velocidade. Ruggiero, a fim de dar tempo à princesa para repousar, procurou um pedaço de terra para pousar e o fez numa praia na Bretanha. Próximo à praia, havia uma densa floresta onde ecoava o canto de pássaros e no centro da qual uma fonte de águas transparentes banhava a grama de uma pequena pradaria em que Ruggiero fez o hipogrifo pousar. Apeando-se do animal, ajudou Angélica a desmontar.

Quando os primeiros tremores de emoção cessaram, Angélica, baixando os olhos, viu em seu dedo o anel precioso, com cujas virtudes já estava bastante familiarizada, visto que se tratava precisamente daquele que o sarraceno Brunello lhe havia roubado. Tirando-o do dedo, colocou-o na boca e, com indizível rapidez, tornou-se invisível ao paladino.

Ruggiero olhou freneticamente à volta, mas logo se lembrou do anel que pouco antes pusera no dedo da donzela. Magoado pela ingratidão que recompensara seus serviços, exclamou, então:

— Beldade ingrata, é esta a recompensa que mereço? Preferis roubar de mim o anel do que recebê-lo de presente? De bom grado eu o teria ofertado a vós, caso me houveste pedido.

Dito isso, buscou por todo lado e de braços abertos como um cego, na esperança de recuperar através do tato aquilo que os olhos haviam perdido. Sua busca, porém, foi em vão. A beldade cruel já se achava bem longe.

Embora ciente das obrigações devidas a seu libertador, a prioridade da dama era roupa, comida e descanso. Logo se deparou com uma cabana de pastor, onde, entrando sem ser vista, encontrou o que lhe bastava no momento. Na cabana morava um pastor idoso a quem cabia cuidar de algumas éguas. Depois de descansar, Angélica escolheu uma delas e, montando no animal, foi acometida pelo desejo de voltar ao lar no oriente e, para tanto, teria aceitado a proteção de Orlando ou de Sacripanto na travessia das vastas regiões que a separavam da terra natal. Na esperança de encontrar um dos dois, seguiu em frente.

Enquanto isso, Ruggiero, desesperado ante a possibilidade de jamais rever Angélica, voltou até a árvore em que havia amarrado o cavalo alado, mas ficou mortificado ao ver que o animal se soltara e fugira. Essa perda, acrescentada ao desapontamento anterior, deixou-o arrasado. Com tristeza recolheu suas armas, pendurou no ombro o escudo e, pegando o primeiro caminho que se apresentou, logo chegou às fímbrias de uma densa e ampla floresta.

Percorrera uma certa distância quando ouviu um ruído à sua direita e, aguçando o ouvido, identificou o barulho de espadas se tocando. Aproximou-se do local de onde viera o som e ali encontrou dois guerreiros num combate mortal. Um deles era um cavaleiro de origem nobre e valorosa, o outro, um gigante feroz. O cavaleiro exibia enorme destreza em sua própria defesa contra o descomunal porrete do gigante, esquivando-se dos golpes ou aparando-os com a espada ou o escudo. Ruggiero tornou-se espectador do embate, pois não se permitiu intervir, embora um sentimento secreto o impelisse com veemência a tomar o lado do cavaleiro. No final, ficou abalado ao ver o porrete do gigante atingir diretamente a cabeça do cavaleiro, que sucumbiu ao golpe, desabando no chão. O gigante se adiantou de um salto para pôr fim à vida do adversário e para tanto desamarrou-lhe o elmo. Foi então que Ruggiero, com desgosto, reconheceu o rosto de Bradamante, imediatamente gritando, antes de desembainhar a espada e avançar:

— Afasta-te, canalha!

O gigante, como se não lhe interessasse travar novo combate, pôs Bradamante nos ombros e correu para a floresta.

Ruggiero saiu em seu encalço, mas as compridas pernas do gigante lhe conferiam tamanha velocidade que o paladino mal podia acompanhá-lo com os olhos. No final, todos saíram da floresta e Ruggiero se viu diante de um luxuoso palácio, feito de mármore e adornado com esculturas produzidas pela mão de um mestre. O gigante passou por uma porta de ouro para adentrá-lo, e Ruggiero o seguiu. No entanto, olhando à volta, não viu o gigante ou Bradamante. Correu de cômodo em cômodo, chamando bem alto o inimigo covarde para que viesse enfrentá-lo. Não obteve resposta, bem como qualquer sinal do gigante ou da donzela. Em sua vã perseguição esbarrou, sem saber de quem se tratava, em Ferrau, Florismart, no Rei Gradasso, em Orlando e muitos outros, todos presos como ele nesse castelo encantado. Tratava-se de um novo estratagema do mago Atlantes para recuperar o domínio sobre Ruggiero e também para deter aqueles que pudessem de alguma forma pôr em perigo a sua segurança. O que Ruggiero imaginara ser Bradamante não era mais que uma miragem. A dama encantadora se encontrava muito longe, cheia de ansiedade por ele, cuja chegada há muito aguardava.

O imperador entregara a seus cuidados a cidade e as tropas de Marselha, e ela as defendia contra os infiéis com coragem e prudência. Um dia, Melissa surgiu repentinamente à sua frente. Antecipando suas perguntas, a sacerdotisa disse:

— Não temais por Ruggiero. Ele está vivo e vos é fiel e leal. Perdeu, contudo, a liberdade. O pérfido feiticeiro conseguiu novamente aprisioná-lo. Se quiserdes libertá-lo, montai no seu cavalo e segui-me.

Pôs, então, Bradamante a par da maneira como Atlantes iludira Ruggiero, levando-o, graças a uma miragem, a acreditar que ela corria perigo.

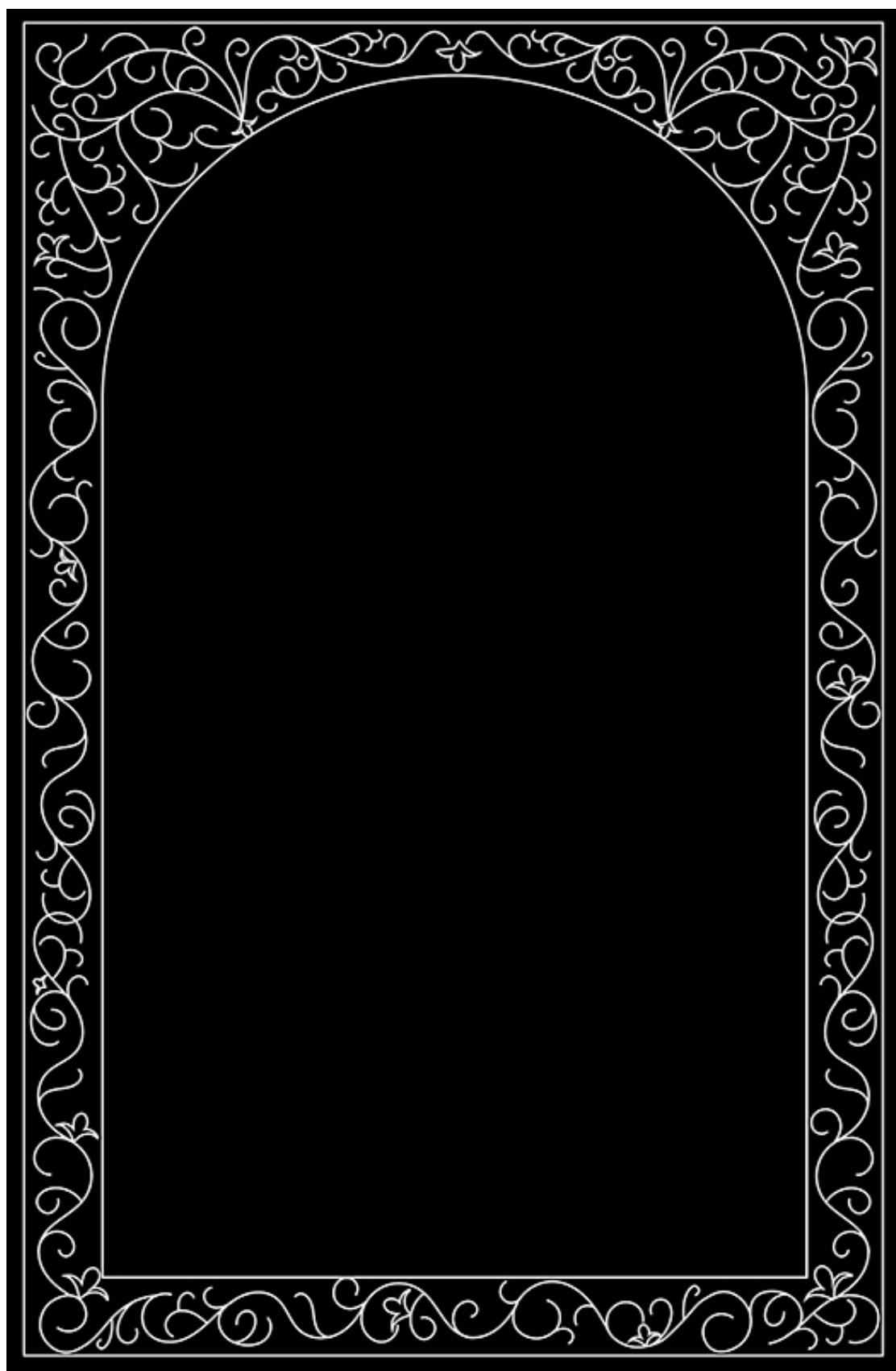
— Tais serão seus estratagemas no vosso caso se penetrardes na floresta e chegardes ao castelo. Imaginareis estar vendo Ruggiero, quando, na verdade, vossos olhos verão apenas o próprio feiticeiro. Não vos deixeis iludir, enfiai vossa espada em seu corpo e, acreditai no que vos digo: ao matá-lo, estareis não só resgatando Ruggiero, como também vários dos mais valorosos cavaleiros de França, os quais foram afastados do acampamento do vosso soberano por meio da magia dessa vil criatura.

Bradamante prontamente se armou e montou no cavalo. Melissa guiou-a pelo campo e pela floresta numa jornada forçada, encantando-a no caminho com o tema que mais interessava à ouvinte. Quando, afinal, alcançaram a floresta, a sacerdotisa mais uma vez repetiu as instruções, partindo em seguida, por medo de que o mago a espionasse e fosse alertado.

Bradamante cavalgou cerca de três quilômetros e de repente deparou-se com Ruggiero quando ele surgiu à sua frente imprensado entre dois gigantes ferozes. Enquanto hesitava, ela ouviu sua voz lhe pedindo socorro. Imediatamente, os avisos de Melissa foram esquecidos.

— Devo desconfiar dos meus próprios olhos e ouvidos? — exclamou, correndo para defender o amado.

Ruggiero fugiu, perseguido pelos gigantes, e Bradamante seguiu-os, passando com eles pelos portões do castelo. Uma vez lá dentro, Bradamante ficou desorientada, já que nem gigantes nem cavaleiros estavam à vista. Descobriu-se prisioneira, sem sequer ter o consolo de saber que compartilhava o cativeiro com seu amado. Viu várias figuras, homens e mulheres, mas não reconheceu qualquer delas, sendo a recíproca verdadeira. Cada qual via os demais sob o domínio do feitiço que os iludia na forma de gigantes, anões ou mesmo de animais quadrúpedes, o que impedia que houvesse camaradagem ou comunicação entre eles.



Capítulo XI



AS AVENTURAS DE ASTOLFO CONTINUAM, E AS DE ISABELLA COMEÇAM

Quando escapou da cruel Alcina, após uma breve estadia no reino da virtuosa Logestilla, Astolfo quis retornar à terra natal. Logestilla lhe emprestou a melhor nau da sua frota para levá-lo ao continente. Deu-lhe na despedida um livro maravilhoso, que ensinava o segredo para neutralizar todo tipo de feitiços, e implorou ao paladino que o levasse sempre consigo, por consideração a ela. Presenteou-o, ainda, com mais um objeto, superior a todos do mesmo tipo já fabricados por um mortal. No entanto, na aparência, o objeto não passava de uma simples trompa.

Astolfo, protegido por tais regalos, agradeceu à boa fada, despediu-se e partiu para retornar à França. Sua viagem foi próspera e, atracando no porto desejado, o cavaleiro despediu-se dos marujos leais e prosseguiu por terra. Ao passar por montanhas e vales, com frequência se deparava com salteadores, animais selvagens e serpentes venenosas, mas bastava soar a trompa para que todos debandassem.

Chegando à França e tendo atravessado várias províncias para se reunir a seu exército, um dia, cruzando uma floresta, encontrou uma fonte, junto à qual se deteve para tomar um gole de água. Enquanto bebia, um jovem campesino surgiu do bosque, montou em Rabican e partiu a galope. Tratava-se de uma nova artimanha de Atlantes. Astolfo, ao escutar o barulho, virou a cabeça bem a tempo de se dar conta da perda. Perseguiu, então, o ladrão, que, por sua vez, não incitou o cavalo a usar sua máxima velocidade, mas ficou de olho no perseguidor até ambos saírem da floresta, após o que Rabican e o larápio se abrigaram num castelo vizinho. Astolfo seguiu-os e entrou sem dificuldade no pátio do castelo, onde procurou à volta pelo gatuno e pelo cavalo sem conseguir encontrar sequer sinal de ambos ou de qualquer outra pessoa a quem

fazer perguntas. Desconfiado de que algum feitiço fora usado para atrapalhá-lo, recordou-se do livro e, ao consultá-lo, descobriu que suas suspeitas tinham fundamento. Descobriu, também, o que fazer: erguer a pedra que servia de soleira na entrada, sob a qual havia um espírito enterrado, que escaparia de bom grado, deixando livre a entrada do castelo. Astolfo empregou toda a sua força para afastar a pedra, em seguida ao que o mago fez valer seus poderes. O castelo estava cheio de prisioneiros, e o feiticeiro enfeitiçou-os para que vissem Astolfo sob alguma aparência falsa — para alguns, a de uma besta selvagem, para outros, a de um gigante e para outros, ainda, a de uma ave predadora. Desse modo, todos os prisioneiros investiram sobre ele e o teriam matado caso não lhe ocorresse a lembrança de estar com a trompa. Mal a soara uma vez e os cavaleiros, acompanhados do necromante, fugiram como um bando de pombos ao ouvir o tiro do passarinho. Astolfo voltou então a tentar erguer a pedra logrando rolá-la para o lado. A parte de baixo era cheia de caracteres mágicos, que o cavaleiro adulterou, como o livro lhe instruía a fazer; nem bem terminara a tarefa quando o castelo, com todas as muralhas e torres, virou fumaça.

Os cavaleiros e damas libertados eram, além de Ruggiero e Bradamante, Orlando, Gradasso, Florismart e muitos mais. Ao som da trompa, todos fugiram, homens e garanhões, salvo Rabican, que Astolfo reteve, a despeito de estar apavorado. Assim que o som cessou, Ruggiero reconheceu Bradamante, com quem se encontrava diariamente durante o cativeiro, mas que fora impedido de identificar devido aos poderes do feiticeiro. Não há palavras para descrever o deleite que sentiram ao se reconhecerem e relatarem um ao outro tudo que lhes acontecera desde o último adeus. Ruggiero aproveitou a oportunidade para renovar sua proposta e percebeu que Bradamante se mostrava tão propícia a aceitar quanto ele desejava, salvo por um único obstáculo: a diferença de religião.

— Para um homem obter a mão de uma mulher em casamento — disse ela —, ele precisa pedi-la formalmente ao pai da noiva, neste caso, o Duque Aymon, e abandonar seu falso profeta, tornando-se cristão.

Já fazia algum tempo que Ruggiero pretendia dar esse último passo, por motivos pessoais. Assim, ele aceitou de bom grado as condições e sugeriu que se dirigissem imediatamente até a abadia de Vallombrosa, cujas torres podiam

ser vistas não muito à distância. Para tanto, ambos viraram seus cavalos nessa direção e aqui os deixaremos para que encontrem o caminho sem a nossa companhia.

Não sei se meus leitores se recordam de que, no momento em que Ruggiero acabava de libertar Angélica do monstro voraz, Orco, a beldade desdenhosa pôs na boca o anel e sumiu de vista. No mesmo momento, o hipogrifo soltou-se da árvore e alçou voo para reunir-se ao velho dono, muito naturalmente encontrando o caminho para o seu estábulo habitual. Ali Astolfo encontrou-o, para sua imensa satisfação. Astolfo conhecia seus poderes, tendo visto Ruggiero cavalgá-lo, e estava ansioso para sobrevoar toda a Terra e ver nações e povos de cima. Ouvira as instruções de Logestilla sobre como manejar o animal e viu quando ela fixou um bridão em sua cabeça e por isso foi capaz de escolher, entre todos os bridões do estábulo, um que se adequasse e, colocando a sela de Rabican no lombo do hipogrifo, nada parecia indicar que sua iminente partida seria impedida. No entanto, antes disso, ocorreu-lhe deixar Rabican nas mãos de quem zelasse pela sua segurança de modo a poder reivindicá-lo num momento de necessidade. Enquanto matutava sobre onde encontrar um mensageiro, Astolfo viu Bradamante se aproximar. A bela guerreira fora separada de Ruggiero no caminho para a abadia de Vallombrosa, devido a uma inoportuna aventura que exigira a partida do cavaleiro. Ela voltaria agora para Montalvão, tendo combinado com Ruggiero de encontrá-la lá. A Bradamante, então, o primo de Ruggiero, Astolfo, entregou Rabican, com a lança de ouro, que não seria senão um estorvo na sua excursão aérea. Bradamante aceitou ficar com ambos, e Astolfo, dando-lhe adeus, alçou voo no hipogrifo.

Entre os libertados por Astolfo do castelo do feiticeiro estava Orlando. Seguindo o acaso, o paladino se viu no final do dia numa floresta e parou ao pé de uma montanha. Surpreso a vislumbrar uma luz vinda de uma fenda na rocha, aproximou-se, guiado pelo facho, e descobriu uma estreita passagem no flanco da montanha que levava a uma gruta profunda.

Orlando amarrou seu cavalo e, abrindo passagem por entre os galhos resistentes, foi descendo de rocha em rocha até chegar a uma espécie de caverna. Ao entrar, deparou-se com uma dama, jovem e bonita, em quem pôde discernir sinais de inquietude toldando-lhe o semblante. Sua única companhia

era uma velha, que parecia despertar na jovem terror e indignação. O cortês paladino saudou as mulheres respeitosamente e pediu que elas lhe dissessem que barbaridade as havia submetido a tal encarceramento.

A mais jovem respondeu numa voz entrecortada por soluços:

— Embora eu saiba que o meu relato há de me sujeitar a um tratamento ainda pior por parte do bárbaro que me mantém presa aqui, a quem essa mulher não se negará a me denunciar, não esconderei de vós os fatos. Ah! Por que eu deveria temer a ira desse homem vil? Se ele me tirar a vida, não sei dizer que prêmio melhor que a morte posso pedir.

“Meu nome é Isabella. Sou filha do Rei da Galícia ou talvez devesse dizer que o infortúnio e a dor são meus pais. Jovem, rica, recatada e de temperamento dócil, tudo parecia se juntar para tornar a minha vida feliz. Ai de mim! Vejo-me hoje pobre, humilde, sofredora e destinada, quem sabe, a maiores tribulações. Faz um ano que meu pai anunciou que promoveria um torneio em Bayonne atraindo à nossa Corte numerosos cavaleiros vindos de toda parte. Entre eles estava Zerbino, filho do Rei da Escócia, vitorioso em todos os combates, que eclipsou os demais com sua beleza e coragem. Antes de deixar a Corte da Galícia, ele expressou o desejo de contrair núpcias comigo e consenti que pedisse a minha mão ao rei, meu pai. Mas eu era maometana, e Zerbino, cristão, e meu pai recusou-se a consentir o matrimônio. O príncipe, chamado de volta ao lar pelo pai a fim de comandar as tropas destinadas a prestar assistência ao imperador francês, insistiu comigo para casar-me com ele secretamente e segui-lo até a Escócia. Mandou que preparassem uma galé para me receber e designou para comandá-la o Chevalier Oderic, um biscaio, famoso por suas expedições tanto na terra quanto no mar. No dia marcado, Oderic levou a embarcação a uma propriedade costeira do meu pai, onde embarquei. Algumas das minhas criadas me acompanharam e assim parti da minha terra natal.

“Viajávamos impelidos por um vento ameno até que, horas mais tarde, fomos atingidos por uma violenta tempestade. Não adiantou baixarmos todas as velas; fomos empurrados diretamente para a margem rochosa. Não vendo outra esperança de salvação, Oderic me pôs num barco, atrás do qual seguiu com um punhado de seus homens, em direção à terra firme. Foram muitos os

perigos que enfrentamos e, assim que pisei em terra firme, ajoelhei-me e agradei sinceramente à Providência que me preservara a vida.

“O lugar onde ancoramos parecia desabitado. Não encontramos local algum para nos servir de abrigo, estrada alguma para nos levar a um lugar menos inóspito. Uma alta montanha se erguia à frente, cujo sopé entrava mar adentro. Foi ali que o infame Oderic, a despeito das minhas lágrimas e súplicas, me vendeu a um bando de piratas, que me consideraram um presente aceitável para o sultão do Marrocos, seu príncipe. Esta caverna é o covil dessas pessoas, que aqui me mantêm sob a guarda dessa mulher, até que lhes seja conveniente me levar embora.”

Isabella mal terminara o relato quando um bando de homens armados adentrou a caverna. Vendo o Príncipe Orlando, um deles disse aos demais:

— Que pássaro é esse que capturamos sem sequer precisarmos de armadilha? — indagou, dirigindo-se em seguida a Orlando: — Foi com efeito gentil da vossa parte vir até aqui com essa bela armadura e adornos, que são precisamente o objeto do meu desejo.

— Pagarás por isso, então — retrucou Orlando.

Pegando no fogo uma tora semiqueimada, atirou-a no homem, acertando-lhe a cabeça e derrubando-o, morto, no chão.

Havia uma enorme mesa no centro da caverna, usada pelos piratas nas refeições. Orlando ergueu-a e atirou-a sobre os ladrões enquanto estavam agrupados próximo à entrada. Metade do bando ficou prostrada no chão, com as cabeças e os membros quebrados; os demais foram embora o mais rapidamente possível.

Depois de abandonar o covil e seus moradores ao destino, Orlando, assumindo a missão de proteger Isabella, seguiu caminho durante alguns dias sem esbarrar em outra aventura.

Um dia, os dois viram um bando de homens, que aparentavam guardar um prisioneiro, com as mãos e os pés acorrentados, como se o estivessem levando para ser executado. O prisioneiro era um jovem cavaleiro de aparência inocente. O bando portava as insígnias do conde Anselm, patriarca da traiçoeira casa de Maganza. Orlando preferiu que Isabella aguardasse enquanto ele os abordava para indagar o significado daquilo. Perguntou ao líder quem era o prisioneiro e que crime cometera. O homem respondeu que se tratava de

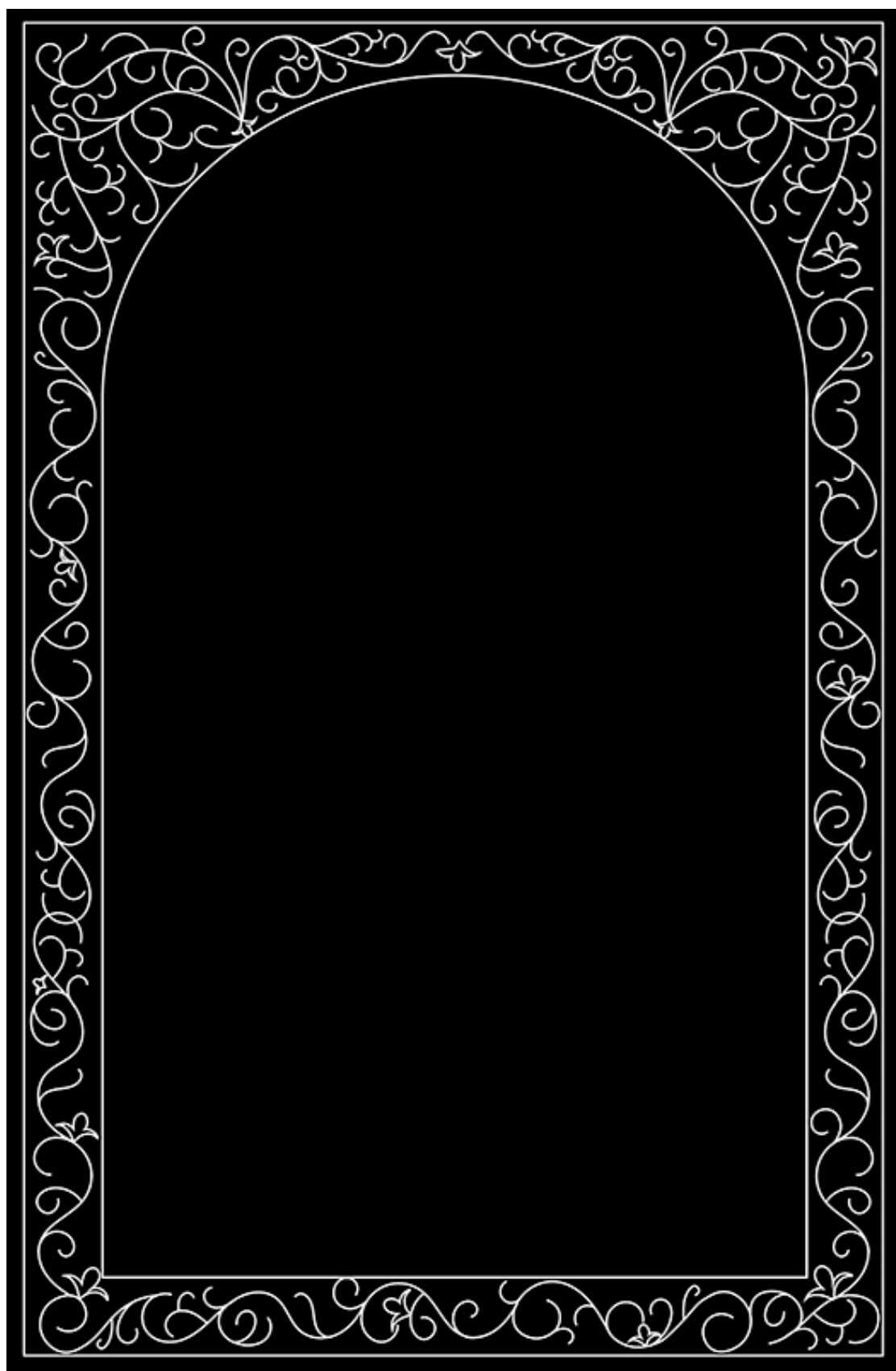
um assassino, em cujas mãos Pinabel, o filho do conde Anselm, morrera. Ao ouvir tais palavras, o prisioneiro exclamou:

— Não sou assassino, nem fui de forma alguma a causa da morte do jovem.

Orlando, ciente da natureza cruel e feroz dos membros da casa de Maganza, não precisou de mais nada para concluir que o jovem fora vítima de injustiça. Exigiu que o líder da tropa libertasse o preso e, recebendo uma resposta insolente, atirou-o por terra com um golpe de lança. Então, com um punhado de golpes vigorosos dispersou o bando, deixando marcas letais naqueles demasiado lentos para lhe escapar.

Orlando apressou-se a libertar o prisioneiro e ajudá-lo a envergar novamente a armadura da qual o pérfido guarda ousara apossar-se. Depois levou o jovem até Isabella, que agora se aproximava do local da ação. Como imaginar a satisfação e o espanto com que Isabella reconheceu Zerbino, seu marido, e com que o príncipe, que acreditava que a esposa fora tragada pelas ondas, a acolheu nos braços! Ambos choraram de felicidade. Orlando, partilhando essa alegria, congratulou-se por ter sido o instrumento de tamanho júbilo. A princesa relatou a Zerbino o que o ilustre paladino fizera por ela e o príncipe se prostrou de joelhos diante do cavaleiro e lhe agradeceu por ter duas vezes preservado sua vida.

Enquanto transcorriam esses momentos de congratulação e agradecimento, um som na mata atraiu a atenção do trio e levou os dois cavaleiros a ajustarem os elmos e ficarem alerta. O que causou a interrupção será relatado noutro capítulo.



Capítulo XII



MEDORO

A França era, a essa altura, o cenário de terríveis acontecimentos. Os sarracenos e os cristãos em inúmeros embates matavam-se uns aos outros. Certa feita, Rinaldo liderou um ataque às tropas infiéis, rompeu suas linhas de batalha e dispersou-as, até se ver diante de um cavaleiro cuja armadura (se por acaso ou escolha, não importa saber) ostentava o brasão de Orlando. O cavaleiro em questão era Dardinel, o jovem e corajoso Príncipe de Zumara, e Rinaldo deixou-o impressionado com o massacre que promovera por todo lado. “Ah”, disse a si mesmo o cavaleiro, “arranquemos esta planta perigosa antes que termine de crescer.”

Quando Rinaldo avançou, a multidão lhe abriu caminho, os cristãos para que sua espada fosse livremente brandida, os pagãos para escapar de seu chicote. Dardinel e ele ficaram cara a cara. Rinaldo exclamou com ferocidade:

— Jovem, quem quer que vos tenha dado esse nobre escudo ofertou-vos um regalo perigoso. Agradar-me-ia saber como haveis de defender essas cores, o vermelho e o branco. Se não fores capaz de defendê-las contra mim, como pretendeis fazê-lo quando o desafio vier de Orlando?

Dardinel respondeu:

— Descobrireis que posso defender as armas que ostento e cobri-las de novas glórias. Ninguém as roubará de mim, senão pagando com a vida.

Dizendo isso, Dardinel investiu contra Rinaldo de espada em riste. Um terror mortal encheu as almas dos sarracenos ao verem Rinaldo se adiantar para atacar o príncipe como um leão investe contra um touro jovem. O primeiro golpe veio de Dardinel, e a arma não produziu qualquer efeito quando atingiu o elmo do adversário. Rinaldo sorriu e disse:

— Vou mostrar-vos agora se meus golpes são mais eficazes.

Na mesma hora, atingiu o desafortunado Dardinel no meio do peito. O golpe foi tão violento que a arma cruel furou o corpo, um palmo dela saindo pelas costas do jovem. Por esse ferimento, a vida de Dardinel se esvaiu junto com seu sangue, e ele caiu morto no chão.

Como uma flor ceifada pelo arado murcha, e sua corola se inclina sobre o caule, também Dardinel, o rosto exibindo a palidez da morte, exalou seu último suspiro fazendo perecerem com ele as esperanças de uma raça ilustre.

Assim como as águas retidas por um dique inundam toda a nação quando o dique se rompe, os mouros, não mais se mantendo em posição sob o comando de Dardinel, fugiram em todas as direções. Rinaldo votava demasiado desprezo por essas vitórias fáceis para se dar ao esforço de obtê-las; seu desejo era combater tão somente homens valorosos. Ao mesmo tempo, os demais paladinos promoveram um terrível massacre dos mouros. O próprio Carlos, além de Oliveiros, Guido e Holger, o dinamarquês, espalharam a morte em todos os escalões do exército inimigo.

Os infiéis pareciam fadados a perecer até o último homem naquele dia tenebroso. O sábio Rei Marsílio, porém, acabou por implantar um mínimo de método em meio à debandada generalizada. Reuniu o restante dos soldados, organizou-os em batalhão e recuou relativamente em ordem para o próprio acampamento. Esse acampamento era fortificado por trincheiras e um amplo fosso. Para lá correram os fugitivos e, aos poucos, tudo que restara do exército mouro ali se agrupou.

O imperador talvez tivesse esmagado por completo o adversário naquela noite, mas, não considerando prudente arriscar a vida de seus soldados, cansados como estavam, no ataque a um acampamento tão fortificado, contentou-se em encurralar o inimigo e preparou-se para um cerco comum. Durante a noite, os mouros tiveram tempo para verificar a extensão dos prejuízos. Os lamentos ecoavam nas tendas. Um guerreiro chorava a perda de um irmão, outro, a de um amigo; muitos sofriam com ferimentos graves e todos temiam o que o destino lhes reservava.

Dois jovens mouros, ambos de patente modesta, deram provas nessa ocasião de um comprometimento e uma fidelidade raros na história da humanidade. Cloridan e Medoro haviam seguido seu príncipe, Dardinel, a fim de lutar contra a França. Cloridan, um caçador rude, era forte e ativo. Medoro

era um mero rapazinho de bochechas coradas. Nenhum outro sarraceno possuía tanta beleza e graça quanto ele. O cabelo louro contrastava com os olhos negros e brilhantes. Os dois amigos estavam juntos montando guarda nas muralhas. Por volta da meia-noite, contemplavam o cenário com enorme desalento. Medoro, com lágrimas nos olhos, falava do bom Príncipe Dardinel, sem conseguir suportar a ideia de que seu corpo fosse largado na planície, privado das honras fúnebres.

— Ah, meu amigo — disse ele —, será que o corpo do nosso príncipe há de servir de repasto para lobos e corvos? Ai! Quando me lembro do quanto ele me tinha afeição, sinto que, se precisasse sacrificar a minha vida para lhe fazer justiça, não cumpriria senão o meu dever. Eu gostaria, meu amigo, de procurar seu cadáver no campo de batalha e lhe dar um enterro. Espero conseguir atravessar o acampamento do Rei Carlos sem ser descoberto, já que todos provavelmente dormem a esta hora. Tu, Cloridan, serás capaz de falar por mim, caso eu pereça nessa aventura, que a gratidão e a lealdade ao meu príncipe foram meus incentivos.

Cloridan ficou ao mesmo tempo surpreso e emocionado com essa prova de devoção do jovem. Nutria por ele um imenso afeto e de tudo fez para demovê-lo do intento. Descobriu, contudo, que Medoro estava decidido a alcançar esse objetivo ou morrer tentando.

Incapaz de fazer o amigo mudar de ideia, Cloridan disse:

— Vou contigo, Medoro, e te ajudarei nessa empreitada caridosa. Não valorizo a vida mais do que valorizo a honra e, mesmo que assim não fosse, supões, meu amigo, que eu poderia viver sem ti? Prefiro morrer por obra das armas dos nossos inimigos do que de dor por te perder.

Quando foram liberados do posto da guarda, os dois se dirigiram sozinhos até o acampamento dos cristãos, onde imperava a quietude. Das fogueiras restavam apenas brasas; os soldados, sem temer ataques dos sarracenos e vencidos pelo cansaço ou pelo vinho, dormiam tranquilos, deitados no chão em meio às armas e aos equipamentos. Cloridan parou e disse:

— Medoro, não saio deste acampamento sem vingar a morte do nosso príncipe. Vigia para que ninguém nos surpreenda. Pretendo deixar a marca da minha espada nos soldados inimigos.

Assim dizendo, o jovem entrou na tenda onde dormia Alfeu, que um ano antes se juntara aos soldados de Carlos e que sonhava ser um grande médico e astrólogo. Sua ciência, contudo, o iludira ao alimentar-lhe a esperança de morrer pacificamente na cama numa idade avançada. Gente como ele está fadada a morrer sem aviso. Cloridan perfurou-lhe o coração com a espada. Em seguida, fez o mesmo com um grego e um alemão que jogavam dados tarde da noite: teriam tido sorte caso continuassem a jogar mais um pouco, mas não contavam com um revés como aquele. Cloridan se voltou depois contra o pobre Grillon, cuja cabeça repousava serena no travesseiro. Sonhava, provavelmente, com o banquete do qual acabara de sair, já que, quando Cloridan cortou-lhe a cabeça, o vinho jorrou junto ao sangue.

Os dois jovens mouros poderiam até mesmo ter invadido a tenda de Carlos Magno, mas, cientes de que os paladinos acampavam em torno do imperador, montando guarda em turnos, e calculando ser impossível que estivessem todos dormindo, recearam aproximar-se demais. Podiam, igualmente, ter se apossado de um vultoso butim, mas, determinados apenas a alcançar o objetivo almejado, atravessaram o acampamento e finalmente chegaram ao campo de batalha, onde escudos, lanças e espadas jaziam em meio aos cadáveres de pobres e ricos, soldados e nobres, cavalos e poças de sangue. Essa terrível cena de carnificina teria acabado com qualquer esperança de encontrar o que buscavam até o dia clarear, não fosse pela lua, que, com seu brilho incerto, prontificou-se a ajudá-los.

Medoro ergueu os olhos para o planeta e exclamou:

— Oh, deusa sagrada que nossos pais adoraram sob três formas distintas, vós que exerceis vosso poder no céu, na terra e no inferno, vós que sois vista sobretudo entre as ninfas que perseguem as bestas da floresta, fazei-me ver, eu suplico, o lugar onde meu príncipe adorado jaz e fazei-me seguir pela vida toda o caminho da caridade e do amor.

Quer por casualidade ou por ter a lua se comovido com a prece de Medoro, as nuvens se abriram e o luar tudo iluminou como se dia fosse. Os raios pareciam ser mais brilhantes sobre o ponto onde jazia o corpo do Príncipe Dardinel. Medoro, então, banhado em lágrimas e com o coração sangrando, reconheceu-o pelo brasão vermelho e branco em seu escudo.

Com gemidos sufocados pelas lágrimas e lamentos entrecortados, não por temer a morte, pois não lhe importava a vida, mas por temer que alguém surgisse para interromper seu dever piedoso antes que o concluísse, propôs ao amigo carregarem o príncipe nos ombros, partilhando o peso dos restos mortais adorados.

Caminhando a passos rápidos sob o fardo precioso, perceberam que as estrelas começavam a empalidecer e que as sombras da noite logo seriam obliteradas pela aurora. Justo então, Zerbino, cuja extrema coragem impelira a se afastar do acampamento para perseguir os fugitivos e que agora voltava, adentrou a floresta onde os amigos estavam. Alguns cavaleiros que o seguiam vislumbraram à distância os dois irmãos de armas. Cloridan viu os soldados e, observando-os se dispersarem pela planície como se procurassem espólios de guerra, mandou que Medoro deixasse no chão o cadáver e cada qual corresse para salvar a pele. Largou a parte que lhe cabia segurar, achando que Medoro faria o mesmo, mas o jovem bondoso amava demais seu príncipe para abandoná-lo e continuou carregando o corpo sozinho, da melhor maneira que pôde, enquanto Cloridan empreendia sua fuga. Ali bem próximo ficava uma parte da floresta bastante densa, que parecia intocada, salvo por animais selvagens. Esse jovem infeliz, sobrecarregado com o peso do soberano morto, mergulhou em seu interior.

Cloridan, ao perceber ter escapado dos inimigos, descobriu que Medoro não o acompanhara.

— Ah — exclamou —, como pude, querido Medoro, perder a cabeça a ponto de me preocupar apenas com a minha segurança e esquecer-me da tua?

Assim dizendo, refez os passos que dera, voltando ao lugar de onde fugira. Ao se aproximar, ouviu o ruído de cavalos, bem como as vozes ameaçadoras dos homens armados. Logo viu Medoro, a pé, cercado pelos cavaleiros. Zerbino, o comandante, ordenou que o prendessem. O infeliz Medoro se virava para lá e para cá, tentando esconder-se atrás de um carvalho ou de uma pedra, ainda carregando o corpo, que se recusava a largar. Cloridan, sem saber como ajudá-lo, decidiu morrer com o amigo, se morrer fosse sua sina. Pegando uma flecha e enfiando-a no arco, atirou-a e atingiu o peito de um cavaleiro cristão, que desabou do cavalo. Os demais olharam para todos os lados para entender de onde viera o ataque fatal. Um deles, enquanto perguntava aos

companheiros de que direção saíra a flecha, recebeu outra na garganta, que silenciou-lhe as palavras e logo lhe fechou os olhos para a cena.

Zerbino, furioso com a morte dos dois companheiros, investiu correndo contra Medoro, agarrou-o pelos cabelos louros e o arrastou, decidido a matá-lo. A visão, contudo, de tanta juventude e beleza despertou-lhe pena e ele se deteve. O jovem falou num tom suplicante:

— Ah, senhor. Imploro-vos pelo Deus que servis, não ceifeis minha vida até que eu enterre o corpo do meu príncipe. Não vos pedirei mais favor algum; a vida não me é cara. Desejo morrer tão logo cumpra meu dever sagrado. Fazei comigo então o que quiserdes. Dai meus braços e minhas pernas para os pássaros e as bestas selvagens. Deixai-me apenas enterrar o meu príncipe.

Medoro proferiu essas palavras com expressão tão doce que um coração de pedra teria se comovido. Zerbino se comoveu sinceramente e estava a ponto de pronunciar palavras piedosas quando um subalterno cruel, ignorando qualquer resquício de respeito pelo comandante, enfiou a lança no peito do jovem mouro. Zerbino, enfurecido com tamanha brutalidade, virou-se para se vingar do vilão, que contudo foi salvo por uma investida imprevista.

Cloridan, que vira Medoro cair, não conseguiu mais se conter. Saiu do esconderijo, atirou no chão o arco e, empunhando a espada, pareceu desejar apenas vingar Medoro e morrer com o amigo. Imediatamente lacerado, arrastou-se com o que lhe sobrava de energia para chegar até Medoro e morrer abraçado a ele. Os cavaleiros deixaram a dupla para se juntar a Zerbino, cuja fúria contra o assassino de Medoro o levava a afastar-se do local.

Cloridan morreu e Medoro, sangrando copiosamente, já se aproximava do fim quando chegou socorro.

Uma jovem donzela se aproximou dos cavaleiros abatidos naquele momento crítico. Embora vestida como uma camponesa, sua expressão era nobre e sua beleza, celestial. Meiguice e bondade lhe iluminavam o belo semblante. Não era outra senão Angélica, a Princesa de Catai.

Ao recuperar o anel precioso, conforme já relatamos, e conhecendo o valor do talismã, Angélica sentiu orgulho do poder por ele conferido, viajou sozinha sem nada temer, a despeito de nutrir uma vergonha secreta por ter sido obrigada a pedir a proteção do conde Orlando e de Sacripanto em suas andanças anteriores. Censurava-se, também, por ter tido a fraqueza de um dia

pensar em casar-se com Rinaldo. Em resumo, seu orgulho cresceu tanto que a levou a convencer-se de que homem algum era digno de aspirar à sua mão em casamento.

Comovida ao ver o jovem ferido e emocionada até as lágrimas ao descobrir o motivo, ela logo se lembrou de algo que aprendera na Índia, onde os poderes das plantas e a arte da cura fazem parte da instrução até mesmo de princesas. A bela rainha correu até a pradaria vizinha para colher plantas capazes de estancar hemorragias. Encontrando no caminho um camponês a cavalo em busca de um bezerro desgarrado, implorou-lhe ajuda para levar o ferido até um local mais seguro.

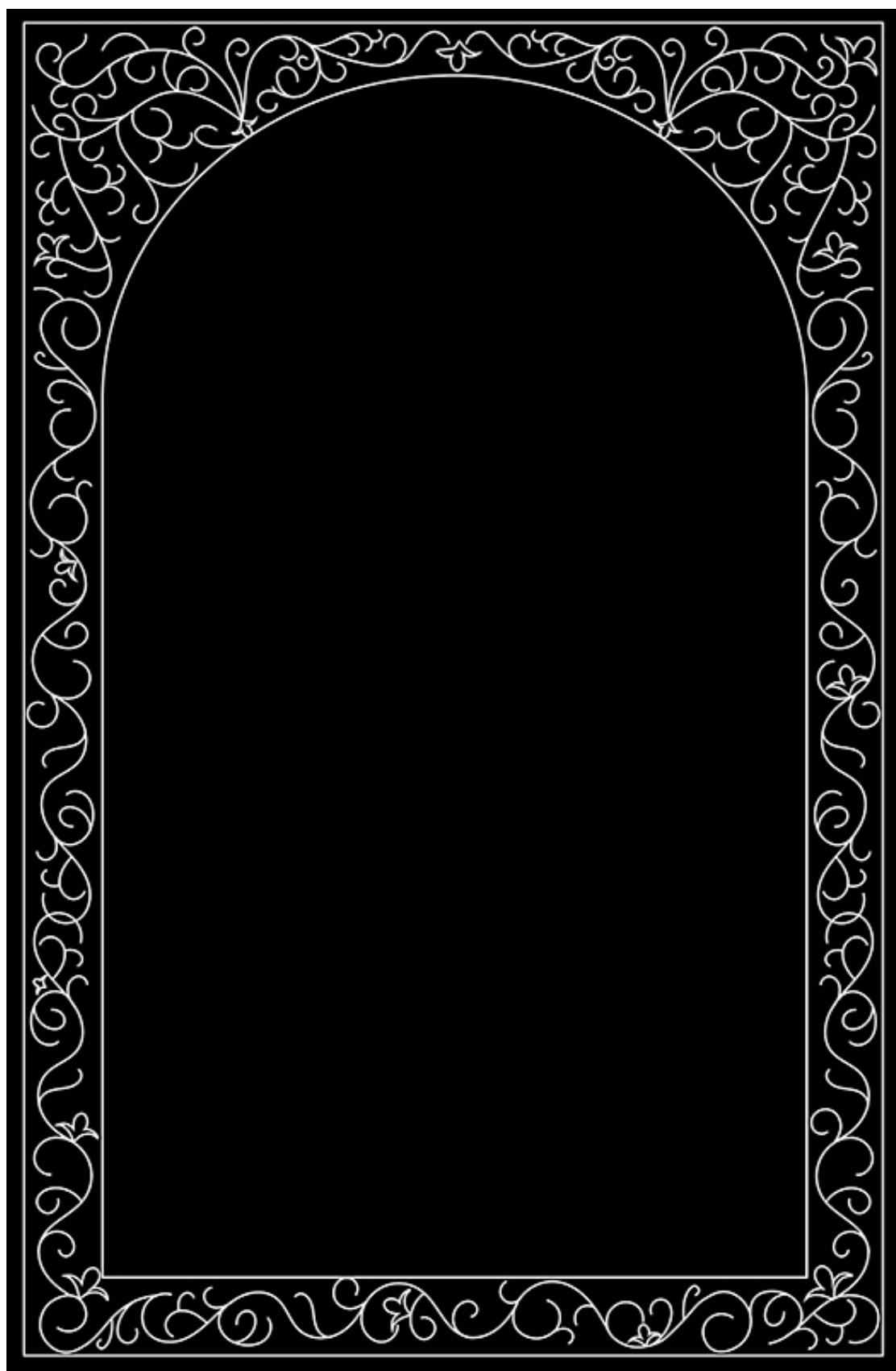
Depois de preparar as plantas esmagando-as entre duas pedras, Angélica usou a própria mão para cobrir com elas o ferimento de Medoro. O remédio logo restaurou em parte as forças do ferido, que, antes de partir, fez Angélica e o camponês cobrirem com terra e grama os corpos do amigo e do príncipe. Entregando-se, então, à caridade de seus salvadores, permitiu que o colocassem sobre o cavalo do pastor e se deixou conduzir até a cabana deste. Tratava-se de uma fazenda agradável nas fímbrias da floresta, com certo grau de conforto e eficiência. Ali morava o pastor com a esposa e os filhos. Ali Angélica cuidou de Medoro e ali, graças à dedicação da bela rainha, a ferida cicatrizou e Medoro recuperou plenamente a saúde.

Oh, conde Rinaldo! Oh, Rei Sacripanto! De que vos serviu possuir tantas virtudes e tamanha fama? Que vantagem tirastes dos altos postos que ocupastes? Oh, rei infeliz, grande Agrican! Se pudésseis voltar à vida, como conseguiríeis suportar a rejeição daquela que entregará a virgindade a um jovem soldado de origem humilde? E vós, Ferrau, assim como os vários outros que centenas de vezes arriscaram a vida por essa beldade cruel, com que amargura haveríeis de vê-la sacrificar todos vós em prol do humilde Medoro!

Ali, sob o teto de um camponês, a chama de Himeneu se apresentou a essa arrogante rainha. Com a esposa do pastor substituindo sua mãe e o dono da casa e os filhos como testemunhas, ela se casou com o afortunado Medoro.

Após a cerimônia, Angélica, desejosa de presentear Medoro com a soberania das nações que ainda lhe restavam, decidiu pegar com ele a estrada. Preservara ao longo de todas as aventuras, um bracelete de ouro cravejado de pedras preciosas, que ganhara do conde Orlando. Não dispendo de outra coisa

com que recompensar o generoso pastor e sua esposa, tirou o bracelete do braço e o entregou ao casal. Em seguida, os recém-casados partiram para as montanhas que separam a França da Espanha, pretendendo aguardar em Barcelona uma embarcação que os levasse até o oriente.



Capítulo XIII



ORLANDO FURIOSO

Orlando, diante da perda de Angélica, pôs de lado brasão e armas e envergou uma armadura negra para expressar seu desespero. Assim disfarçado, promoveu tamanho massacre nas hostes dos infiéis que ambos os exércitos se mostraram atônitos ante as conquistas do cavaleiro desconhecido. Mandricardo, que estivera ausente da batalha, ouviu o relato dessas vitórias e resolveu testar pessoalmente a bravura do cavaleiro digno de tantos louvores. Foi ele quem interrompeu a reunião de Zerbino e Isabella com seu benfeitor Orlando, quando o trio se ocupava com felicitações mútuas depois do feliz reencontro dos amantes graças à destreza do paladino.

Mandricardo, depois de contemplar o grupo durante algum tempo, dirigiu-se a Orlando com estas palavras:

— Deveis ser o homem que procuro. Ao longo de mais de dez dias tenho andado em vosso encalço. A fama de vossos feitos me trouxe até aqui, a fim de comparar minha força com a vossa. O brasão e o escudo provam que sois o mesmo que espalhou a morte em nossas fileiras. Essas marcas, porém, são supérfluas, e se vos visse em meio a uma centena eu seria capaz de reconhecer, apenas por vossa postura marcial, o homem que busco.

— Respeito a vossa coragem — disse Orlando —, pois tal desígnio não brotaria senão numa alma destemida e generosa. Se o desejo de me ver vos trouxe até aqui, de bom grado eu vos mostraria, se possível, o âmago da minha alma. Vou tirar minha viseira para satisfazer a vossa curiosidade, mas, isso feito, espero que vejais se o meu valor de fato corresponde à minha aparência.

— Vamos — atalhou o sarraceno —, meu primeiro desejo é ver-vos e conhecer-vos. Não satisfarei o segundo.

Orlando, observando Mandricardo, se surpreendeu com a ausência de uma espada, assim como de uma clava pendurada no arco da sela.

— E que arma tendes — indagou —, caso lhe falhe a lança?

— Não vos preocupeis com isso — respondeu Mandricardo. — Já derrubei muitos cavaleiros experientes sem qualquer outra arma senão a que vedes aqui. Sabei que prestei o juramento de jamais empunhar uma espada até recuperar a famosa Durindana, que Orlando, o paladino, leva consigo. Essa espada é a única coisa que falta na armadura que estou usando. Sem dúvida foi roubada, mas desconheço como foi parar nas mãos de Orlando. Farei, contudo, que ele pague caro por isso quando encontrá-lo. Minha busca é mais ansiosa ainda devido ao anseio que tenho de vingar a morte do Rei Agrican, meu pai, que ele traiçoeiramente assassinou. Tenho certeza de que o ato foi traiçoeiro, pois lhe falta destreza para vencer numa luta justa um guerreiro valoroso como era meu pai.

— Mentis — gritou Orlando —, assim como mentem todos que dizem o mesmo. Sou Orlando, o cavaleiro que procurais. Sim, fui eu que matei vosso pai de forma honrosa. Vede, aqui está a espada. Será vossa se tiverdes coragem suficiente para merecê-la. Embora me pertença por direito, não a usarei na disputa, ela ficará pendurada nesta árvore. Sereis seu dono se me privares da vida e apenas assim.

Com essas palavras, Orlando desembainhou a Durindana e a pendurou nos galhos de uma árvore próxima.

Os dois cavaleiros, ardendo com ímpeto similar, avaliaram um ao outro em semicírculo. Dispararam, então, com as rédeas soltas e atacaram-se com suas lanças. Ambos se mantiveram na sela, impassíveis. Os estilhaços das lanças voaram no ar e de nenhuma das duas sobrou senão o fragmento que lhes restou nas mãos. Dessa forma, os dois, cobertos pela malha de ferro, se viram diante da necessidade de lutar com tacos, como fazem os camponeses quando disputam um pedaço de terra ou a posse de uma nascente.

Esses tacos não conseguiriam permanecer inteiros nas mãos de contendores tão robustos, que logo precisaram lutar com os próprios punhos. Essa forma de combate era mais dolorosa para aquele que desferia os golpes do que para quem os recebia. Em seguida, os dois se atracaram, cada qual apertando o adversário, como Hércules fez com Anteu. Mandricardo, mais enraivecido que Orlando, tentou com violência derrubar o paladino da sela e soltou a rédea do próprio cavalo. Orlando, mais calmo, percebeu o descuido. Usando uma das

mãos para repelir Mandricardo, com a outra passou o bridão do cavalo do adversário por cima das orelhas do animal. O sarraceno puxou Orlando com toda a força, mas as coxas de Orlando apertavam a sela como se fossem um torno. Finalmente, o esforço do sarraceno logrou romper as amarras que prendiam a sela ao cavalo de Orlando e esta escorregou; o cavaleiro, firme nos estribos, escorregou com ela, pousando no solo quase sem se dar conta da queda. O ruído da armadura tocando o chão assustou o cavalo de Mandricardo, agora sem bridão, que disparou numa velocidade ensandecida, levando junto o cavaleiro, que, tomado de fúria, gritava e batia no animal com os punhos, impelindo-o, assim a correr mais ainda. Após cinco quilômetros ou mais, uma vala barrou-lhes o progresso. Cavalo e cavaleiro caíram de cabeça nela e não encontraram ali penas ou rosas. Assim é que ficaram bastante contundidos, embora, felizmente, tenham escapado sem nenhuma fratura.

Mandricardo, logo que se pôs de pé, agarrou o cavalo pela crina, no auge da fúria. Como, porém, o animal estava sem bridão, não houve como segurá-lo. Mandricardo olhou à volta na esperança de achar algo que servisse de rédea. Justo então, a sorte, que parecia disposta a finalmente ajudá-lo, fez surgir um camponês que procurava seu cavalo fujão e trazia na mão um bridão.

Orlando, depois de reparar rapidamente as amarras da sua sela, tornou a montar e aguardou durante quase uma hora o retorno do sarraceno. Como não o viu, resolveu ir atrás dele. Despediu-se com carinho de Zerbino e Isabella, que de bom grado o teriam seguido se o valoroso paladino lhes tivesse permitido, mas Orlando considerava indigno de um cavaleiro sair em busca de um inimigo acompanhado de um amigo que poderia agir para defendê-lo. Portanto, pedindo ao casal que dissesse a Mandricardo, caso o encontrasse, que pretendia permanecer nas redondezas três dias e voltar depois ao acampamento de Carlos Magno, Orlando tirou a Durindana do galho da árvore e seguiu na direção que o cavalo do sarraceno tomara. O animal, contudo, não dispondo de outro guia senão o próprio terror, deixara um rastro tão tortuoso que Orlando, após dois dias inteiros, desistiu da busca.

Por volta da metade do terceiro dia, o paladino chegou à margem agradável de um regato que atravessava um prado adornado de flores. Árvores altas, cujos topos se uniam formando um arvoredor, sombreavam a fonte, e a brisa que balançava a folhagem amenizava o calor. Os pastores costumavam frequentar o

local para aplacar a sede e para se abrigar do sol do meio-dia. O ar perfumado pelas flores restaurava-lhes a energia. Orlando parou sob o delicioso arvoredor, onde tudo parecia convidar ao repouso. Não poderia, porém, escolher recanto mais letal. Ali ele passou os piores momentos da sua vida.

Olhando à volta, o paladino registrou, com prazer, todos os encantos do lugar. Viu que algumas árvores continham letras gravadas. Aproximando-se, leu-as e descobriu, surpreso, que elas formavam o nome de Angélica! Mais adiante, deparou-se com o nome de Medoro misturado ao dela. O paladino pensou estar sonhando. O espanto imobilizou-o, como acontece com um pássaro que, preparado para voar, percebe que a perna ficou presa numa rede.

Orlando seguiu o curso do regato e chegou a uma de suas curvas, onde as pedras da montanha se inclinavam de maneira tal a criar uma espécie de gruta. Os caules retorcidos de hera e videira selvagem encobriam a entrada desse nicho criado pela mão da natureza.

Ao entrar na gruta, o pobre paladino viu mais letras aparentemente recém-gravadas. Eram versos que Medoro escrevera em comemoração ao seu ditoso casamento com a bela rainha. Orlando tentou se convencer de que os louvores expressos nos versos diziam respeito a alguma outra Angélica; quanto a Medoro, o paladino não fazia ideia de quem fosse. O sol começava a se pôr, e Orlando tornou a montar em seu cavalo e seguiu em frente. Logo viu o telhado de uma cabana de cuja chaminé saía fumaça; ouviu latidos de cães e o mugido do gado. Aproximou-se da moradia humilde que lhe pareceu propícia a lhe oferecer pernoite. Os moradores, assim que o viram, correram para recebê-lo. Um pegou o cavalo, outro, seu escudo e a couraça, e um terceiro se encarregou das esporas douradas. Essa cabana era a mesma que abrigara Medoro gravemente ferido, onde Angélica dele cuidara e depois com ele se casara. O pastor que a habitava adorava contar a todos a história dessas núpcias e não demorou para despejar a narrativa, com todos os detalhes, nos ouvidos do consternado Orlando.

Tendo concluído o relato, o camponês se retirou, voltando depois com o precioso bracelete que Angélica, grata pela sua ajuda, lhe ofertara como lembrança. Tratava-se do bracelete que o próprio Orlando dera a ela.

Esse último detalhe foi a gota d'água para despertar o furor do paladino. Frenético, exasperado, ele vociferou contra a princesa ingrata e cruel que o

desprezara, logo a ele, o mais renomado, o mais indômito de todos os paladinos da França — ele, que a salvara dos piores perigos, ele que travara as mais terríveis batalhas em seu nome. Como pudera essa dama preteri-lo em prol de um jovem sarraceno? O orgulho do nobre conde ficou profundamente ferido. Indignado, desvairado, vítima de uma raiva incontrollável, Orlando correu para a floresta, gritando de maneira assustadora.

— Não, não! — gritava — Não sou o homem por quem me tomam! Orlando está morto! Não passo do fantasma errante daquele conde infeliz, que agora sofre os tormentos do inferno!

Orlando vagou a noite toda na floresta, e ao nascer do sol seu destino levou-o até a fonte onde Medoro gravara as letras fatais. O paladino ensandecido viu-as uma segunda vez com fúria, desembainhou a espada e arrancou da pedra as inscrições.

Malfadada gruta! Que nunca mais tua sombra e frescor seduzam um viajante, que nunca mais teu teto sirva de abrigo para pastores e rebanhos. E tu, nascente pura, não hás de escapar da ira do furioso Orlando!

O paladino enveredou por entre os galhos, derrubou troncos, quebrou pedras, arrancou plantas, grama e arbustos pela raiz, como se quisesse sufocar a nascente e macular a pureza de suas águas. Finalmente, exaurido pelo violento desabafo, molhado de suor e sem fôlego, Orlando desabou na terra, arfando, e ali ficou, sem sentidos, durante três dias e três noites.

No quarto dia, voltou a si e recolheu suas armas. Atirou longe o elmo e o escudo; estraçalhou a malha e as roupas, espalhando seus pedaços pela floresta. Em resumo, tornou-se um louco furioso. Sua insanidade era tamanha que nem com a espada se importou. Mas não precisaria da Durindana, nem de outras armas, para realizar feitos maravilhosos. Sua força prodigiosa bastaria. Com o primeiro movimento do seu braço poderoso, arrancou um pinheiro pela raiz. Carvalhos, faias, bordos, tudo que encontrou no caminho teve o mesmo fim. A velha floresta logo ficou nua como um pântano em que o passarinho ceifa a vegetação para espalhar suas redes. Os pastores, ouvindo aquele barulho na floresta, abandonaram seus rebanhos para ir correndo ver o motivo do alvoroço inusitado. Fosse por pura má sorte ou para pagar seus pecados, o destino os levou até lá. Ao verem o estado de fúria do conde, bem como sua incrível força, deveriam ter ouvido o bom senso e fugido prontamente, mas o medo os fez

perder a capacidade de raciocinar. O louco os perseguiu e, agarrando um deles, destróçou-o com a mesma facilidade com que um camponês arranca maçãs maduras de uma árvore. Outro foi pego pelo pé e usado como porrete para derrubar um terceiro. Os pastores fugiram, mas teria sido difícil para qualquer um escapar, caso o conde não houvesse nesse instante desistido dos humanos para se atirar com a mesma fúria sobre os rebanhos. Os camponeses, abandonando arados e ancinhos, subiram nos telhados das casas e escalaram as rochas, temerosos até mesmo de subir nos carvalhos e nos pinheiros. Lá de cima observaram tudo, estremecendo diante da fúria avassaladora do infeliz Orlando. Com punhos, dentes, unhas, pés, ele agarrou, partiu e despedaçou vacas, ovelhas e porcos. Apenas os animais mais velozes conseguiram escapar.

Quando, afinal, o terror fez humanos e animais sumirem, Orlando entrou numa cabana que havia sido abandonada pelos moradores e ali encontrou o que lhe serviu de comida. Seu longo jejum provocara nele uma fome voraz. Pegando o que quer que lhe parecesse comestível, fosse legume, verdura ou pão, carne crua ou cozida, devorou tudo indiscriminadamente.

Saindo, frenético, da cabana, Orlando passou a perseguir todo ser vivo que via. Às vezes ia atrás de cervos e corças, às vezes atacava ursos e lobos, matando e estraçalhando-os com as próprias mãos e devorando-lhes a carne.

Assim vagou o cavaleiro, de um lugar para o outro, atravessando a França, arriscando de mil maneiras a vida, porém sempre preservado de um resultado fatal por alguma providência divina. Deixemos, contudo, Orlando durante algum tempo, para registrar o que aconteceu com Zerbino e Isabella após despedirem-se dele.

O príncipe e sua esposa aguardaram o retorno de Mandricardo, a pedido de Orlando, próximo à cena da batalha durante três dias, para informá-lo onde Orlando estaria para um novo encontro. No final desse período, a ansiedade para conhecer o desfecho os levou a seguir o rastro de Orlando, o que os conduziu, por fim, até a floresta onde ficavam as árvores com os nomes de Angélica e Medoro gravados. Notaram como tais inscrições haviam sido desfiguradas e como a gruta sofrera danos, bem como viram a nascente cheia de lixo. O que mais os surpreendeu e assustou, porém, foi descobrir na grama a couraça de Orlando e não muito distante seu elmo, o mesmo que o famoso Almontes usara um dia.

Ouvindo o ruído de um cavalo, Zerbino voltou a atenção para o lugar de onde vinha o barulho e viu Briogliadoro, com o bridão ainda pendurado no arco da sela. Olhou à volta à procura da Durindana e achou a famosa espada, sem a bainha, jogada na grama. Viu, ainda, os fragmentos das outras armas e das roupas de Orlando espalhados por todo lado.

Zerbino e Isabella ficaram paralisados de espanto e tristeza, sem saber o que pensar, mas nem de longe imaginaram o verdadeiro motivo. Se tivessem encontrado alguma mancha de sangue nas armas ou nos fragmentos de roupa, suporiam que o cavaleiro estivesse morto, mas não viram vestígio de luta. Enquanto continuavam nessa dolorosa incerteza, um jovem camponês se aproximou. Ainda não refeito do terror que testemunhara do alto de uma rocha, o rapaz lhes relatou em detalhes o triste acontecimento.

Zerbino, com os olhos marejados, cuidadosamente recolheu as armas espalhadas. Isabella também desceu do cavalo para ajudá-lo nessa tarefa melancólica. Depois de recolher todas as peças dessa rica coleção, penduraram-nas como um troféu num pinheiro e, para impedir que fossem violadas por quem passasse, Zerbino gravou no tronco este aviso: “Estas são as armas do paladino Orlando”.

Tendo concluído essa missão piedosa, montou em seu cavalo. Nesse momento surgiu um cavaleiro que lhe perguntou o significado do troféu. O príncipe relatou os fatos conforme haviam ocorrido, e Mandricardo — pois se tratava desse cavaleiro sarraceno —, cheio de alegria, adiantou-se e se apossou da espada, dizendo:

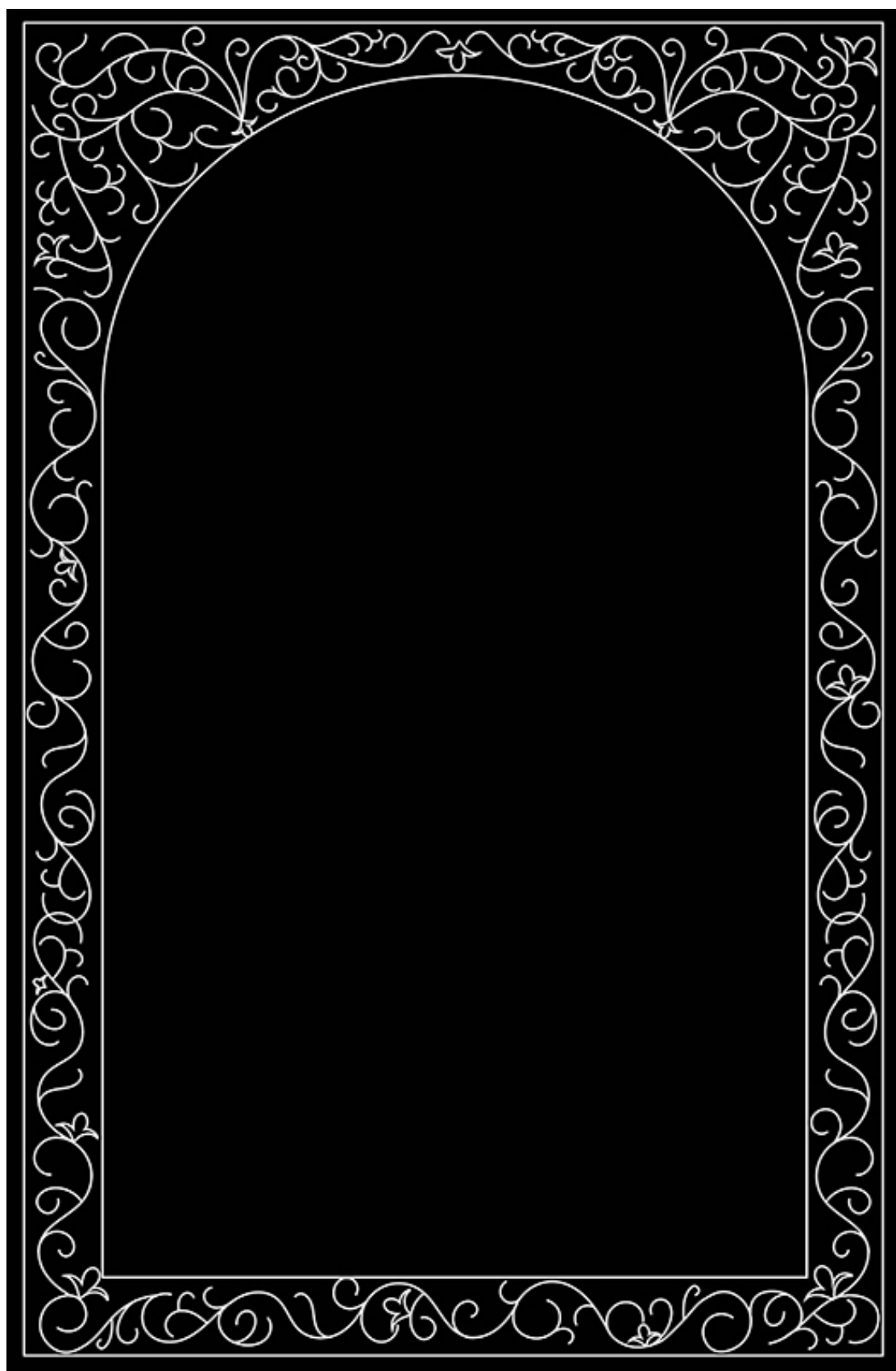
— Ninguém pode me censurar por isto; esta espada me pertence; posso pegar o que é meu onde quer que esteja. É evidente que Orlando, não ousando defendê-la de mim, fingiu esse surto de loucura como desculpa para me entregá-la.

Zerbino exclamou, então, com veemência:

— Não ouseis tocar nessa espada. Não pensem em tomar posse dela sem um embate. Se é verdade que vossas armas são as de Heitor, deveis tê-las obtido por roubo e não por destreza.

Imediatamente os dois se atacaram com uma fúria descomunal. O ar ressoou com os golpes. Zerbino, habilidoso e atento, esquivou-se com sucesso da Durindana durante algum tempo, mas, no final, uma estocada terrível

atingiu-lhe o pescoço. O príncipe tombou do cavalo e o rei tártaro, de posse do prêmio pela vitória, seguiu seu caminho.



Capítulo XIV



ZERBINO E ISABELLA

A dor de Zerbino ao ver o príncipe tártaro partir com a espada superou a agonia do seu ferimento, mas agora a perda de sangue reduzira de tal forma sua força que o impedia de mover-se de onde caíra. Isabella, sem saber onde buscar ajuda, só conseguia se lastimar com o marido e se lamuriar pelo próprio destino cruel.

— Se eu pudesse, minha amada, deixar-te em algum abrigo seguro, não me inquietaria a ideia de morrer, mas abandonar-te sem proteção é decerto muito triste.

Isabella respondeu ao marido:

— Não penses em me abandonar, meu amor. Nossas almas não serão separadas. Esta espada me servirá de instrumento para seguir-te.

As derradeiras palavras de Zerbino foram para implorar a Isabella que banisse tal pensamento da cabeça e vivesse para ser fiel à sua lembrança. Isabella prometeu, chorando muito, ser fiel ao marido até o fim da vida.

Quando Zerbino parou de respirar, os gritos de Isabella ecoaram pela floresta e chegaram aos ouvidos de um clérigo ermitão, que correu até onde ela estava. Consolou-a e acalmou-a com o alento que a palavra de Deus provê, finalmente levando-a a não desejar senão dedicar à religião o resto da sua vida.

Como não lhe era possível suportar a ideia de deixar abandonado o corpo do marido, este foi posto, com a ajuda do caridoso ermitão, sobre o lombo do cavalo e levado para o lugar habitado mais próximo, onde foi feito um invólucro para abrigá-lo de modo a poder ser carregado por eles. O plano do ermitão era escoltar a dama até um mosteiro não muito distante, onde Isabella estava decidida a passar o resto de seus dias. Para tanto, os dois viajaram dia após dia, optando pelos caminhos mais afastados, já que o campo se achava cheio de homens armados. Ainda assim, foram um dia abordados por um

cavaleiro que lhes cortou o caminho. Não se tratava de outro senão Rodomonte, Rei de Argel, que acabara de deixar o acampamento de Agramante, cheio de indignação ante o tratamento que lhe fora dado por Doralice. Ao ver a linda dama e seu acompanhante, além do cavalo que levava uma carga envolta em um pano negro, o rei quis saber o motivo da viagem. Isabella relatou sua aflição, bem como sua decisão de renunciar ao mundo e se dedicar à religião e à lembrança do marido falecido. Rodomonte riu com desdém dessa ideia e lhe disse que tal projeto era absurdo, que encantos como os dela deviam ser admirados e não enterrados e que ele próprio faria mais do que compensá-la pela perda do marido. O monge, que prontamente interveio para refutar essa conversa ímpia, foi instado a ficar quieto e, por continuar a se impor, foi agarrado pelo cavaleiro e atirado do penhasco, caindo no mar e se afogando.

Rodomonte, depois de se livrar do ermitão, novamente cortejou a dama, transida de pavor, e, na linguagem usada por amantes, disse “que ela era sua vida, sua luz, dona do seu coração”. Deixando de lado qualquer violência, humildemente pediu-lhe que o acompanhasse até seu refúgio, situado nas redondezas. Tratava-se de uma capela em ruínas da qual os monges haviam sido expulsos pelos desordeiros da época e que Rodomonte tomara para si. Isabella, sem alternativa senão obedecer, seguiu-o, matutando no caminho sobre como haveria de escapar do domínio daquele homem e manter os votos de fidelidade à memória do falecido marido até o final da vida.

— Meu senhor — disse ela, finalmente —, se me deixardes partir e cumprir meus votos e a minha intenção, cuja natureza já declarei, entregar-vos-ei o que vos será mais valioso do que uma centena de corações femininos. Conheço uma erva, que, aliás, vi no nosso caminho, que, preparada corretamente, produz um sumo tão poderoso que a pele com ela lavada se torna impenetrável quer a espada, quer a fogo. Posso fazer essa loção, e a farei hoje mesmo, se aceitardes minha oferta e, quando virdes suas virtudes, haveis de valorizá-la mais do que a conquista de toda a Europa.

Rodomonte ao ouvir isso, prontamente prometeu o que lhe foi pedido, tão ansioso estava para descobrir um segredo que o assemelharia a Aquiles. Isabella, tendo colhido e fervido tais ervas, declarou sua missão concluída e, à guisa de teste, ofereceu-se para experimentar em si mesma o poder da loção. Banhou o

pescoço e o colo com ela e depois pediu a Rodomonte para golpeá-los com toda força e ver se sua espada deixaria alguma marca. O pagão, que durante os preparativos tomara vários goles de vinho e mal sabia o que estava fazendo, desembainhou a espada e golpeou o pescoço da moça, do qual a cabeça loura rolou na mesma hora.

Por mais rude e insensível que fosse, o cavaleiro pagão lamentou amargamente esse resultado desastroso. Para honrar a memória de Isabella, decidiu empreender uma obra tão incomparável quanto a devoção demonstrada por ela. Convocou operários de todas as regiões vizinhas e mandou construir uma torre para abrigar a capela, dentro da qual foram enterrados os restos mortais de Zerbino e Isabella. Na outra margem do regato que corria próximo, faria erguer uma ponte de apenas dois metros de largura sem parapeito ou corrimão. Sobre a ponte postaria uma sentinela que ao ver qualquer viajante se aproximar lhe daria ciência disso. Ao ser avisado, Rodomonte iria até a ponte e desafiaria o cavaleiro recém-chegado a combater sobre a ponte, onde qualquer passo em falso significaria mergulhar de cabeça no regato. Manteria essa ponte até obter mil armaduras dos cavaleiros derrotados, com as quais confeccionaria um monumento para homenagear sua vítima e o falecido marido.

Em dez dias a ponte ficou pronta e a construção da torre prosseguia. Em pouco tempo, vários cavaleiros, quer por desejo de pegar um atalho ou seduzidos pela possibilidade de uma aventura, já haviam tentado cruzar a ponte. Todos, sem exceção, tinham perdido braços ou a vida, ou as duas coisas, alguns pela lança de Rodomonte, outros em razão da queda no rio. Um dia, enquanto Rodomonte dava instruções aos operários, aconteceu de Orlando, durante um surto de fúria, surgir por aquelas bandas e se aproximar da ponte. Rodomonte gritou-lhe:

— Parado, camponês! Essa ponte não foi feita para os pés de gente da tua laia!

Orlando ignorou e seguiu adiante. Justo então, apareceu uma donzela. Era Flordelis, à procura do seu amado Florismart. Ela viu Orlando e, a despeito da sua aparência estranha, reconheceu-o. Rodomonte, desabituaado de ver suas ordens descumpridas, agarrou o louco e o teria atirado no rio caso não se visse, atônito, preso pelos braços de alguém não tão facilmente descartável.

— Como é possível um idiota ter tanta força? — resmungou zangado.

Flordelis parou para assistir ao entrevero em que cada qual dos potentes contendores lutava para atirar o outro da ponte. Orlando, afinal, teve força suficiente para erguer o adversário, que envergava armadura, e empurrá-lo, mas não foi esperto o bastante para se afastar e os dois caíram no rio juntos. A água se ergueu com violência quando houve a queda. Ali, Orlando estava em vantagem. Nu, podia nadar qual um peixe. Logo alcançou a margem e, indiferente a elogios ou críticas, não parou para ver o resultado da aventura. Rodomonte, preso à armadura, escapou com dificuldade e também chegou à margem. Flordelis atravessou a ponte sem ser incomodada.

Depois de vagar em vão, ela voltou a Paris e ali encontrou o objeto da sua busca, já que Florismart, após a queda de Albraca, para lá retornara. A felicidade do reencontro só não foi maior para Florismart devido à notícia que ouviu de Flordelis a respeito das terríveis agruras de Orlando. Ela o vira por último por ocasião do embate com Rodomonte. Florismart, que sentia por Orlando um amor fraternal, decidiu partir imediatamente, guiado pela donzela, a fim de encontrá-lo e conduzi-lo até onde fosse possível obter o tratamento adequado para os seus males. Poucos dias foram suficientes para o casal chegar ao local onde o rei tártaro ainda vigiava a ponte. O costumeiro desafio teve lugar e os contendores a cavalo se encontraram na ponte. No primeiro embate, os dois cavalos foram derrubados e, não havendo espaço para se porem novamente em pé, caíram na água com os cavaleiros. Rodomonte, que conhecia os caprichos do riacho, logo alcançou terra firme, mas Florismart foi arrastado pela correnteza e atingiu finalmente uma margem de lama em que seu cavalo mal conseguiu se equilibrar. Flordelis, que da ponte assistiu à luta, vendo o amado nessa situação calamitosa, exclamou bem alto:

— Rodomonte, pelo amor daquela cuja morte honrais, tende pena de mim, que amo esse cavaleiro, e não o mateis. Deixai que ele apenas junte a própria armadura à pilha que já existe e nenhuma das outras ostentará mais glórias que a dele.

A súplica, tão bem encaminhada, tocou o coração do pagão, embora não fosse fácil amolecê-lo, e ele ajudou o cavaleiro. Tornou-o prisioneiro, porém, e acrescentou sua armadura à pilha. Flordelis, de coração partido, seguiu seu caminho.

Retornemos agora a Ruggiero, que quando por último cruzou nosso caminho estava engajado numa aventura que retardara sua jornada até o mosteiro para onde se dirigia com a intenção de ser batizado, qualificando-se assim a pedir a mão de Bradamante em casamento. No caminho, encontrara Mandricardo, e a discussão acerca do direito ao uso do brasão de Heitor foi novamente trazida à baila. Após um debate acalorado, ambas as partes decidiram levar a questão até o Rei Agramante e, para tanto, partiram na direção do acampamento sarraceno. Ali encontraram Gradasso, que também tinha uma controvérsia com Mandricardo. Esse guerreiro reivindicava a espada de Orlando, negando a Mandricardo o direito à sua propriedade pelo fato de ter achado a arma abandonada pelo dono. O Rei Agramante esforçou-se em vão para sanar tais disputas e foi obrigado, afinal, a permitir que os pontos controversos fossem resolvidos em um único combate, no qual Mandricardo enfrentaria apenas um dos dois cavaleiros adversários a quem seria entregue a defesa da causa de ambos. Ruggiero foi escolhido por sorteio para defender a própria causa e a de Gradasso. Seguiram-se grandes preparativos para esse torneio. No dia marcado, o evento contou com a presença de Agramante e de todo o exército. Ruggiero sagrou-se vencedor, e Mandricardo, o conquistador das armas de Heitor, rival de Orlando e assassino de Zerbino, perdeu a vida. Gradasso recebeu a Durindana como prêmio, embora para ele essa vitória não tivesse senão metade do valor, visto que fora obtida graças à destreza de outrem e não à sua.

Ruggiero, a despeito da vitória, foi gravemente ferido e precisou de várias semanas no acampamento de Agramante para se recuperar, enquanto Bradamante, ignorando o motivo da sua demora, o aguardava em Montalvão, onde ele havia prometido encontrá-la em dez ou, no máximo, quinze dias, esperando a essa altura já ter sido honrosamente desobrigado de seus deveres pelo comandante sarraceno. Os vinte dias se foram, e mais um mês se passou, e Ruggiero não apareceu, bem como notícia alguma alcançou Bradamante que explicasse a sua ausência. No fim desse período, um cavaleiro errante chegou até ela levando o relato do famoso combate e do ferimento de Ruggiero, acrescentando, para maior alarme de Bradamante, que Marfisa, uma guerreira jovem e bonita, vinha prestando os cuidados necessários ao cavaleiro ferido.

Disse, ainda, que todo o exército esperava que, tão logo Ruggiero se restabelecesse, o casal se unisse em casamento.

Bradamante, aflita com a notícia, embora acreditasse apenas em parte no que ouvira, decidiu ir imediatamente avaliar a situação com os próprios olhos. Montou em Rabican, o cavalo de Astolfo, que o paladino lhe entregara na sua ausência, e levou junto a lança de ouro, embora desconhecesse seus poderes miraculosos. Assim preparada, partiu do castelo e pegou a estrada até Paris e o acampamento dos sarracenos.

Marfisa, cuja dedicação a Ruggiero durante a sua enfermidade tanto despertara o ciúme de Bradamante, era a irmã gêmea de Ruggiero. Junto dele, fora adotada ainda bebê por Atlantes, o mago, mas na infância havia sido roubada por uma tribo árabe. Adotada pelo chefe da tribo, logo aprendera a montar e a usar armas e àquela altura tinha se dirigido ao acampamento de Agramante sem qualquer intenção senão ver e testar pessoalmente a destreza dos guerreiros em ambos os campos, cuja fama ecoava no mundo todo. Chegando no exato momento do último embate, o nome de Ruggiero e alguns poucos fatos da história do paladino foram suficientes para fazê-la crer que fora o irmão que ela vira sair vitorioso no combate único. Investigações levadas a cabo pelos dois confirmaram o parentesco de ambos e dali em diante Marfisa se dedicou a cuidar do muito amado irmão reencontrado.

Nesse período de convívio, Ruggiero contou a Marfisa o que descobrira através de Atlantes sobre os pais. Ruggiero, o pai, um cavaleiro cristão, conquistara o coração de Galaciella, filha do sultão da África e irmã do Rei Agramante, convertera a noiva à fé cristã e secretamente se casara com ela. O sultão, enfurecido com o casamento da filha, mandou o genro para o exílio e ordenou que Galaciella e os filhos bebês, Ruggiero e Marfisa, fossem postos em um barco e entregues aos ventos e às ondas a fim de perecerem. Os três foram salvos desse destino por Atlantes. Ao ouvir isso, Marfisa exclamou:

— Como pudeste, irmão, deixar de vingar nossos pais durante tanto tempo e até mesmo se sujeitar a servir o tirano que tanto mal lhes fez?

Ruggiero respondeu que só descobrira a verdade recentemente e que quando soube já havia se juntado a Agramante, que o sagrara cavaleiro, e que estava apenas à espera de uma oportunidade adequada para honrar sua

linhagem e ao mesmo tempo retornar à fé dos genitores. Marfisa recebeu com alegria tal decisão e declarou sua intenção de abraçar a fé cristã.

Deixamos Bradamante quando, montada no cavalo Rabican e portando a lança de Astolfo, ela partiu decidida a descobrir o motivo da longa ausência de Ruggiero. Um dia, enquanto cavalgava, cruzou seu caminho uma donzela, de aparência e postura formosas, mas assolada pela dor. Era Flordelis, que buscava por toda parte um cavaleiro capaz de libertar e vingar seu amado. Flordelis examinou o guerreiro que se aproximava e, com base no que viu, pensou ter achado o que procurava.

— Acaso sois, senhor cavaleiro — indagou ela —, tão ousado e tão gentil a ponto de defender minha causa contra um guerreiro feroz e cruel que capturou o meu amado e me obrigou, assim, a vagar como pedinte?

Em seguida a essa introdução, relatou o que acontecera na ponte. Bradamante, para quem nobres empreitadas eram sempre bem-vindas, prontamente abraçou a missão, ainda mais porque em suas sinistras previsões, perdera Ruggiero para sempre.

No dia seguinte, as duas chegaram à ponte. A sentinela viu quando ambas se aproximaram e notificou o patrão, que imediatamente envergou a armadura e saiu para encontrá-las. Ali, como de hábito, mandou que o guerreiro visitante cedesse o cavalo e as armas como oferenda à tumba. Bradamante indagou-lhe em resposta com que direito ele exigia do inocente uma penitência por um crime que era seu.

— Vossa vida e vossa armadura — acrescentou ela — são a oferenda mais adequada para a tumba da dama, e eu, uma mulher, a cavaleira mais apta a ficar com elas.

Dito isso, Bradamante empunhou a espada, esporeou o cavalo e correu ao encontro do adversário. O Rei Rodomonte fez o mesmo. A colisão de ambos sobre a ponte soou como um trovão. Não levou mais que um momento para a contenda ser resolvida. A lança de ouro realizou sua tarefa e o mouro feroz, tão famoso em torneios, ficou estendido na ponte.

— Quem é o vencido agora? — exclamou Bradamante, mas Rodomonte, espantado por ter sido a mão de uma mulher a derrubá-lo não pôde ou não quis responder. Mudo e triste, pôs-se de pé, retirou o elmo e a malha e os atirou sobre a tumba. Então, de cara fechada e a pé, se afastou. Antes, porém,

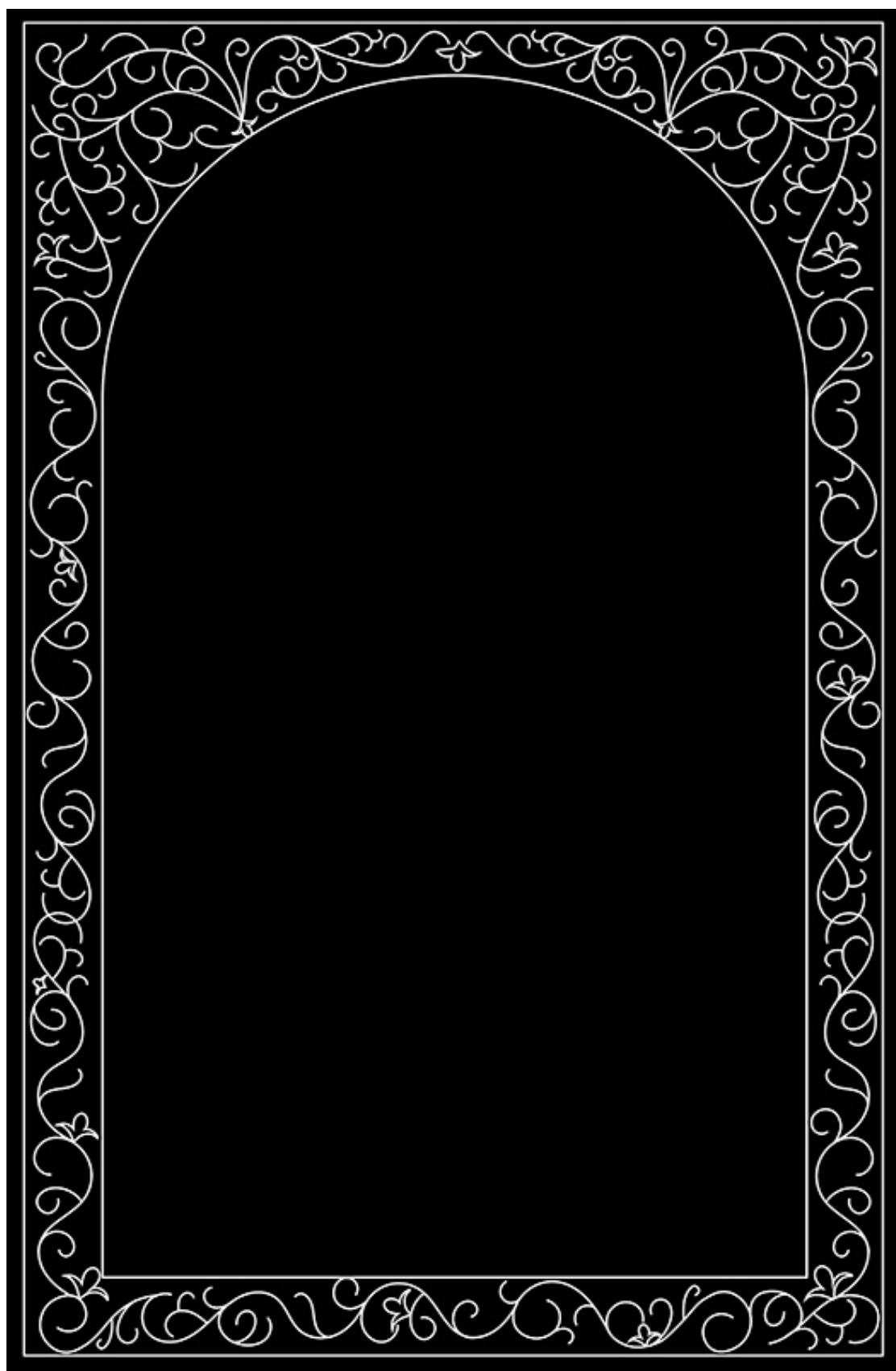
ordenou a um dos escudeiros que libertasse todos os prisioneiros. Eles haviam sido enviados para a África. Além de Florismart, faziam parte do grupo Sansonnet e Oliveiros, que ali tinham ido parar em sua busca por Orlando, acabando, ambos, derrotados no combate.

Bradamante seguiu caminho após a vitória e no devido tempo alcançou o acampamento cristão, onde rapidamente ouviu a explicação do mistério que tanta ansiedade lhe causara. Ruggiero e sua corajosa irmã, Marfisa, eram demasiado ilustres, tanto devido a suas origens quanto aos seus feitos, para deixarem de ser tópico frequente de conversa mesmo entre os adversários e tudo o que Bradamante ansiava por saber chegou aos seus ouvidos praticamente sem que precisasse indagar.

Voltemos agora a Gradasso, que, graças à vitória de Ruggiero, obtivera a posse da Durindana. Restava-lhe agora apenas sair no encalço do cavalo de Rinaldo, e o desafio, feito e aceito, ainda estava para ser cumprido com esse guerreiro, visto ter sido interrompido pelas artimanhas de Malagigi. Gradasso queria mais um embate com Rinaldo e não encontrou o oponente relutante. Como o combate era pela propriedade de Baiardo, os cavaleiros desmontaram e lutaram no chão. Um bom tempo durou a luta. Rinaldo, conhecendo muito bem o poder letal da Durindana, usou sua habilidade para aparar e evitar seus golpes. Gradasso investiu com força e destreza, mas seus golpes acertavam o ar ou, quando atingiam o alvo, isso se dava de forma oblíqua, causando pouco dano.

Assim se bateram os dois durante um bom tempo, encarando-se diretamente e sem atentar para qualquer outra coisa até que se detiveram devido a um ruído estranho. Virando-se, flagraram Baiardo sendo atacado por um pássaro monstruoso, ou, melhor dizendo, o que parecia ser um pássaro, embora certeza disso não haja, pois jamais li sobre criatura similar, em qualquer tempo ou lugar, salvo nos escritos de Turpin. Sinto-me, portanto, inclinado a crer que não se tratava de um pássaro, mas de um demônio, invocado das profundezas por Malagigi e para ali enviado com a finalidade de interromper a luta. Fosse demônio ou ave, o monstro voou diretamente até Baiardo e estapeou com as asas a cara do cavalo, fazendo com que este se soltasse e corresse, enlouquecido, pela planície, perseguido pelo pássaro até se embrenhar na floresta e sumir.

Rinaldo e Gradasso, vendo a fuga de Baiardo, concordaram em suspender a contenda até recuperarem o cavalo, que era o objeto da disputa. Gradasso montou em seu garanhão e seguiu as pegadas de Baiardo que conduziam à floresta. Rinaldo, mais irritado que nunca, permaneceu onde estava, devido à promessa de Gradasso de retornar com o cavalo, caso o encontrasse. E o encontrou, afinal, após uma longa busca, pois teve a sorte de ouvi-lo relinchar. Dessa forma, conseguiu a posse dos dois objetos que o haviam motivado a comandar um exército para sair do próprio país e invadir a França. Não esqueceu a promessa de levar Baiardo de volta ao lugar onde deixara Rinaldo, mas não a cumpriu, resmungando: “Agora que o tenho, só quem não me conhece espera que eu desista dele; se Rinaldo quiser o cavalo que vá procurá-lo na Índia, assim como o procurei na França.” Tomou a direção de Arles, onde estavam suas naus e, de posse dos dois tesouros que tanto ambicionara, o cavalo e a espada, partiu para sua terra natal.



Capítulo XV



ASTOLFO NA ABISSÍNIA

Quando estivemos por último com o aventureiro paladino Astolfo, ele acabara de começar aquele sobrevoo das nações do mundo do qual esperava tanta satisfação extrair. Nossos leitores estão cientes de que a águia e o falcão não possuem a mesma velocidade que o hipogrifo que levava Astolfo no lombo. Por conseguinte, não demorou para que o paladino, orientando o curso na direção sudeste, chegasse àquela parte da África onde nasce o rio Nilo. Ali pousou e se viu na vizinhança da capital da Abissínia, governada por Senapus, dono de riqueza e poder imensos. O esplendor do seu palácio era inigualável; as grades dos portões, as dobradiças e os ferrolhos eram todos de ouro; com efeito, esse metal naquele país era usado em substituição ao ferro. De tão comum, os artesãos preferiam, para fins ornamentais, o cristal de rocha, material de todas as colunas. Viam-se pedras preciosas de diversos tipos, como rubis, esmeraldas, safiras e topázios, incrustadas em adornos, e as paredes e os tetos eram decorados com pérolas.

Nessa parte do país crescem os famosos bálsamos dos quais são exemplos alguns existentes na parte da Judeia chamada Gileade. Almíscar, âmbar cinza e várias gomas, tão preciosas na Europa, ali se encontram em seu clima nativo. Dizem que o sultão do Egito paga um enorme tributo ao monarca dessa nação para que este não bloqueie a nascente do Nilo, o que não lhe seria difícil, fazendo o rio tomar outra direção, o que privaria o Egito da sua fonte de fertilidade.

Na ocasião da chegada de Astolfo a seus domínios, esse monarca vivia uma grande aflição. A despeito da própria riqueza e dos recursos preciosos do país, o soberano corria o risco de morrer de fome, pois era vítima de um bando de pássaros obscenos chamados de harpias, que o atacavam sempre que ele se sentava para comer e que com suas garras agarravam, rasgavam e espalhavam

tudo, emborcando utensílios, devorando a comida e infectando o que sobrava com seu toque imundo. Diziam que esse castigo fora imposto ao rei porque na juventude, cheio de orgulho e presunção, ele tentara invadir com um exército o paraíso terrestre, situado no topo de uma montanha em que fica a nascente que abastece o Nilo. Aliás, esse não foi seu único castigo: o rei também perdera a visão.

Ao chegar aos domínios desse monarca, Astolfo se apressou a lhe prestar homenagens. O Rei Senapus recebeu-o com grande cortesia e mandou que fosse preparado um banquete esplêndido para celebrar sua visita. Enquanto os convidados estavam sentados à mesa, com Altolfo ocupando o lugar de honra à direita do anfitrião, ouviram-se os terríveis gritos das harpias, que logo se aproximaram, pairando acima das mesas, tirando a comida dos pratos e virando tudo com o bater das amplas asas. Em vão, os convivas tentavam repeli-las com facas e quaisquer armas que se achassem à mão, e Astolfo desembainhou a espada e desferiu diversos golpes, que, aparentemente, não surtiram efeito algum sobre os pássaros.

Por fim, Astolfo lembrou-se da trompa. Primeiro, avisou ao rei e aos convidados para que tapassem os ouvidos e depois soou o artefato. As harpias, aterrorizadas, voaram tão rápido quanto lhes permitiram as asas. O paladino montou em seu hipogrifo e as perseguiu, soprando a trompa sempre que se aproximava delas, que estenderam o voo até a grande montanha ao pé da qual havia uma caverna que se supõe ser a entrada das moradas infernais. Para lá voaram as criaturas como se voltassem ao lar. Depois de vê-las sumir nas profundezas, Astolfo desistiu da caçada, mas, fazendo o hipogrifo pousar, rolou rochas enormes para com elas selar a boca da caverna, empilhando também galhos de árvores, para efetivamente bloquear-lhes a saída. Não temos provas de que as harpias desde então tenham sido flagradas voando.

Depois desse esforço, Astolfo se refrescou com um banho numa fonte cujas águas puras vinham, borbulhando, de uma fenda na rocha. Após um breve descanso, assolou-o um ardente desejo de escalar a montanha próxima. O hipogrifo levou-o ao topo rapidamente, pousando no que parecia ser uma extensa planície.

No meio dessa planície erguia-se um magnífico palácio, cujos muros brilhavam tanto que olhos mortais mal podiam suportar contemplá-los.

Astolfo guiou o cavalo alado na direção da construção e o fez pairar no ar enquanto supervisionava com serenidade o local e os arredores. Era como se a natureza e a arte competissem para ver qual delas era capaz de fazer mais para embelezá-los.

Ao se aproximar do palácio, Astolfo viu um homem venerando se adiantar para recebê-lo. Esse personagem envergava uma longa vestimenta branca como a neve, enquanto um manto roxo lhe envolvia o corpo, descendo até o chão. Uma barba branca lhe chegava à cintura, e o cabelo, da mesma cor, ocultava-lhe os ombros. Os olhos eram tão brilhantes que Astolfo se convenceu de que se tratava de um morador das mansões celestes.

O sábio, sorrindo com benevolência para o paladino, que, por respeito, desmontara do cavalo, disse:

— Nobre cavaleiro, sabeis que foi graças ao Divino que fostes trazido ao paraíso terrestre. Vossa natureza mortal não conseguiria atingir estas alturas e alcançar essas sedes de bem-aventurança, caso não fosse o desejo do céu instruir-vos acerca dos meios de socorrer Carlos e sustentar a glória da fé sagrada. Estou preparado para prover os conselhos necessários, mas, antes de começar, deixai que eu vos dê as boas-vindas. Não duvido de que o vosso longo jejum e a longa distância percorrida tenham vos despertado um grande apetite.

O aspecto do homem venerando encheu o príncipe de admiração, mas sua surpresa desapareceu ao descobrir que aquele era um dos apóstolos do Senhor ao qual foi dito “Eu quero que ele fique vivo até que eu volte”.

São João conduziu Astolfo à presença dos companheiros, que eram o patriarca Enoque e o profeta Elias, nenhum dos quais havia ainda encontrado a morte, mas, retirados do nosso mundo inferior, residiam numa região de paz e alegria, num clima de eterna primavera, e ali permaneceriam até o último soar da trombeta.

Os três habitantes sagrados do paraíso terrestre receberam Astolfo com a maior gentileza, levaram-no a aposentos agradáveis e cuidaram muito bem do hipogrifo, ao qual deram a comida que lhe era adequada, enquanto ao príncipe foram apresentadas frutas tão deliciosas que o fizeram isentar de culpa os nossos primeiros genitores pelo pecado de comê-las sem permissão.

Astolfo, tendo recuperado as forças, não só graças às frutas excelentes, mas também ao sono reparador, levantou-se à primeira luz da aurora e assim que

deixou o quarto encontrou o apóstolo amado que viera ter com ele. São João pegou-o pela mão e lhe contou várias coisas relativas ao passado e ao futuro.

— Filho, deixai-me dizer o que está acontecendo agora na França. Orlando, o ilustre príncipe que recebeu ao nascer o dom de força e coragem sobre-humanas e foi criado como Sansão desde sempre para ser o defensor da verdadeira fé, cometeu a mais básica ingratidão ao abandonar o acampamento cristão, quando seu apoio era mais que nunca necessário, para ir ao encalço de uma princesa sarracena com quem cismou de casar-se, embora ela o despreze. Como castigo, perdeu a razão e agora corre nu pelo mundo, atravessando montanhas e vales, sem um átimo de sanidade. A duração desse castigo foi fixada em três meses, e como esse prazo já quase expirou, fostes trazido aqui para saber por nós que meios poderão devolver a Orlando a razão. Na verdade, sereis obrigado a fazer uma viagem comigo, e precisaremos deixar a Terra e ascender à lua, pois é nesse planeta que nos cabe buscar a cura para a loucura do paladino. Proponho que façamos essa viagem hoje à noite, tão logo a lua surja acima da nossa cabeça.

Assim que o sol se pôs sob os mares e o disco luminoso da lua se apresentou, o homem sagrado mandou que trouxessem a carruagem na qual estava habituado a excursionar entre as estrelas, a mesma que havia sido empregada muito tempo antes para fazer Elias subir ao céu. O santo fez Astolfo sentar-se a seu lado, pegou as rédeas e, dando um sinal aos corcéis, os dois alçaram voo com celeridade impressionante.

No devido tempo, santo e paladino alcançaram o grande continente da lua. A superfície parecia feita de aço polido, existindo aqui e ali uma mancha que, à semelhança de ferrugem, obscurecia-lhe o brilho. O paladino se mostrou atônito ao ver que a Terra, com todos os seus mares e rios, não dava a impressão de ser mais que um pontinho distante.

O príncipe descobriu nessa região que lhe era tão nova rios, lagos, planícies, montanhas e vales, além de belas cidades e bonitos castelos que enriqueciam a paisagem. Viu também vastas florestas e ouviu nelas o som de trompas e o latido de cães, o que o levou a concluir que as ninfas andavam caçando.

O cavaleiro, cheio de admiração pelo que viu, foi conduzido pelo santo até um vale, onde ficou maravilhado ante a abundância à sua volta. E não sem

motivo, pois o vale era o receptáculo de coisas perdidas na Terra, fosse pela falha humana ou pelo efeito do tempo e do acaso. Que ninguém suponha que falamos aqui de reinos ou de tesouros; esses são brinquedos da Fortuna, que ela distribui girando sua roda; falamos, sim, de coisas que a Fortuna não pode dar nem tirar, como a fama, que soa tão exuberante em determinado momento e pouco tempo depois dela não mais se ouve falar. Ali também estavam inúmeros votos e preces relativos a objetivos inalcançáveis, suspiros e lágrimas de amantes, tempo perdido em jogos, nos cuidados com a aparência ou na ociosidade, o lazer do entediado e as intenções do preguiçoso, projetos descabidos, intrigas e conspirações; essas coisas e outras similares enchiam todo o vale.

Astolfo desejou intensamente entender tudo o que via e que lhe parecia tão extraordinário. Em meio ao restante, ele observou uma grande montanha de balões, de onde vinham ruídos indistintos. O santo lhe disse que eram as dinastias de reis assírios e persas, no passado a Maravilha da terra, das quais mal restava agora o nome.

Astolfo não conseguiu refrear o riso quando ouviu do santo:

— Todos esses ganchos de prata e ouro que vedes aqui são presentes de cortesãos para príncipes, dados na esperança de receber algo melhor em troca.

O santo também mostrou ao cavaleiro guirlandas de flores nas quais se escondiam serpentes; essas eram lisonjas e bajulações destinadas a enganar. Nada, porém, mais cômico do que numerosos gafanhotos cujos pulmões haviam estourado com seus chirriados. Tratava-se de odes, dedicatórias e sonetos compostos por poetas venais para pessoas importantes.

O paladino contemplou com espanto o que lembrava um lago de leite derramado.

— Esta é a caridade feita por avaros amedrontados em seus leitos de morte — explicou o santo.

Levaria demasiado tempo para enumerar tudo que o vale abrigava: maldade, fingimento, virtudes falsas e vícios escondidos não faltavam ali.

No meio disso tudo, Astolfo identificou vários dias perdidos e muitas incursões imprudentes que lhe diziam respeito e cuja lembrança preferia ter esquecido. Mas também viu dentre tantas coisas perdidas uma enorme quantidade de algo que os homens costumam achar que possuem e não

consideraram necessário pedir em orações: bom senso. Esse bem tinha a aparência de um líquido muito leve e fácil de evaporar, motivo pelo qual era mantido em frascos hermeticamente fechados. Num deles havia a seguinte inscrição: *A sanidade do Paladino Orlando*.

Todos os frascos ostentavam etiquetas, e o sábio entregou um destes a Astolfo, que verificou lhe pertencer. O líquido estava acima da metade. O cavaleiro viu com surpresa que muitos outros frascos continham quase a totalidade do juízo de várias pessoas consideradas sábias por seus semelhantes. Ah, com que facilidade se perde a própria razão! Alguns a perdem ao ceder ao capricho das paixões; outros, ao enfrentar tempestades e calmarias em busca de riqueza; existem os que a perdem por confiar em demasia nas promessas dos poderosos e outros por desejar futilidades. Como seria de esperar, os frascos contendo o juízo de astrólogos, inventores, metafísicos e, sobretudo, de poetas, em geral eram os mais cheios.

Astolfo pegou seu frasco, levou-o ao nariz e inalou tudo; e Turpin nos garante que o paladino se tornou durante um bom tempo a partir daí tão sábio quanto possível, mas o arcebispo acrescenta que se especulou, não sem motivo, que parte do precioso fluido tenha mais tarde retornado ao frasco. Astolfo também pegou o vidro pertencente a Orlando, que era grande e estava quase cheio.

Antes de partir da região planetária, Astolfo foi levado a uma construção situada à beira de um rio. Deparou-se ali com um enorme salão cheio de novelos de seda, linha, algodão e lã. Esses novelos tinham mil cores diferentes, brilhantes ou opacas, e alguns eram totalmente negros. Numa parte do salão, uma velha se ocupava desenrolando fios desses diversos novelos. Quando terminava um novelo outra senhora idosa o pegava e o colocava junto aos demais; uma terceira escolhia dentre as meadas fiadas e as misturava nas devidas proporções. O paladino indagou do que se tratava aquilo.

— Essas velhas — explicou o santo — são as ministras do Destino, que fiam, medem e põem fim às vidas dos mortais. Enquanto existir linha em um novelo, o mortal verá a luz do dia, mas a natureza e a morte se mantêm alertas para fechar os olhos daqueles cuja linha no novelo acabou.

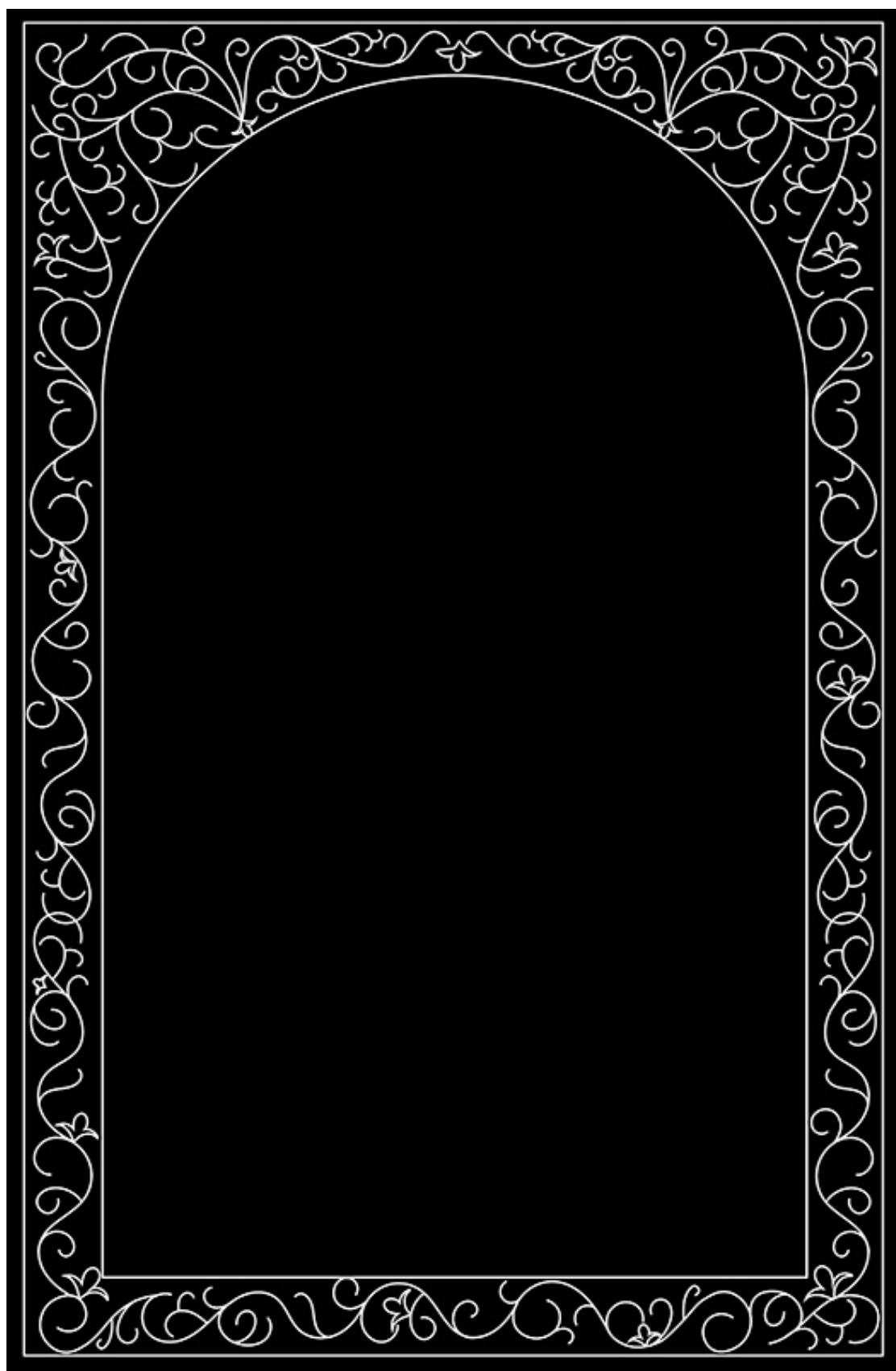
Cada novelo tinha um rótulo de ouro, prata ou ferro, contendo o nome do dono. Um velho, que, a despeito do peso dos anos, parecia vivaz e ativo, corria

de um lado para o outro a fim de encher o avental com esses rótulos e levá-los para serem jogados no rio, que se chamava Lete. Quando chegava à margem do rio, o velho sacudia o avental e os rótulos iam parar no fundo. Menos de um em mil flutuava durante algum tempo. Inúmeros falcões, corvos e urubus sobrevoavam o riacho, piando com estridência e tentavam pescar na água alguns dos nomes, que eram, porém, demasiado pesados e logo os pássaros eram obrigados a deixá-los cair no rio do esquecimento. Os dois belos cisnes, contudo, alvos como a neve, recolhiam uns poucos nomes e voltavam com eles para a margem, onde uma linda ninfa os tirava de seus bicos e os levava a um templo no cume de um morro, onde os colocava para sempre acima de uma coluna sagrada, sobre a qual ficava a estátua da Imortalidade.

Astolfo ficou perplexo e pediu explicações ao guia, que respondeu:

— O velho é o Tempo. Todos os nomes nas etiquetas seriam imortais se o velho não os jogasse no rio do esquecimento. Esses pássaros ruidosos que fazem tentativas vãs de salvar certos nomes são bajuladores, pensionistas, poetastros venais, que envidam todos os esforços para preservar do esquecimento os nomes indignos dos que os patrocinam. Mas de nada adianta. Às vezes conseguem salvá-los desse destino durante algum tempo, mas logo o rio do esquecimento acabará engolindo todos eles.

— Os cisnes, que num esforço harmonioso levam uns poucos nomes até o templo da Memória Eterna, são os grandes poetas, que salvam do esquecimento pior que a morte os nomes daqueles que eles julgam serem dignos da imortalidade. Cisnes dessa espécie são raros. Que saibam os monarcas identificar a cepa genuína e alimentem com carinho tantos quantos o acaso fizer surgir em seus reinados.



Capítulo XVI



A GUERRA NA ÁFRICA

Quando Astolfo voltou à terra com o frasco precioso, São João lhe mostrou uma planta com poderes medicinais maravilhosos, que, segundo ele, bastaria ser encostada nos olhos do Rei da Abissínia para lhe restaurar a visão.

— Esse importante serviço — prosseguiu o santo —, somado ao de tê-lo livrado das harpias, fará com que ele vos dê um exército com o qual atacar os africanos em sua retaguarda, forçando-os a deixar a França para defender a própria nação.

O santo também forneceu a Astolfo instruções para conduzir seus soldados em segurança pelos grandes desertos, onde com frequência caravanas são soterradas por colunas de areia em movimento. Astolfo, de posse dessas instruções, tornou a montar no hipogrifo, agradeceu ao santo, recebeu sua bênção e voou de volta à planície.

Seguindo o curso do rio Nilo, logo chegou à capital da Abissínia e reencontrou-se com Senapus. A felicidade do rei foi enorme ao ouvir novamente a voz do herói que o livrara das harpias. Astolfo tocou os olhos do monarca com a planta que trouxera do paraíso terrestre e devolveu-lhe a visão. A gratidão do rei não teve limites. Implorou ao paladino para que escolhesse uma recompensa, prometendo concedê-la, fosse o que fosse. Astolfo pediu um exército para partir em socorro de Carlos Magno, e o rei não apenas lhe forneceu cem mil homens, como também se ofereceu para comandá-los pessoalmente.

Na noite anterior à data marcada para a partida dos soldados, Astolfo montou em seu cavalo alado e se dirigiu a uma montanha de onde sopra o vento sul, cujas rajadas levantam as areias do deserto da Núbia até as nuvens acima. O paladino, seguindo o conselho de São João, se munira de uma sacola de couro, que posicionou, aberta, sobre o lugar de onde saíam as lufadas do

vento portentoso. Ao raiar da aurora, as rajadas saíram da caverna para emprenderem sua rotina diária e ficaram presas na sacola, que Astolfo amarrou com força. Encantado com esse estratagema, o paladino se juntou ao seu exército, assumiu o comando e deu início à marcha. Os abissínios atravessaram sem perigo nem dificuldade aquela vasta extensão de areia que separa essa nação dos reinos da África do Norte, pois o terrível vento sul, preso na sacola, não teve forças sequer para apagar com seu sopro uma vela.

Senapus ficou aflito por não poder fornecer uma tropa de cavalaria, já que seu país, embora abundante em camelos e elefantes, era desprovido de cavalos. O santo antevira tal dificuldade e ensinara a Astolfo como remediá-la. O cavaleiro, assim instruído, pôde acionar esse recurso. Tendo chegado a um local de onde era possível ver uma grande planície e o mar, escolheu entre os soldados aqueles que lhe pareceram mais aptos e mais inteligentes. Organizou-os em pelotões no sopé de uma imponente montanha que margeava a planície e ele próprio subiu até o topo para pôr em prática seu plano. Ali, encontrou vultosas quantidades de fragmentos de rochas e seixos, que rolaram pela lateral da montanha e, folgo dizer, conforme desciam pela encosta, esses objetos cresciam em tamanho, transformando-se em corpos, pernas, pescoços e caras equinas. Em seguida começaram a relinchar, corcovear, galopar por toda a planície. Alguns eram baios, outros ruanos, outros mosqueados, outros castanhos. Os soldados, postados ao pé da montanha, correram para se apossar desses cavalos recém-criados, o que conseguiram com facilidade, pois o milagre havia sido generoso o bastante para guarnecer todos eles com bridões e selas. Dessa forma, Astolfo de repente se viu de posse de um excelente pelotão de cavalaria, com não menos (como afirma o arcebispo Turpin) de oitenta mil componentes. Com tamanho exército, Astolfo foi capaz de subjugar toda a nação e finalmente se viu diante dos muros da capital de Agramante, Biserta, que sitiou imediatamente.

Cabe-nos agora voltar ao acampamento dos cristãos, situado diante de Arles, para onde os sarracenos haviam retrocedido depois de serem derrotados num ataque noturno conduzido por Rinaldo. Agramante recebeu ali a notícia da invasão do seu país por novos inimigos, os abissínios, e descobriu que Biserta corria o risco de cair nas mãos desses invasores. Aconselhou-se com seus oficiais e resolveu enviar uma embaixada até Carlos, propondo que o conflito

fosse resolvido por meio de um combate entre dois guerreiros, um de cada lado, cujo resultado determinaria que lado pagaria tributo ao outro, pondo, assim, fim à guerra. Carlos Magno, que não soubera ainda da guinada favorável que a situação tivera na África, concordou prontamente, e Rinaldo foi escolhido pelo lado cristão para ser seu combatente.

Os sarracenos, por sua vez, escolheram Ruggiero, que ainda permanecia no acampamento sarraceno exclusivamente em nome da honra, já que sua mente fora aberta à verdade da fé cristã pelos argumentos de Bradamante, levando-o a decidir deixar o lado dos infiéis na primeira oportunidade que se apresentasse a fim de se juntar aos cristãos. Sua honra, porém, o proibia de assim agir enquanto seus ex-companheiros estivessem em apuros. Por isso, ele aguardava os acontecimentos quando foi surpreendido pelo anúncio de que havia sido escolhido para defender a causa dos sarracenos contra os cristãos e que seu adversário seria Rinaldo, o irmão de Bradamante.

Enquanto Ruggiero reagia com abalo à notícia, Bradamante, por sua vez, sentiu a mais profunda angústia ao saber do embate proposto. Se Ruggiero perecesse, não sobraria homem algum digno do seu amor. Se, ao contrário, o céu decidisse punir a França pela morte do seu combatente, Bradamante teria de chorar o irmão, que lhe era tão caro, e se ver não menos privada do objeto de suas afeições.

Enquanto a bela donzela se entregava a esses tristes pensamentos, a sábia sacerdotisa Melissa de repente surgiu diante de seus olhos.

— Não temeis, filha — disse ela —, acharei um meio de interromper esse combate que tanto vos aflige.

Entrementes, Rinaldo e Ruggiero preparavam suas armas para o embate. Coube a Rinaldo a escolha, e ele decidiu que seria no solo e sem armas, salvo a alabarda e o punhal. O local selecionado foi uma planície entre o acampamento de Carlos Magno e as muralhas de Arles.

Mal a aurora anunciou o dia marcado para essa luta memorável, os arautos se apresentaram para delimitar a arena. Logo, os soldados africanos foram vistos avançando, vindos da cidade, com Agramante a comandá-los, os braços enfeitados ao estilo mourisco, montando seu cavalo, um baio com uma estrela branca na testa. Ruggiero marchava a seu lado e alguns dos maiores guerreiros do acampamento sarraceno o seguiam, carregando várias partes da sua

armadura, bem como as armas. Carlos Magno, por sua vez, surgiu das trincheiras, postou seus soldados em semicírculo e parou, cercado pelos seus pares e paladinos. Alguns levavam componentes da armadura de Rinaldo, e o famoso Holger, o dinamarquês, carregava o elmo, que Rinaldo obtivera de Mambrino. O Duque Namo da Bavária e Salomão da Bretanha levavam dois machados, de igual peso, preparados para a ocasião.

As condições do combate foram então objeto do compromisso que todas as partes assumiram com a maior solenidade. Ficou acordado que se algum dos lados tentasse de alguma forma interromper a batalha, ambos os contendores empunhariam suas armas contra a parte culpada pela interrupção, e ambos os monarcas aceitaram a condição de que nesse caso o combatente do lado ofensor seria desobrigado de lealdade e ficaria livre para transferir-se para o lado adversário.

Uma vez concluídos todos os preparativos, os monarcas e os espectadores se retiraram para os respectivos lados, e os cavaleiros foram deixados sozinhos. Os dois avançaram com passos cuidadosos em direção ao oponente e se encontraram no meio da arena. Atacaram-se no mesmo momento, e no ar ecoaram os golpes desferidos. Fagulhas voaram de suas alabardas, enquanto a rapidez com que manejavam as armas deixou atônita a plateia. Ruggiero, sempre ciente de que o antagonista era o irmão da sua amada, não foi capaz de infligir uma ferida mortal, tentando apenas se esquivar das investidas do oponente. Rinaldo, por outro lado, por mais que gostasse de Ruggiero, não o poupou de seus golpes, pois desejava ansiosamente a vitória tanto para o próprio bem quanto para o bem da sua nação e da sua fé.

Os sarracenos logo perceberam que seu defensor lutava debilmente e não desferia em Rinaldo os golpes violentos que deste recebia. Sua desvantagem era tão evidente que ansiedade e vergonha ficaram evidentes na expressão de Agramante. Melissa, uma das mais sagazes feiticeiras que já existiram, aproveitou esse momento para assumir a aparência de Rodomonte, o rude e impetuoso guerreiro que se encontrava ausente já fazia algum tempo do acampamento sarraceno. Aproximando-se de Agramante, disse:

— Como pudestes, meu senhor, ser imprudente a ponto de escolher um jovem inexperiente para combater o mais formidável guerreiro da França? Sem dúvida não vos importastes com a honra do vosso brasão e com o destino do

vosso império! Mas não é tarde demais. Rompei sem mais delongas o acordo que decerto resultará na vossa ruína.

Dito isso, Melissa se dirigiu aos soldados que se encontravam próximos:

— Amigos, sigam-me. Sob meu comando cada um de vocês estará à altura desses débeis cristãos.

Agramante, encantado de ver Rodomonte mais uma vez a seu lado, deu sua permissão, e os sarracenos, nesse instante, empunharam suas lanças, esporearam seus garanhões e investiram contra os franceses. Melissa, vendo que seu objetivo fora alcançado, sumiu.

Rinaldo e Ruggiero, constatando que a trégua havia sido rompida e os que os exércitos agora travavam um combate coletivo, interromperam a luta; a fúria marcial cessou de imediato, os dois se cumprimentaram e decidiram não mais agir em prol de lado algum até ficar claramente decidido qual deles descumprira o compromisso. Ambos renovaram os votos de abandonar para sempre a parte que violara o acordo e cometera perjúrio.

Enquanto isso, os cristãos, após superarem o primeiro susto, travaram combate contra os sarracenos com a coragem redobrada pela raiva e pela traição dos inimigos. Guido, o selvagem, irmão e rival de Rinaldo, bem como Griffon e Aquilant, filhos de Oliveiros, e vários outros cujos nomes já foram louvados em nossos relatos, rechaçaram os agressores e, finalmente, após um massacre prodigioso, os forçaram a buscar abrigo no interior das muralhas de Arles.

Voltemos agora a Orlando, que por último vimos furiosamente enlouquecido e cometendo milhares de atos de violência, frutos de uma raiva irracional. Um dia, ele chegou à margem de um riacho que lhe barrava o caminho. Atravessou-o a nado, pois era capaz de nadar como uma lontra, e do lado oposto viu um camponês dando de beber a seu cavalo. Agarrou o animal, a despeito da resistência do dono, e cavalgou-o numa velocidade ensandecida até alcançar a costa, onde a Espanha é separada da África apenas por pequeno estreito. No momento da sua chegada, uma nau se preparava para cruzar o estreito. Estava cheia de pessoas, com taças na mão, aparentemente numa despedida alegre da terra firme, embaladas por uma brisa favorável.

Orlando, frenético, gritou para que a nau parasse para recebê-lo a bordo. Os navegantes, porém, não querendo admitir em seu meio um louco, não lhe

deram atenção. O paladino achou aquele comportamento muito descortês e com golpes violentos obrigou o cavalo em que estava montado a entrar na água e perseguir a embarcação. O pobre animal mal conseguia manter fora d'água a cabeça, mas como Orlando o impelia ferozmente, não lhe restava alternativa senão morrer ou nadar até a África.

Orlando já perdera de vista o navio. A distância e as marolas o escondiam por completo. Continuou, no entanto, a pressionar o cavalo até que este, não conseguindo mais lutar, afundou sob o peso do cavaleiro. Orlando, sem se deixar afetar, esticou os braços nervosos, soprando a água salgada para evitar que lhe invadisse a boca e manteve a cabeça acima das ondas. Felizmente, o mar não estava agitado, apenas uma brisa encrespava de leve a superfície. Não fosse assim, o invencível Orlando teria ali encontrado a morte. A sorte, contudo, que dizem favorecer os tolos, preservou-o desse perigo, e ele alcançou são e salvo o litoral de Ceuta. Ali, vagou pela praia até chegar ao local onde o exército negro de Astolfo se achava acampado.

Acontece que, pouco antes disso, ali chegara um navio cheio de prisioneiros que Rodomonte capturara na ponte e, desconhecendo a presença do exército abissínio, a embarcação prosseguira diretamente para o porto, onde a situação de prisioneiros e algozes se inverteu, os primeiros sendo libertados e recebidos com euforia, os últimos, mandados como escravos para os porões. Astolfo viu-se, assim, cercado de cavaleiros cristãos e com os amigos comemorava a ocasião quando se ouviu no acampamento um barulho que parecia aumentar a cada instante.

Astolfo e os companheiros empunharam suas armas, montaram em seus cavalos e cavalgaram até o lugar de onde vinha o barulho. Imagine-se o espanto de todos ao verem que o tumulto era causado por um único homem, totalmente nu e coberto de terra, lama e água do mar, porém dotado de uma força e de uma fúria tão terríveis que derrubava todos que se atreviam a tocá-lo.

Astolfo, Dudon, Oliveiros e Florismart contemplaram, atônitos, o indivíduo. Foi com dificuldade que o identificaram. Astolfo, que fora avisado por seu mentor sagrado da situação do paladino, foi o primeiro a reconhecê-lo. Quando os paladinos fecharam o círculo em torno de Orlando, o louco saiu desferindo socos que teriam matado os atingidos, caso estes não usassem armaduras ou não estivessem armados. Dudon e Astolfo desabaram na areia.

Florismart, porém, pegou-o por trás, Sansonnet e mais outro agarraram-lhe as pernas e, afinal, conseguiram amarrá-lo com cordas. Levaram-no para um remanso e o lhe deram um bom banho, após o que Astolfo, depois de fechar-lhe a boca com um pano para que só lhe restasse respirar pelo nariz, pegou o frasco precioso, destampou-o e o colocou embaixo das narinas do paladino, obrigando-o a inspirar todo o conteúdo de uma só vez. Que prodígio maravilhoso! Orlando recuperou imediatamente a razão. Sentiu-se como alguém que desperta de um doloroso pesadelo no qual acreditara que monstros estavam prestes a fazê-lo em pedaços. Ficou prostrado, mudo e envergonhado. Florismart, Oliveiros e Astolfo o observavam, enquanto ele olhava à volta e para si mesmo. Pareceu surpreso de se ver nu, amarrado e deitado na areia. Passados alguns momentos, reconheceu os amigos e falou-lhes num tom tão meigo que todos se apressaram a desamarrá-lo e lhe fornecer roupas. Depois se esforçaram para consolá-lo, para reduzir o peso que lhe oprimia o espírito e para fazê-lo esquecer a infeliz condição em que mergulhara.

Ao recuperar a razão, Orlando também se viu livre do apego insano pela Rainha de Catai. Seu coração não mais parecia estar sob a influência da sua lembrança e, sim, cheio de um ardente desejo de recobrar sua fama realizando algum feito honroso. Astolfo teria de bom grado lhe entregado o comando do exército, mas Orlando não aceitaria isso do amigo a quem tanto devia a glória da campanha. Em tudo, porém, os dois paladinos passaram a agir em conjunto, partilhando ideias e sugestões. Propuseram um ataque geral à cidade de Biserta e aguardavam apenas um momento propício, quando o plano de ambos foi interrompido por novos acontecimentos.

Agramante, após a batalha sangrenta que se seguiu à violação da trégua, viu-se tão fraco que percebeu ser vã uma tentativa de permanecer na França. Por isso, em conjunto com Sobrino, o mais valente e confiável de seus comandantes, embarcou para voltar à terra natal, tendo antes enviado seus soldados remanescentes na mesma direção. A embarcação que levava Agramante e Sobrino aproximou-se da costa onde o exército de Astolfo se achava acampado diante de Biserta e, tomando ciência do fato antes que fosse tarde demais, o rei ordenou que o capitão do navio virasse para leste, com a finalidade de buscar a proteção do Rei do Egito. Como o tempo piorou, contudo, ele ouviu os conselhos dos companheiros e procurou abrigo numa

ilha situada entre a Sicília e a África. Ali encontrou Gradasso, o belicoso Rei de Sericana, que fora à França para se apoderar do cavalo Baiardo e da espada Durindana e que, depois de obter ambos, estava voltando para o próprio país.

Os dois monarcas, que haviam sido companheiros de armas sob as muralhas de Paris, se abraçaram afetuosamente. Gradasso lamentou os reveses de Agramante e ofereceu seus soldados e seu comando. Argumentou com veemência contra a ideia de buscar ajuda no Egito.

— Lembrai-vos da grande Pompeia — disse — e evitai essa costa fatal. Meu plano — prosseguiu — é o seguinte: pretendo desafiar Orlando para um único combate. De posse de uma espada e de um garanhão poderosos como estou, ele não poderá me escapar. Tirando-o do caminho, não será difícil rechaçar os abissínios. Vamos levantar contra eles as nações muçulmanas do outro lado do Nilo, os árabes, os persas e os caldeus, e logo Senapus será obrigado a reunir suas tropas a fim de defender o próprio território.

Agramante aprovou o plano, salvo um de seus itens.

— Cabe a mim — disse ele — combater Orlando. Não posso delegar, honrosamente, a outrem esse dever.

— Adotemos uma terceira opção — interveio o idoso guerreiro Sobrino. — Não serei voluntariamente um simples espectador de um torneio desses. Enviemos três escudeiros até a costa da África para desafiar Orlando e dois de seus companheiros de armas para virem nos encontrar nesta ilha de Lampedusa.

A ideia foi posta em prática; os três cavaleiros partiram de imediato e agora se apresentavam a fim de transmitir a mensagem aos cavaleiros cristãos.

Orlando ficou encantado e recompensou os mensageiros com ricos presentes. Já resolvera procurar Gradasso e compeli-lo a devolver a Durindana, que soubera estar com ele. Quanto aos dois outros, o conde escolheu seu fiel amigo Florismart e seu primo Oliveiros.

Os três guerreiros embarcaram e, navegando com um vento favorável, na segunda manhã vislumbraram, à direita, a ilha onde essa importante batalha teria lugar. Orlando e os dois companheiros desembarcaram e armaram sua tenda defronte à de Agramante.

No dia seguinte, assim que a aurora iluminou a linha do horizonte, os guerreiros de ambos os lados se armaram e montaram em seus cavalos.

Assumiram posição, frente a frente, baixaram as lanças, empunharam-nas, esporearam os cavalos e investiram contra os oponentes. Orlando foi de encontro a Gradasso. O paladino ficou intocado, mas seu cavalo não suportou o terrível choque com Baiardo. Recuou, vacilou e caiu. Orlando tentou reerguê-lo, mas, vendo que eram vãs as suas tentativas, pegou o escudo e desembainhou sua famosa Balisarda. Enquanto isso, Agramante e o valoroso Oliveiros não tiveram sucesso, nem um, nem outro, mas Florismart derrubou o Rei Sobrino do cavalo. Tendo jogado ao chão o adversário, em lugar de buscar a vitória, apressou-se a atacar Gradasso, que derrubara Orlando. Vendo-o em ação, Orlando não interveio, correndo com a espada em riste na direção de Sobrino, a quem com um único golpe privou dos sentidos e dos movimentos. Acreditando-o morto, em seguida foi em socorro do seu amado Florismart. Esse corajoso paladino, que não se igualava nem em termos de montaria nem em termos de armas com o antagonista, não era capaz senão de aparar e se esquivar dos golpes da terrível Durindana. Orlando, ansioso para ajudá-lo, foi atrasado pela tarefa de montar no cavalo do Rei Sobrino. Não passou de um instante essa demora e, com a espada erguida, ele investiu contra Gradasso, que, agora desconcertado com a aparição desse segundo adversário, avançou sobre ele com a espada, mas, calculando mal a distância, atingiu-o apenas de raspão, sem perfurar-lhe a malha. Orlando, em compensação, desferiu-lhe um golpe com a Balisarda que foi eficaz em ferir rosto, peito e coxa e que, se mais próximo, o teria partido ao meio. Sobrino, a essa altura recuperado do desmaio, embora gravemente ferido, pôs-se de pé e tentou descobrir como ajudar os amigos. Observando que Agramante era seriamente pressionado por Oliveiros, enfiou a espada no flanco do cavalo deste, que caiu, levando junto o cavaleiro e o enroscando em suas patas, impedindo assim que o guerreiro tornasse a ficar de pé. Florismart viu o amigo em perigo e correu na direção de Sobrino com seu cavalo, derrubou-o e depois girou o corpo para se defender de Agramante. Entrementes, Gradasso sangrava pelos vários ferimentos, e sua raiva e imprudência cresciam a cada instante. Desesperado, ergueu a Durindana com ambas as mãos e desferiu um golpe tão terrível no elmo de Orlando que, por um momento, o paladino ficou em choque. Largou as rédeas e o cavalo assustado disparou com ele pela planície. Gradasso se virou para persegui-lo, mas nesse momento viu Florismart prestes a desferir um golpe fatal

em Agramante, que havia sido por ele derrubado. Enquanto Florismart se dedicava exclusivamente a concluir sua vitória, Gradasso enfiou-lhe a espada entre as costelas. Florismart caiu do cavalo e encharcou a planície com seu sangue.

Orlando se recuperou bem a tempo de ver o ocorrido. Se foi a raiva ou a dor que lhe falou mais alto ao coração, não sei dizer, mas empunhando com fúria a Balisarda, primeiro golpeou Agramante, que estava mais próximo e arrancou-lhe a cabeça. Vendo isso, Gradasso pela primeira vez sentiu a coragem esvair-se e um sombrio pressentimento fúnebre o assaltou. Mal foi capaz de se defender quando Orlando se atirou sobre ele e desferiu-lhe um golpe fatal. A espada perfurou suas costelas e lhe saiu pelo outro lado.

Assim morreu sob a espada do mais ilustre paladino da França o mais corajoso guerreiro das hostes sarracenas. Em seguida, Orlando, desdenhando a vitória, desceu do cavalo e correu até onde jazia o amigo Florismart. Abraçou-o e o banhou com suas lágrimas. Florismart ainda respirava e conseguiu até mesmo se obrigar a proferir algumas palavras de despedida:

— Caro amigo, não me esqueçais, orai por mim e... Oh, sede um irmão para Flordelis.

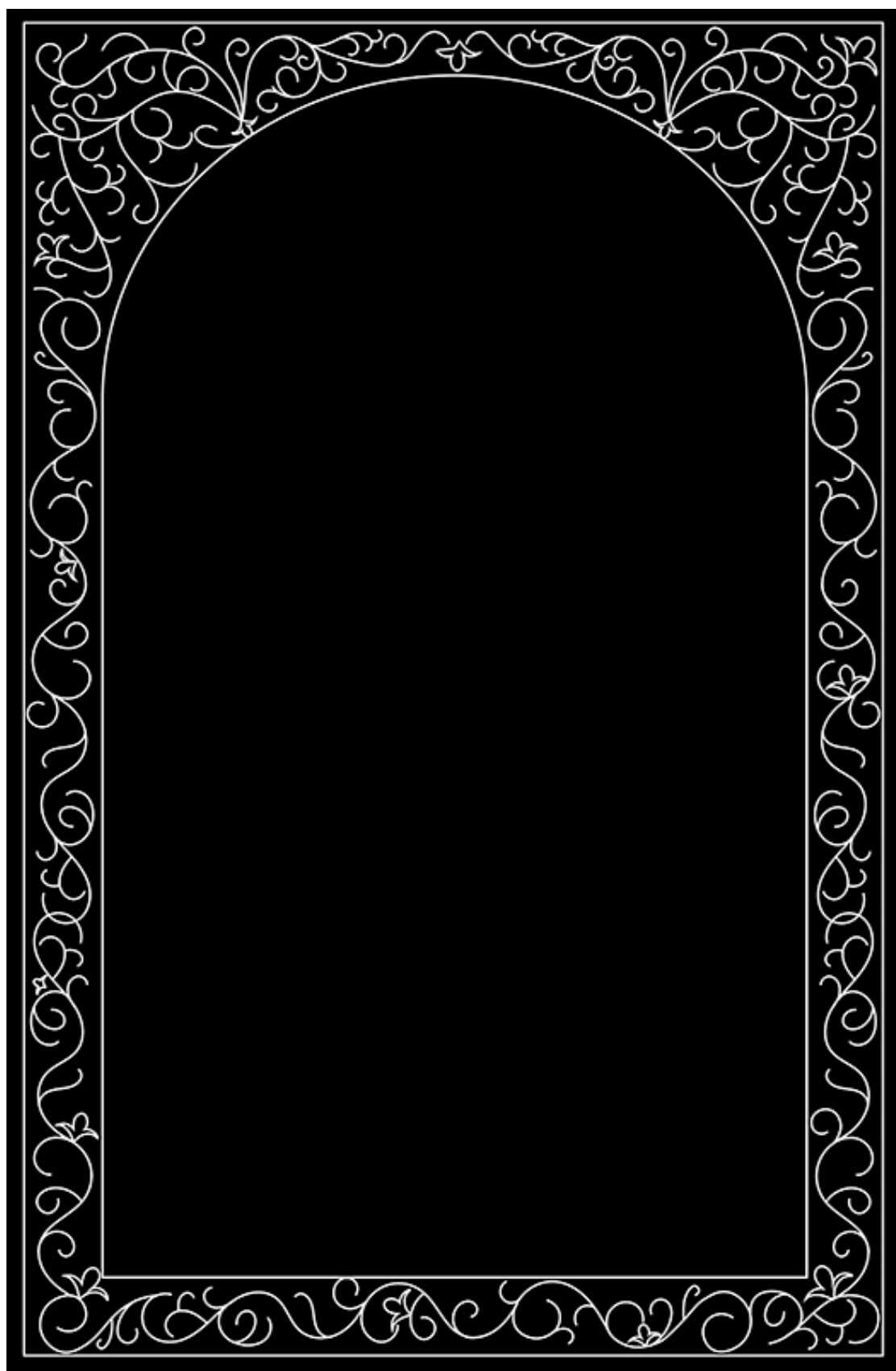
Morreu com o nome da amada nos lábios.

Depois de dedicar alguns momentos ao luto, Orlando olhou à volta em busca do outro companheiro e dos inimigos falecidos. Oliveiros jazia sob o peso do cavalo do qual tentara em vão se desvencilhar. Orlando libertou-o com dificuldade. Feito isso, ergueu Sobrino do chão e o entregou a seu escudeiro, tratando-o com a delicadeza que teria por um irmão, pois esse guerreiro formidável era o mais generoso dos homens com um inimigo derrotado. Pegou Baiardo e Brigliadoro, bem como as armas dos cavaleiros vencidos, e entregou seus demais pertences aos escudeiros.

Mas quem se aventura a falar da dor de Flordelis quando viu os guerreiros retornarem e Florismart não correr ao seu encontro como de hábito fazia após uma longa ausência? Concluiu pela expressão dos recém-chegados que seu amado perecera e, antes que a pergunta lhe assomasse aos lábios, desfaleceu. Quando recobrou os sentidos e confirmou seus piores temores, repreendeu-se amargamente por ter permitido que ele partisse sem ela.

— Eu poderia tê-lo salvado com um único grito quando o inimigo lhe desferiu aquele golpe traiçoeiro ou poderia tê-lo escudado com meu corpo e sacrificado a minha vida inútil para poupá-lo. Ou, no mínimo, ouviria suas derradeiras palavras ou lhe daria um último beijo.

Esses foram seus lamentos e não houve meio de consolá-la.



Capítulo XVII



RUGGIERO E BRADAMANTE

De depois da interrupção do combate contra Rinaldo, como já relatamos, Ruggiero ficou perplexo e sem saber o que fazer. As condições do acordo exigiam que ele abandonasse Agramante, que descumprira o compromisso, e transferisse sua lealdade para Carlos Magno. Seu amor por Bradamante também o impelia na mesma direção. No entanto, sua falta de disposição para desertar seu príncipe e comandante num momento de aflição o impediu de assim agir. Por conseguinte, embarcando para a África, optou por voltar ao exército sarraceno. Foi, contudo, detido no meio do caminho por uma tempestade que jogou a embarcação de encontro a uma rocha. A tripulação saltou para o barco, mas este foi rapidamente engolido pelas ondas, restando a Ruggiero e aos demais nadarem para salvar a própria vida. Enquanto enfrentava as ondas, Ruggiero refletiu sobre o pecado de adiar por tanto tempo sua conversão ao cristianismo e jurou que se sobrevivesse e alcançasse terra firme não mais postergaria o batismo. Seus pedidos foram atendidos e ele alcançou a praia, onde foi ajudado por um pio ermitão, cuja cela dava para o mar. Ali recebeu o batismo, tendo primeiro passado alguns dias com o homem, compartilhando suas parcas provisões e sendo introduzido nas doutrinas da fé cristã.

Enquanto isso acontecia, Rinaldo, que partira em busca de Gradasso, a fim de recuperar Baiardo, tomando ciência no caminho das coisas importantes que sucediam na África, dirigiu-se para lá de modo a assumir seu papel nelas. Chegou tarde demais para fazer alguma coisa além de juntar-se aos amigos para chorar a perda de Florismart e comemorar a vitória sobre os cavaleiros pagãos. Com a morte do rei, os africanos desistiram da contenda, Biserta rendeu-se e os cavaleiros cristãos precisaram apenas dispensar seus exércitos e voltar para casa. Astolfo pediu dispensa do exército abissínio e enviou-o de volta carregado de

espólios de guerra, não se esquecendo de confiar aos comandantes a sacola em que prendera os ventos, graças à qual lhes foi possível atravessar novamente o deserto de areia sem risco, para que fosse aberta apenas quando chegassem ao destino.

Orlando agora, com Oliveiros, muitíssimo necessitado de cuidados médicos, e Sobrino, ao qual semelhante atenção foi prestada, partiu numa embarcação veloz rumo à Sicília, levando junto o corpo de Florismart para ser enterrado em solo cristão. Rinaldo os acompanhou, assim como Sansonnet e outros líderes cristãos. Já na Sicília, o funeral foi realizado com todos os ritos religiosos e com profundo luto dos que haviam conhecido Florismart ou ouvido falar da sua fama. Em seguida, todos retomaram seus rumos, dirigindo-se para Marselha. No entanto, o ferimento de Oliveiros piorou, em lugar de melhorar, e seu sofrimento afligia os amigos de tal forma que estes confabularam juntos, sem saber o que fazer. Foi quando o capitão disse:

— Não estamos distantes de uma ilha onde um santo ermitão mora sozinho no meio do mar. Dizem que ninguém busca seus conselhos ou sua ajuda em vão. Ele já realizou curas maravilhosas e, se vós recorrerdes a esse homem santo, sem dúvida o cavaleiro será curado.

Orlando instruiu o capitão a seguir para lá e assim que a embarcação atracou em segurança ao lado da rocha solitária, o ferido foi posto no barco e levado pela tripulação até a morada do ermitão, que era o mesmo com quem Ruggiero se refugiara depois do naufrágio, o mesmo que o batizara e com o qual agora se hospedava, concentrado em estudos sagrados e meditações.

O religioso recebeu Orlando e os demais com generosidade e lhes indagou o porquê de estarem ali. Ouvindo que o grupo ali ocorrera em busca de ajuda para alguém que, lutando em defesa da fé cristã, corria o risco de morrer devido a um ferimento grave, o ermitão imediatamente empreendeu a cura. Suas medicações eram simples, porém acompanhadas de preces. O paladino em pouco tempo se viu aliviado da dor e em poucos dias seu pé estava de novo saudável. Sobrino, tão logo testemunhou a cura miraculosa do monge, deixou de lado seu falso profeta e de coração contrito recebeu o Deus genuíno e pediu para ser batizado. O ermitão atendeu seu pedido e também com suas preces restaurou sua saúde, enquanto todos os cavaleiros cristãos se alegravam com a sua conversão quase tanto quanto haviam se alegrado com a cura de Oliveiros.

Ruggiero, mais que os outros, se sentiu feliz e grato, e a cada dia cresciam sua virtude e fé.

A fama de Ruggiero era do conhecimento de todos os cavaleiros cristãos, mas sequer Rinaldo o conhecia pessoalmente, embora tivesse provado da sua destreza como combatente. Sobrino tornou-o conhecido de todos e grande foi a felicidade coletiva quando se descobriu que alguém cujo valor e cortesia eram famosos em todo o mundo deixara de ser um inimigo e um descrente para se tornar um convertido e defensor da verdadeira fé. Não houve quem não quisesse se acercar dele; um pegou-lhe a mão, outro o abraçou com força. Rinaldo, porém, acima dos demais o louvou, já que mais que qualquer um conhecia o seu valor.

Não demorou para que Ruggiero confessasse ao amigo a esperança que nutria de casar-se com sua irmã, e Rinaldo, de todo o coração, sancionou a proposta. No entanto, causas desconhecidas do paladino nesse exato momento impunham obstáculos à concretização do seu desejo.

A fama da beleza e do valor de Bradamante chegara aos ouvidos do imperador grego Constantino, e ele enviara a Carlos Magno uma mensagem exigindo a mão da sobrinha para Leo, seu filho e herdeiro de seus domínios. O Duque Aymon, pai de Bradamante, retardou seu consentimento até falar com o filho Rinaldo, que se encontrava, no momento, ausente.

Os guerreiros se preparavam agora para prosseguir viagem. Ruggiero se despediu com carinho do bom ermitão que lhe ensinara a fé verdadeira. Orlando devolveu-lhe o cavalo e as armas que por direito lhe pertenciam, sem sequer reivindicar o direito à Balisarda, a espada que ele pessoalmente tirara da feiticeira.

O ermitão abençoou o grupo, e os cavaleiros embarcaram. A viagem foi rápida e não demorou para que chegassem ao porto de Marselha.

Astolfo, quando dispersara a tropa, montara no hipogrifo e voara para a Sardenha e de lá para a Córsega, de onde, fazendo uma leve curva à esquerda, pairou sobre a Provença, pousando nas redondezas de Marselha. Ali fez o que lhe o santo mandara que fizesse: libertou o hipogrifo para que buscasse as paragens que lhe aproovessem e nunca mais fosse incomodado por sela ou bridão. A trompa perdera seu poder mágico desde a visita à lua.

Astolfo chegou a Marselha no mesmo dia em que Orlando, Rinaldo, Oliveiros, Sobrino e Ruggiero ali aportaram. Carlos já soubera da derrota dos reis sarracenos e todos os acontecimentos acessórios. Quando lhe chegou a notícia de que os valorosos cavaleiros se aproximavam, enviou alguns dos seus nobres mais ilustres para recebê-los e, em pessoa, acompanhado do restante da Corte, reis, duques e pares, a rainha e um belíssimo leque de damas, partiu de Arles para encontrá-los.

Nem bem os cumprimentos mútuos foram trocados, Orlando e seus amigos apresentaram Ruggiero ao imperador, informando tratar-se do filho de Ruggiero, Duque de Risa, um dos mais renomados guerreiros cristãos, que, por um revés do destino havia sido roubado na infância e criado pelos sarracenos na falsa fé e que agora, por graça da Providência, se convertera e estava apto a ocupar o lugar do pai, no passado considerado um dos principais defensores do trono e da Igreja.

Ruggiero se apeara do cavalo e se postara, respeitosamente, diante do imperador. Carlos Magno convidou-o a tornar a montar e cavalgar a seu lado e não lhe negou honra alguma à vista da sua postura marcial. Com pompa triunfal e regozijo festivo, os soldados retornaram à cidade. As ruas haviam sido decoradas com guirlandas, das janelas das casas pendiam ricas tapeçarias e uma chuva de flores caiu sobre a hoste conquistadora das mãos de damas e donzelas, de cada sacada e janela. Assim recebido, o poderoso imperador desfilou até chegar ao palácio real, onde durante vários dias comemorou com os nobres em meio a torneios, bailes e recitais de música.

Quando Rinaldo contou ao pai, o Duque Aymon, que prometera a mão da irmã em casamento a Ruggiero, o duque ouviu-o com indignação, visto estar decidido a vê-la unida ao filho do imperador grego. Lady Beatrice, a mãe de Bradamante, também apelou para a filha pessoalmente para que rejeitasse um cavaleiro que não possuía título nem terras e desse preferência ao pretendente que faria dela imperatriz do amplo Levante. Bradamante, porém, embora impedida pelo respeito a recusar o pedido da mãe, não se comprometeria a fazer o que o próprio coração repelia e respondeu apenas com um suspiro, até ficar sozinha e dar vazão às lágrimas.

Nesse ínterim, Ruggiero, indignado com o fato de que um estrangeiro pretendesse roubar-lhe a noiva, resolveu procurar o Príncipe da Grécia e

desafiá-lo para um combate mortal. Com isso em mente, envergou sua armadura, mas substituiu seu brasão por um unicórnio branco num campo carmim. Escolheu um escudeiro confiável e, instruindo-o a não chamá-lo de Ruggiero, partiu nessa missão. Tendo atravessado o Reno e os países austríacos para chegar à Hungria, seguiu o curso do Danúbio até alcançar Belgrado. Ali, viu as insígnias imperiais e pavilhões brancos, bem como hordas de soldados, diante da cidade, pois o imperador Constantino a sitiara a fim de recuperá-la dos búlgaros, que a haviam tomado dele não muito antes.

Um rio corria entre o acampamento do imperador e os búlgaros e, no momento em que Ruggiero se aproximou, uma briga acabara de irromper entre os membros dos dois acampamentos que haviam se aproximado do riacho para pegar água. A proporção era de quatro para um a favor dos gregos e estes puseram rapidamente os búlgaros para correr. Ruggiero, diante da cena, e movido apenas pelo ódio ao príncipe grego, irrompeu no meio do grupo em fuga, gritando para que os fugitivos dessem meia-volta. Encontrou primeiro um líder da hoste grega vestindo uma esplêndida armadura, um sobrinho do imperador tão caro ao monarca quanto um filho. A lança de Ruggiero perfurou escudo e armadura e estirou o guerreiro sem fôlego no solo. Outro e mais outro caíram diante dele, e surpresa e terror impediram o avanço dos gregos, enquanto os búlgaros, encorajados pelo cavaleiro, se uniram, investiram e perseguiram os soldados gregos, que, por sua vez, debandaram. Leo, o príncipe, se encontrava relativamente distante quando esse repentino tumulto eclodiu, não tão distante, porém, que o impedisse de ver com clareza de uma posição elevada que a mudança de rumo fora obra de um único homem, e não lhe restou senão admirar a bravura e a destreza do guerreiro. Percebeu pelo brasão que o cavaleiro não era membro do exército búlgaro, embora o estivesse ajudando. Embora vítima da natureza valorosa do desconhecido, o príncipe não conseguiu desejar-lhe mal, pois sua admiração foi maior que o ressentimento. A essa altura, os gregos haviam conseguido alcançar novamente o rio, que atravessaram nadando ou vadeando. Alguns escaparam, mas muitos foram feitos prisioneiros pelos búlgaros. Ruggiero, informado pelos cativos de que Leo se achava a alguma distância rio abaixo, cavalgou até esse ponto com o objetivo de encontrá-lo, mas não obteve sucesso, pois antes disso o príncipe se afastara e derrubara a ponte. O dia chegou ao fim e Ruggiero, exausto,

procurou à volta um abrigo para passar a noite. Descobriu-o numa choupana, onde logo se entregou ao descanso. Aconteceu que um cavaleiro que por pouco escapara da espada de Ruggiero na batalha recente também se abrigou na mesma choupana e, reconhecendo a armadura do guerreiro desconhecido, facilmente deu conta de acorrentá-lo durante o sono e entregá-lo na manhã seguinte ao imperador, que, por sua vez o entregou à irmã Teodora, mãe do jovem cavaleiro que fora a primeira vítima da lança de Ruggiero. Ela o encerrou numa masmorra enquanto matutava sobre uma morte suficientemente dolorosa para saciar seu desejo de vingança.

Enquanto isso, Bradamante, a fim de escapar do importúnio dos pais, fez um pedido a Carlos Magno, pedido que o monarca concordou solenemente satisfazer: não permitir que a obrigassem a casar com um homem que não a vencesse num único combate. O imperador, por isso, anunciou um torneio nos seguintes termos: “Aquele que pretender se casar com a filha do Duque Aymon terá de encarar na ponta da espada essa dama, do nascer ao pôr do sol, e se nesse processo não for por ela vencido fará jus à sua mão em casamento.”

O Duque Aymon e Lady Beatrice, embora bastante irritados com o rumo das coisas, levaram a filha para a Corte a fim de aguardar o dia marcado para o torneio. Bradamante, não encontrando ali aquele por quem seu coração ansiava, afligiu-se por ignorar a causa da sua ausência. De todas as hipóteses que lhe passaram pela cabeça, a mais dolorosa era a de que ele partira na tentativa de esquecê-la, visto conhecer a oposição dos pais dela à união e se sentir incapaz de afrontar o casal. Mas, oh, quão pior seria o pesar da donzela se estivesse a par do sofrimento que estava sendo imposto ao seu amado.

Ruggiero foi atirado numa masmorra onde jamais penetrava um raio de sol sequer, acorrentado e mal recebendo a mais frugal alimentação. Não admira que o desespero se apossasse do seu coração e o fizesse desejar o alívio da morte, quando, uma noite (ou um dia, já que a escuridão era permanente) ele foi despertado pelo brilho de uma tocha e viu dois homens adentrarem sua cela. Tratava-se do Príncipe Leo, acompanhado de um escudeiro, que acabara de descobrir o destino cruel do corajoso cavaleiro que vira e admirara no campo de batalha.

— Cavaleiro — disse o rapaz —, tamanho é o valor que vos atribuo que, de bom grado, eu arriscaria minha própria segurança para vos prestar ajuda.

— Gratidão infinita vos devo — respondeu Ruggiero —, e a vida que me dais eu prometo fielmente vos devolver quando tiverdes necessidade, bem como pô-la em risco a todo tempo para vos servir.

O príncipe então forneceu seu nome e posição a Ruggiero, que, ao ouvi-lo, sentiu-se invadir por uma onda de emoções conflitantes. Foi libertado, então, e recebeu de volta seu cavalo e suas armas.

Enquanto isso, a notícia do decreto do Rei Carlos que determinava que todos os pretendentes à mão de Bradamante teriam primeiro que combatê-la com espada e lança se espalhou e fez o príncipe grego empalidecer, pois não lhe restava dúvida de que não era páreo para a guerreira. Conjeturando consigo mesmo, percebeu ser possível substituir sua pouca destreza pela esperteza, usando o cavaleiro francês, cujo nome ainda lhe era desconhecido, para lutar em seu lugar. Ruggiero ouviu a proposta com extremo desespero, mas lhe pareceu pior que a morte negar o primeiro pedido de alguém a quem devia a própria vida. Rapidamente consentiu em “fazer todas as coisas de que Leo o incumbisse”. Mais tarde, um amargo arrependimento o assolou. Ainda assim, a morte seria preferível a confessar que mudara de ideia. A morte parecia seu único remédio, mas como morrer? Às vezes pensava em nada fazer além de fingir resistência e permitir à espada da oponente um pronto acesso, pois morrer jamais poderia lhe trazer maior felicidade do que se a arma letal fosse guiada pela mão dela. No entanto, isso de nada serviria, pois, a menos que ganhasse a donzela para o príncipe grego, sua dívida continuaria de pé. Prometera um combate genuíno, não uma falsa luta. Manteria assim sua palavra, banindo do coração qualquer ideia que não aquela que o impeliria a manter a honestidade.

O jovem príncipe, muito bem assistido, partiu na companhia de Ruggiero. Chegaram a Paris, mas Leo preferiu não entrar na cidade e armou suas tendas do lado de fora das muralhas, informando sua chegada a Carlos Magno por intermédio de uma comitiva de embaixadores. O monarca ficou satisfeito e deu mostras da sua cortesia com visitas e presentes. O príncipe anunciou o propósito da viagem e solicitou ao imperador que “lhe mandasse a donzela que se recusava a casar-se com qualquer homem que lhe fosse inferior no combate, pois ela seria sua esposa ou ele morreria sob o fio da sua espada”.

Ruggiero passou a véspera do dia marcado para o embate como faz o indivíduo condenado a ser castigado com a perda da vida no dia seguinte. Optou por lutar apenas com a espada e no solo, pois não permitiria que Bradamante visse Frontino, ciente de que ela reconheceria o ganhão. Também não usaria a Balisarda, já que contra a lâmina encantada toda e qualquer armadura seria inútil, e a espada que escolheu foi por ele amassada para tornar a lâmina rombuda. Vestiu a sobretúnica do Príncipe Leo e muniu-se do escudo deste, cujo brasão ostentava uma águia dourada de duas cabeças. O príncipe cuidou para não ser visto por pessoa alguma.

Bradamante, enquanto isso, preparou-se para o combate de maneira bem distinta. Em lugar de tornar rombuda a lâmina de aço, umedeceu-a, e lamentou não poder infundir nela a própria amargura. Conforme se aproximava o confronto, sentiu como se em suas veias corresse fogo e esperou impacientemente o soar da trombeta. Ao ouvir o sinal, desembainhou a espada e investiu com fúria sobre Ruggiero. Entretanto, assim como uma muralha bem-feita ou uma rocha antiga suporta imóvel a fúria da tempestade, também Ruggiero, envergando a armadura que já pertencera ao troiano Heitor, aguentou os golpes que choveram sobre a sua cabeça, peito e flanco. Fagulhas voavam do seu escudo, do elmo, da couraça, como granizo no telhado de uma cabana, mas com habilidade ele os aparava ou os recebia nos locais em que a armadura era proteção segura, cuidando apenas para se proteger, sem pensar em revidar. Assim passaram as horas e, quando o sol caminhava para o poente, a donzela começou a se desesperar. Quanto mais, porém, crescia sua raiva, mas ela se empenhava, como um artesão que vê o trabalho incompleto e o dia se esvaír. Oh, pobre donzela! Se soubesses quem irias matar... Se nesse cavaleiro que confrontas reconhecesses Ruggiero, do qual a tua própria vida depende, em lugar de matá-lo haverias de preferir matar-te ao invés, pois ele te é mais caro do que a vida.

O Rei Carlos e os pares, que supunham que o cavaleiro fosse o príncipe grego, vendo tamanha força e destreza e como sem a atacar o cavaleiro se defendia, se encheram de admiração e declararam que os contendores eram dignos um do outro.

Quando o sol se pôs, Carlos Magno deu sinal para encerrar o torneio, e Bradamante foi dada em casamento ao Príncipe Leo. Ruggiero, em profundo

desespero, voltou para sua tenda. Ali, Leo desamarrou-lhe o elmo e beijou-o em ambas as faces.

— De hoje em diante, fazei comigo o que vos aprouver, pois jamais poderei expressar minha gratidão.

Ruggiero pouco disse, deixando de lado as insígnias que usara e voltando a envergar a do unicórnio, antes de desaparecer de vista. Quando deu meia-noite, montou em Frontino e partiu, tomando o rumo escolhido pelo garanhão. A noite toda cavalgou assolado pela amargura e invocou a Morte como única forma de aliviar seu sofrimento. Finalmente, adentrou uma floresta e seguiu até a parte mais densa. Ali, desarreou Frontino e o deixou vagar por onde quisesse. Depois deitou-se na terra e deixou escaparem dos lábios lamentos tão amargos que pássaros e animais, já que ninguém mais os ouvia, se comoveram com tamanho desalento.

Não era menor a aflição de Lady Bradamante, que, diante da impossibilidade de casar-se com Ruggiero, decidiu quebrar a palavra dada e desafiar a família, a Corte e o próprio Carlos Magno. E, caso nada disso funcionasse, morrer. Mas o alívio veio de onde menos se esperava. Marfisa, irmã de Ruggiero, era uma heroína cuja destreza marcial se equiparava à de Bradamante. Havia sido confidente do amor de ambos e sentiu a mesma angústia dos dois ao ver os riscos que cercavam a união do casal.

— Eles já estão ligados por votos mútuos — disse ela —, e diante dos Céus o que mais é necessário?

Convencida disso, apresentou-se diante de Carlos Magno e declarou que testemunhara pessoalmente a donzela proferir para Ruggiero as palavras com que se comprometem os noivos e que o compromisso estava tão selado que os dois não mais eram livres nem capazes de abandonar um ao outro para contraírem núpcias com quem quer que fosse. Em seguida, ofereceu-se para comprovar sua afirmação em um único combate contra o Príncipe Leo ou qualquer outra pessoa.

Carlos Magno, perplexo e triste, mandou chamar Bradamante e lhe transmitiu o que ouvira de Marfisa. Bradamante não negou nem confirmou a afirmação, mas baixou a cabeça e manteve o silêncio. O Duque Aymon ficou enfurecido e teria com satisfação ignorado o pretense contrato sob o argumento de que, se fosse com efeito verídico o fato, esse se dera antes do

batismo de Ruggiero, o que o tornava nulo. Mas assim não pensavam Rinaldo, nem Orlando, e Carlos Magno ficou sem saber que decisão tomar. Marfisa então interveio:

— Como ninguém poderá casar-se com a donzela enquanto meu irmão estiver vivo, deixemos que o príncipe enfrente Ruggiero em um combate mortal e que quem sobreviver receba Bradamante como esposa.

A solução agradou ao imperador e foi aceita pelo príncipe por achar que, com a ajuda do cavaleiro desconhecido, sem dúvida a vitória na luta seria sua. Convocou-se então Ruggiero para que se apresentasse e defendesse sua causa. Leo, por sua vez, mandou que se buscasse o cavaleiro do Unicórnio em todos os lugares possíveis.

Enquanto isso, Ruggiero, acachapado pela dor, se achava estendido no solo da floresta dia e noite sem comer, cortejando a morte. Ali foi descoberto por um dos enviados de Leo, que, vendo-o resistir a todas as tentativas de ser levado, correu para chamar o patrão, que não estava muito distante, e levá-lo até o cavaleiro. Ao se aproximar, Leo ouviu palavras que o convenceram de que o amor era a causa do desespero do guerreiro, embora nenhuma pista houvesse de quem era o objeto desse amor. Parando junto ao amigo, o príncipe abraçou o cavaleiro choroso e, no tom mais carinhoso disse:

— Não vos furteis, imploro, a confessar a causa do vosso tormento, pois poucos males que assolam a humanidade são impossíveis de curar. Magoa-me o fato de esconderdes de mim seu sofrimento, pois estamos unidos por laços que não podem ser desfeitos. Contai-me, então, o que vos aflige e deixai-me experimentar, seja por meio de riqueza, arte, astúcia, pela força ou pela persuasão, se não consigo aliviar-vos. Se isso não for possível, haverá tempo de sobra para morrerdes depois de tudo ter sido tentado em vão.

O príncipe se expressou de forma tão comovente que a Ruggiero não restou senão ceder. Demorou um pouco até que conseguisse falar, mas finalmente disse:

— Meu senhor, quando souberdes quem sou, não tenho dúvidas de que, como eu, haveis de ficar feliz com a minha morte. Sabei que sou aquele Ruggiero por quem tendes um ódio justificável e que tanto vos odeia que, com a intenção de vos matar, foi buscar-vos na Corte do vosso pai. Fiz isso porque não fui capaz de ver minha prometida ser dada a vós em casamento. Mas,

como o homem põe e Deus dispõe, vossa grande cortesia, comprovada em um momento de extrema necessidade, de tal forma abalou a minha determinação que não apenas deixei de lado o ódio que sentia, mas decidi ser vosso amigo para sempre. Vós, então, me pedistes para obter para vós a mão da donzela Bradamante em casamento, o que extrapolava tudo que pudesse ser exigido do meu coração. Sabeis se vos servi lealmente ou não. A donzela é vossa; desposai-a em paz, mas não pedi que eu viva para ver isso. Satisfazei-vos com a minha morte, pois fizemos, ela e eu, votos que proíbem que enquanto eu estiver vivo ela se torne a esposa legítima de outro.

Tão cheio de espanto ficou o generoso Leo ao ouvir tais palavras que por um bom tempo manteve o silêncio, os lábios imóveis e o olhar estático, como o de uma estátua. E a descoberta de que o desconhecido era Ruggiero não reduziu sua boa vontade em relação ao cavaleiro, ao contrário, a fez crescer, levando-o a se afligir com o sofrimento de Ruggiero tanto quanto se afligiria com o seu. Por isso, e por ser essa uma atitude digna do filho de um imperador e não lhe faltar cortesia, Leo disse:

— Ruggiero, se eu conhecesse a vossa identidade naquele dia em que o vosso incomparável valor pôs em fuga os meus soldados, vossa virtude me teria cativado como me cativou enquanto eu desconhecia o meu adversário, e não seria com menos boa vontade que vos libertaria da masmorra de Teodora. E, se assim fiz voluntariamente então, quão mais feliz vos devolverei agora a dádiva a que vós mesmo teria renunciado a meu favor. A donzela faz mais jus a vós do que a mim e, embora eu conheça o seu valor, prefiro abrir mão não apenas dela, mas da própria vida, a causar sofrimento a um cavaleiro como vós.

Isso e muito mais foi dito com a mesma finalidade, até que Ruggiero respondeu:

— Rendo-me e fico contente de viver. Dessa forma, pela segunda vez devo minha vida a vós.

Vários dias, porém, se passaram antes que Ruggiero se recuperasse o suficiente para voltar à residência real, onde uma comitiva de emissários dos príncipes da Bulgária chegara em busca do cavaleiro do unicórnio para lhe oferecer a coroa do rei desse país, que perecera no campo de batalha.

Assim estavam as coisas quando o Príncipe Leo, conduzindo pela mão de Ruggiero, que envergava a armadura danificada com a qual combatera

Bradamante, se apresentou diante do rei.

— Atenção — disse o príncipe — ao campeão que manteve o torneio árduo da aurora ao pôr do sol. Ele aqui está para reivindicar o troféu da vitória.

O Rei Carlos Magno, bem como os seus pares, se encheu de espanto, pois todos acreditavam que o príncipe grego lutara pessoalmente contra Bradamante. Então, Marfisa deu um passo à frente e declarou:

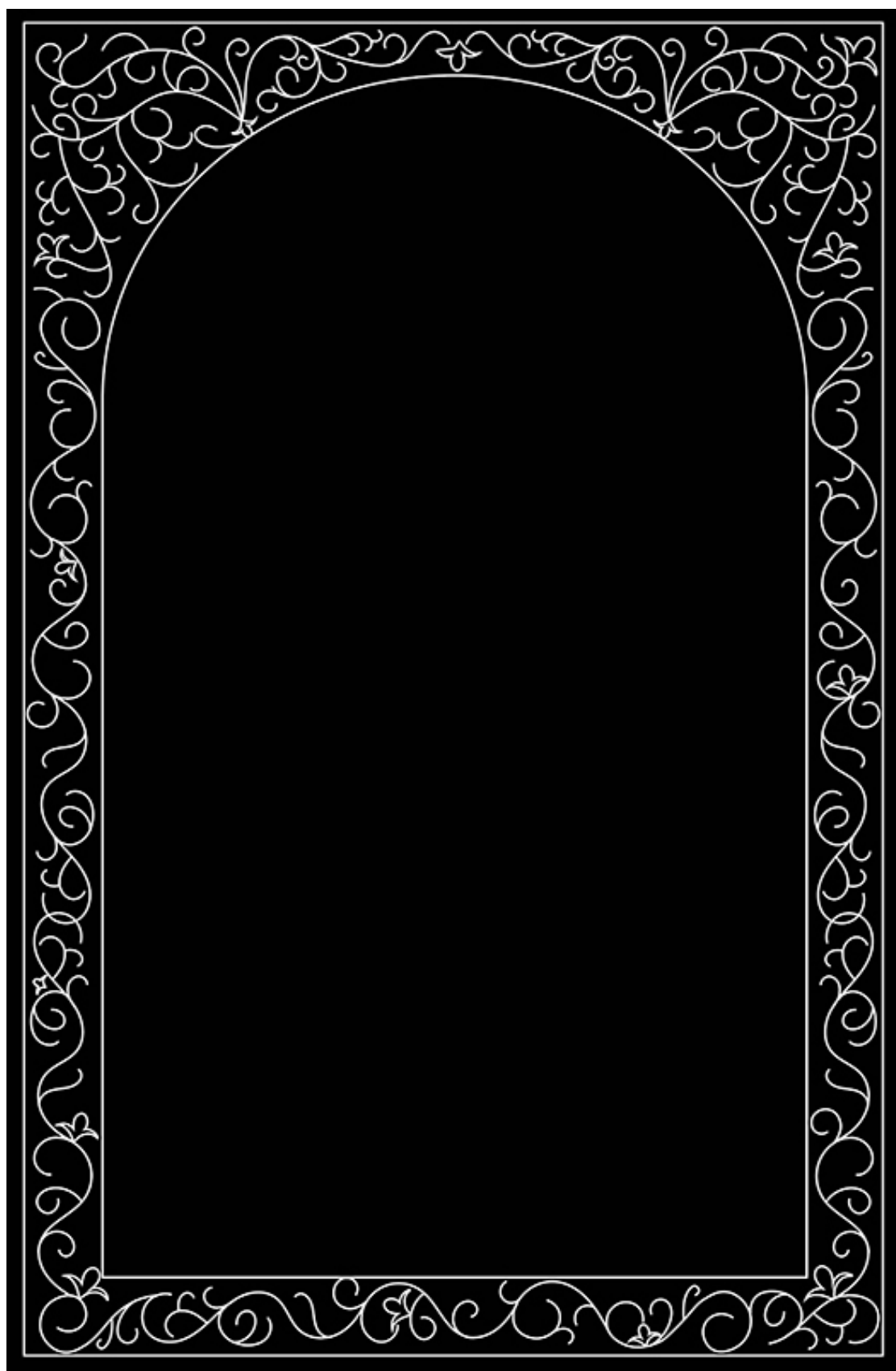
— Como Ruggiero não está aqui para assegurar seus direitos, eu, sua irmã, assumo a sua causa e a defenderei contra qualquer um que desafie a sua reivindicação.

Isso foi dito com tamanho ódio e desprezo que o príncipe concluiu ser recomendável parar de fingir e retirou o elmo de Ruggiero, dizendo:

— Ele está aqui!

Foram indescritíveis a surpresa e a alegria de Marfisa! A donzela correu e abraçou o irmão, sem sequer permitir que fizessem o mesmo Carlos Magno e Rinaldo, Orlando, Dudon e os demais, que cercaram o cavaleiro para abraçá-lo e beijarem-lhe a testa. As boas notícias correram depressa levadas por diversos mensageiros até Bradamante, que em seus aposentos secretos se lamentava incessantemente. O sangue que congelara em seu coração fluiu tão rapidamente ao ouvir a boa nova que por pouco ela não morreu de felicidade. O Duque Aymon e Lady Beatrice não mais negaram consentimento às bodas e entregaram a filha ao valoroso Ruggiero diante de toda aquela nobre plateia.

Em seguida, os embaixadores búlgaros entraram e ajoelhando-se aos pés de Ruggiero pediram-lhe que voltasse com eles para o país, onde, em Adrianópolis, a coroa e o cetro aguardavam sua aceitação. O Príncipe Leo juntou-se a eles para convencer Ruggiero e prometeu em nome do rei seu pai que, da sua parte, a paz seria restabelecida. Ruggiero concordou, o que levantou suspeitas de que nenhuma das virtudes que ele ostentava de forma tão evidente foi mais eficaz para recomendá-lo a Lady Beatrice do que ouvir o futuro genro ser saudado como príncipe soberano.



Capítulo XVIII



A BATALHA DE RONCESVALES

Depois da expulsão dos sarracenos da França, Carlos Magno comandou seu exército até a Espanha a fim de punir Marsílio, o rei desse país, por ter se aliado com os sarracenos africanos na última guerra. Carlos Magno foi bem-sucedido em todas as suas tentativas e obrigou Marsílio a se render e pagar tributo à França. Nossos leitores haverão de lembrar-se de Gano, também chamado de Gan ou Ganelão, que mencionamos em um dos primeiros capítulos, como sendo um velho membro da Corte de Carlos Magno e inimigo figadal de Orlando, Rinaldo e todos os seus amigos. Gano exercia grande influência sobre Carlos, pela proximidade em idade e uma longa intimidade. Por outro lado, ele não era de todo destituído de qualidades, sendo corajoso e sagaz, mas também invejoso, falso e traiçoeiro. Gano convenceu Carlos a mandá-lo como embaixador até Marsílio de forma a acertar o tributo. Ele abraçou várias vezes Orlando ao partir, exagerando de tal forma as demonstrações para parecer afetuoso e sincero que ficou evidente a sua hipocrisia para todos, com exceção do monarca. Agiu com a mesma ternura com Oliveiros, que sorriu com desdém ostensivo e pensou: “Podeis fazer tantos discursos bonitos quantos quiserdes, mas é tudo mentira.” Todos os outros paladinos presentes pensaram a mesma coisa e transmitiram essa opinião ao imperador, acrescentando que Gano não deveria de forma alguma ser enviado como embaixador aos espanhóis. Mas Carlos estava iludido pela bajulação.

Gano foi recebido com todas as honras por Marsílio. O rei, assistido por seus lordes, cavalcou vinte e quatro quilômetros desde Saragoça para encontrá-lo e conduzi-lo até a cidade sob aclamação. Durante vários dias houve bailes, jogos e exibições de cavalaria, com as damas lançando flores sobre as cabeças dos cavaleiros franceses e os moradores gritando “França! Montjoie St. Denis!”, o grito de guerra e mote do reino francês.

Passadas as cerimônias de recepção, o rei e o embaixador começaram a se entender. Um dia, sentaram-se juntos num jardim à beira de uma nascente. A água era tão cristalina e serena que refletia cada objeto à volta e o local era cercado por árvores frutíferas que balançavam sob a brisa fresca. Enquanto conversavam, aparentemente de forma honesta, Gano, sem encarar diretamente o rei, era capaz de ver a expressão do monarca refletida na água e, assim, de medir as próprias palavras. Marsílio também tinha habilidade e observava o rosto de Gano durante a conversa. Começou se queixando com Gano, não na condição de emissário do imperador, mas como amigo, das ofensas que Carlos cometera contra ele ao invadir seus domínios, acusando-o de querer tirar-lhe o reino para dá-lo a Orlando. No final, expressou sem rodeios a crença de que, se o ambicioso paladino estivesse morto, homens decentes conseguiriam fazer valer seus direitos.

Gano soltou um suspiro, como se estivesse sendo obrigado a aceitar a contragosto o que Marsílio dissera. Incapaz, porém, de se conter mais tempo, ergueu o rosto, que brilhava de maldade triunfante, e exclamou:

— Cada palavra que proferistes é verdadeira; ele precisa morrer, como também precisa morrer Oliveiros, que deu aquele golpe baixo na Corte. Acaso é traição punir afrontas como essas? Planejei tudo. Já tratei dos preparativos com aquele que os dois enfeitiçaram. Orlando virá até a vossa fronteira, até Roncesvales, com a finalidade de coletar o tributo. Carlos o aguardará ao pé das montanhas. Orlando trará com ele um grupo pequeno, enquanto vós, quando fordes ao seu encontro, tereis secretamente todo o vosso exército na retaguarda. Se o cercardes, quem receberá o tributo?

O novo Judas mal terminara de dizer essas palavras quando seu júbilo foi interrompido por uma mudança na natureza. O céu ficou repentinamente nublado, houve trovões e relâmpagos, um loureiro foi partido em dois e a alfarrobeira sob a qual Gano estava sentado, que dizem ser o tipo de árvore em que Judas Iscariotes se enforcou, deixou cair um de seus frutos na cabeça do traidor.

Marsílio, assim como Gano, ficou assustado com esse presságio, mas reuniu seus adivinhos e estes concluíram que o loureiro havia invertido o presságio para o imperador, o sucessor dos Césares, embora um deles tenha reacendido a apreensão de Gano, dizendo não entender o significado da árvore de Judas e

argumentando que talvez o embaixador pudesse explicá-lo. Gano trocou a vergonha pela raiva. O hábito da maldade superou todas as outras considerações. O rei, então, preparou-se para marchar até Roncesvales na liderança de todos os seus soldados.

Gano escreveu para Carlos Magno contando com que humildade e submissão Marsílio iria depositar o pagamento do tributo nas mãos de Orlando e como seria louvável que o imperador o encontrasse a meio caminho, ficando assim apto a recebê-lo em seu acampamento após o pagamento. Acrescentou um relatório referente ao tributo e os presentes que o acompanhariam. O bom imperador respondeu, por sua vez, demonstrando sua satisfação com os esforços do embaixador e com o fato de a questão ter sido solucionada precisamente de acordo com seus desejos. A Corte, porém, ainda nutria desconfianças, embora sem se dar conta de que o objetivo de Gano ao levar Carlos até Roncesvales fosse entregá-lo a Marsílio depois que este destruísse Orlando.

Orlando, no entanto, fez o que seu soberano queria. Foi até Roncesvales, acompanhado de uma escolta modesta de guerreiros, sem sequer imaginar a atrocidade que o aguardava. Gano, enquanto isso, voltara apressado para a França, a fim de se mostrar tranquilo e isento na presença de Carlos e de assegurar o sucesso de sua conspiração. Enquanto Marsílio, por via das dúvidas, levou para o despenhadeiro de Roncesvales não menos que três exércitos, instruídos para investir sucessivamente contra o paladino caso o pior acontecesse, dessa forma acachapando-o com a superioridade numérica. Ao mesmo tempo, aconselhado por Gano, o rei sarraceno levou uma enorme quantidade de vinho e de queijos de qualidade para oferecer às vítimas no primeiro momento.

— Isso — dissera o traidor — tornará o resultado mais eficaz, já que os comensais estarão desarmados. Uma coisa, porém, não posso esquecer: meu filho Baldwin com certeza estará com Orlando. Precisais cuidar da sua vida em meu nome.

— Eu lhe darei esta vestimenta que tirarei do corpo — disse o rei. — Fazei-o usá-la na batalha e não temeis. Meus soldados serão instruídos a não o tocar.

Gano voltou jubiloso para a França. Abraçou o soberano e todos os membros da Corte reunida com a expressão de um homem que não lhes trazia senão bênçãos. O velho rei chorou de ternura e alegria.

“Alguma coisa está errada e parece muito sinistra”, pensou Malagigi, o bom feiticeiro. “Rinaldo não está aqui, e é indispensável que esteja. Preciso descobrir por onde ele anda, assim como Ricciardetto, e mandar chamá-los bem depressa.”

Malagigi invocou com seus poderes um espírito sábio, terrível e cruel, chamado Astarote.

— Me fale com toda a honestidade sobre Rinaldo — pediu Malagigi ao espírito. O demônio olhou com atenção para o paladino e nada disse. Sua expressão era fechada e violenta.

O mago, com expressão ainda mais fechada, mandou que Astarote deixasse de lado a cara feia e fez sinal de que sua raiva poderia aumentar. O demônio, assustado, decidiu falar:

— Não me dissestes o que desejas saber sobre Rinaldo.

— Desejo saber o que ele anda fazendo e onde está.

— Ele está conquistando e batizando o mundo, do oriente ao ocidente — respondeu o demônio. — Agora se encontra no Egito com Ricciardetto.

— E o que Gano andou tramando com Marsílio? — indagou Malagigi. — E qual será o resultado?

— Não sei — disse o demônio. — Eu não estava vigiando Gano então, e nós, espíritos decaídos não conhecemos o futuro. Tudo que vislumbro é que pelos signos e cometas nos céus algo pavoroso está prestes a acontecer, algo muito estranho, traiçoeiro e sangrento. E Gano tem um lugar preparado para ele no inferno.

— Em três dias — gritou o mago —, quero Rinaldo e Ricciardetto no despenhadeiro de Roncesvales. Faz isso e me comprometo a nunca mais te invocar.

— E se eles não quiserem confiar em mim? — perguntou o espírito.

— Entra no corpo do cavalo de Rinaldo e trata de trazê-lo, quer ele confie ou não.

— Será feito isso — afirmou o demônio.

Houve, então, um terremoto e Astarote desapareceu.

Marsílio fez seu primeiro movimento para destruir Orlando enviando-lhe seu vassalo, o Rei Blanchardin, para presentear-lo com vinhos e outros luxos. O herói moderado, mas cortês, aceitou-os e os distribuiu como desejava o traidor. Então, Blanchardin, sob o pretexto de ir ter com Carlos Magno a fim de saudá-lo, voltou e assumiu o comando do segundo exército, posto que lhe fora designado pelo seu soberano. O Rei Falseron, cujo filho Orlando matara em batalha, comandava o primeiro exército, e o Rei Balugante, o terceiro. Marsílio dirigiu-se aos três revelando seu plano e concluiu a preleção recomendando que cuidassem do filho de seu amigo Gano, o qual seria reconhecido pela vestimenta a ele entregue e que seria o único entre os cristãos a ser poupado.

Esse filho de Gano, enquanto isso, assim como vários paladinos, que não confiavam nos infiéis e estavam ansiosos para se juntarem a Orlando, haviam se reunido com o herói no vale fatal, de modo que a pequena hoste cristã, considerando o tremendo valor do comandante e seus amigos, não se venderia por coisa alguma. Rinaldo, aliás, o segundo bastião da cristandade, não estava fadado a chegar a tempo de enfrentar o desafio. Os paladinos em vão imploraram a Orlando para ficar atento às traições e mandar pedir mais homens. O coração generoso do Defensor da Fé não se dispunha a nutrir suspeitas caso pudesse evitar fazê-lo. Recusou-se a requisitar reforços que pudessem se revelar supérfluos e também nada faria, salvo o que o seu soberano lhe ordenara. Ainda assim, Orlando não conseguiu reprimir uma apreensão. Uma sombra se instalara em seu coração, por mais generoso e otimista que ele fosse. As reservas dos amigos o perturbavam, a despeito da expressão que exibiam quando se encontravam. Talvez por alguma premonição, o paladino sentiu a proximidade da própria morte, mas viu-se inclinado a não encorajar essa sensação. Além disso, o tempo urgia; o momento do tributo almejado ali estava, e pequenas coincidências de circunstâncias costumam determinar os acontecimentos mais portentosos.

O Rei Marsílio deveria chegar bem cedo no dia seguinte com o tributo, e Oliveiros, ao nascer do sol, partiu para fazer o reconhecimento e ver se era possível vislumbrar a pompa pacífica da Corte espanhola à distância. Cavalgou até o platô mais próximo e ali do alto flagrou o primeiro exército de Marsílio já em formação nos despenhadeiros.

— Oh, maldito Gano — exclamou —, então esta é a consumação dos vossos estratagemas!

Oliveiros esporeou seu cavalo e desceu a galope a montanha para ir ao encontro de Orlando.

— Então — gritou o herói —, quais são as novas?

— Más notícias — respondeu seu primo. — Aquelas que não quiseste ouvir ontem. Marsílio está aqui armado e o mundo todo veio com ele.

Os paladinos pressionaram Orlando e lhe pediram para tocar a trombeta, avisando que precisava de ajuda. Sua única reação foi montar no seu cavalo e subir a montanha com Sansonetto.

No entanto, assim que olhou à frente e viu o que o cercava, virou-se desolado e, olhando para Roncesvales, abaixo, disse:

— Oh, vale maldito! O sangue derramado sobre ti neste dia há de manchar para sempre teu nome.

O pequeno acampamento de Orlando se encheu de fúria contra os sarracenos. Os soldados se armaram com a maior impaciência. Por todo lado, elmos eram ajustados e cavalos eram montados, enquanto o bom arcebispo Turpin ia de soldado em soldado exortando e encorajando os guerreiros de Cristo. Orlando e seus comandantes se retiraram para uma breve confabulação. O paladino praticamente gemeu de arrependimento e de início lhe faltaram palavras, tão mal se sentia por ter levado sua gente para morrer em Roncesvales. Por fim, falou:

— Se ocorresse ao meu coração imaginar que o Rei da Espanha pudesse ser tão vil, jamais haveríeis de ver o dia de hoje. Ele me fez milhares de cumprimentos e gentilezas. Achei que, justamente por termos sido os piores inimigos no passado, seríamos amigos ainda melhores agora. Supus que todo ser humano capaz desse tipo de virtude merecesse uma oportunidade, com exceção, com efeito, daqueles tão vis de coração que sequer conseguem perdoar os que os perdoam. E não acreditei que ele fosse um desses. Se morrer é a nossa sina, morramos como homens honestos e valorosos, para que possam dizer que foram apenas os nossos corpos que pereceram. O motivo pelo qual não soei a trombeta foi em parte porque achei que não seria digno de nós e em parte porque o nosso soberano dificilmente poderia nos salvar, ainda que ouvisse o apelo.

Com essas palavras, Orlando pulou em seu cavalo, gritando “Avancemos contra os sarracenos!”. Assim que virou o rosto, porém, chorou amargamente e disse:

— Oh, Virgem Santa, não penseis em mim, o pecador Orlando, mas tende piedade dos vossos servos!

E então, numa densa nuvem de poeira e sob o som incessante de trompas e tambores, que encheu o vale, o primeiro exército dos infiéis fez a sua aparição, os cavalos relinchando e milhares de galhardetes tremulando no ar. O Rei Falseron liderava os guerreiros, dizendo aos seus oficiais:

— Que ninguém encoste um dedo em Orlando. Ele me pertence. A vingança pela morte do meu filho é minha. Partirei ao meio o homem que se interpuser entre nós.

— Amigos — disse Orlando, por sua vez —, cada um por si e São Miguel por todos nós! Não existe aqui quem não seja um perfeito cavaleiro.

E suas palavras refletiam a pura verdade, pois a fina flor da França ali estava, com exceção de Rinaldo e Ricciardetto — cada homem um escolhido, todos eles amigos e companheiros constantes de Orlando.

Assim, os comandantes da pequena escolta e do grande exército postaram-se diante um do outro, avaliando-se mutuamente, e quando o segundo avançou, logo os cavaleiros empunharam suas lanças e dispararam de dois em dois contra o inimigo.

Astolfo foi o primeiro a avançar. Correu de encontro a Arlotto de Sorio e derrubou-o da sela, enviando sua alma para o outro mundo. Oliveiros enfrentou Malprimo e, recebendo um golpe que o feriu, atravessou com a lança o coração de Malprimo.

Falseron ficou impressionado com esse golpe. “Com efeito”, pensou, “isso é uma maravilha.” Oliveiros não insistiu em suas investidas entre os sarracenos, pois seu ferimento doía demais. Orlando, porém, se pôs em movimento, junto a seu grupo, e pode-se imaginar o tumulto que se seguiu. O som dos golpes e dos elmos levava a pensar que a forja de Vulcano estava em funcionamento. Falseron, ao ver Orlando se aproximar com tamanha fúria que mais parecia um Lúifer que arrebentara as próprias correntes, reviu seu desejo anterior de enfrentá-lo sozinho. Em vez disso, recomendou-se aos deuses que reverenciava

e se afastou, decidindo aguardar uma oportunidade mais auspiciosa de vingança. Mas Orlando chamou-o com um brado terrível:

— Oh, traidor miserável! Era essa a finalidade para a qual velhas disputas foram sanadas?

Dito isso, investiu contra Falseron com uma rapidez tamanha, mas ao mesmo tempo com um domínio tão incrível da lança, que, embora tenha perfurado com ela o corpo do homem para matá-lo instantaneamente e em seguida a tenha extraído com igual destreza, o corpo sem vida não se mexeu na sela. O herói, por sua vez, teve o prazer de ver o resultado de um golpe tão perfeito e, dando meia volta com o cavalo, encostou a espada no cadáver e este imediatamente desabou no chão.

Quando os infiéis viram seu comandante morto, terror tão grande os assolou que o primeiro pensamento foi abandonar o campo de batalha aos paladinos, mas não tiveram a chance de fazê-lo. Marsílio havia posicionado o restante dos seus soldados em torno do vale como uma rede, tornando impossível dar meia-volta. Orlando avançou em cheio contra eles e aonde quer que fosse seus golpes se faziam ouvir nos elmos inimigos. Oliveiros retornara à batalha, com Walter e Baldwin, Avino e Avolio, enquanto o arcebispo Turpin trocara seu rosário por uma lança e perseguia um rebanho diferente até as montanhas.

Ainda assim, o que podia ser feito contra oponentes incontáveis? Marsílio não parava de despejá-los no vale. Os paladinos contavam-se em unidades, os inimigos, em milhares. Por que tanta demora dos cavalos de Rinaldo e Ricciardetto?

Os cavalos não tardaram, mas o destino fora mais rápido do que a feitiçaria. Astarote se apresentara a Rinaldo no Egito e, após lhe comunicar o motivo de sua aparição, acompanhado do seu criado Boca-Suja, entrou no corpo dos cavalos de Rinaldo e Ricciardetto, que começaram a relinchar e resfolegar e corcovear possuídos pelos demônios, até saírem voando acima das pirâmides e através do deserto, chegando à Espanha e ao campo de batalha justo quando Marsílio comandava a entrada em cena de seu terceiro exército. Os dois paladinos em seus cavalos aterrissaram bem no meio dos sarracenos e começaram a criar tamanho rebuliço ali que Marsílio, que acompanhava a luta de uma montanha, achou que seus soldados haviam se virado uns contra os

outros. Orlando a tudo assistiu e adivinhou que aquilo não podia ser obra senão dos seus primos e correu para encontrá-los. Com a chegada simultânea de Oliveiros, a euforia do grupo todo foi inenarrável. Após umas rápidas palavras de explicação, todos foram forçados a desviar a atenção para as hostes inimigas, em número incontável.

Orlando, abrindo caminho a sangue em direção a Marsílio, atingiu um jovem na cabeça, cujo elmo foi resistente o bastante para aparar o golpe, mas ainda assim voou longe. Orlando se preparava para desferir um segundo golpe, quando o jovem exclamou:

— Esperai! Tivestes afeto pelo meu pai. Sou Bujaforte! — O paladino jamais vira Bujaforte, mas identificou a semelhança dele com o velho bondoso, seu pai, e deixou cair a espada.

— Oh, Bujaforte — disse ao rapaz —, com efeito eu o amava, mas o que faz o seu filho aqui lutando contra os que eram amigos dele?

Bujaforte não respondeu de imediato por estar aos prantos. Passado algum tempo, disse:

— Sou obrigado a isso pelo meu senhor, Marsílio, e tenho fingido lutar, mas não feri um cristão sequer. Estais cercado de traidores. O próprio Baldwin enverga uma vestimenta que lhe deu Marsílio, de modo a todos saberem ser ele o filho de Gano e não o ferirem.

— Ponde novamente o vosso elmo — instruiu Orlando — e comportai-vos como vindes fazendo. Jamais o amigo do vosso pai será um inimigo do seu filho.

O herói virou-se, então, furioso, para tentar localizar Baldwin, que nesse preciso momento se aproximava apressado e com expressão afetuosa.

— Que coisa estranha — disse Baldwin. — Cumpri meu dever da melhor forma que pude, mas ninguém investiu contra mim. Matei vários inimigos e não entendo o que faz com que os mais corajosos infieis me evitem.

— Dispa a vossa vestimenta — comandou, com desprezo, Orlando — e logo descobrireis o segredo, se for essa a vossa vontade. Vosso pai nos vendeu a Marsílio, vendeu-nos todos, com exceção do honrado filho.

— Se meu pai — retrucou Baldwin, impetuosamente arrancando a vestimenta — foi tão vil, e eu escapar da morte, hei de perfurar seu coração

com a minha espada. Mas não sou traidor, Orlando, e me ofendeis dizendo isso. Não penseis que eu possa viver com desonra.

Baldwin cavalgou de volta para a luta, não querendo ouvir sequer mais uma palavra de Orlando, que lamentou imensamente o que dissera, pois percebera o desespero do jovem.

E agora a luta se mostrava mais intensa do que em qualquer momento anterior; vinte pagãos foram derrubados por um único paladino, mas os paladinos também sucumbiam. Sansonnetto caíra sob a clava de Grandônio, Walter d'Amulion teve o ombro fraturado, Berlinghieri e Ottone foram mortos, e afinal Astolfo também pereceu, e Orlando, para vingar sua morte, transformou o local onde o amigo tombara num lago de sangue sarraceno. O desafortunado Bujaforte encontrou Rinaldo e, antes que pudesse explicar o porquê de parecer que lutava no lado sarraceno, recebeu um golpe tão violento na cabeça que o derrubou e o deixou sem fala. Orlando, abrindo caminho até um local onde havia luta e alarido, encontrou o pobre Baldwin, filho de Gano, com duas lanças enfiadas no peito. Orlando lamentou amargamente ter sido a causa da sua morte e lágrimas lhe brotaram nos olhos. Por fim, Oliveiros também tombou. O próprio sangue o cegara, levando-o a investir contra Orlando sem reconhecê-lo.

— Como, então, primo, te passastes para o lado inimigo?

— Oh, meu senhor — gritou Oliveiros —, peço-te perdão. Não enxergo coisa alguma. Estou morrendo. Algum traidor me atingiu pelas costas. Se me amas, conduz meu cavalo até o meio deles para que eu não morra sem ser vingado.

— Hei de morrer também muito em breve — disse Orlando —, devido à exaustão e ao luto. Assim, vamos até eles juntos.

Orlando conduziu o cavalo do primo até onde a multidão era mais densa, e terrível foi a força do moribundo e seu cansado companheiro. Abriam caminho para se afastarem da batalha, e Orlando levou Oliveiros até a própria tenda e disse:

— Espera a minha volta, pois vou soar a trombeta no alto do morro.

— Não adianta — disse Oliveiros —, meu espírito se esvai e deseja estar com seu Senhor e Salvador.

E teria dito mais, se suas palavras fossem inteligíveis, e não como as de um homem num sonho, antes de exalar seu último suspiro.

Quando o viu morto, Orlando sentiu-se sozinho na Terra e mais que disposto a deixá-la, mas queria que o Rei Carlos, ao pé da montanha, soubesse em que pé estavam as coisas. Por isso, tocou três vezes a trombeta com tamanha força que o sangue espirrou-lhe do nariz e da boca. Turpin diz que após o terceiro sopro, a trombeta se partiu ao meio.

A despeito de toda a algaravia da batalha, o som da trombeta se impôs como uma voz do outro mundo. Dizem que os pássaros caíram mortos ao ouvi-lo e que todo o exército sarraceno recuou aterrorizado. Carlos Magno se achava sentado no meio da sua Corte quando o som lhe chegou aos ouvidos, e Gano estava com ele. O imperador foi o primeiro a ouvir.

— Ouvistes isso? — disse aos nobres. — Ouvistes a trombeta também?

Foi quando todos ouviram, e Gano sentiu o coração se apertar. A trombeta soou uma segunda vez.

— O que significa isso? — indagou Carlos.

— Orlando está caçando — respondeu Gano —, e o veado está morto.

Quando, porém, a trombeta soou uma terceira vez e de forma terrivelmente veemente, todos se entreolharam e depois fixaram, furiosos, os olhos em Gano. Carlos pôs-se de pé.

— Isso não é uma caçada — falou. — Esse som perfura meu coração. Oh, Gano! Oh, Gano! Não é por vós que enrubesço, mas por mim mesmo. Oh, monstruoso e pérfido vilão! Levai-o, senhores e agrilhoai-o. Quisera Deus que eu não tivesse vivido para ver este dia!

Mas não havia tempo para palavras. O traidor foi preso, e Carlos, com toda a sua Corte, tomou o rumo de Roncesvales, lamentando e rezando.

A trombeta soara à tarde e meia hora depois o imperador partiu. Enquanto isso, Orlando retornara à luta de modo a cumprir seu dever, por mais desesperançado que estivesse, enquanto conseguisse se manter sobre o seu cavalo. No final, viu seu fim se aproximar, em razão do cansaço e da febre, e cavalgou sozinho até uma fonte onde já saciara a sede anteriormente. O cavalo estava ainda mais cansado que o cavaleiro e, assim que este se apeou, ajoelhou-se como se dissesse “Trouxe-vos a um lugar de repouso” e caiu morto. Orlando jogou água da fonte no animal, não querendo crer na sua morte, mas, quando

viu que era inútil, pranteou-o como se humano fosse, e a ele se dirigiu pelo nome, aos prantos, pedindo perdão por algum erro cometido. Dizem que o cavalo, diante dessas palavras, entreabriu os olhos e fitou carinhosamente seu dono, antes de ficar imóvel para sempre. Dizem, também, que Orlando, reunindo toda a sua força, golpeou uma rocha próxima com sua bela espada, Durindana, pensando em estilhaçá-la, assim impedindo que ela caísse em mãos inimigas, mas, embora a rocha tenha se partido como um tijolo e uma enorme fenda ali se abrisse para surpreender os peregrinos no futuro, a espada continuou inteira.

Foi quando Rinaldo e Ricciardetto apareceram, com Turpin, depois de rechaçarem os sarracenos, para dizer a Orlando que a batalha estava ganha. Orlando, então, ajoelhou-se diante de Turpin e pediu perdão pelos seus pecados, recebendo a absolvição do arcebispo. Orlando fixou o olhar no punho da espada como se visse ali um crucifixo e abraçou-o, erguendo os olhos como uma criatura seráfica e transfigurada. Baixando em seguida a cabeça, expirou sua alma pura.

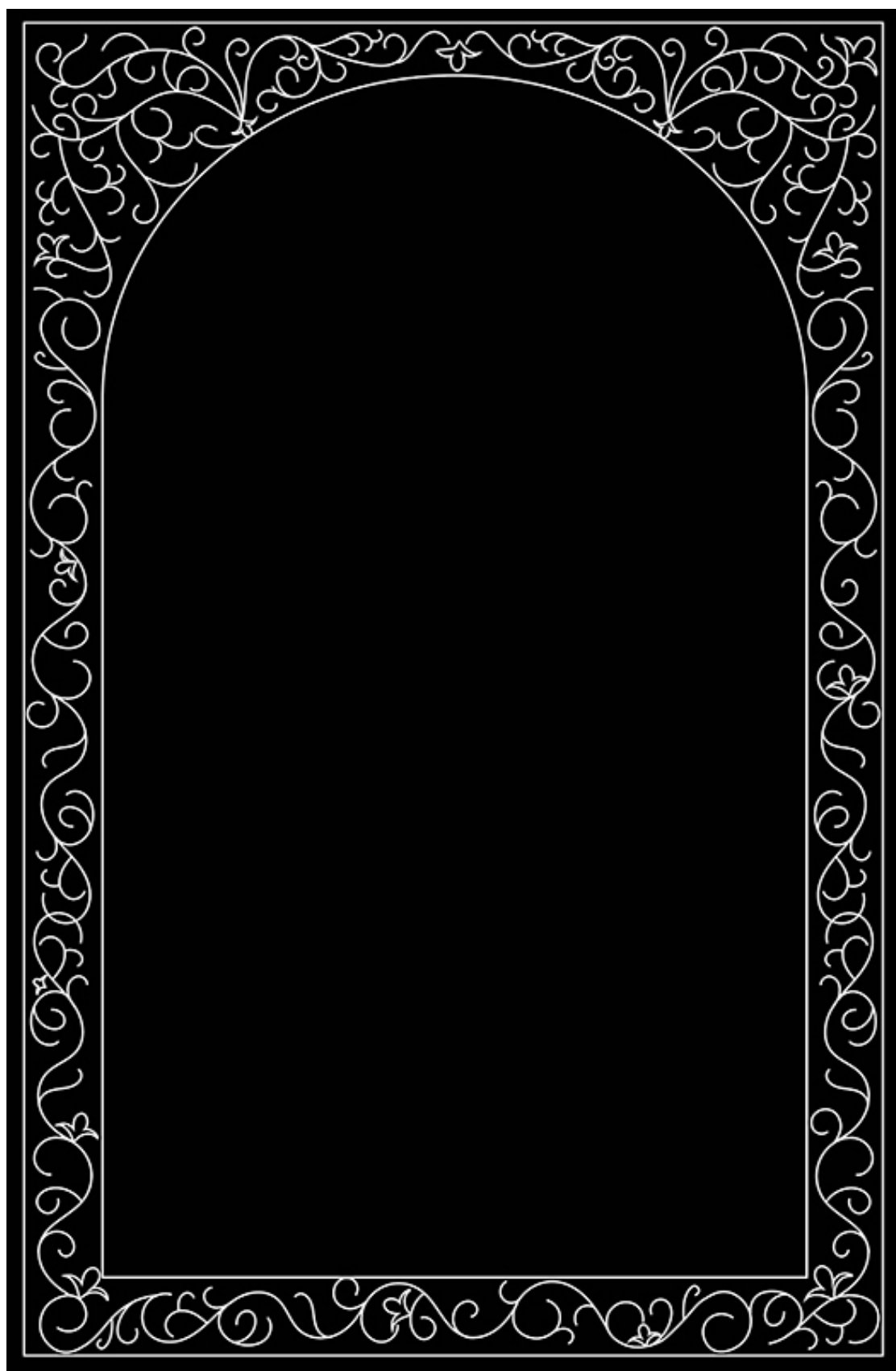
Foi quando o Rei Carlos e seus nobres apareceram. O imperador, ao ver seu amado Orlando, pulou do cavalo, como se fosse um jovem impulsivo, e abraçou e beijou o corpo do paladino, dizendo:

— Eu te abençoo, Orlando. Abençoo tua vida e tudo o que foste e tudo que fizeste e o pai que te gerou. Peço o teu perdão por acreditar naqueles que causaram o teu fim. Eles terão o que merecem, oh, amado meu! Na verdade, porém, és tu que vives e eu que estou mais que morto.

Os olhos horrorizados do imperador contemplaram o campo de Roncesvales. Os sarracenos de fato haviam fugido, vencidos, mas todos os seus paladinos, com exceção de dois, jaziam mortos ali, e todo o vale parecia um matadouro, encharcado de sangue e sujeira e fedendo sob o calor. Carlos sentiu seu coração se partir de espanto e agonia. Depois de contemplar o local, amaldiçoou-o solenemente e expressou o desejo de que jamais grama alguma ali crescesse, nem sementes de qualquer tipo, tanto no vale em si como nas montanhas que o cercavam e que a ira dos céus ali permanecesse para sempre.

Carlos e seus guerreiros perseguiram os sarracenos até a Espanha. Tomaram e incendiaram Saragoça, e Marsílio foi pendurado na alfarrobeira sob a qual

tramara sua vilania com Gano, e Gano foi enforcado e esquartejado em Roncesvales, em meio à execração pública.



Capítulo XIX



RINALDO E BAIARDO

Carlos Magno ficou arrasado com a perda de tantos dos seus mais corajosos guerreiros na tragédia de Roncesvales e amargamente se censurou pela credulidade que o fizera se render tão completamente aos conselhos do traiçoeiro conde Gano. No entanto, não demorou para que embarcasse numa situação semelhante permitindo que o filho indigno, Charlot, exercesse sobre ele influência tamanha que constantemente o levava a cometer atos de crueldade e injustiça que em sã consciência jamais cometeria. Rinaldo e os irmãos, por alguma ofensa irrelevante ao jovem príncipe imperial, foram obrigados a fugir de Paris e se refugiar no castelo de Montalvão, pois Carlos dissera publicamente que se pudesse enforcaria todos eles. Chegou a mandar vários dos seus mais corajosos cavaleiros para prendê-los, mas sem sucesso. Ou Rinaldo frustrava essas tentativas e os mandava de volta despidos de suas armaduras e glórias ou, depois de encontros e confabulações, esses cavaleiros retornavam à Corte e diziam ao rei que não poderiam ser os instrumentos para execução dessa tarefa.

Finalmente, Carlos em pessoa reuniu um grande exército e se dispôs a forçar o paladino a se render. Devastou toda a região em torno de Montalvão, de modo a cortar os suprimentos de comida, e ameaçou de morte qualquer um que tentasse prover alimentos à guarnição, esperando fazê-la render-se por falta do que comer.

Os recursos de Rinaldo estavam tão escassos que parecia inútil continuar resistindo. Os irmãos haviam sido feito prisioneiros num combate, e sua única esperança de salvar-lhes a vida era entrando em acordo com o rei.

Com essa finalidade, enviou ao monarca uma mensagem, propondo entregar-se e entregar o castelo se o rei poupasse as vidas dele e dos irmãos. O mensageiro partiu, mas Rinaldo, impaciente demais para esperar as notícias, foi

ao seu encontro. Quando já estava a uma distância que considerou segura, parou numa floresta e se apeou, amarrando Baiardo a uma árvore. Sentou-se, então, e enquanto esperava adormeceu. Baiardo, nesse ínterim, se soltou e vagou, seduzido por um trecho de grama. Justo então, surgiram alguns camponeses que comentaram entre si: “Olhem, aquele não é o fantástico cavalo Baiardo que pertence a Rinaldo? Vamos pegá-lo e levá-lo ao Rei Carlos, que há de nos pagar bem pelo esforço.” Assim fizeram, e o rei ficou encantado com o prêmio, recompensando-os com uma quantia que fez deles homens ricos até o fim da vida.

Quando acordou, Rinaldo procurou pelo cavalo e, não o encontrando, gemeu e disse:

— Oh, maldita a hora em que nasci! Como a sorte não me sorri!

Tão desesperado estava que tirou a armadura e as esporas, exclamando:

— Para que preciso delas, já que perdi Baiardo?

Enquanto se perdia nessas lamentações, um homem saiu dos arbustos, aparentemente curvado sob o peso da idade. Tinha uma barba comprida que lhe chegava ao peito e as sobrancelhas quase lhe cobriam os olhos e deu bom-dia a Rinaldo, que retribuiu o cumprimento, dizendo:

— Poucos bons dias tive desde que nasci.

Ao que o velho respondeu:

— Senhor Rinaldo, não vos desespereis, pois Deus há de fazer com que tudo melhore.

— Meu problema é demasiado grande para que eu tenha esperança. O rei prendeu meus irmãos e pretende executá-los. Pensei em resgatá-los com meu cavalo Baiardo, mas enquanto eu dormia, algum ladrão o roubou — retrucou Rinaldo.

— Lembrar-me-ei de vós e dos vossos irmãos em minhas preces. Sou um velho pobre, não tendes alguma coisa para me dar?

— Nada tenho para vos dar — respondeu Rinaldo, mas depois se lembrou das esporas. Deu-as ao pedinte, dizendo: — Toma, fica com as minhas esporas. Foram o primeiro presente que ganhei da minha mãe, quando meu pai, o conde Aymon, me sagrou cavaleiro. Vais conseguir umas dez libras por elas.

O velho pegou as esporas e as pôs na sacola.

— Nobre senhor, não tendes mais nada para me dar?

— Estás brincando comigo? Garanto-te que se não fosse a vergonha de bater em alguém tão indefeso, eu te ensinaria a ser mais educado.

O velho, então, disse:

— Na verdade, senhor, se isso fizésseis seria um grande pecado. Se todos de quem esmolei tivessem me batido, há muito eu estaria morto, pois peço esmolas em igrejas e conventos e onde quer que seja possível.

— Falas a verdade — retrucou Rinaldo. — Se não pedisse, nada receberias.

— Tendes razão, nobre senhor. Por isso vos imploro: dai-me alguma coisa de que possais abrir mão.

Rinaldo deu o manto ao velho, dizendo:

— Toma, peregrino. Dou-te isto por amor a Cristo, que Deus salve meus irmãos de uma morte vergonhosa e me ajude a escapar do poder do Rei Carlos.

O peregrino pegou o manto, dobrou-o e guardou-o na sacola. Então, dirigiu-se uma terceira vez ao paladino:

— Senhor, nada vos sobrou para me dar de modo que eu possa me lembrar de vós nas minhas preces?

— Infeliz! — exclamou Rinaldo. — Acaso me tomas por um palhaço?

Desembainhando a espada, preparou-se para usá-la, mas o velho aparou o golpe com o cajado e disse:

— Rinaldo, matarias o teu primo Malagigi?

Ao ouvir isso, Rinaldo parou e examinou, indeciso, o homem, que pôs de lado o disfarce e, com efeito, pareceu-lhe ser Malagigi.

— Querido primo — disse Rinaldo. — Por favor, me perdoa. Não te reconheci. Depois de Deus, é em tu que eu mais confio. Ajuda meus irmãos a escaparem da prisão, eu imploro. Perdi meu cavalo e por isso não posso ajudá-los.

Malagigi respondeu:

— Primo Rinaldo, vou fazer com que consigas recuperar o cavalo. Enquanto isso, precisas fazer o que eu mandar.

Malagigi tirou da sacola, então, um camisolão e o deu a Rinaldo para vestir por cima da armadura, bem como um chapéu cheio de furos e um velho par de sapatos. Ambos pareciam agora dois peregrinos, muito velhos e pobres. Em seguida, saíram da floresta e passado um tempo viram quatro monges cavalgando pela estrada. Malagigi disse a Rinaldo:

— Vou ter com os monges e ver que notícias eles me dão.

Malagigi soube pelos monges que no festival que se aproximava haveria um bom número de pessoas na Corte, pois o príncipe iria apresentar às damas o famoso cavalo Baiardo que já pertencera a Rinaldo.

— O quê? — exclamou o peregrino. — Baiardo está aqui?

— Sim — respondeu um dos monges. — O rei o deu a Charlot e, depois que o príncipe cavalgá-lo, o rei pretende sentenciar os irmãos de Rinaldo e enforcá-los.

Malagigi então pediu uma esmola aos monges, mas eles não lhe deram coisa alguma até que ele despiu a vestimenta de peregrino e deixou-os ver sua armadura. Então, em parte por caridade, em parte por medo, os monges lhe deram um cálice de ouro, cravejado de pedras preciosas que cintilavam à luz do sol.

Malagigi correu de volta até Rinaldo e lhe contou o que descobrira.

Na manhã do festival, Rinaldo e Malagigi chegaram ao local onde as pelejas teriam lugar. Malagigi devolveu a Rinaldo suas esporas e disse:

— Primo, põe as tuas esporas porque vais precisar delas.

— Como vou precisar delas se perdi o cavalo?

No entanto, fez o que Malagigi mandou.

Depois que os dois ocuparam seus lugares às margens do campo em meio à multidão, os príncipes e damas da Corte começaram a se reunir. Quando a audiência já estava completa, o rei também chegou e com ele Charlot, para perto do qual foi levado o cavalo Baiardo, aos cuidados de cavaleiros que haviam sido expressamente orientados a protegê-lo. O rei, olhando à volta o círculo de espectadores, viu Malagigi e Rinaldo e reparou no esplêndido cálice em posse de ambos, dizendo a Charlot:

— Veja, filho, que cálice deslumbrante aqueles dois peregrinos conseguiram. Parece valer uns cem ducados.

— Verdade — concordou Charlot. — Vamos até lá indagar onde eles o conseguiram.

Dito isso, pai e filho cavalgaram até onde estavam os peregrinos e Charlot fez Baiardo parar bem próximo aos pedintes.

O cavalo farejou os peregrinos, reconheceu Rinaldo e acariciou o dono. O rei disse a Malagigi:

— Amigo, onde conseguiste esse belíssimo cálice?

Malagigi respondeu:

— Honrado senhor, paguei por ele todo o dinheiro que economizei durante onze anos mendigando em igrejas e conventos. O Papa em pessoa o benzeu e deu a ele o poder de perdoar todos os pecados daqueles que beberem ou comerem nele.

O rei disse então a Charlot:

— Filho, estes são homens santos. Vê como o animal irracional os venera.

O rei disse em seguida a Malagigi:

— Dá-me um pedaço de pão para comer nesse cálice para que os meus pecados sejam perdoados.

— Ilustre senhor — respondeu Malagigi —, não ousa fazê-lo, a menos que perdoeis todos que em algum momento vos ofenderam. Sabeis que Cristo perdoou os que o traíram e o crucificaram.

O rei atalhou:

— Amigo, é verdade, mas Rinaldo me ofendeu tão seriamente que não posso perdoá-lo, assim como não posso perdoar aquele outro, Malagigi, o mago. Esses dois jamais voltarão a morar no meu reino. Se os flagrar aqui, decerto mandarei enforcá-los. Mas quero saber, peregrino, quem é o homem a seu lado?

— Ele é surdo, mudo e cego — respondeu Malagigi. — Meu digníssimo rei, este é o meu irmão, que há cinquenta dias não ouve, não fala e não enxerga. Essa infelicidade se abateu sobre ele numa casa em que nos abrigamos, e anteontem encontramos uma vidente que disse que a única esperança de cura para ele era ir até onde Baiardo estivesse, montar nele e cavalgá-lo, que isso faria mais bem a ele do que qualquer outra coisa.

O rei então disse:

— Amigo, vieste ao lugar certo, pois Baiardo será cavalgado aqui hoje. Deixa-me beber nesse cálice e o seu companheiro poderá cavalgar Baiardo.

Malagigi, ouvindo tais palavras, respondeu:

— Que assim seja.

O rei, então, com enorme devoção, pegou uma colher e com ela tirou um pedaço de alimento do cálice do peregrino, acreditando que seus pecados dessa maneira seriam esquecidos.

Feito isso, disse a Charlot:

— Filho, exijo que deixes esse peregrino doente montar em teu cavalo e cavalgá-lo, se puder, pois com isso ele será curado de todas as suas mazelas.

— Farei isso com toda a satisfação — respondeu Charlot.

Depois que Charlot desmontou, os criados pegaram nos braços o peregrino e o ajudaram a montar no animal.

Já montado, Rinaldo enfiou os pés nos estribos e disse:

— Eu gostaria de dar uma volta.

Ao ouvi-lo falar, Malagigi se mostrou eufórico e lhe perguntou se ele também podia enxergar e ouvir.

— Sim — respondeu Rinaldo. — Estou curado de todas as minhas enfermidades.

A reação do rei foi dizer ao bispo Turpin:

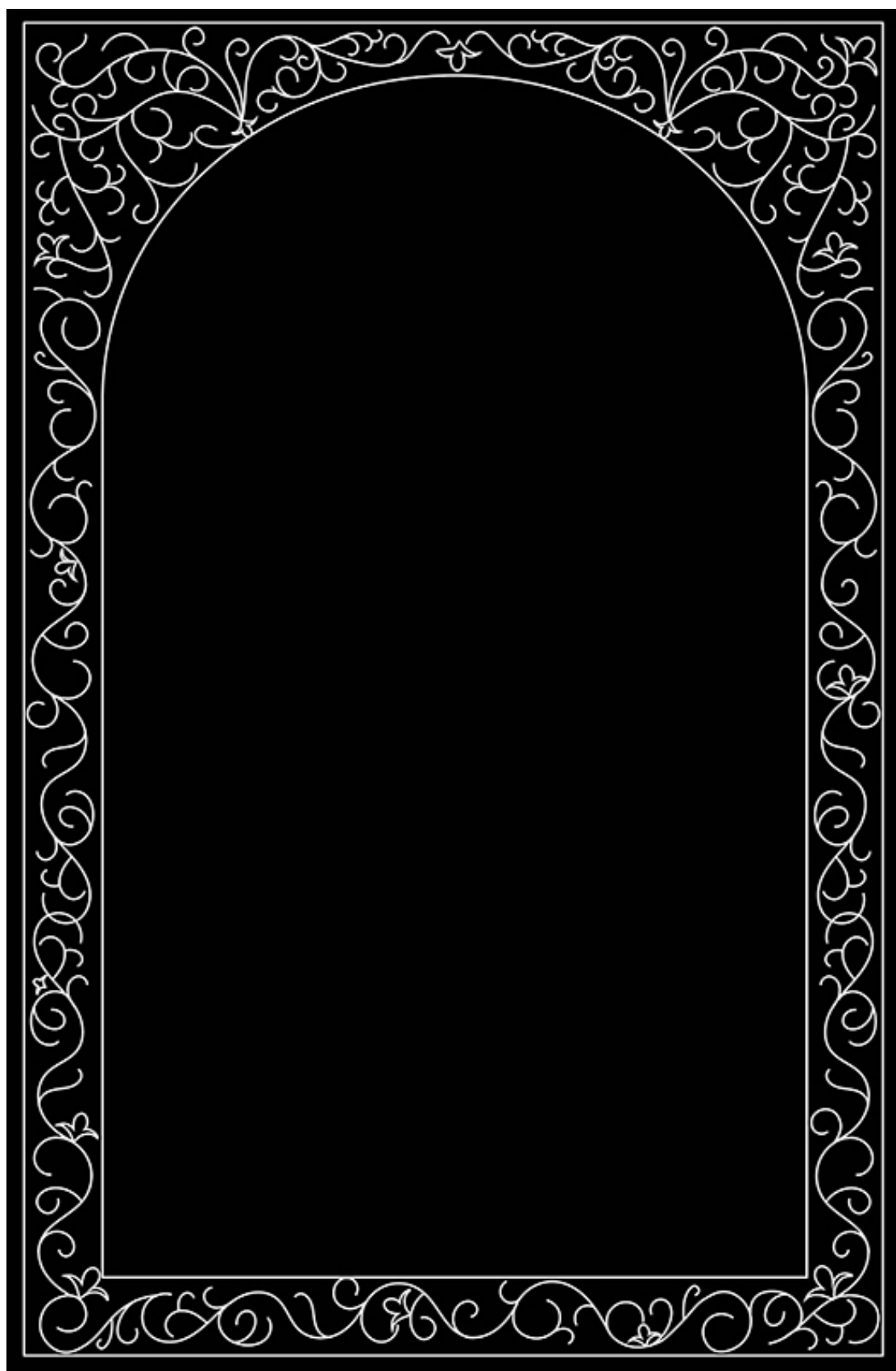
— Meu caro bispo, precisamos comemorar o ocorrido com um desfile, com cruzeiros e estandartes, pois se trata de um grande milagre.

Quando notou que não estava sendo atentamente vigiado, Rinaldo falou com o cavaleiro e tocou seus flancos com as esporas. Baiardo percebeu que tinha seu dono no lombo e partiu num ritmo acelerado, ganhando distância em poucos segundos. Malagigi fingiu uma enorme aflição:

— Oh, nobre monarca e senhor! — exclamou. — Meu pobre companheiro saiu a galope. Vai cair e quebrar o pescoço.

O rei ordenou a seus cavaleiros que saíssem em perseguição ao peregrino e o trouxessem de volta, prestando-lhe ajuda caso fosse necessário. As ordens foram cumpridas, mas em vão. Rinaldo deixou todos para trás e manteve o ritmo veloz até alcançar Montalvão. Malagigi partiu desolado, sem despertar suspeitas, e seguiu seu caminho, lamentando tristemente o destino do companheiro, que fingiu acreditar ter sido decerto feito em pedaços.

Malagigi não foi longe, pois, mudando o disfarce, voltou até onde se encontrava o rei e empregou sabiamente seus poderes para conseguir livrar da prisão os irmãos de Rinaldo. Foi bem-sucedido na empreitada. Os três chegaram sãos e salvos a Montalvão, onde a alegria de Rinaldo com o resgate dos irmãos e a recuperação de Baiardo foi impossível de descrever com palavras.



Capítulo XX



A MORTE DE RINALDO

A inquietação no castelo de Rinaldo por conta da falta de comida ficava maior a cada dia, sob a pressão do cerco. A guarda foi obrigada a matar os cavalos, tanto para economizar os suprimentos que lhe serviam de alimentação quanto para transformar sua carne em comida. No final, todos foram mortos, com exceção de Baiardo, e Rinaldo disse aos irmãos:

— Baiardo precisa morrer, pois não temos mais o que comer.

Por isso, foram ao estábulo e de lá tiraram Baiardo para ser morto. Alardo, no entanto, falou:

— Irmão, deixa Baiardo viver um pouco mais, quem sabe o que Deus pode fazer por nós?

Baiardo ouviu tais palavras e entendeu-as como se humano fosse. Caiu de joelhos, como se fosse implorar piedade. Quando Rinaldo viu a aflição do animal, seu coração amoleceu e ele deixou-o viver.

Precisamente nessa época, Aya, a mãe de Rinaldo, que era irmã do imperador, chegou ao acampamento, acompanhada de cavaleiros e damas, para interceder em favor dos filhos. Prostrou-se de joelhos diante do rei e suplicou que ele perdoasse Rinaldo e os irmãos; todos os pares e cavaleiros ficaram a seu favor e imploraram ao rei que lhe atendesse o pedido.

O rei então disse:

— Querida irmã, fazes o papel de uma boa mãe, e respeito o teu coração caridoso e acatarei seu pedido. Vou poupar a vida dos teus filhos se eles se sujeitarem implicitamente à minha vontade.

Quando ouviu isso, Charlot se aproximou do rei e cochichou ao seu ouvido. O rei virou-se para a irmã e falou:

— Charlot tem que ficar com Baiardo, porque fui eu que lhe dei o cavalo. Vai, irmã, e transmite a Rinaldo o que eu falei.

Quando ouviu essas palavras, Lady Aya ficou encantada, agradeceu a Deus do fundo do coração e respondeu:

— Rei e irmão valoroso, farei como me dizes.

Foi, então, ao castelo, onde os filhos a receberam com a maior alegria e afeição, e lhes transmitiu a proposta do rei. Alardo respondeu:

— Irmão, prefiro a inimizade do rei a entregar Baiardo a Charlot, pois creio que ele irá matá-lo.

Todos os irmãos concordaram. Quando os ouviu, Rinaldo retrucou:

— Queridos irmãos, se podemos obter nosso perdão abrindo mão do cavalo, que seja. Façamos as pazes, pois não podemos ir de encontro ao poder do rei.

Procurou, em seguida, a mãe e lhe disse que o cavalo seria dado a Charlot e mais, também, se o rei perdoasse tudo que haviam feito contra a coroa e contra a sua dignidade. A dama transmitiu a Carlos a resposta dos filhos.

Quando as pazes foram feitas entre o rei e os filhos de Aymon, os irmãos saíram do castelo, trazendo com eles Baiardo e, de joelhos diante do rei, imploraram seu perdão. O rei mandou que ficassem de pé e os recebeu de volta na Corte, à vista de todos os nobres cavaleiros e conselheiros para felicidade geral, sobretudo da mãe, Lady Aya. Então, Rinaldo deu a Charlot o cavalo Baiardo, dizendo:

— Meu senhor e meu príncipe, eu vos dou este cavalo; fazei com ele o que vos parecer adequado.

Charlot aceitou o animal, como havia sido acordado. Então, ordenou que os criados o levassem até a ponte e o atirassem na água. Baiardo afundou, mas logo voltou à superfície e nadou, viu Rinaldo a observá-lo, saiu da água e correu até o antigo dono, postando-se orgulhosamente a seu lado como se raciocinasse e estivesse dizendo “Por que me tratastes assim?”. Quando viu essa cena, o príncipe falou:

— Rinaldo, dai-me novamente o cavalo, pois ele precisa morrer.

Rinaldo respondeu:

— Meu príncipe e senhor, ele é vosso sem contestação.

Dito isso, entregou a Charlot o animal.

O príncipe, então, amarrou uma pedra em cada pata e duas ao pescoço de Baiardo e mandou que o atirassem de novo na água. Baiardo se debateu,

ergueu os olhos para o dono, livrou-se das pedras e voltou para Rinaldo.

Quando viu isso, Alardo disse:

— Irmão, vais ser amaldiçoado para sempre se entregares de novo esse cavalo.

Rinaldo, contudo, respondeu:

— Acalma-te, irmão. Acaso devo provocar a raiva do rei outra vez para poupar a vida do cavalo?

Alardo, então, retrucou:

— Ah, Baiardo! Que recompensa por todo o teu amor e serviço te damos!

Rinaldo tornou a entregar o cavalo ao príncipe, dizendo:

— Meu senhor, se o cavalo sair novamente da água não poderei mais entregá-lo a vós, pois isso me apertaria demasiado o coração.

Charlot de novo amarrou pedras ao animal e o jogou na água, exigindo que Rinaldo não permanecesse onde o cavalo pudesse vê-lo. Quando emergiu, Baiardo esticou o pescoço para fora d'água e procurou o dono, mas não o vendo, afundou.

Rinaldo ficou tão abalado com a perda de Baiardo que jurou jamais tornar a montar num cavalo nem carregar uma espada. Iria tornar-se um ermitão. Decidiu retirar-se para alguma floresta selvagem, mas antes disso retornar ao seu castelo, ver os filhos e legar a cada um sua parte na propriedade.

Pediu licença ao rei e aos irmãos e voltou para Montalvão, enquanto os irmãos permaneceram na companhia do rei. Rinaldo convocou os filhos e sagrou cavaleiro o primogênito, Aymeric, tornando-o proprietário do castelo e da terra. Deixou para os demais todos os outros bens que possuía, beijou-os, recomendou-os a Deus e partiu com o coração apertado.

Não viajara muito quando entrou numa floresta onde encontrou um ermitão, que há muito se retirara do mundo. Rinaldo saudou-o, e o ermitão respondeu com cortesia, perguntando seu nome e qual era o seu propósito. Rinaldo respondeu:

— Senhor, levei uma vida de pecador; muitos atos de violência cometi e muitos homens matei, nem sempre por uma boa causa, mas com frequência impelido pelas minhas paixões obstinadas. Também fui a causa da morte de muitos amigos, que tomaram o meu partido, não porque achassem que eu estava certo, mas apenas por me amarem. Agora vim confessar todos os meus

pecados e fazer penitência pelo resto da vida, se a piedade de Deus acaso me perdoar.

O ermitão disse, então:

— Amigo, entendo que cometestes graves pecados e infringistes os mandamentos de Deus, mas Sua misericórdia é maior do que os vossos pecados; se vos arrependeres de todo o coração e levardes uma nova vida, ainda podeis ter a esperança de que Ele perdoe o vosso passado.

Rinaldo se sentiu confortado e disse:

— Mestre, ficarei convosco e farei o que mandares.

— Raízes, verduras e legumes serão os vossos alimentos; não usareis camisas nem sapatos; vosso quinhão será a pobreza e a escassez se ficardes comigo — retrucou o ermitão.

Ao que Rinaldo respondeu:

— Com satisfação, aceitarei tudo isso e mais ainda.

Assim, o cavaleiro permaneceu três anos inteiros com o ermitão e depois desse tempo sua força se esvaiu, levando a crer que ele estava fadado a morrer.

Uma noite o ermitão teve um sonho e ouviu uma voz do céu, que lhe ordenou que dissesse ao companheiro que ele precisava sem demora ir para a Terra Santa lutar contra os pagãos. O ermitão, ao ouvir essa voz, ficou feliz e chamando Rinaldo lhe disse:

— Amigo, o anjo de Deus me ordenou que te dissesse que precisas ir sem demora para Jerusalém para ajudar nossos amigos cristãos em sua luta contra os infiéis.

— Ah, mestre, como posso fazer isso? Há mais de três anos fiz um juramento de jamais montar num cavalo nem empunhar espada ou lança.

O ermitão respondeu:

— Caro amigo, obedece a Deus e faz o que o anjo ordenou.

— Farei isso — concordou Rinaldo. — E rezai por mim, meu mestre, pedindo que Deus seja meu guia.

Dito isso partiu e foi para o litoral, onde pegou um navio para Tripoli, na Síria.

E à medida que progredia a viagem, Rinaldo foi recuperando a força até se sentir tão vigoroso quanto em seus melhores dias. E embora jamais tornasse a montar num cavalo nem empunhar uma espada, seu cajado de peregrino foi

bastante prestimoso aos exércitos dos cristãos, e agradou a Deus o fato de escapar incólume, embora tendo participado de inúmeras batalhas, inspirando muitos com a própria coragem. Finalmente foi feita uma trégua com os sarracenos, e Rinaldo, já velho e enfermo e desejoso de ver sua terra natal antes de morrer, pegou um navio a caminho da França. Ao chegar, evitou os locais onde se reuniam os poderosos, preferindo viver entre as pessoas humildes, que não o conheciam. Trabalhava no campo e se alimentava de leite e pão, bebia água e ali era feliz. Nesse período soube que Colônia era a mais santa e melhor de todas as cidades, devido às relíquias e aos corpos dos santos que ali haviam derramado seu sangue em prol da fé. Isso o impeliu a se dirigir para lá. Quando o pio herói chegou a Colônia, grassava ali uma peste tenebrosa. Muitos procuravam Rinaldo para pedir-lhe que rezasse com eles para que a praga cessasse. O homem santo rezou fervorosamente e implorou ao Senhor que levasse embora a peste, e sua prece foi ouvida. O surto de peste se encerrou e todos agradeceram ao homem santo e louvaram a Deus.

Ora, havia então em Colônia um bispo, chamado Agilolf, que era um homem sábio e compreensivo e que levava uma vida pura e reclusa, dando um bom exemplo aos demais. Esse bispo se propôs a construir a Igreja de São Pedro e mandou avisar a todos os pedreiros e outros operários nas regiões vizinhas que fossem para Colônia, onde achariam trabalho e salário. Rinaldo fez parte dessa caravana e trabalhou com os operários, produzindo o equivalente ao que produziram mais de quatro ou cinco trabalhadores. Enquanto os demais comiam, ele carregava pedras e argamassa para que houvesse o suficiente para o dia todo. Quando os outros iam dormir, ele se deitava sobre as pedras. Comia apenas pão e só bebia água, recebendo por dia nada mais que um centavo. O operário-chefe perguntou seu nome e de onde vinha. Ele não respondeu, continuando a trabalhar em silêncio. Chamavam-no de operário São Pedro, tamanha era sua dedicação ao trabalho.

Quando viu como era diligente esse homem santo, o capataz repreendeu a preguiça dos outros operários, dizendo:

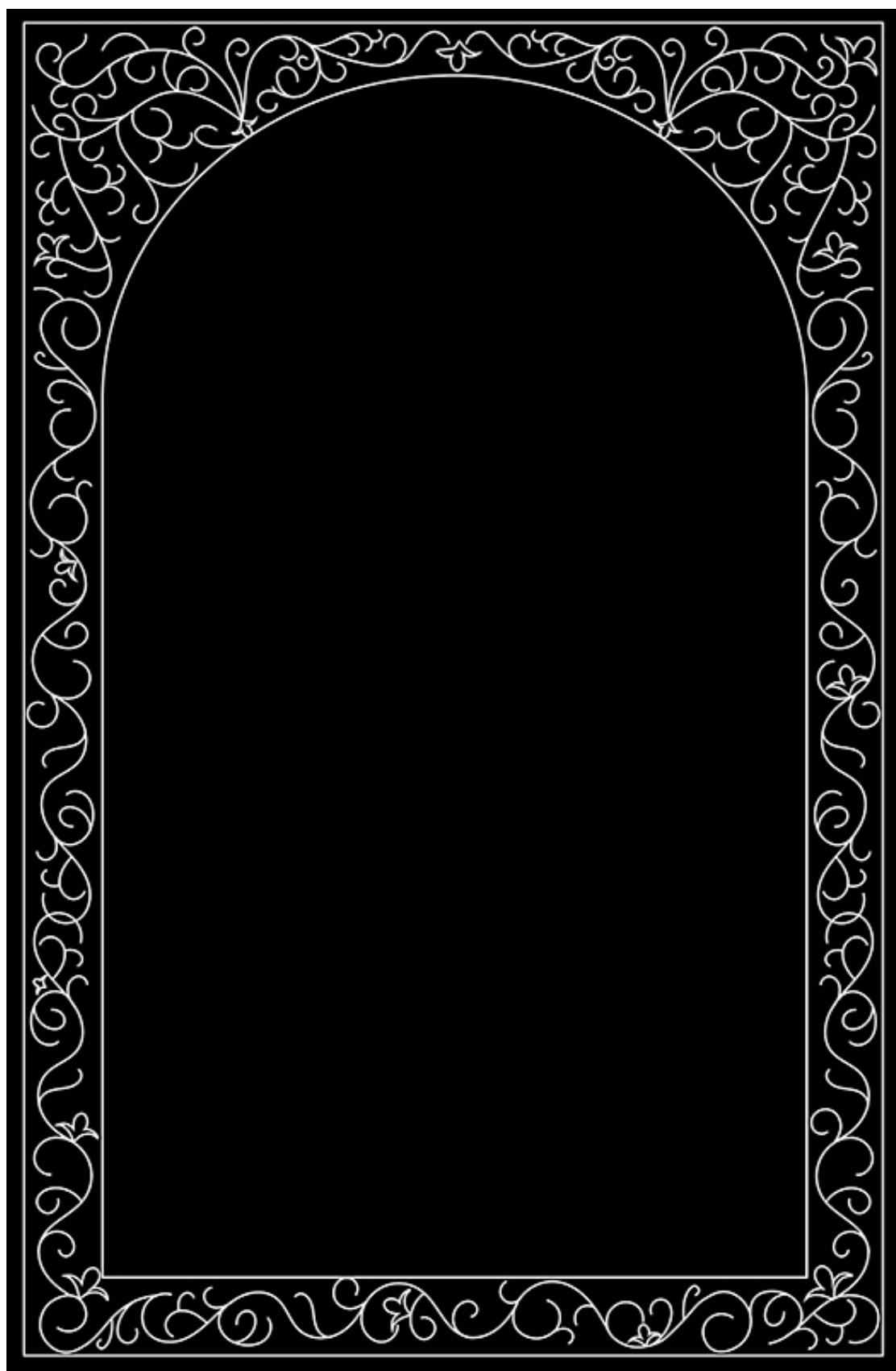
— Vocês recebem mais que esse bom homem, mas não fazem sequer a metade do trabalho que ele faz.

Por esse motivo, os outros odiavam Rinaldo e fizeram um acordo secreto para matá-lo. Sabiam que era seu hábito ir toda noite a uma determinada igreja

para rezar e distribuir esmolas. Assim, combinaram ficar de tocaia para pegá-lo e matá-lo. Quando Rinaldo ali chegou, eles o agarraram e bateram em sua cabeça até vê-lo morto. Depois, puseram seu corpo num saco carregado de pedras e o jogaram no Reno, na esperança de que o saco afundasse e ninguém o achasse. Mas a vontade de Deus não permitiu que isso acontecesse e fez com que o saco flutuasse e chegasse até a margem. E a alma do santo mártir foi levada por anjos, ao som de louvores, até o céu.

Ora, nessa época, os moradores de Dortmund haviam se convertido à fé católica e pediram ao bispo de Colônia que lhes desse algumas das relíquias sagradas que abundavam nessa cidade. O bispo, então, convocou o clero para decidir como responder a esse pedido. Ficou acertado que enviariam para os moradores de Dortmund o corpo do homem santo que acabara de ser martirizado.

Quando o corpo e o caixão foram postos na carroça, a carroça começou a andar em direção a Dortmund, sem cavalos e sem a ajuda humana, e não parou até chegar ao local onde hoje fica a igreja de São Rinaldo. O bispo e o clero seguiram o homem santo para reverenciá-lo, cantando hinos, ao longo de um percurso de quase cinco quilômetros. E desde então São Rinaldo é o padroeiro do lugar e muitas obras maravilhosas Deus operou por seu intermédio, como é possível constatar nas lendas.



Capítulo XXI



HUON DE BORDEAUX

Conforme envelhecia, Carlos Magno sentia o peso de governar crescer a cada ano até que, finalmente, decidiu convocar seus nobres e pares para propor abdicar do império e do trono em favor dos filhos, Charlot e Lewis.

O imperador tinha uma preferência ostensiva pelo primogênito e ficaria feliz caso os nobres e pares escolhessem Charlot como único soberano. No entanto, esse príncipe era tão famoso pela sua falsidade e crueldade que o conselho veementemente se opôs à proposta de abdicação do imperador e implorou que ele continuasse com o cetro, que detinha com tanta glória.

Amaury de Hauteville, primo de Gano e agora patriarca do perverso ramo da casa de Maganza, era o partidário secreto de Charlot, com o qual se parecia em termos de devassidão e cinismo. Amaury nutria o mais amargo ressentimento contra a casa de Guienne, à qual pertencia o Duque Sevinus, que com frequência rechaçara seus malfeitos. Aproveitou-se, então, dessa oportunidade para prejudicar os dois filhos pequenos que o Duque Sevinus deixara aos cuidados da Duquesa Alice, mãe deles, e, ao mesmo tempo, promover-se junto a Charlot, a fim de aumentar sua riqueza e seu poder. Com isso em mente, sugeriu ao príncipe uma nova ideia.

Fingiu concordar com a opinião dos nobres; disse que seria melhor testar a capacidade de Charlot para governar dando-lhe algumas províncias ricas antes de colocá-lo no trono e que o imperador, sem abrir mão de qualquer porção do seu reino, o investisse como Duque de Guienne. Isso porque, embora já tivessem se passado sete anos da morte de Sevinus, o jovem duque, seu filho, ainda não se dirigira à Corte de Carlos Magno para render as homenagens devidas ao seu soberano legítimo.

Com frequência tivemos ocasião de admirar a justiça e a sabedoria dos conselhos que o Duque Namo da Bavária forneceu a Carlos Magno e dessa

feita ele discordou, indignado, da sugestão egoísta de Amaury, argumentando com o imperador a tenra idade dos filhos de Sevinus e os serviços gloriosos e úteis do pai falecido. Propôs, portanto, que Carlos Magno enviasse dois cavaleiros até a Duquesa de Bordeaux para instruí-la a mandar os dois filhos à Corte para expressar respeito pelo imperador e lhe prestar homenagem.

Carlos Magno apreciou o conselho e enviou dois cavaleiros para transmitir a convocação dos dois príncipes à mãe de ambos. Tão logo soube da iminente chegada dos cavaleiros, a duquesa mandou dois aristocratas para recebê-los, e tão logo os dois adentraram o palácio ela se apresentou com o primogênito e o caçula, Huon e Girard, respectivamente.

Os emissários, encantados com as honras e atenções recebidas, acompanhadas de valiosos presentes, lamentaram deixar Bordeaux e declararam a Carlos Magno ao voltar que o jovem Duque Huon parecia ter nascido para trilhar os passos do valoroso pai, informando, ainda, que dali a três meses os jovens príncipes de Guienne se apresentariam na Corte.

A duquesa utilizou esse breve intervalo para dar aos filhos suas últimas instruções. Huon recebeu-as com atenção e Girard levou-as tão a sério quanto se poderia esperar de alguém tão jovem.

Os preparativos para a partida encerrados, a duquesa abraçou os filhos com carinho, encomendando-os à Providência Divina, e lhes disse para pararem no caminho no famoso mosteiro de Cluny, a fim de visitar o abade, irmão do pai de ambos. Esse abade, digno do seu maior respeito, jamais perdera uma oportunidade de fazer o bem, encarnando um exemplo de perfeição e dessa forma tornando atraentes os caminhos da virtude.

O abade recebeu os sobrinhos com magnificência e, ciente de como sua presença poderia ser útil aos dois no encontro com Carlos Magno, de quem era conselheiro valioso, decidiu acompanhá-los na viagem até Paris.

Quando descobriu como haviam sido recebidos os dois enviados de Carlos Magno em Bordeaux, bem como soube dos preparativos para a visita dos dois jovens príncipes à Corte do imperador, Amaury sugeriu a Charlot enviar uma tropa de seus guardas para aguardar, de tocaia, os dois jovens na floresta de Montlery, matá-los e, assim, obter o ducado de Guienne.

O plano pérfido e violento combinava à perfeição com o caráter de Charlot, que não só adotou a sugestão de Amaury, mas insistiu em tomar parte

na empreitada. Saíram na calada da noite, seguidos por um bom número de escudeiros, todos armados e vestidos de preto, para montar uma emboscada na floresta por onde passariam os irmãos.

Girard, o mais novo dos dois, tendo se distraído pelo caminho soltando seu falcão atrás de qualquer presa que surgisse, seguia na dianteira do irmão e do abade de Cluny. Charlot, que o viu se aproximar, sozinho e desarmado, avançou para encontrá-lo, encenou uma discussão e o derrubou do cavalo com um golpe de lança. Girard gritou ao cair; Huon ouviu e correu para defendê-lo sem qualquer outra arma senão a espada. Chegando ao local e vendo o sangue escorrer da ferida, exclamou para Charlot:

— O que essa criança vos fez, desgraçado? Que covardia atacar alguém despreparado para se defender!

— Pela minha fé — respondeu Charlot —, farei o mesmo contigo. — Sou filho do Duque Thierry de Ardenas, de quem o teu pai, Sevinus, tomou três castelos. Jurei vingá-lo e te desafio.

— Covarde — retrucou Huon. — Conheço bem a perfídia da vossa raça; digno filho de Thierry, usai a vantagem que provê a vossa armadura, mas sabeis que não vos temo.

Ao ouvir tais palavras, Charlot foi vil o bastante para empunhar a lança e se atirar sobre Huon, que mal teve tempo de enrolar o braço no manto. Com esse frágil escudo, Huon recebeu o golpe da lança, que perfurou o manto, mas não lhe atingiu o corpo. Então, ficando de pé sobre os estribos, Sir Huon desferiu um golpe tão terrível com a espada que o elmo de Charlot caiu, levando junto sua cabeça. O príncipe pusilânime caiu morto no chão.

Huon percebeu, então, que a floresta estava cheia de homens armados. Chamou os membros da sua escolta, que rapidamente entraram em formação, mas ninguém saiu da floresta para atacá-lo. Amaury, que assistiu à queda de Charlot, não quis se comprometer e, tendo a certeza de que Carlos Magno vingaria a morte do filho, não viu motivo para fazer mais nada no momento. Deixou que Huon e o abade de Cluny cuidassem do ferimento de Girard e, depois de vê-los retomar o caminho para Paris, pegou o corpo de Charlot, deitou-o sobre o lombo de um cavalo e levou-o até Paris, aonde chegou quatro horas depois de Huon.

O abade de Cluny apresentou o sobrinho a Carlos Magno, mas Huon se absteve de lhe prestar obediência, queixando-se da emboscada que o aguardara, que, segundo disse, não poderia estar ali sem a permissão do imperador. Carlos Magno, surpreso ante uma denúncia que sua alma magnânima era incapaz de merecer, indagou com ansiedade ao abade que fundamentos embasavam as queixas do seu sobrinho. O abade contou fielmente o que se passara, informando-lhe que um cavaleiro covarde, que se identificara como filho de Thierry de Ardenas, ferira Girard e investira contra Huon, que saíra ileso. Com força e coragem, porém, ele vencera o traidor e o deixara morto no local.

Carlos Magno, indignado, repudiou qualquer conexão com a ação do infame Thierry, parabenizando o jovem duque pela sua vitória e conduzindo pessoalmente os dois rapazes a um luxuoso apartamento, no qual permaneceu para ver os primeiros cuidados serem prestados a Girard. Depois deixou os irmãos a cargo do Duque Namo da Bavária, que, tendo sido companheiro de armas do Duque Sevinus, considerava os jovens quase como filhos.

Carlos Magno mal os deixara, voltando para seus aposentos, quando ouviu gritos e viu pela janela um grupo de homens armados chegar. Reconheceu Amaury, que conduzia um cavalo sobre o qual jazia o corpo de um cavaleiro e ouviu o nome de Charlot em meio a exclamações das pessoas reunidas no pátio.

A parcialidade de Carlos por esse filho desprezível era uma de suas fraquezas. O imperador desceu, nervoso, até o pátio e correu ao encontro de Amaury, emitindo um grito de dor ao reconhecer Charlot.

— Foi Huon de Bordeaux — disse o traidor Amaury — que massacrrou vosso filho antes que eu pudesse defendê-lo.

Carlos Magno, furioso ante essas palavras, pegou uma espada e correu até o apartamento dos dois irmãos para perfurar com ela o coração do assassino do filho. O Duque Namo deteve seu braço por um instante, enquanto Carlos lhe relatava o crime do qual Huon era acusado.

— Ele é um par do reino — disse Namo — e, se é culpado, não se encontra em vosso poder e não somos nós, pares, os juízes competentes para condená-lo à morte? Não deixeis que vossa mão fique manchada com o sangue dele.

O imperador, serenado pela sabedoria do Duque de Namor, convocou Amaury à sua presença. Os pares se reuniram para ouvir seu testemunho e o traidor acusou Huon de Bordeaux de ter desferido o golpe fatal sem permitir a Charlot uma oportunidade de se defender e disse que ele sabia que o oponente era o primogênito do imperador.

O abade de Cluny, indignado ante a acusação falsa de Amaury, avançou e disse:

— Por São Bento, sire, o traidor mente. Se meu sobrinho matou Charlot foi em legítima defesa e depois de ter visto o irmão ferido por ele, bem como ignorando que seu adversário era o príncipe. Embora eu seja um filho da Igreja — acrescentou o bom abade —, jamais me esqueço de que sou cavaleiro de nascença. Ofereço-me para provar com meu corpo a mentira de Amaury, se ele ousar sustentá-la, e sentirei que estarei prestando um serviço maior punindo um traidor desleal do que cantando louvores e matinas.

Huon até então se mantivera calado, perplexo diante da calúnia vil de Amaury, mas então deu um passo à frente e, dirigindo-se a Amaury, exclamou:

— Traidor! Acaso ousais manter pelas armas a mentira que acabastes de dizer?

Amaury, um cavaleiro de enorme destreza, desdenhando a figura jovem e esbelta de Huon, hesitou em não oferecer a luva, que Huon aceitou. Então, virando-se novamente para os pares, disse:

— Peço-vos que o combate me seja permitido, pois jamais houve causa mais legítima.

O Duque de Namor e os demais, concluindo que a questão devia ser entregue ao julgamento divino, decidiram cancelar o combate, ao qual Carlos Magno, contra a vontade, deu seu consentimento. O jovem duque foi de novo entregue aos cuidados do Duque Namor, que na manhã seguinte o sagrou cavaleiro e lhe deu uma armadura e um escudo branco. O abade de Cluny, encantado por constatar que havia em seu sobrinho sentimentos dignos da sua linhagem, abraçou-o, deu-lhe sua bênção e correu para a igreja de St. Germain para rezar por ele, enquanto os assistentes do rei preparavam a arena para o combate.

A luta foi longa e obstinada. A destreza e a agilidade de Huon o capacitaram a evitar os golpes terríveis que o feroz Amaury lhe dirigiu. Huon,

porém, mais de uma vez fez o sangue brotar no oponente. O efeito começou a ser notado na redução da força do traidor. Finalmente, ele se jogou do cavalo e, de joelhos, implorou misericórdia.

— Poupai-me — disse —, e eu confessarei tudo. Ajudai-me a ficar de pé e levai-me até Carlos Magno.

O corajoso e leal Huon, ouvindo isso, pôs a espada sob o braço esquerdo e estendeu o direito para erguer o homem prostrado, que aproveitou a chance para golpeá-lo no flanco. A cota de malha de Huon resistiu ao golpe e ele foi ferido apenas levemente. Desnorteadado pela raiva diante desse ato de perfídia, esqueceu-se de como era necessário para sua absolvição completa a confissão de Amaury e, sem demora, desferiu-lhe o golpe fatal.

O Duque Namo e os outros pares se aproximaram, retiraram o corpo de Amaury da arena e conduziram Huon até Carlos Magno. O imperador, porém, sem ouvir nada além do próprio ressentimento e luto pela morte do filho, recusou-se a se dar por satisfeito, e, sob o argumento de que Huon não conseguira fazer com que seu acusador retirasse a acusação, decidiu confiscar suas propriedades e bani-lo para sempre da França. Apenas depois de demoradas tratativas por parte do Duque Namo e do restante, o rei aceitou conceder seu perdão a Huon sob condições que ele próprio imporia.

Huon se aproximou e ajoelhou-se diante do imperador, rendeu-lhe homenagens e suplicou piedade por seu involuntário assassinato de Charlot. Carlos Magno recusou-se a apertar as mãos de Huon nas suas, mas tocou o jovem com o cetro, dizendo:

— Recebo tua homenagem e te perdoo pela morte do meu filho, mas apenas sob uma condição: que vás imediatamente até a Corte do sultão Gaudisso; que te apresentes diante dele quando ele se sentar para comer; que cortes a cabeça do convidado mais ilustre que estiver mais próximo do anfitrião; que beijes na boca três vezes a princesa sua filha e que exijas do sultão, como sinal de respeito a mim, um punhado do cabelo branco da sua barba e quatro dentes da sua boca.

Tais condições provocaram um burburinho entre os presentes.

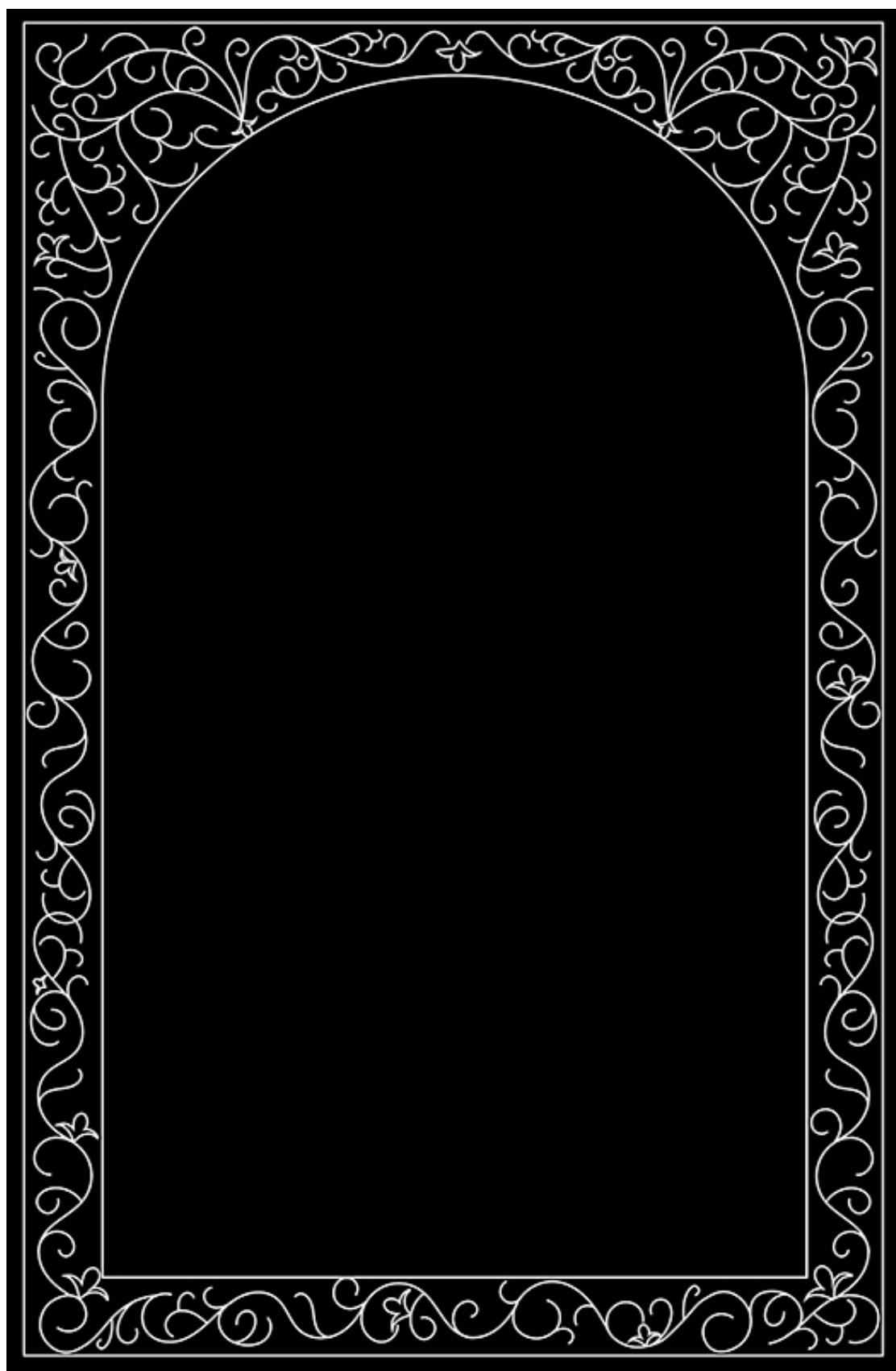
— O quê? — exclamou o abade de Cluny. — Matar um príncipe sarraceno antes de lhe oferecer o batismo?

— A segunda condição não é tão difícil — disseram os jovens pares —, mas a exigência que Huon deve fazer ao velho sultão é muito rude e será difícil obrigá-lo a cumprir.

A teimosia do imperador quando cismava com alguma coisa é bem conhecida. Para a coragem de Huon nada parecia impossível.

— Aceito as condições — respondeu ele, silenciando as intervenções do Duque da Bavária. — Meu senhor, aceito o meu perdão a esse preço. Vou cumprir vossas ordens, na condição de vosso vassalo e par de França.

O Duque Namo e o abade de Cluny, incapazes de obter qualquer amenização da sentença proferida por Carlos Magno, conduziram o jovem duque, que se mostrou decidido a partir imediatamente nessa missão. Tudo que o bom abade conseguiu dele foi que se preparasse para essa perigosa empreitada passando primeiro por Roma para prestar homenagem ao Papa, que era irmão da Duquesa Alice, mãe de Huon, e pedir sua absolvição e bênção. Huon prometeu fazer isso e partiu a caminho de Roma.



Capítulo XXII



HUON DE BORDEAUX (CONTINUAÇÃO)

Huon, depois de atravessar os Apeninos e a Itália, chegou às redondezas de Roma, onde, deixando de lado a armadura, vestiu-se como peregrino. Nesse disfarce apresentou-se diante do Papa e só depois de fazer uma confissão completa de seus pecados identificou-se como seu sobrinho.

— Ah, meu querido sobrinho — exclamou o Santo Padre —, que penitência mais dura posso te impor do que a que o imperador já impôs? Vai em paz, meu filho — acrescentou, absolvendo o rapaz. — Hei de interceder por ti junto ao Altíssimo.

Em seguida levou o sobrinho até o seu palácio e o apresentou a todos os cardeais e príncipes de Roma como Duque de Guienne, filho da Duquesa Alice, sua irmã.

Huon, ao partir, jurara não parar mais de três dias no mesmo lugar. O Santo Padre aproveitou esse período para inspirá-lo com a devoção à glória do cristianismo e com a confiança na proteção do Altíssimo. Aconselhou-o a embarcar para a Palestina, visitar o Santo Sepulcro e de lá partir para o interior da Ásia.

Armado das bênçãos do Santo Padre, Huon, seguindo seus conselhos, embarcou para a Palestina, lá chegou e visitou com a maior reverência os locais sagrados. Partiu, então, para tomar o rumo do oriente.

Ignorando, porém, o país e o idioma, perdeu-se numa floresta e nela permaneceu três dias sem ver um único humano, alimentando-se de mel e frutas silvestres, que encontrava nas árvores. No terceiro dia, enquanto buscava uma passagem num despenhadeiro rochoso, Huon viu um homem vestido com trapos, cuja barba e o cabelo lhe cobriam o peito e os ombros. Esse homem parou ao ver o jovem, observou-o e reconheceu as armas e a postura de

um cavaleiro francês. Imediatamente se aproximou e exclamou, no idioma do sul da França:

— Louvado seja Deus! Será que com efeito vejo um cavaleiro do meu país, depois de quinze anos passados neste deserto sem pôr os olhos num compatriota?

Huon, para satisfazer mais ainda o andarilho, desamarrou o elmo e chegou mais perto com expressão sorridente. O outro o encarou com surpresa maior do que de início.

— Deus do céu! — exclamou. — Nunca vi tamanha semelhança! Ah, nobre senhor — prosseguiu —, digei-me, eu imploro, a que região e linhagem pertenceis.

— Peço-vos — respondeu Huon — que antes me reveleis as vossas origens; por ora, basta-vos saber que sou cristão e que nasci em Guienne.

— Ah! O céu permitiu que meus olhos e meu coração não me enganassem — exclamou o desconhecido. — Meu nome é Sherasmin. Sou irmão de Guire, o prefeito de Bordeaux. Fui feito prisioneiro na batalha em que meu querido e ilustre senhor, Sevinus, perdeu a vida. Durante três anos, sofri os tormentos da escravidão. Consegui, afinal, romper minhas correntes e fugir para o deserto, onde permaneço sozinho desde então. Seus traços me fizeram lembrar do meu amado soberano, a cujo serviço vivi da infância até a sua morte.

Huon não respondeu, unicamente abraçando o velho, com lágrimas nos olhos. Foi quando Sherasmin descobriu que enlaçava nos braços o filho do Duque Sevinus. Levou Huon até sua choupana e serviu-lhe as frutas secas e o mel que eram suas únicas provisões.

Huon relatou suas aventuras a Sherasmin, que se emocionou às lágrimas com o que ouviu. Em seguida, consultou o idoso quanto aos meios para ter sucesso em sua empreitada. Sherasmin hesitou em confessar que o sucesso lhe parecia impossível; ainda assim, fez um juramento solene de jamais abandoná-lo. A língua sarracena, que ele dominava fluentemente, seria útil a ambos quando saíssem do deserto e se misturassem ao povo.

Pegaram o caminho para o mar Vermelho e entraram na Arábia. Essa rota atravessava uma região que Sherasmin descreveu como cheia de terrores. Era habitada por Oberão, o rei dos elfos, que capturava os cavaleiros com ousadia bastante para ali ingressarem e os transformava em duendes. Era possível evitar

o trajeto encurtando o percurso, mas perigo algum deteria Huon de Bordeaux, e o corajoso Sherasmin, que agora voltara a usar a armadura de um cavaleiro, com relutância concordou em partilhar com o jovem a rota mais curta.

Entraram numa floresta e chegaram a um local onde os caminhos se ramificavam em várias direções. Um deles parecia terminar num palácio magnífico, cujos telhados dourados eram enfeitados com cata-ventos cravejados de diamantes. Uma quadriga soberba atravessou os portões do palácio e se dirigiu até Huon e o companheiro, como se fosse encontrá-los a meio caminho. O príncipe não viu passageiro algum, apenas uma criança aparentando uns cinco anos e extremamente bonita, envolta numa capa coberta de pedras preciosas. Ao vê-la, o terror dominou Sherasmin, que agarrou as rédeas do cavalo de Huon e o fez dar meia-volta, apressando o príncipe a se distanciar e garantindo-lhe que estariam perdidos caso parassem para confabular com esse anão malévolo, que, embora parecesse uma criança, era idoso e traiçoeiro. Huon teve pena de perder de vista o belo anão, cujo aspecto nada tinha de alarmante. Mesmo assim, seguiu o amigo, que incitava o cavalo a desenvolver a maior velocidade possível. Foi quando os sinais da aproximação de uma tempestade ecoaram por toda a floresta e a luz do dia feneceu, tornando difícil encontrar o caminho. De vez em quando, os dois tinham a impressão de ouvir uma voz infantil dizendo: “Pare, Duque Huon, escutai-me: fugir de mim será em vão!”

Sherasmin fugiu ainda mais depressa, parando apenas ao chegar ao portão de um mosteiro de monges e freiras, cujas comunidades se achavam reunidas no momento numa procissão religiosa. Sherasmin, sentindo-se protegido da maldade do anão na presença de tantas pessoas santas e dos estandartes sagrados, parou para pedir refúgio e fez com Huon se apeasse também. Nesse momento, porém, foram alcançados pelo anão, que soprou uma trombeta de marfim que trazia pendurada no pescoço. Na mesma hora, o bom Sherasmin, contra a vontade, começou a dançar como um rapazinho e, pegando a mão de uma freira idosa, que sentiu que aquilo iria matá-la, saiu com ela pisando a grama, no que foram imitados por todos os outros monges e freiras, misturados uns aos outros, encenando o baile mais estranho já visto. Apenas Huon não

sentiu vontade de dançar, mas quase morreu de rir ao ver as posturas e os pulos ridículos dos demais.

O anão, aproximando-se de Huon, disse, numa voz doce e no idioma do jovem duque:

— Duque de Guienne, por que me evitais? Eu vos conjuro, em nome dos céus, a falar comigo.

Huon vendo-se abordado de modo tão sério e sabendo que nenhum espírito do mal ousaria usar o santo nome para ajudá-lo em seus estratagemas, respondeu:

— Senhor, quem quer que sejais, estou pronto para ouvir-vos e vos responder.

— Huon, meu amigo — prosseguiu o anão —, sempre amei a vossa raça e me fostes caro desde o nascimento. A pureza de consciência com a qual entrastes na minha floresta protegeu-vos de todos os feitiços, ainda que eu pretendesse lançá-los sobre vós. Se esses monges, essas freiras e até mesmo seu amigo Sherasmin tivessem uma consciência tão pura quanto a vossa, minha trombeta não os faria dançar. Mas onde achar um monge ou uma freira que estejam sempre surdos à voz do tentador? E o próprio Sherasmin no deserto com frequência duvidou do poder da Providência.

Ao ouvir tais palavras, Huon viu os dançarinos prestes a sucumbir à exaustão e implorou piedade em nome deles, no que foi atendido pelo anão, e o efeito da trombeta cessou de imediato. As freiras se livraram de seus pares, ajeitaram a roupa e correram para assumir novamente seus lugares na procissão. Sherasmin, esbaforido de calor, ofegante e incapaz de ficar em pé sobre as próprias pernas, atirou-se na grama e começou a dizer:

— Não avisei...

La prosseguir num tom raivoso, mas o anão, aproximando-se, disse:

— Sherasmin, por que te queixaste da Providência? Por que pensaste mal de mim? Mereceste este castigo leve, mas sei que és bom e leal. Quero provar ser teu amigo, como verás em breve.

Dizendo isso, o anão apresentou ao idoso um cálice esplendoroso.

— Faz o sinal da cruz sobre este cálice — instruiu — e crê que o meu poder deriva do Deus que amas, cujo servo fiel sou tanto quanto tu mesmo és.

Sherasmin obedeceu e no mesmo instante o cálice se encheu de um vinho delicioso, um gole do qual restaurou-lhe o vigor das pernas e o fez sentir-se jovem de novo. Cheio de gratidão, Sherasmin prostrou-se de joelhos, mas o anão o ergueu e colocou a seu lado, começando a contar a própria história:

— Júlio César, indo por mar juntar-se a seu exército, foi obrigado por uma tempestade a se abrigar na ilha de Celea, onde morava a Fada Glorianda. Desse casal renomado nasci. Sou o herdeiro do que havia de mais admirável em cada qual: das qualidades heroicas do meu pai e da beleza e poderes mágicos da minha mãe. Mas uma irmã malévola da minha mãe, para vingar-se de uma pequena ofensa, me tocou com a sua varinha mágica quando eu tinha apenas cinco anos e me proibiu de crescer. Minha mãe, com todo o seu poder, foi incapaz de anular o feitiço. Por isso continuei infantil na aparência, embora cheio de experiência. O poder que herdei da minha mãe eu às vezes uso para me divertir, mas sempre para promover a justiça e premiar a virtude. Sou capaz e estou disposto a vos ajudar, Duque de Guienne, pois estou ciente da missão que vos trouxe até aqui. Prevejo para vós, se seguirdes meus conselhos, sucesso absoluto e a bela Clarimunda como esposa.

Depois dessas palavras, o anão entregou a Huon o cálice precioso e útil, que tinha a faculdade de se encher sozinho quando um homem bom o segurava. Deu-lhe, também, sua bela trombeta de marfim, dizendo:

— Huon, se a soardes com delicadeza, os que a ouvirem dançarão, como vistes, mas se a soardes com força, garanto-vos que a escutarei, embora a centenas de quilômetros de distância e correrei em vosso socorro. Tomai cuidado, porém, para não fazê-lo senão na maior das emergências.

Oberão instruiu Huon acerca do trajeto para chegar aos domínios do sultão Gaudisso.

— Enfrentareis enormes perigos antes de lá chegar, e temo — acrescentou com lágrimas nos olhos — que não necessariamente em tudo seguireis minhas orientações, caso em que haverás de sofrer grandes revezes.

Dito isso, abraçou Huon e Sherasmin e os deixou.

Huon e seu acompanhante viajaram muitos dias pelo deserto antes de vislumbrar qualquer lugar habitado, e durante todo esse tempo o cálice mágico os sustentou, não apenas com vinho, mas também com comida. Finalmente, chegaram a uma grande cidade. Como o sol já começava a se pôr, entraram na

periferia e Sherasmin, que falava fluentemente o idioma sarraceno, perguntou onde encontrar uma hospedaria para pernoitar. Um indivíduo, que parecia ser um dos principais moradores, vendo dois estranhos de aparência respeitável fazendo tal pergunta, adiantou-se e pediu-lhes que aceitassem o abrigo da própria mansão. Os dois aceitaram e o anfitrião fez as honras da casa com uma polidez que os amigos ficaram surpresos de ver num sarraceno. Mandou-lhes servir café e uma bebida gelada e conduziu tudo com a maior elegância até um dos criados atabalhoadamente derrubar uma xícara de café quente em sua perna, quando ele deu um salto, exclamando em gascão:

— Raios partam! Idiota de uma figa, mereces ser jogado do alto da mesquita!

Huon não conseguiu refrear o riso ao ver a veemência da reação e o seu idioma natal brotarem assim sem aviso. O anfitrião, que não fazia ideia de que seus convidados entendiam o que ele dizia, ficou pasmo quando Huon a ele se dirigiu no dialeto da sua terra. Imediatamente, estabeleceu-se entre os três uma camaradagem, sobretudo depois que os criados se retiraram. O anfitrião, vendo-se descoberto e descobrindo que os dois pretensos sarracenos eram originários da fronteira do Garona, abraçou-os e revelou ser cristão. Huon, que aprendera a ser prudente aconselhado por Oberão, para testar a sinceridade do anfitrião, tirou de dentro da túnica o cálice que o rei dos elfos lhe dera e apresentou-o ao dono da casa.

— Um belo cálice, mas eu o apreciaria mais se estivesse cheio.

Imediatamente, isso aconteceu. O anfitrião, abismado, não ousou levá-lo à boca.

— Bebei sem medo, meu caro compatriota — disse Huon. — Sua honestidade foi provada por esse cálice, que apenas se enche sozinho nas mãos de um homem honesto.

O convidado não hesitou, então. O cálice foi passado de mão em mão. A cordialidade mútua aumentou ao longo desse ritual e cada qual relatou suas aventuras. As de Huon redobram o respeito do anfitrião, por reconhecer nele seu soberano legítimo. A narrativa do anfitrião foi a seguinte:

— Meu nome é Floriac. Esta grande e potente cidade, ouvireis com surpresa e consternação, é governada por um irmão do Duque Sevinus, ou seja, um tio vosso. Sem dúvida já ouvistes que um irmão mais novo do Duque de

Guienne foi sequestrado na praia, junto a seus companheiros, por alguns corsários. Eu era então seu pajem, e fomos levados por esses corsários para a Berbéria, onde nos venderam como escravos. O príncipe berbere nos mandou para cá como parte do tributo pago anualmente ao seu soberano, o sultão Gaudisso. Vosso tio, que de alguma forma ficou lisonjeado com as atenções de seus ajudantes, achou por bem incrementar sua importância diante do novo senhor dizendo-lhe quem era. O sultão, que, como legítimo muçulmano, detestava todos os príncipes cristãos, daquele momento em diante esforçou-se para convertê-lo à fé sarracena. Foi mais que bem-sucedido. Vosso tio, seduzido pelos poderes mágicos dos indivíduos sagrados e pelos prazeres e a complacência que o sultão lhe permitia, cometeu o terrível crime da apostasia; renunciou ao batismo e abraçou o islamismo. Gaudisso, então, encheu-o de honras, deu-lhe como esposa uma de suas sobrinhas e fez dele o governante desta cidade e da região vizinha. Vosso tio conservou a mesma amizade que tinha por mim na infância, mas todo o seu carinho e esforço não conseguiram me fazer renunciar à minha fé. Talvez ele me respeite em razão da minha resistência à sua persuasão, talvez tenha esperança de me induzir a imitá-lo um dia. Trouxe-me com ele para esta cidade, da qual era senhor, depositou em mim confiança e me permite manter a meu serviço alguns cristãos, os quais protejo em prol da fé que professam.

— Ah! — exclamou Huon. — Levai-me até esse tio pecador. Um príncipe da casa de Guienne será que não se envergonha de covardemente abandonar a fé dos antepassados?

— Duvido! — retrucou Floriac. — Temo que não sentirá vergonha diante de vossas censuras nem prazer ao ver um sobrinho tão digno da própria linhagem. Embrutecido pela sensualidade, ciumento do seu poder, que com frequência exerce com crueldade, é mais provável que vos refreie pela força ou vos condene à morte.

— Que seja — disse o bravo e fervoroso Huon. — Eu não poderia morrer por uma causa melhor. Exijo ser conduzido à sua presença amanhã, depois que contardes a ele quem sou e que aqui estou.

Floriac ainda tentou objetar, mas Huon não aceitou suas negativas e ouviu sua promessa de obediência.

Na manhã seguinte, Floriac procurou o governador e avisou-o da chegada do sobrinho, Huon de Bordeaux, bem como da intenção do príncipe de se apresentar à Corte naquele mesmo dia. O governador, surpreso, não respondeu de imediato, embora tenha decidido na mesma hora como agir. Sabia que Floriac amava em demasia os cristãos e os príncipes da sua terra natal para ajudá-lo a trair qualquer um deles. Por isso, fingiu sentir imenso prazer com a notícia da chegada à Corte do primogênito da família. Imediatamente mandou que Floriac o localizasse, ordenou que preparassem o palácio para uma cerimônia festiva e depois de dar algumas instruções secretas, foi em pessoa receber o sobrinho, que apresentou com seu nome e título verdadeiros a todas as autoridades da sua Corte.

Huon ferveu de indignação ao ver o tio com a cabeça enrolada num rico turbante, encimado por uma meia-lua de pedras preciosas. Sua candura inata levou-o a receber de má vontade os abraços que o governador traidor não economizou com ele. Enquanto isso, a esperança de achar uma ocasião propícia para reprovar a apostasia do tio levou-o a submeter-se a essas homenagens que o homem obrigou-lhe fossem prestadas. O governador se esquivou com habilidade de qualquer oportunidade de ficar a sós com Huon e passou a manhã toda passeando com ele nos jardins e no palácio. Finalmente, quando a hora do jantar se aproximava e o governador o tomou pela mão para conduzi-lo ao salão, Huon aproveitou a chance e disse ao tio em voz baixa:

— Oh, meu tio! Oh, príncipe, irmão do Duque Sevinus! Que sofrimento e que vergonha sinto em vos ver nessa situação!

O governador fingiu-se comovido, apertou a mão do jovem e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Silêncio! Meu querido sobrinho, amanhã de manhã hei de ouvir-te integralmente.

Huon, um pouco confortado por essas palavras, ocupou seu lugar ao lado do governador. Juízes, autoridades religiosas, indivíduos sagrados e outros cidadãos importantes preencheram os demais espaços. Sherasmin sentou-se com eles, mas Floriac, que não queria perder de vista seus hóspedes, permaneceu de pé e entrava e saía a fim de observar o que acontecia dentro do palácio. Logo notou a presença de vários homens armados circulando pelos corredores e antecâmaras adjacentes ao salão de jantar. Estava prestes a entrar

para avisar a seus hóspedes o que vira quando ouviu um barulho violento acompanhado de uma comoção. A causa fora a seguinte:

Huon e Sherasmin se mostraram satisfeitos com o primeiro prato e comeram com grande apetite, mas, como seus compatriotas, não estavam habituados a beber apenas água nas refeições e se entreolharam a certa altura, não muito contentes com esse costume. Huon riu ostensivamente da impaciência de Sherasmin, mas logo, sentindo a mesma necessidade, pegou o cálice de Oberão e fez o sinal da cruz. O cálice se encheu e ele bebeu, entregando-o em seguida a Sherasmin, que seguiu seu exemplo. O governador e os demais presentes, vendo esse sinal abominável, franziram as sobrancelhas e ficaram mudos de consternação. Huon fingiu não reparar e, tendo novamente enchido o cálice, entregou-o ao tio, dizendo:

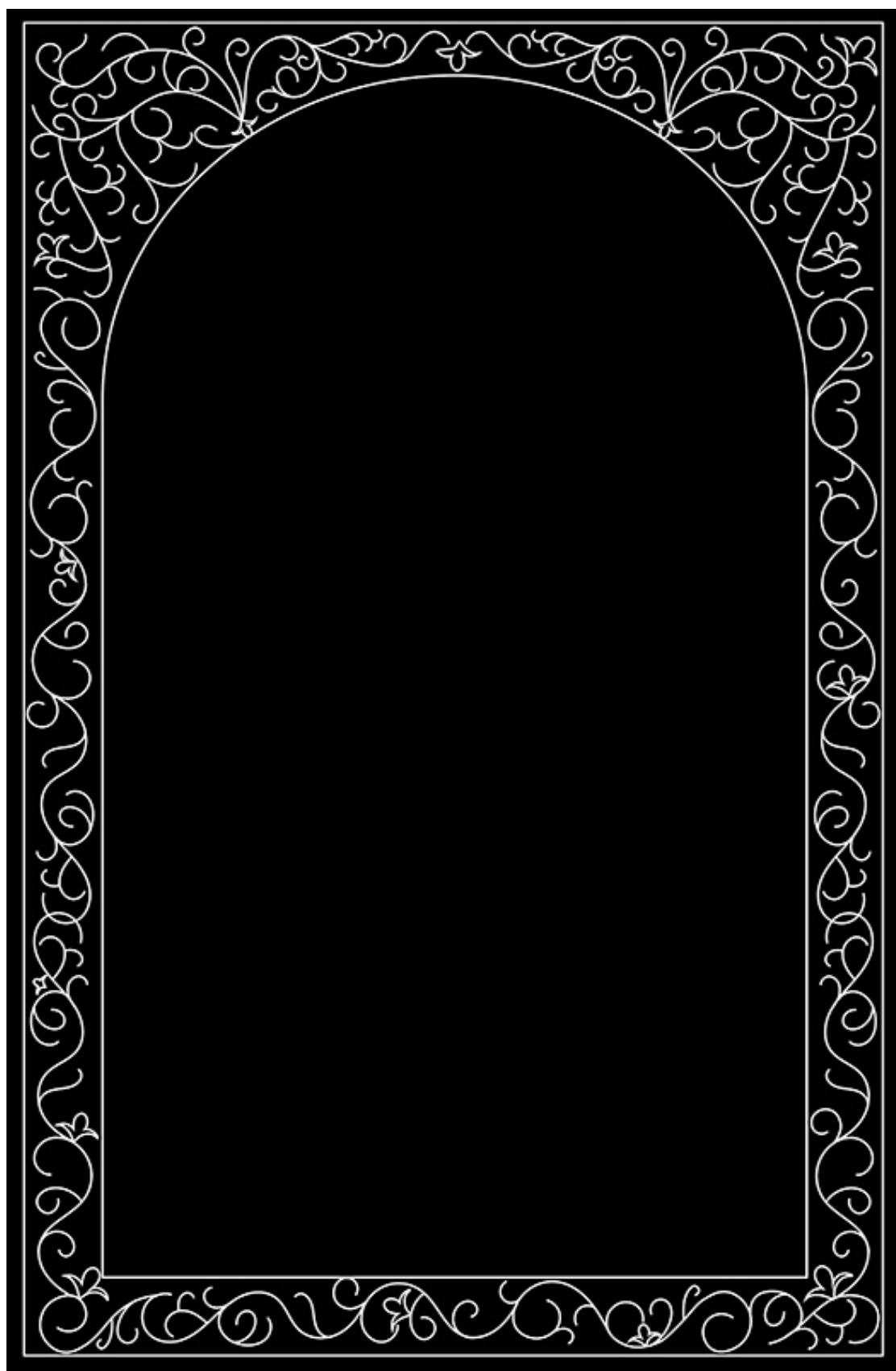
— Por favor, juntai-vos a nós, querido tio. Trata-se de um excelente vinho Bordeaux, a bebida que será para vós como leite materno.

O governador, que com frequência, bebia em segredo com suas sultanas favoritas os vinhos da Grécia e Shiraz, jamais em público tomava senão água. Há muito não saboreava os excelentes vinhos da sua terra natal e ficou dolorosamente tentado a beber o que agora lhe era oferecido, que parecia tão sedoso no cálice, superando o brilho do próprio ouro. Estendeu a mão, pegou o cálice cheio até a borda e o levou aos lábios. Imediatamente o vinho secou e sumiu. Huon e Sherasmin, como gascões que eram, riram ante o espanto do governador.

— Cães cristãos! — exclamou o dono do palácio. — Como ousais me insultar na minha própria casa? Logo serei vingado.

Com essas palavras, arremessou o cálice na cabeça do sobrinho, que o aparou com a mão esquerda, enquanto com a outra arrancava o turbante, com a sua meia-lua, da cabeça do governador, atirando-o no chão. Todos os sarracenos se levantaram aos gritos e se prepararam para desagravar o insulto. Huon e Sherasmin se puseram em posição defensiva e rechaçaram com suas espadas as cimitarras a eles dirigidas. Nesse momento, as portas do salão se abriram e uma multidão de soldados e eunucos armados entrou e se uniu no ataque a Huon e Sherasmin. O príncipe e seus seguidores se refugiaram num amplo armário, de onde mantiveram à distância o grupo de agressores, retribuindo os ataques dos mais ousados na forma merecida. Mais soldados

chegaram, porém, e o corajoso Huon, inspirado pelo vinho Bordeaux e não suficientemente zangado para esquecer seu gosto por uma brincadeira, soprou delicadamente a trombeta, que tão logo foi ouvida arrefeceu o ânimo dos combatentes e os pôs para dançar. Huon e Sherasmin, não mais atacados, contemplaram de seu posto elevado uma cena incrivelmente singular e bizarra. Em pouco tempo as sultanas, ouvindo o ruído da dança e percebendo a ausência dos guardas, acorreram ao salão e se misturaram aos dançarinos. A sultana favorita agarrou um jovem religioso, que dava saltos de mais de meio metro. Logo, porém, as roupas compridas do casal se enroscaram e os dois foram ao chão. A barba do religioso enganchou-se no colar da sultana e não foi possível desenganchá-los. O governador de forma alguma aprovou tal familiaridade e deu dois passos à frente para se haver com o rapaz, mas tropeçou num dervixe prostrado e caiu de cara no chão. A dança continuou até as forças dos dançarinos se exaurirem e todos desabarem, um a um, e ficarem estirados inertes. O governador acabou fazendo sinais para Huon de que cederia a qualquer pedido que o sobrinho lhe fizesse, caso lhe fosse permitido descansar. O acordo foi fechado: o governador permitiu que Huon e Sherasmin retomassem seu caminho, chegando mesmo a lhes dar um anel que lhes garantiria livre trânsito em seu país e acesso ao sultão Gaudisso. Os dois amigos se apressaram a aproveitar essa reviravolta favorável e, despedindo-se de Floriac, seguiram viagem.



Capítulo XXIII



HUON DE BORDEAUX **(CONTINUAÇÃO)**

Huon já vira muitas beldades na Corte da mãe, mas seu coração jamais fora tocado pelo amor. Sua amante era a honra e, como passava a vida a buscá-la, não sobrava tempo para pensamentos mais ternos. Estranho que um coração tão insensível se comovesse pela primeira vez com algo tão etéreo quanto um sonho, mas foi o que aconteceu.

No dia seguinte à aventura com o tio, a noite caiu sobre os viajantes enquanto atravessavam uma floresta. Uma gruta lhes forneceu abrigo do orvalho noturno. O cálice mágico lhes proveu a última refeição do dia, pois ele possuía a virtude de não gerar apenas vinho, mas coisas sólidas também, conforme a necessidade. O cansaço logo mergulhou os três num repouso profundo. Embalado pelo murmúrio da folhagem e inspirando o aroma das flores, Huon sonhou que uma dama mais bela que todas que já conhecera inclinava-se sobre ele e plantava um beijo em seus lábios. Quando estendeu os braços para envolvê-la, porém, uma rajada de vento a varrera.

Huon acordou agoniado de saudades. Poucos momentos bastaram para gerar nele algum conforto diante da constatação de que o que ocorrera não passara de um sonho. No entanto, a perplexidade e a tristeza do companheiro não passaram despercebidas a Sherasmin. Huon não hesitou em contar a seu leal seguidor o motivo da sua melancolia e acabou ganhando em troca da confiança apenas censuras por se permitir ficar perturbado por coisa tão mezinha. Sherasmin recomendou que ele bebesse um gole do cálice mágico, sugestão que Huon acatou e que surtiu efeito.

Ao raiar da aurora, a dupla retomou a jornada. Os dois viajaram até o meio da tarde, mas não trocaram palavra. Huon ruminava o sonho, e os

pensamentos de Sherasmin o levaram de volta até sua infância às margens do florido Garona.

Subitamente um grito de desespero os assustou e os amigos se depararam logo em seguida com a cena de um cavaleiro lutando contra um leão furioso. O cavalo do guerreiro jazia morto e a impressão era de que logo o combate chegaria ao fim, já que o terror e o cansaço haviam drenado do cavaleiro a força necessária para resistir. Ele caiu, e a pata do leão se ergueu para abatê-lo, mas um golpe da espada de Huon desviou a fúria do monstro para um novo inimigo. O rugido do animal ecoou pela floresta e ele se preparou para o bote. Então, com a rapidez de um raio, Huon enfiou-lhe a espada no flanco. O leão se contorceu no solo, agonizante.

Huon e Sherasmin ergueram do chão o cavaleiro, e Sherasmin apressou-se a oferecer ao guerreiro o cálice encantado, que se encheu de vinho até a borda. Quando, porém, o guerreiro aproximou os lábios para sorvê-lo, o líquido escasseou, mal sendo suficiente para umedecê-los. O cavaleiro, enraivecido, atirou o cálice na terra, com uma exclamação queixosa. Esse incidente não contribuiu para tornar mais amistosos os envolvidos, e o que se seguiu só fez piorar a situação, pois, quando Huon disse “Senhor cavaleiro, louvado seja Deus pela vossa vida”, o outro respondeu “Agradeça a Maomé, isso sim, em vosso próprio nome, pois ele vos fez prestar um serviço a ninguém menos que o Príncipe de Hircânia”.

Ao ouvir essa blasfêmia, Huon desembainhou a espada e se virou para o vilão, que, pouco disposto a enfrentar a destreza que comprovara bem recentemente, preferiu fugir. Correu até o cavalo de Huon e pulando em seu lombo e esporeando-lhe os flancos, sumiu de vista a galope.

A aventura foi vexatória, mas nada restou a fazer. Huon e Sherasmin seguiram viagem da melhor maneira possível com o cavalo remanescente. No final, quando a noite caiu, os dois vislumbraram as torres e pináculos de uma grande cidade, que ambos sabiam tratar-se de Bagdá.

Estavam exaustos quando chegaram e, no escuro, sem saber que caminho pegar, ficaram gratos de encontrar uma idosa, que, em resposta a suas perguntas, ofereceu-lhes acomodação em sua cabana modesta. Os viajantes, agradecidos, aceitaram o convite e entraram. A boa senhora preparou-lhes uma refeição com o que havia de melhor em sua despensa — leite, figos e pêssegos

—, lamentando profundamente que os ventos houvessem fustigado suas amendoadeiras.

Sir Huon achou que jamais na vida saboreara refeição melhor. A velha conversou com os hóspedes enquanto os dois comiam. Disse que não tinha dúvidas de que ambos ali estavam para comparecer ao grande banquete em comemoração ao casamento da filha do sultão, que teria lugar no dia seguinte. Os viajantes indagaram a identidade do noivo, e a velha respondeu que era o Príncipe de Hircânia, mas acrescentou:

— A nossa princesa tem ódio dele e haveria de preferir casar-se com um dragão.

— Como sabeis disso? — perguntou Huon, sendo então informado que ela ouvira isso da própria princesa, de quem era ama. Huon quis saber o motivo dessa aversão e a mulher, satisfeita de ver que a sua conversa despertava tanto interesse, respondeu que tudo se devia a um sonho.

— Um sonho? — exclamou Huon.

— Sim, um sonho. Ela sonhou que era uma corça, e o príncipe, um caçador que a perseguia e que estava prestes a capturá-la quando um belo anão surgiu numa carruagem de ouro, tendo a seu lado um jovem de cabelos louros e tez clara, aparentando ser um estrangeiro. No sonho, a carruagem parava a seu lado e ela, novamente em sua forma humana, já ia subir no veículo quando ele sumiu, levando junto o anão e o jovem louro. Em seu coração, porém, a visão ficou gravada e desde então seu futuro noivo, o príncipe hircano, se tornou repulsivo aos seus olhos. Apesar de tudo, seu pai, o sultão, de forma alguma encarou o fato como motivo suficiente para impedir o casamento, marcando o dia seguinte para a solenidade, com a presença de toda a Corte e de vários príncipes de países vizinhos, atraídos pela fama da beleza da princesa e pela opulência do príncipe.

Podemos imaginar que essa conversa tenha causado um tumulto na cabeça e no coração de Huon. Não era evidente que a Providência o levara até ali e abrisse caminho para seu sucesso? O sono não chegou cedo para Huon naquela noite, mas, com o entusiasmo próprio da juventude, ele alimentou a fantasia imaginando a continuação da sua estranha experiência.

No dia seguinte, data que ele não conseguia considerar senão como decisiva para selar o seu destino, Huon se preparou para entregar a mensagem

de Carlos Magno. Envergando a armadura e fortalecido pela trompa de marfim e pelo anel, chegou ao palácio de Gaudisso quando os convidados estavam sentados à mesa do banquete. Ao se aproximar dos portões, ouviu uma voz convocando todos os crentes genuínos a entrarem, e Huon, o corajoso e leal Huon, em sua impaciência, adentrou sob esse falso pretexto. Nem bem atravessara a barreira, sentiu-se envergonhado da sua torpeza e assolado pelo arrependimento. Para sanar sua falha, dirigiu-se correndo até o segundo portão e gritou para a sentinela:

— Cão da vilania, exijo em nome Daquela que morreu na cruz: abre para mim!

As pontas de uma centena de lanças imediatamente impediram a sua passagem. Huon lembrou-se então, pela primeira vez, do anel que recebera do tio, o governador. Mostrou-o e exigiu ser levado à presença do sultão. O chefe da guarda reconheceu o anel, fez uma reverência respeitosa e autorizou sua entrada. Da mesma forma, Huon passou pelas outras portas que conduziam ao salão opulento onde o grande sultão jantava com seus príncipes vassalos. Ao ver o anel, o encarregado do salão levou-o até a cabeceira da mesa e o apresentou ao sultão e seus príncipes como embaixador de Carlos Magno. Um lugar foi-lhe providenciado próximo ao grupo dos nobres.

O Príncipe de Hircânia, o mesmo que Huon salvara do leão e que seria o futuro marido da bela Clarimunda, estava sentado à direita do sultão, enquanto a princesa se sentava à esquerda do pai. Quis a sorte que Huon se visse perto da princesa, e mal as cerimônias de apresentação foram concluídas, ele se apressou a cumprir as exigências de Carlos Magno, plantando um beijo naqueles lábios rosados, não por ser obrigado, mas por ser do seu agrado. O Príncipe de Hircânia gritou:

— Audacioso infiel! Eis a recompensa pela vossa insolência!

Em seguida desferiu um golpe na direção de Huon que, se o acertasse, teria concluído rapidamente sua missão diplomática. Mas o ingrato falhou em seu intento, e Huon castigou sua blasfêmia e ingratidão de imediato com um golpe que separou-lhe a cabeça do tronco.

Tão de repente tudo isso ocorreu que não se ergueu mão alguma para detê-lo, mas logo em seguida Gaudisso ordenou:

— Agarrem o assassino!

Huon foi cercado por todos os lados, mas sua espada infalível manteve a multidão ao largo. No entanto, ele viu outros combatentes entrarem e perdeu a esperança de enfrentar tantos oponentes. Pegou, então, a trompa e, levando-a aos lábios, soprou-a com intensidade igual à de Orlando em Roncesvales. Em vão. Oberão ouviu-a, mas o pecado cometido por Huon, ainda que por um instante apenas, ou seja, fingir crer no falso profeta, impediu que Oberão exercesse seu poder de ajudá-lo. Huon, sentindo-se abandonado e consciente do motivo, perdeu sua força e energia, foi capturado, amarrado com correntes e jogado numa masmorra.

Sua vida foi temporariamente poupada apenas para que aguardasse uma morte mais dolorosa. O sultão deu ordens para que, depois de submetê-lo a todos os tormentos da fome e do desespero, o esfolassem vivo.

Entretanto, um mago mais antigo e mais poderoso que o próprio Oberão se interessou pelo corajoso Huon. O mago era o Amor. A Princesa Clarimunda tomou conhecimento, horrorizada, do destino reservado ao jovem príncipe. Com a ajuda da ama, ela obteve o auxílio do guarda da prisão e foi pessoalmente aliviar a tortura do seu amado. Foi sua mão que removeu os grilhões, foi da sua mão que ele recebeu a comida que preservou a vida que dali em diante seria integralmente dedicada à princesa. Após as mais carinhosas explicações, Clarimunda se foi, prometendo repetir a visita no dia seguinte.

No dia seguinte ela cumpriu a promessa e de novo levou comida para o prisioneiro. Essas visitas prosseguiram durante um mês inteiro. Huon era um cristão demasiado fiel para esquecer que a amistosa princesa era uma sarracena e se aproveitou para doutriná-la na fé verdadeira. Como é fácil acreditar na verdade expressa pelos lábios daqueles que amamos! Clarimunda em pouco tempo aderiu integralmente às doutrinas cristãs e manifestou o desejo de ser batizada.

Enquanto isso, o sultão várias vezes indagou ao carcereiro como o prisioneiro vinha suportando as agruras da fome, ouvindo, surpreso, que ainda não definhara muito por essa privação. Ao repetir a pergunta, passado um curto intervalo, ouviu do carcereiro que o prisioneiro morrera repentinamente, tendo sido enterrado na caverna. Ao sultão restou apenas lamentar não ter ordenado mais cedo a execução da sentença.

Enquanto essas coisas aconteciam, o leal Sherasmin, que não acompanhara Huon nessa derradeira aventura, mas soubera através de boatos o resultado dela, foi até a Corte na esperança de fazer algo para resgatar seu mestre. Apresentou-se ao sultão como Solario, seu sobrinho. Gaudisso recebeu-o com gentileza, e todos os membros da Corte o encheram de atenções. Logo ele encontrou meios de se informar sobre como a princesa considerava o valoroso, mas desafortunado, Huon, e, se apresentando a ela, logo ganhou sua confiança. Clarimunda prontamente concordou em cooperar na fuga de Huon e partir com ele da Corte do pai para voltar à de Carlos Magno. Seus esforços conjugados já estavam quase alcançando o objetivo pretendido, com uma nau que havia sido secretamente preparada, assim como todo o restante necessário para a fuga, quando um obstáculo imprevisível se apresentou. O próprio Huon se recusou peremptoriamente a partir sem cumprir as ordens de Carlos Magno.

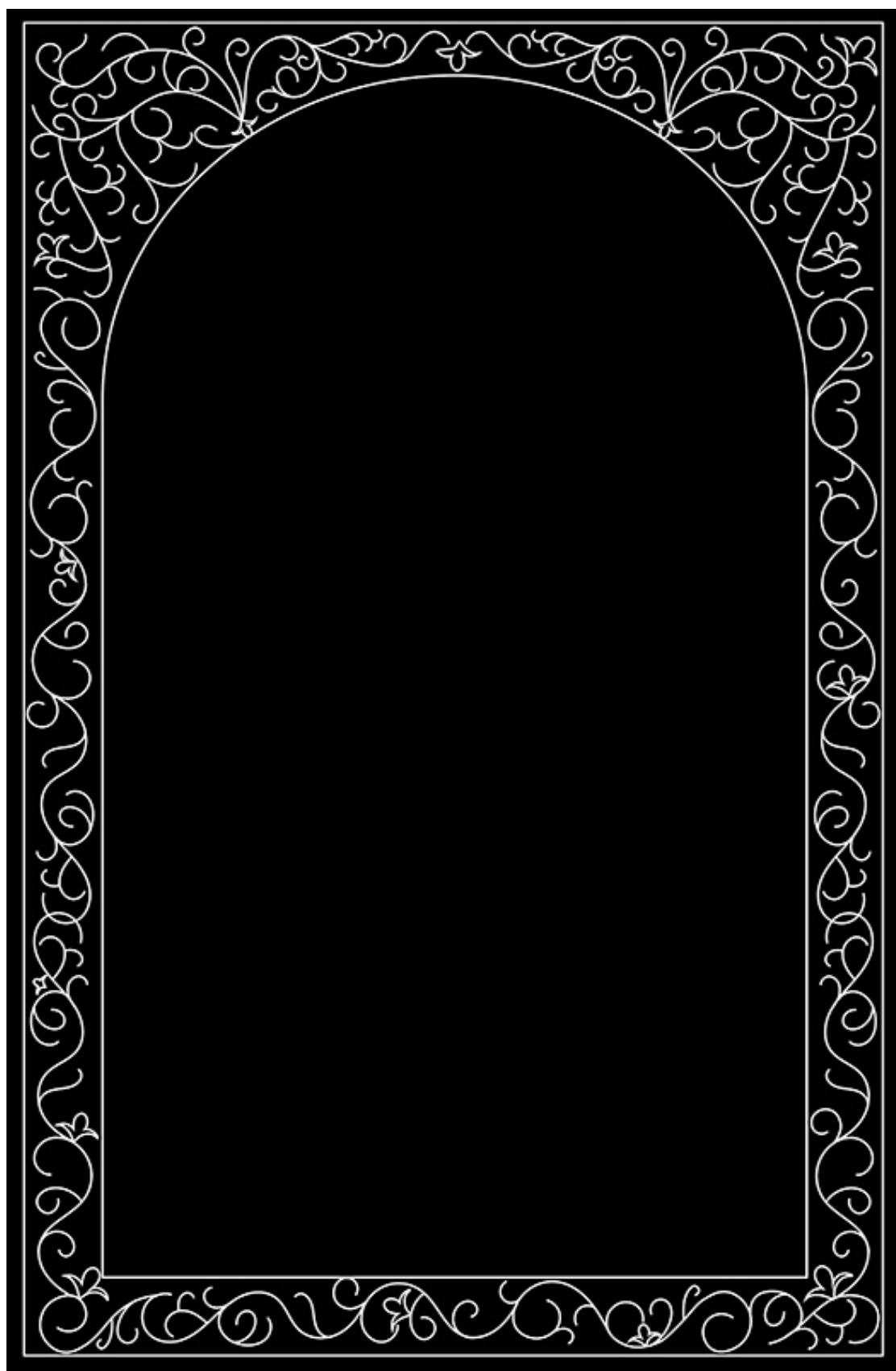
Sherasmin entrou em desespero. Queixou-se amargamente da volubilidade de Oberão ao negar ajuda na crise em que dela mais se precisava. Usou todos os argumentos para convencer o príncipe de que ele fizera o suficiente em nome da honra e que não podia se sentir obrigado a realizar o impossível. Tudo, porém, foi em vão e a Sherasmin faltavam ideias sobre o mais que fazer, quando teve lugar um desses acontecimentos tão frequentes nos regimes despóticos turcos. Um mensageiro chegou à Corte do sultão portando o anel do seu soberano, o poderoso Agrapard, o califa da Arábia, e levando a corda para o pescoço de Gaudisso. Nenhuma razão foi apresentada, mas nesses casos o prazer do califa é justificativa suficiente. Suspeitou-se que o portador da corda persuadira o califa de que Gaudisso, cuja ganância era bem conhecida, acumulara imensos tesouros, tesouros que não partilhara devidamente com o seu soberano, obtendo dessa forma uma ordem de Agrapard para tomar dele o lugar de emir.

O corpo de Gaudisso seria transformado em repasto para cães e abutres, caso Sherasmin, sob o disfarce de sobrinho do falecido, não tivesse sido autorizado a recebê-lo e lhe dar um enterro decente, o que ele fez, mas não antes de apropriar-se da barba e dos dentes demandados por Carlos Magno.

Obstáculo algum agora se interpunha entre os amantes, acompanhados por Sherasmin, e o retorno à França. Os três partiram, parando em Roma no

caminho, onde o Santo Padre pessoalmente abençoou a união do sobrinho, o Duque Huon de Bordeaux, à Princesa Clarimunda.

Logo após a chegada à França, onde depositou seus troféus aos pés de Carlos Magno, voltando a merecer a estima do imperador, Huon correu para se apresentar, com a noiva, à duquesa sua mãe e aos leais vassalos da sua província de Guienne e da cidade de Bordeaux, onde o casal foi recebido com demonstrações infinitas de júbilo.



Capítulo XXIV



HOLGER, O DINAMARQUÊS

Holger, o dinamarquês, era filho de Godofredo, que tomou a Dinamarca dos pagãos e se tornou o primeiro rei cristão desse país. Quando Holger nasceu, e antes de ser batizado, seis damas de beleza deslumbrante apareceram ao mesmo tempo no quarto do bebê. Cercaram-no e a que aparentava mais idade tomou-o nos braços, beijou-o e pousou a mão em seu coração, dizendo:

— Serás o guerreiro mais corajoso do teu tempo.

Entregou, então, a criança à irmã, que disse:

— Terás abundantes oportunidades para exhibir o teu valor.

— Irmã — disse a terceira dama —, destes a ele um dom perigoso. Eu digo que ele jamais será vencido.

A quarta irmã acrescentou, ao pousar a mão nos olhos e na boca do bebê:

— Dou-te o dom de agradar.

A quinta disse em seguida:

— A fim de que esses dons não sirvam para ensejar traição, dou-te a sensibilidade de retribuir o amor que inspirares.

Foi quando falou Morgana, a mais jovem e mais bela do grupo:

— Criatura encantadora, reivindico-te para mim. Não morrerás até que venhas me fazer uma visita na ilha de Avalon.

Dito isso, beijou a criança e partiu na companhia das irmãs.

Em seguida, o rei mandou levarem o bebê até a pia batismal e deu-lhe o nome de Holger.

Em sua educação nada faltou para fazer dele um cavaleiro perfeito e transformá-lo em um especialista em todas as artes necessárias a torná-lo um herói.

Mal chegara aos dezesseis anos quando Carlos Magno, que governava todos os soberanos da sua época, recordou-se de que Godofredo, pai de Holger, se

furtara a lhe render as homenagens devidas como imperador e senhor soberano da Dinamarca, uma das grandes regiões do império. Por esse motivo, enviou uma comitiva para exigir do Rei da Dinamarca essa homenagem e, ao receber uma recusa arrogantemente formulada, mandou um exército para exigir o cumprimento do ritual. Godofredo, após uma resistência inútil, foi forçado a obedecer e, como prova da sua sinceridade enviou a Carlos o seu primogênito, Holger, como refém, para ser criado na Corte francesa. O rapaz foi entregue aos cuidados do Duque Namo da Bavária, amigo do seu pai, que o tratava como filho.

Holger foi crescendo mais bonito e afável a cada dia. Superava em aparência, força e destreza todos os jovens nobres seus companheiros. Jamais deixou de estar presente em um torneio, era atencioso com os cavaleiros mais velhos e mostrava impaciência para imitá-los. No entanto, seu coração às vezes se rebelava secretamente contra a condição de refém e ele se ressentia por ter sido aparentemente esquecido pelo pai.

O Rei da Dinamarca, de fato, andava ocupado a essa altura com novos amores. Tendo ficado viúvo da mãe de Holger, casara-se novamente e tivera um filho chamado Guyon. A nova rainha detinha um poder absoluto sobre o marido e temendo que, se tornasse a ver Holger, o rei fosse dar preferência ao primogênito em detrimento de Guyon, convenceu-o habilmente a postergar as homenagens devidas a Carlos Magno e, passados quatro anos da última celebração desse ritual, o imperador, irritado com o fato, reforçou as condições do cativo de Holger até receber uma resposta do Rei da Dinamarca a uma nova convocação à Corte que lhe fora enviada.

A resposta de Godofredo foi insultuosa e desafiadora, e a raiva de Carlos Magno atingiu o auge. A princípio pareceu disposto a dirigir sua vingança contra Holger, seu refém, mas diante das súplicas do Duque Namo, que tinha pelo pupilo um amor paternal, concordou em poupar a vida do rapaz se Holger lhe jurasse fidelidade como vassalo e promettesse não deixar a Corte sem a sua permissão. Holger aceitou tais condições e foi autorizado a gozar da mesma liberdade de que desfrutava antes.

O imperador teria imediatamente pegado em armas para pôr no seu devido lugar o vassalo desobediente, caso não fosse desviado desse intento por uma mensagem do Papa Leão implorando sua ajuda. Os sarracenos haviam

desembarcado nos arrabaldes de Roma, ocupado o monte Janículo e se preparavam para atravessar o Tibre e levar fogo e espadas até a capital do mundo cristão. Carlos Magno cedeu sem hesitação aos pedidos do Papa. Rapidamente reuniu um exército, atravessou os Alpes e a Itália e chegou a Spoleto, uma fortaleza onde o Papa se refugiara. Leão, acompanhado de seus cardeais, foi ao seu encontro e lhe prestou homenagens por ser filho de Pepino, o ilustre protetor da Santa Sé, e ali estar, como fizera o pai, para defendê-la na hora da necessidade.

Carlos Magno se deteve apenas dois dias em Spoleto e, tomando conhecimento de que os infiéis haviam se declarado senhores de Roma e sitiavam o capitólio que a essa altura já carecia de condições para resistir aos invasores, partiu prontamente para atacá-los.

Os postos avançados da tropa se achavam sob o comando do Duque Namó, a quem Holger servia como escudeiro. Não portava armas, já que ainda não fora sagrado cavaleiro. O Auriflamma, o estandarte real, era levado por um cavaleiro chamado Alory, que se mostrou indigno de tamanha honra.

O Duque Namó, vendo uma enorme tropa de infiéis avançando para atacá-lo, deu ordens para rechaçá-los. Holger permaneceu na retaguarda, com os outros jovens, lamentando amargamente não ter permissão para lutar. Logo em seguida viu Alory baixar o Auriflamma e dar meia-volta, fugindo a galope. Holger apontou-o para os jovens que o acompanhavam e, pegando uma clava, correu ao encalço de Alory e o derrubou do cavalo. Em seguida, ajudado pelos companheiros, desarmou-o, vestiu sua armadura, ergueu o Auriflamma e, montando no cavalo do cavaleiro indigno, dirigiu-se a toda velocidade para o front, onde se juntou ao Duque Namó, obrigou os infiéis a retrocederem e carregou o Auriflamma por entre as fileiras inimigas rompidas. O duque, acreditando tratar-se de Alory, por quem não nutria grande estima, ficou perplexo diante de tanta força e coragem. Os jovens companheiros de Holger o imitaram, envergando as armaduras que retiraram dos corpos dos cavaleiros que haviam matado. Seguiram Holger e espalharam a morte entre os sarracenos, que bateram em retirada de forma tumultuada.

O Duque Namó deu ordens para que seus comandados recuassem, e Holger obedeceu com relutância, quando ficou claro que Carlos Magno avançava para ajudá-los. O combate generalizou-se e ficou mais terrível que

nunca. Carlos Magno derrubara Corsuble, o comandante sarraceno, e desembainhara sua famosa espada, a Joiosa, para decapitá-lo, quando dois cavaleiros sarracenos investiram contra o imperador ao mesmo tempo, um dos quais matou seu cavalo enquanto o outro derrubou-o na areia. Percebendo pela águia em seu capacete de quem se tratava, os dois se apearam rapidamente para desferir-lhe o golpe fatal. Jamais na vida o imperador correrá tamanho perigo. Holger, porém, que o viu cair, correu em seu socorro. Embora sobrecarregado com o estandarte, fez seu cavalo investir contra um dos sarracenos e o derrubou. Com a espada, então, desferiu um golpe vigoroso no outro que o deixou estirado no solo. Em seguida, ajudou o imperador a se pôr de pé e a montar no cavalo de um dos sarracenos derrubados.

— Generoso e valente Alory! — exclamou Carlos. — Devo-te a minha honra e a minha vida!

Holger não respondeu, mas, deixando Carlos Magno cercado por um grande número de cavaleiros que haviam acorrido em seu socorro, embrenhou-se nas fileiras mais densas do inimigo carregando o Auriflama e, seguido por uma escolta de jovens guerreiros, forçou o estandarte de Maomé a bater em retirada e os infiéis a buscarem a segurança de suas trincheiras.

Então, o bom arcebispo Turpin deixou de lado o elmo e a espada ensanguentada (pois sempre sentiu que matar infiéis fazia parte dos seus deveres), pegou sua mitra e seu rosário e entoou o Te Deum.

Nesse momento, Holger, coberto de sangue e poeira, se aproximou para depositar o Auriflama aos pés do imperador. Foi seguido por uma fila de guerreiros de baixa estatura que caminhavam pouco à vontade sob armaduras demasiado pesadas para eles. Holger se ajoelhou aos pés de Carlos Magno, que o abraçou, chamando-o de Alory, enquanto Turpin, do altar, o abençoava com entusiasmo. Foi quando o jovem Orlando, filho do conde Milone e sobrinho de Carlos Magno, não mais se sentindo capaz de testemunhar tamanho equívoco, atirou no chão o próprio elmo e correu para desamarrar o de Holger, enquanto os outros jovens faziam o mesmo com os seus. Nosso autor diz ser impossível descrever a surpresa, a admiração e o carinho do imperador e seus pares. Carlos envolveu Holger nos braços, e os afortunados pais daqueles jovens corajosos os abraçaram com lágrimas de felicidade nos olhos. O bom

Duque Namor deu um passo à frente, e Carlos Magno cedeu Holger para que o duque o abraçasse.

— Como é grande a minha dívida contigo, bom e sábio amigo, por ter freado a minha fúria! — disse o imperador a Namor. — Meu caro Holger, devo-te a minha vida! Minha espada insiste ansiosa para tocar teu ombro e o ombro daqueles jovens amigos valorosos que tens.

Após dizer tais palavras, desembainhou a famosa Joiosa e, com Holger e os demais ajoelhados diante de si, conferiu-lhes a honra de sagrá-los cavaleiros. O jovem Orlando e seu primo Oliveiros não conseguiram resistir, mesmo na presença do imperador, a correrem para Holger a fim de com ele compartilharem aquela irmandade em armas tão cara e sagrada aos cavaleiros dos velhos tempos. Charlot, porém, o filho do imperador, ao testemunhar a glória que Holger fizera chover sobre si mesmo, encheu-se do mais sinistro ódio e da mais perversa inveja.

O restante do dia e o dia seguinte foram gastos em comemorações do exército. Turpin, numa cerimônia solene implorou a bênção divina para os jovens cavaleiros e abençoou a armadura branca preparada para eles. O Duque Namor presenteou-os com esporas douradas e Carlos pessoalmente entregou-lhes as espadas. Qual não foi, porém, seu espanto, quando examinou a de Holger! A encantadora Fada Morgana, com seus poderes, substituíra a que originalmente caberia ao cavaleiro por outra, que fabricara para esse fim, e quando a retirou da bainha, Carlos viu surgirem na lâmina as seguintes palavras: “O meu nome é Cortana, do mesmo aço e tempera da Joiosa e da Durindana.” Carlos percebeu que um poder superior velava pelo destino de Holger; jurou amá-lo como faria um pai e Holger prometeu-lhe a devoção de um filho. Felizes teriam sido ambos, caso tivessem continuado a honrar suas promessas.

O exército sarraceno mal se recuperara da derrota quando Carahue, Rei da Mauritânia, um dos cavaleiros derrubados por Holger ao socorrer Carlos Magno, resolveu desafiá-lo para um único combate. Com isso em mente, vestiu-se como um mensageiro a fim de levar a própria mensagem. Os cavaleiros franceses admiraram sua postura e comentaram entre si que ela parecia mais adequada a um cavaleiro do que a um mensageiro.

Carahue começou elogiando com entusiasmo o cavaleiro que levava o Auriflama no dia da batalha e concluiu dizendo que Carahue, Rei da Mauritânia, desenvolvera tamanho respeito por esse cavaleiro que o desafiava agora para o combate.

Holger já se preparava para responder quando foi interrompido por Charlot, que disse que o compromisso com o Rei da Mauritânia não podia ser assumido adequadamente por um vassalo que vivia em cativeiro, referindo-se a Holger, que a essa altura se achava na condição de refém em nome do pai. Os olhos de Holger faiscaram, mas a presença do imperador refreou sua resposta e ele foi acalmado pela expressão carinhosa de Carlos Magno que disse num tom furioso:

— Cala-te, Charlot! Pela vida de Bertha, minha rainha, aquele que salvou a minha vida me é tão caro quanto tu. Holger — prosseguiu —, não és mais um refém. Mensageiro, leva minha resposta ao teu senhor: jamais um cavaleiro da minha Corte recusaria um desafio em condições de igualdade. Holger, o dinamarquês, aceita o dele e eu mesmo serei o garantidor do compromisso.

Carahue, curvando-se em reverência, respondeu:

— Meu senhor, eu tinha certeza de que os sentimentos de um soberano tão poderoso como vós seriam digno da vossa fama brilhante; levarei vossa resposta ao meu senhor, que sei que vos admira e contra a vontade pega em armas contra vós.

Em seguida, virando-se para Charlot, que desconhecia ser filho do imperador, continuou:

— Quanto a vós, senhor cavaleiro, se o desejo de combater vos inflama, tenho a incumbência de Sadon, primo do Rei da Mauritânia, de fazer similar desafio a quaisquer cavaleiros franceses que lhe deem a honra de um combate.

Charlot, ardendo de raiva e vergonha diante da reprovação pública que acabara de receber, não hesitou em aceitar o compromisso. Carahue recebeu seu aceite e o de Holger, e ficou acertado que o combate seria no dia seguinte numa campina flanqueada por florestas e equidistante de ambos os exércitos.

O pérfido Charlot dedicou-se a elaborar a mais cruel das traições. Durante a noite, reuniu alguns cavaleiros indignos dessa posição e semelhantes a ele em termos de atitudes vis. Fez todos jurarem vingar as ofensas que recebera, vestiu-os em armaduras negras e os mandou ficar de tocaia na floresta, com ordens de

fingir um ataque ao grupo todo, mas na realidade com a missão de capturar Holger e os dois sarracenos.

Ao raiar da aurora, Sadon e Carahue, escoltados por dois escudeiros portando suas lanças, partiram para o local designado. Charlot e Holger também se dirigiram para lá, mas por caminhos distintos. Holger se aproximou com expressão serena, saudou cortesmente os dois cavaleiros sarracenos e juntou-se a ambos na elaboração dos termos do combate.

Enquanto isso, o pérfido Charlot ficou para trás e deu a seus homens o sinal para avançarem. O grupo covarde surgiu da floresta e investiu contra os três cavaleiros, que ficaram igualmente surpresos ante o ataque, mas não suspeitaram de que haviam sido vítimas de traição. Vendo-se atacados sem distinção, uniram forças para resistir e rechaçaram os agressores. A espada Cortana não falhou em desferir sequer um único golpe que não fosse mortal, mas a de Carahue não era feita da mesma têmpera e partiu-se em suas mãos. No mesmo instante, seu cavalo foi morto e Carahue caiu, desarmado, e enredado no cavalo prostrado. Holger, ao ver isso, correu em sua defesa e pulando para o chão cobriu o príncipe com seu escudo, entregou-lhe a espada de um dos rufiões eliminados e preparou-se para ajudá-lo a montar no próprio cavalo. Nesse momento, Charlot, tomado de raiva, avançou com seu cavalo sobre Holger, derrubou-o e o teria trespassado com a lança se Sadon, que testemunhara a traição, não investisse contra ele e impedisse o golpe. Carahue montou rapidamente no cavalo que Holger lhe apresentara e teve tempo apenas de exclamar: “Valoroso Holger, não sou mais vosso inimigo, prometo-vos minha eterna amizade”, enquanto um grande grupo de cavaleiros sarracenos já se aproximava, tendo descoberto a traição, e Charlot com seus seguidores se refugiavam na floresta.

A tropa que avançou era comandada por Dannemont, o exilado Rei da Dinamarca, o qual Godofredo, pai de Holger, tirara do trono e obrigara a buscar refúgio com os sarracenos. Ao descobrir a identidade de Holger, imediatamente Dannemont declarou-o prisioneiro, a despeito dos apelos urgentes e até mesmo das ameaças de Carahue e Sadon, e o levou sob forte vigilância para o acampamento sarraceno. Ali, Holger foi a princípio submetido ao mais rigoroso cativo, mas Carahue e Sadon insistiram com tamanha veemência para que o libertassem, ameaçando inclusive pegar em

armas contra os próprios compatriotas se não fossem atendidos, embora Dannemont com igual veemência se opusesse a isso, que Corsuble concordou com uma medida intermediária, concedendo a liberdade a Holger, com a promessa de que ele não partiria sem a sua permissão.

Carahue não ficou satisfeito com essa concessão parcial. Partiu na manhã seguinte em direção ao acampamento de Carlos Magno e exigiu ser levado à presença do imperador. Quando se viu diante do soberano, apeou-se do cavalo, tirou o elmo, desembainhou a espada e, segurando-a pela lâmina, ofereceu-a a Carlos Magno, ajoelhando-se aos seus pés.

— Ilustre príncipe — disse —, diante de vós está o mensageiro que trouxe o desafio a vossos cavaleiros da parte do Rei da Mauritânia. O covarde Rei Dannemont fez de Holger seu prisioneiro e conseguiu convencer o nosso comandante a se recusar a libertá-lo. Aqui estou para reparar sua conduta cruel oferecendo a mim mesmo, Carahue, Rei da Mauritânia, para ser seu prisioneiro.

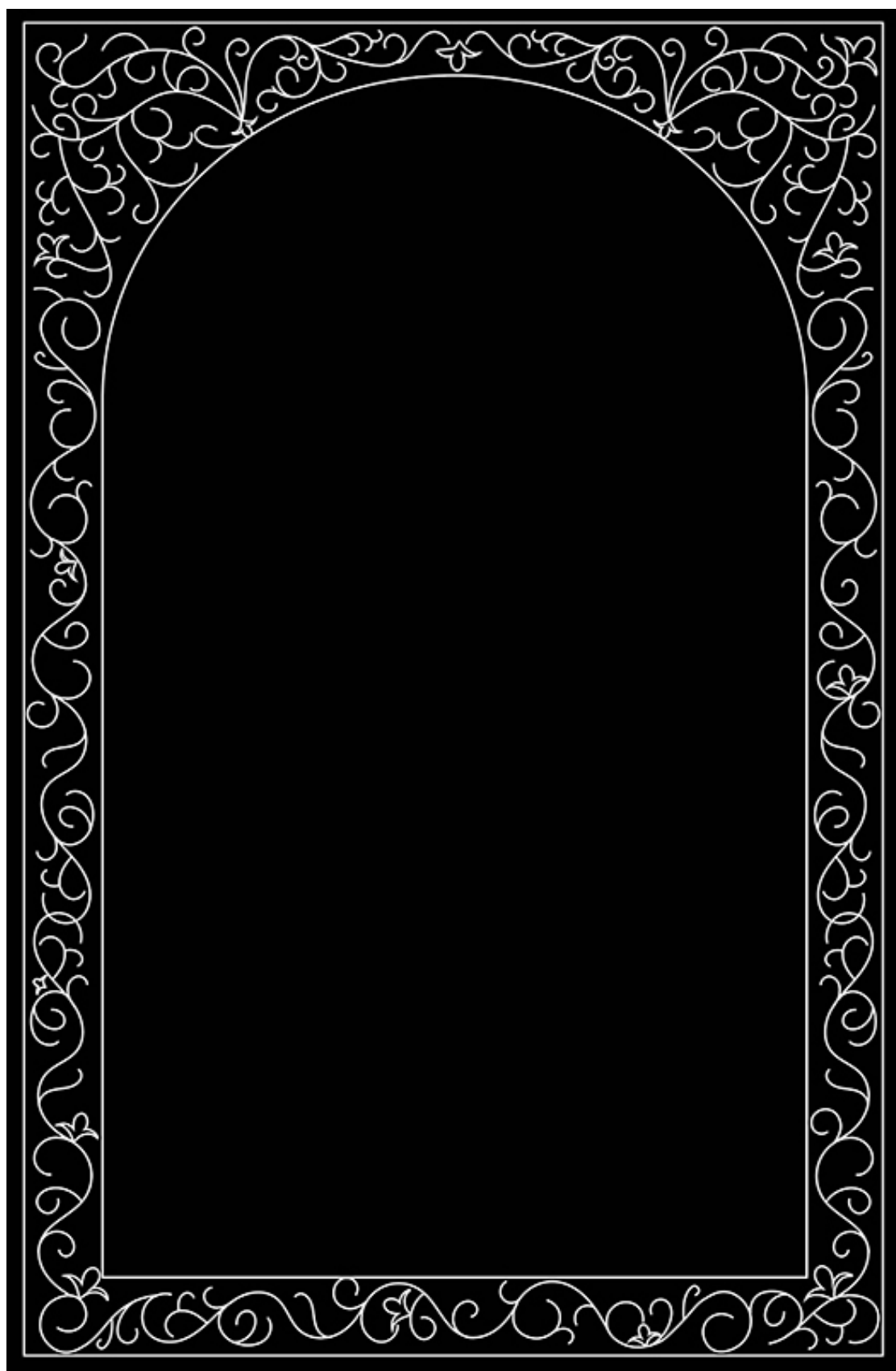
Carlos Magno, bem como todos os seus pares, admirou a magnanimidade de Carahue, ajudou-o a ficar de pé, abraçou-o e devolveu-lhe a espada.

— Príncipe — disse o imperador —, a vossa presença e o formidável exemplo que provedes aos meus cavaleiros me consola da perda de Holger. Quem dera Deus vos desse a bênção de receber a nossa fé sagrada e assim vos unirdes a todos nós.

Todos os nobres da Corte, liderados pelo Duque Namu, renderam homenagens ao Rei da Mauritânia. Apenas Charlot deixou de comparecer, temendo ser reconhecido como um traidor. O coração de Carahue, porém, era demasiado bondoso para partir o de Carlos Magno contando-lhe a traição do filho.

Enquanto isso, no exército sarraceno grassava a discórdia. Os soldados de Carahue clamavam contra o comandante porque o rei havia sido abandonado no cativoiro, chegando mesmo a ameaçar desertar a causa e apontar as armas para os aliados. Carlos Magno manteve vigorosamente o cerco até que afinal os líderes sarracenos se viram obrigados a deixar a cidade e voltar para seus navios. Fez-se uma trégua; Holger foi trocado por Carahue e os dois amigos se abraçaram com a promessa de irmandade perpétua. O Papa pôde retornar a

seus domínios e, com a Itália tranquila, Carlos Magno voltou com seus pares e seguidores para a França.



Capítulo XXV



HOLGER, O DINAMARQUÊS (CONTINUAÇÃO)

Carlos Magno não esquecera a ofensa de Godofredo, o Rei da Dinamarca, ao recusar-se a lhe prestar homenagem, e agora se preparava para obrigá-lo a cumprir o ritual. No entanto, nessa crise ele foi assistido por uma comitiva de enviados de Godofredo, que reconhecia a falha e ansiava por auxílio contra um exército de invasores que atacara seus domínios com uma potência impossível de rechaçar. A alma de Carlos Magno era demasiado nobre para que ele se mostrasse implacável e sua decisão foi de aproveitar a oportunidade para testar a nobreza de alma de Holger, que sentira profundamente a crueldade do pai ao deixá-lo, sem consideração ou aviso, quinze anos no cativeiro. Carlos perguntou a Holger se, a despeito da negligência do pai, ele estaria disposto a comandar um exército para ir socorrê-lo. Holger respondeu que “um filho jamais pode se recusar a ajudar o pai por motivo algum salvo a morte”. Carlos Magno pôs um exército de mil cavaleiros sob o comando de Holger e muitos mais se voluntariaram para marchar sob as ordens de um líder tão respeitado. Holger correu para socorrer o pai, rechaçou os invasores e obrigou-os a embarcar desordenadamente em suas naus, voltando em seguida apressadamente à capital. Entretanto, ao se aproximar da cidade, ouviu os sinos dobrando e logo descobriu o motivo: tratava-se das exéquias de Godofredo, o rei. Holger sentiu um profundo pesar por não lhe ter sido permitido abraçar o pai uma última vez e tomar conhecimento de seus derradeiros desejos, mas descobriu que o pai o declarara herdeiro do trono. Correu, então, para a igreja onde se encontrava o falecido, ajoelhou-se e molhou o corpo sem vida com as próprias lágrimas. Nesse momento uma luz celestial tudo iluminou e a voz de um anjo disse:

— Holger, deixai vossa coroa para Guyon, vosso irmão, e não useis qualquer outro título senão o de “o dinamarquês”. Vosso destino é glorioso e outros reinos vos estão reservados.

Holger obedeceu ao comando divino. Saudou a madrastra respeitosamente e, abraçando o irmão, disse-lhe que estava satisfeito com a sua posição de destaque entre os paladinos de Carlos Magno e renunciou a toda e qualquer reivindicação à coroa da Dinamarca.

Holger voltou à Corte de Carlos Magno coberto de glórias, e o imperador, comovido por essa prova de comprometimento, encheu-o de carinho e passou a tratá-lo quase como a um igual.

Silenciamos sobre as aventuras de Holger ao longo de vários anos a partir daí, nas quais os dons que as fadas lhe concederam quando era ainda um bebê se revelaram potentes o bastante para torná-lo bem-sucedido em todas as empreitadas, quer no amor, quer na guerra. Holger casou-se com a encantadora Belicene e com ela teve Baldwin, um jovem que pareceu ter herdado em sua plenitude a força e a coragem do pai, assim como a beleza da mãe. Quando atingiu a idade adequada para ser separado da mãe, Holger o abraçou e o pôs a seu serviço. Tanto o Duque Namo quanto os cavaleiros mais velhos davam a impressão de ver no rapaz o próprio Holger quando tinha a sua idade, e essa semelhança fez o rapaz angariar a simpatia de todos. Até mesmo Charlot aparentava gostar dele, embora passado algum tempo precisamente essa semelhança com Holger tenha acabado por despertar seu ódio.

Baldwin era atencioso com Charlot e não perdia oportunidade alguma de lhe ser prestativo. O príncipe adorava jogar xadrez, e Baldwin, que era um ótimo enxadrista, com frequência o enfrentava no tabuleiro.

Um dia, Charlot se aborreceu com a perda sucessiva de duas peças e achou que, tomando uma peça de Baldwin conseguiria compensar de alguma forma seu prejuízo. Baldwin, porém, vendo o adversário cair numa armadilha que ele lhe armara, não conseguiu refrear um risinho ao dizer “xeque-mate”. Charlot se pôs de pé furioso, agarrou o tabuleiro luxuoso e pesado e atirou-o com toda a força na cabeça de Baldwin que caiu e morreu na hora.

Assustado diante do próprio crime e temendo a vingança do terrível Holger, Charlot se escondeu no interior do palácio. Um jovem colega de Baldwin apressou-se a contar o que ocorrera a Holger, que correu até o salão,

viu o corpo do filho coberto de sangue e não houve como esconder dele que o agressor fora Charlot. Desvairado pela raiva, Holger procurou Charlot em todo o palácio, e Charlot, não se sentindo seguro em qualquer outro local, refugiou-se no salão de Carlos Magno, onde se sentou à mesa com o Duque Namo e Salomão, Duque da Bretanha. Holger, empunhando a espada, seguiu o príncipe até a mesa do próprio imperador. Quando um copeiro tentou barrar-lhe o caminho, Holger arrancou a taça que o criado tinha na mão e jogou o conteúdo no rosto do imperador. Carlos levantou-se enfurecido, pegou uma faca e a teria enfiado no peito do cavaleiro, caso Salomão e um outro nobre não se tivessem interposto entre ambos, enquanto Namo, que ainda mantinha forte influência sobre Holger, retirou-o do aposento. Antecipando a consequência dessa violência e com pena de Holger, a quem, de coração, desculpou a insanidade, Namo o fez deixar às pressas o palácio antes que os guardas o prendessem, obrigou-o a montar em seu cavalo e partir de Paris.

Carlos Magno convocou seus pares e exigiu que todos jurassem envidar todos os esforços possíveis para prender Holger e lhe aplicar um castigo condigno. Holger, por sua vez, enviou mensagens ao imperador informando que se entregaria com a condição de que Charlot fosse punido por seu crime atroz. O imperador não quis sequer ouvir falar em condições e saiu no encalço de Holger comandando uma grande tropa de soldados. Holger, por outro lado, foi apoiado com ardor por muitos cavaleiros, que se comprometeram a defendê-lo. A contenda se estendia sem resultados decisivos. Holger mais de uma vez teve o imperador em suas mãos, mas se recusou a aproveitar tal vantagem e libertou-o sem impor condições. Chegou mesmo a implorar o perdão, mas exigiu, ao mesmo tempo, a punição de Charlot. Carlos Magno, porém, era apegado em demasia ao filho indigno para sujeitá-lo a um castigo com a finalidade de se reconciliar com alguém que tão gravemente o ofendera.

Afinal, angustiado ao ver o sangue que os amigos haviam perdido para defender sua causa, Holger dispersou seu pequeno exército e, afastando-se daqueles que pretendiam ajudá-lo, partiu para se reunir com o Duque Guyon, seu irmão. No caminho, tendo alcançado a floresta de Ardenas e cansado da longa jornada, o frescor de um vale ermo atraiu-o para deitar-se e repousar um pouco. Desarreou Beiffror, tirou o elmo, deitou-se na grama, descansou a cabeça sobre o escudo e adormeceu.

Ocorre que Turpin, que vez por outra se lembrava de ser o arcebispo de Reims, encontrava-se nesse momento nas redondezas, fazendo uma visita pastoral às igrejas da sua jurisdição. Sua dignidade como par de França e seu espírito marcial, porém, que o faziam ser reconhecido como um “valeroso cavaleiro” da sua época, o impediam de viajar sem um séquito de cavaleiros tão numeroso quanto o de clérigos. Um deles sentiu sede e, conhecendo a nascente às margens da qual Holger repousava, cavalgou até lá e foi surpreendido pela visão de um cavaleiro estendido na grama. Correu, então, para informar o arcebispo, que, se aproximando da nascente, reconheceu Holger.

O primeiro impulso do bom e generoso Turpin foi salvar o amigo, pelo qual nutria um afeto profundo. No entanto, seus arcebispos e cavaleiros, que também reconheceram Holger, recordaram a Turpin o juramento que o imperador cobrara de todos eles. Turpin não pôde descumprir o juramento, mas foi a contragosto que permitiu que sua comitiva amarrasse o cavaleiro adormecido. Os acompanhantes do arcebispo despojaram Holger do cavalo e das armas e conduziram o prisioneiro até o imperador em Soissons.

O imperador se tornara tão amargurado com a resistência obstinada de Holger, somada à ofensa original, que estava decidido a condená-lo à morte imediata, mas Turpin, junto ao bom Duque de Namã e Salomão, tanto imploraram a seu favor que Carlos Magno consentiu em revogar a morte violenta, mas sentenciou-o a um cativeiro rígido, a cargo do arcebispo, limitando sua ração de comida a um quarto diário de broa de pão, com um pedaço de carne e um quarto de copo de vinho. Dessa forma, o monarca esperava pôr fim rapidamente à vida do cavaleiro sem atrair a hostilidade do Rei da Dinamarca e dos outros poderosos amigos de Holger. Obteve de Turpin um novo juramento: obediência estrita a essa ordem.

O bom arcebispo gostava demasiado de Holger para não buscar algum meio de salvar sua vida, que ele previa logo chegaria ao fim caso o sujeitasse a dieta tão escassa, pois Holger media dois metros e dez centímetros e seu apetite era proporcional a essa altura. Turpin lembrou-se, ademais, que Holger era um fiel filho da Igreja, sempre zeloso na propagação da Fé e na conversão de infiéis. Julgou-se, portanto, no direito de praticar aquilo que em épocas mais recentes ficou conhecido como “reserva mental”, sem se desviar do juramento que fizera. O método que escolheu foi o seguinte:

Toda manhã, ele fornecia ao prisioneiro um quarto de broa de pão feito com cinquenta quilos de farinha acrescido de um quarto de uma ovelha ou de um bezerro gordo, e mandou confeccionar uma taça com capacidade para dezenove litros de vinho, da qual permitia que Holger bebesse um quarto diariamente.

O cativeiro de Holger foi longo; Carlos Magno reagia com perplexidade quando lhe informavam, de tempos em tempos, que o prisioneiro ainda resistia, e sempre que perguntava pessoalmente ao arcebispo sobre a situação, o bom Turpin não hesitava em afirmar que não permitia ao prisioneiro mais do que a ração permitida.

Esquecemos de mencionar que, quando Holger foi levado como prisioneiro até Soissons, o abade de Saint Faron, vendo o excelente cavalo que era Beiffror e não tendo no momento qualquer outro favor a pedir a Carlos Magno, implorou ao imperador para lhe dar o cavalo e o levou para sua abadia. Viu-se impaciente para testar sua nova aquisição e, quando chegou ao local onde o animal fora criado, ao pé da montanha, montou-o e se pôs a cavalgar. O cavalo, habituado ao enorme peso de Holger envergando armadura, quando sentiu no lombo apenas o leve peso do abade, cujo comprido hábito esvoaçava de encontro a seus flancos, disparou a toda velocidade, galopando vertiginosamente pelos aclives íngremes da montanha até chegar ao convento de Jouaire, onde, à vista da abadessa e de suas freiras, jogou o abade, já meio morto de medo, no chão. O abade, cheio de hematomas e mortificado, vingou-se do pobre Beiffror, o qual condenou, em sua fúria, a servir os operários carregando pedras para uma capela em construção perto da abadia. Foi assim, mal alimentado, extenuado e com frequência surrado, que o nobre Beiffror passou o tempo enquanto durou o cativeiro do seu dono.

Esse cativeiro teria sido tão longo quanto a vida do cativo não fosse a ocorrência de alguns acontecimentos importantes que obrigaram o imperador a libertar Holger.

O imperador soube, simultaneamente, que Carahue, Rei da Mauritânia, estava reunindo um exército para ir à França e exigir a libertação de Holger; que Guyon, Rei da Dinamarca se preparava para aderir à empreitada com todas as suas tropas e, o pior de tudo, que os sarracenos, comandados por Bruhier,

sultão da Arábia, aportara na Gasconha, tomara Bordeaux e marchava a toda velocidade para Paris.

Carlos Magno sentiu, então, como lhe era necessária a ajuda de Holger. No entanto, apesar dos pedidos de Turpin, Namo e Salomão, não estava disposto a impor a Charlot o castigo que Holger considerasse adequado. Além disso, acreditava que Holger estivesse sem forças e vigor, enfraquecido pelo encarceramento e pela longa abstinência.

Foi durante essa crise que recebeu uma mensagem de Bruhier, propondo que a questão fosse decidida de acordo com o resultado de um combate entre ele mesmo e o imperador ou seu representante e prometendo que, caso fosse derrotado, recuaria com seu exército. Carlos Magno teria de bom grado aceitado o desafio, mas todos os seus conselheiros se opuseram a isso. Ao mensageiro foi, então, informado que o imperador refletiria sobre a proposta e daria a resposta no dia seguinte.

Foi nesse intervalo que os três duques conseguiram convencer Carlos Magno a perdoar Holger e mandá-lo combater o potente inimigo que o desafiava agora. Não foi, porém, tarefa fácil convencer Holger. A ideia de sua longa prisão e a lembrança do filho sangrando e morrendo em seus braços em consequência do golpe do furioso Charlot levaram-no a resistir um bom tempo ao apelo urgente dos amigos. Embora a glória o chamasse a confrontar Bruhier e a segurança da cristandade exigisse a destruição desse arrogante inimigo da Fé, Holger só acabou cedendo sob a condição de que Charlot lhe fosse entregue para que dele fizesse o que desejasse.

As condições eram duras, mas o perigo pressionava, e Carlos Magno, com um resquício do seu senso de justiça e uma forte confiança na alma generosa, embora passional, de Holger, finalmente aceitou-as.

Holger foi conduzido à presença de Carlos Magno por três paladinos. O imperador, fiel à própria palavra, ordenara que Charlot fosse levado ao salão onde se achava reunida a alta nobreza, com as mãos amarradas e a cabeça descoberta. Quando viu Holger se aproximar, o imperador pegou Charlot pelo braço, conduziu-o até Holger e disse:

— Entrego o criminoso. Faz com ele o que julgares adequado.

Holger, sem responder, pegou Charlot pelos cabelos, forçou-a a se ajoelhar e com a outra mão ergueu sua espada imbatível. Carlos Magno, que esperava

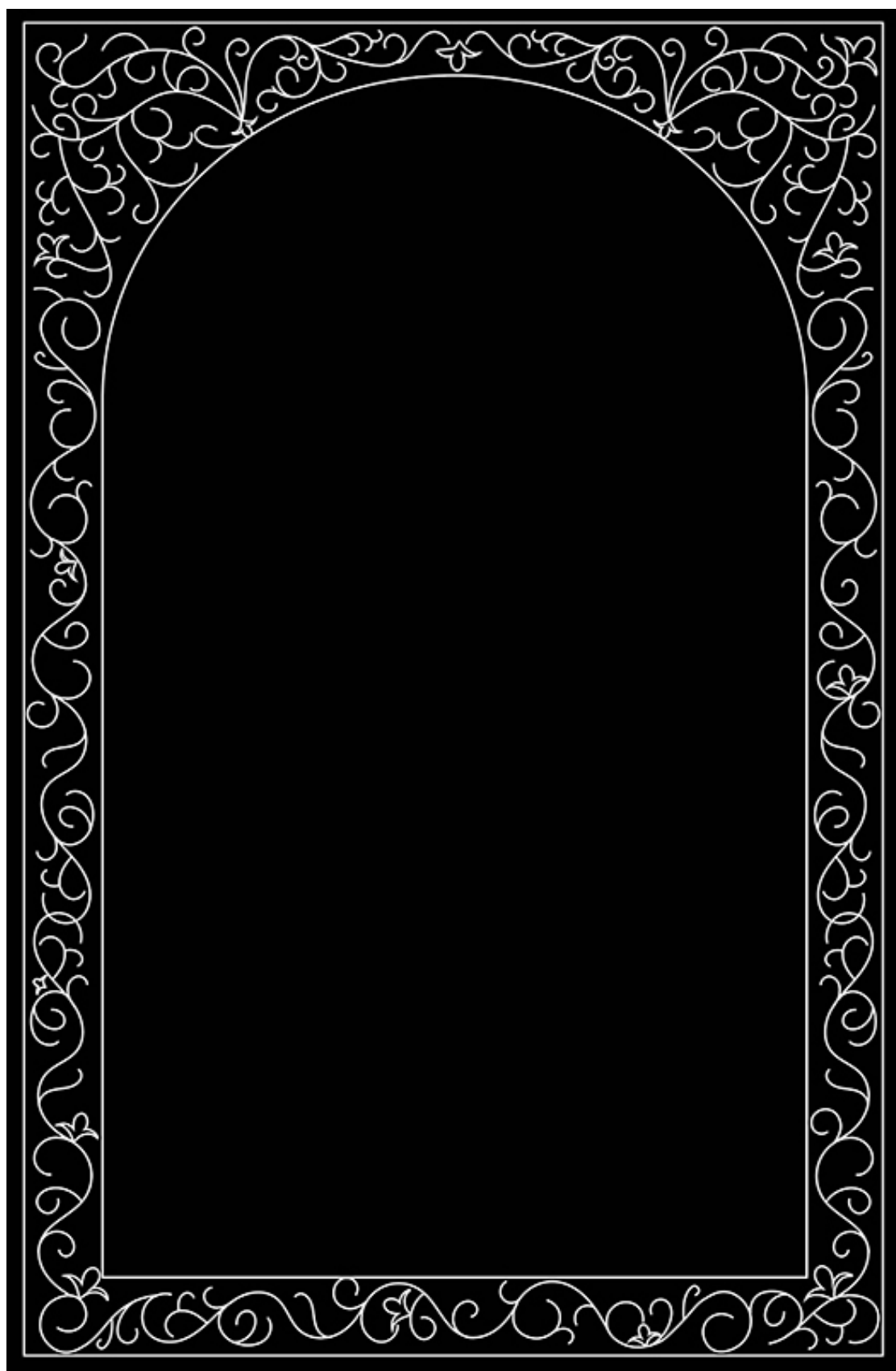
ver a cabeça do filho rolar pelo chão, fechou os olhos e soltou um grito de horror.

Para Holger isso bastou. No instante seguinte, ele ergueu Charlot, cortou a corda que lhe atava as mãos, beijou-o na boca e correu para prostrar-se aos pés do imperador.

Nada é capaz de superar a surpresa e a alegria de Carlos Magno ao ver o filho ileso e Holger ajoelhado a seus pés. Envolveu-o nos braços, banhou-o com as próprias lágrimas e exclamou para os nobres:

— Sinto neste momento que Holger é mais nobre que eu.

Quanto a Charlot, sua alma vil nada sentiu além da alegria de ter escapado da morte; continuou como sempre havia sido e não foi senão alguns anos depois que recebeu o castigo merecido, pelas mãos de Huon de Bordeaux, como já vimos em um capítulo anterior.



Capítulo XXVI



HOLGER, O DINAMARQUÊS (CONTINUAÇÃO)

Quando conseguiu se recompor, Carlos Magno ficou surpreso ao ver Holger surgir com boa aparência e bochechas rosadas. Virou-se para o arcebispo, que não pôde evitar enrubescer ao enfrentar o olhar do imperador.

— Pela vida de Bertha, minha rainha! — exclamou Carlos Magno. — Holger desfrutou de boas acomodações no vosso castelo, senhor arcebispo. Sinto-me ainda mais em débito convosco.

Todos os nobres riram e brincaram com Turpin, que disse apenas:

— Ride o quanto quiserdes, caros nobres, mas da minha parte não lamento ver o cavaleiro em pleno vigor e apto a nos vingar contra o orgulhoso sarraceno.

Carlos Magno imediatamente despachou seu mensageiro para aceitar o desafio e designar o dia seguinte ao seguinte para o combate. O arrogante e engenhoso Bruhier riu com desdém ao ouvir a resposta, pois dispunha de certos recursos além da sua força e habilidade naturais. No entanto, jurou por Maomé cumprir os termos propostos e acordados.

Holger exigiu sua armadura, que lhe foi entregue em excelentes condições, já que o bom Turpin a conservara lealmente. Não foi fácil, porém, arranjar um cavalo para a ocasião. Carlos Magno mandou trazer os melhores cavalos de seus estábulos, com exceção de Blanchard, seu próprio cavalo de batalha. Foi tudo em vão, contudo, pois o peso de Holger fazia os animais quase tocarem o chão com o ventre. Constrangido, o arcebispo lembrou-se de que o imperador dera Beiffror ao abade de St. Faron e enviou um mensageiro às pressas para pedir que o clérigo o devolvesse.

Monges são guardiões severos, e o que chefiava os operários na abadia cumprira à risca as ordens do abade. O pobre Beiffror foi levado de volta,

magro, abatido e cheio de assaduras por conta dos arreios da carroça infame que tivera de arrastar durante tanto tempo. De cabeça baixa trotou pesadamente diante de Carlos Magno. Ao ouvir, porém, a voz de Holger, ergueu a cabeça, relinchou, seus olhos faiscaram e seu ardor de antes se fez notar pela força das patas contra o solo. Holger acariciou-o, e o afetuoso garanhão pareceu retribuir o carinho. Holger montou em seu lombo e Beiffror, orgulhoso de carregar novamente seu dono, saltou e corcoveou com todo o antigo vigor juvenil.

Não faltando mais nada agora, Carlos Magno, no comando do seu exército, deixou a cidade de Paris e ocupou a colina de Montmartre, de onde era possível enxergar toda a planície de St. Denis, onde seria realizado o combate.

Quando o dia marcado chegou, os duques Namor e Salomão, na condição de escudeiros de Holger, acompanharam o cavaleiro até o local designado para a arena, e Bruhier, com dois importantes emires, apresentou-se como oponente.

Bruhier estava animado e gracejou com os amigos, conforme avançava, a respeito da aparência de Beiffror.

— Por acaso é esse o cavalo que supostamente fará jus a Marcheallee, o melhor garanhão já criado nos vales do Monte Atlas?

Após se encontrarem e trocarem saudações mútuas, os combatentes se afastaram e tomaram impulso para se confrontarem a galope. Beiffror correu a toda velocidade e alcançou o adversário além da metade do caminho. As lanças dos dois combatentes se partiram com o choque, e Bruhier ficou atônito ao ver quase ao mesmo tempo a espada de Holger reluzir acima da própria cabeça. Aparou-a com seu escudo e desferiu um golpe no elmo de Holger, que devolveu-lhe outro, mais certo ou mais bem complementado pela têmpera da lâmina, pois partiu um pedaço do elmo de Bruhier, levando junto uma orelha e parte da bochecha. Holger, vendo o sangue, não repetiu de imediato o golpe, e Bruhier aproveitou a oportunidade para se afastar a galope. Enquanto galopava, pegou um vaso de ouro pendurado em sua sela e banhou com seu conteúdo as feridas. O sangramento cessou imediatamente, a orelha e a carne do rosto foram praticamente restauradas. O dinamarquês viu, perplexo, o adversário voltar à arena tão em forma quanto sempre estivera.

Bruhier riu diante dessa perplexidade.

— Saibai — disse ele — que eu possuo o bálsamo precioso que José de Arimateia usou no corpo do crucificado que adorais. Se eu perdesse um braço poderia restaurá-lo com umas poucas gotas desse líquido. É inútil continuardes essa contenda comigo. Entregai-vos e, como tendes a aparência de um indivíduo forte, farei de vós o principal remador de uma das minhas galés.

Holger, embora espumasse de raiva, não se esqueceu de implorar a ajuda divina:

— Oh, Senhor! — exclamou. — Não deixeis que o inimigo do Vosso nome se aproveite do auxílio poderoso daquilo cujas virtudes derivam do Vosso divino sangue.

Com essas palavras, atacou novamente Bruhier com mais vigor do que nunca; ambos trocaram golpes terríveis e causaram ferimentos gravíssimos, embora o sangue jorrasse dos de Holger, enquanto o sangramento de Bruhier era estancado com a aplicação do bálsamo. Holger, desesperado ante esse confronto desigual, agarrou a Cortana com ambas as mãos e desferiu no inimigo um golpe tal que partiu o escudo e cortou-lhe o braço. Bruhier, ao mesmo tempo, investiu contra Holger, mas em lugar de atingi-lo, acabou golpeando a cabeça de Beiffror, que caiu, levando junto o cavaleiro.

Bruhier teve tempo de pular do cavalo, pegar do chão o braço e aplicar o bálsamo. Então, antes que Holger se pusesse de pé, adiantou-se correndo com a espada em riste para concluir a destruição.

Carlos Magno, do alto de Montmartre, vendo o corajoso Holger nessa situação, grunhiu e já estava prestes a queixar-se da Providência, quando o bom Turpin, erguendo os braços, com uma fé similar a de Moisés, invocou para o guerreiro cristão a benção dos céus.

Holger, prontamente se esquivando, empurrou Bruhier com tamanho ímpeto que o afastou bastante do seu cavalo, na sela do qual se achava pendurado o bálsamo precioso. Não demorou para que Carlos Magno visse Holger, agora em absoluta vantagem, pôr de joelhos o inimigo, arrancar-lhe o elmo e, com a lâmina da espada, seccionar sua cabeça do corpo.

Após a vitória, Holger foi até Marchevallee, montou em seu lombo e tomou posse do frasco precioso, poucas gotas do qual fecharam suas feridas e lhe restauraram as forças. Os cavaleiros franceses que até então eram

prisioneiros de Bruhier foram libertados e cercaram Holger para lhe agradecer estarem livres.

Carlos Magno e seus nobres, logo que sua atenção foi desviada do combate, perceberam da posição em que se encontravam uma agitação incomum no acampamento inimigo. A princípio atribuíram o fato à morte do comandante, mas logo o ruído de armas, os gritos dos soldados e novos estandartes à vista revelaram que o exército de Bruhier estava sendo atacado por um novo inimigo.

O imperador estava certo; tratava-se do valoroso Carahue da Mauritània, que, com um exército, chegara à França, decidido a libertar Holger, seu irmão de armas. Tomando conhecimento ao chegar da mudança de rumo dos acontecimentos, não hesitou em prestar um serviço ao imperador, atacando o exército de Bruhier em meio à consternação pela perda do seu comandante.

Holger reconheceu o estandarte do amigo e montando imediatamente em Marchevallee, correu para ajudá-lo a atacar. Carlos Magno seguiu também com seu exército, e a hoste sarracena, após um renhido conflito, foi obrigada a render-se incondicionalmente.

O encontro de Holger e Carahue foi como seria de esperar de dois amigos tão próximos e cavaleiros rematados. Carlos Magno foi ao encontro de ambos, abraçou-os e, botando o Rei da Mauritània à sua direita e Holger à sua esquerda, voltou em triunfo para Paris. Lá, a Imperatriz Bertha e as damas da Corte os coroaram com louros, e o sábio e galante Eginhardo, conselheiro e biógrafo do imperador, deixou para a posteridade todos esses grandes acontecimentos em seus relatos.

Alguns dias depois, Guyon, Rei da Dinamarca, chegou à França com um grupo seleta de cavaleiros e enviou um embaixador até Carlos Magno avisando-o de que ali estava não como inimigo, mas para prestar-lhe homenagem por ser o melhor cavaleiro da época e o chefe do mundo cristão. Carlos Magno recebeu calorosamente o embaixador e, montando em seu cavalo, foi ao encontro do Rei da Dinamarca.

Esses grandes soberanos, reunidos na Corte de Carlos, se juntaram para confabular, e os membros sábios da nobreza tradicional foram convidados a participar das discussões.

Ficou decidido que os exércitos da Dinamarca e da Mauritânia em conjunto atravessariam os mares e levariam a guerra ao país dos sarracenos e que mil cavaleiros franceses se uniriam a eles sob o estandarte de Holger, o dinamarquês, que, embora não fosse rei, estaria em igualdade de condições com os outros dois.

Carecemos de espaço para relatar todas as ações ilustres executadas por Holger e seus aliados nessa guerra. Basta dizer que eles subjugaram os sarracenos de Ptolemaida e da Judeia e, elevando essas regiões a reino, coroaram Holger como soberano. Guyon e Carahue se despediram dele para voltar aos respectivos domínios. Holger adotou Walter, o filho de Guyon da Dinamarca, para fazê-lo seu sucessor no trono. Supervisionou sua educação e viu o jovem príncipe crescer fazendo jus a seus cuidados. Holger, contudo, a despeito de todas as honrarias do seu posto, com frequência sentia falta da Corte de Carlos Magno, do Duque Namo e de Salomão da Bretanha, por quem tinha o respeito e a afeição de um filho. Finalmente, ciente de que Walter já tinha idade suficiente para suportar o peso de governar, Holger mandou secretamente preparar uma nau e, acompanhado por apenas um escudeiro, deixou seu palácio durante a noite e embarcou de volta à França.

O embarcação, impelida por um vento favorável, singrou os mares com a rapidez de um pássaro, mas de repente desviou-se do rumo, parando de obedecer ao leme e avançando depressa em direção a um promontório negro que se projetava no mar. Era uma montanha de magnetita, cujo poder de atração, cada vez maior conforme diminuía a distância, acabou levando a nau a voar com a velocidade de uma flecha em sua direção e se despedaçar contra a base rochosa do monte. Apenas Holger sobreviveu e chegou à praia flutuando sobre um fragmento dos destroços.

Holger se embrenhou para além das areias, em busca de algum sinal da existência de habitantes, mas nada achou. Encontrou, de repente, dois animais monstruosos cobertos de escamas reluzentes acompanhados de um cavalo que soltava fogo pelas narinas. Desembainhando a espada, preparou-se para defender a própria vida, mas os monstros, por mais terríveis que parecessem, não tentaram atacá-lo, e o cavalo, Papillon, ajoelhou-se como se convidasse Holger a montar em seu lombo. Holger não hesitou em viver essa aventura. Montou em Papillon, que saiu galopando velozmente e logo se afastou das

rochas e precipícios que abrigavam e escondiam uma bela paisagem. Seguiu seu caminho até chegar a um magnífico palácio e, sem dar a Holger tempo para admirá-lo, atravessou um pátio imponente adornado com colunas majestosas e entrou num jardim, onde, abrindo caminho por entre alamedas de murta, encerrou a jornada e se ajoelhou sobre a viçosa relva que circundava uma nascente.

Holger se apeou e deu alguns passos ao longo da margem do regato, mas logo se deteve ao encontrar uma jovem beldade, com a aparência das Graças que se veem em quadros e vestindo quase tão pouca roupa quanto estas. A jovem beldade se aproximou com expressão meiga e colocou na cabeça de Holger uma coroa de flores. Nesse instante, o herói dinamarquês perdeu a memória: seus combates, sua glória, Carlos Magno e sua Corte, tudo lhe sumiu da mente; viu apenas Morgana e nada mais desejou senão suspirar a seus pés.

Abreviamos a narrativa resumindo todos os deleites desfrutados por Holger por mais de cem anos. O tempo voava, sem deixar impressão alguma desse voo. Os encantos juvenis de Morgana não envelheceram, e Holger jamais recebeu os avisos que o peso dos anos costuma dar aos mortais menos afortunados. Não há como saber quanto tempo esse estado de bem-aventurança duraria, caso não ocorresse um acidente que levou Morgana um dia, num momento de brincadeira, a arrancar a coroa da cabeça de Holger. Nesse instante, o herói recuperou a memória e perdeu a felicidade. A lembrança de Carlos Magno e de seus próprios parentes e amigos entristeceu as horas passadas na companhia de Morgana. A fada viu com tristeza a mudança de expressão em seu amado. Finalmente, extraiu dele a confissão de que era seu desejo passar ao menos um tempo em visita à Corte de Carlos. Consentiu com relutância, e com as próprias mãos ajudou-o a envergar novamente a armadura. Papillon foi trazido, Holger montou em seu lombo e, recebendo um meigo adeus da chorosa Morgana, atravessou a toda velocidade o cinturão rochoso que separava o palácio de Morgana da beira do mar. Os duendes marinhos que o tinham recebido na chegada o aguardavam na praia. Um deles pôs Holger nas costas e outro fez o mesmo com Papillon. Ambos abriram suas largas nadadeiras e em pouco tempo atravessaram o amplo espaço que separa a ilha de Avalon da França. Deixaram Holger no litoral de Languedoc e, mergulhando em seguida no mar, desapareceram.

Holger tornou a montar em Papillon, que o levou de um lado ao outro do reino quase tão depressa quanto haviam atravessado o mar. O herói chegou às muralhas de Paris, que dificilmente teria reconhecido caso as torres de St. Genevieve não lhe atraíssem o olhar. Dirigiu-se diretamente ao palácio de Carlos Magno, que lhe deu a impressão de ter sido totalmente reconstruído. Foi extrema a sua surpresa, que aumentou mais ainda ao descobrir que mal entendia a língua dos guardas e dos criados que respondiam a suas perguntas e ao vê-los sorrir quando tentavam explicar uns aos outros o idioma do desconhecido. No final, a atenção de alguns nobres em visita foi atraída para a cena, e Holger, capaz de identificar a classe a que pertenciam pelas roupas que envergavam, abordou-os e indagou-lhes se os duques Namo e Salomão ainda moravam na Corte do imperador. Ao ouvir essa pergunta, os nobres se entreolharam surpresos. Um dos mais idosos, então, disse aos demais:

— Como esse cavaleiro se parece com o retrato do meu tio-avô, Holger, o dinamarquês.

— Ora, meu querido sobrinho, eu sou Holger, o dinamarquês — replicou Holger, lembrando-se de que Morgana lhe dissera que era muito pequena a sua noção da passagem do tempo enquanto morava com ela.

Os nobres, mais atônitos que nunca, decidiram levá-lo até o monarca que reinava então, o grande Hugo Capeto.

O valoroso Holger entrou sem hesitação no palácio, mas quando, ao chegar ao salão real, os nobres o instruíram a prestar obediência ao Rei da França, sua perplexidade foi total ao ver um homem de baixa estatura e cabeça volumosa, cuja postura, não obstante, era nobre e marcial, sentado no trono no qual tantas vezes ele vira Carlos Magno, o soberano mais alto e mais bonito de sua época.

Holger relatou suas aventuras com candura e naturalidade. Hugo Capeto demorou a acreditar nele, mas Holger recordou-lhe tantas provas e circunstâncias, que no final o rei foi obrigado a reconhecer que o guerreiro idoso era o famoso Holger, o dinamarquês.

O rei o pôs a par dos acontecimentos que haviam tido lugar durante sua longa ausência: a linhagem de Carlos Magno fora extinta; uma nova dinastia tivera início; os velhos inimigos do reino, os sarracenos, continuavam criando problemas e naquele exato momento um exército desses infieis sitiava a cidade

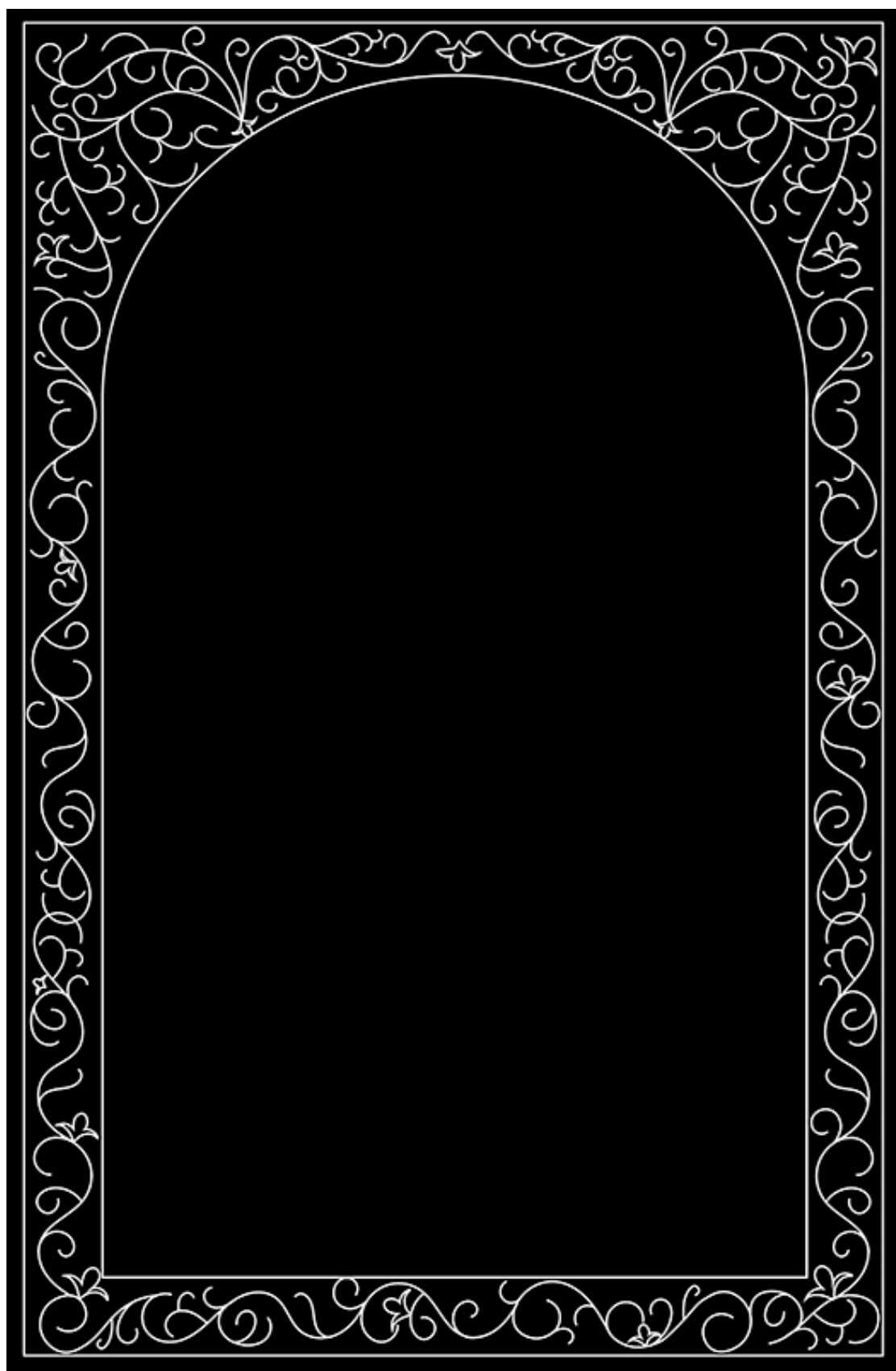
de Chartres, para a qual ele tornaria a partir em poucos dias para prestar sua ajuda. Holger, sempre movido pelo amor à glória, ofereceu seus préstimos, que o ilustre monarca aceitou cortesmente, conduzindo-o até a rainha. O espanto de Holger redobrou ao ver os novos adornos e enfeites de cabeça das damas. O belo penteado que empilhava o cabelo bem alto acima da testa e as plumas que o entremeavam, que ondeavam com enorme graça, criavam um ar nobre que o cativou. Sua admiração cresceu quando, em lugar da velha Imperatriz Bertha, ele se viu diante de uma jovem rainha que combinava uma fisionomia majestosa com os encantos da sua idade e modos francos e encantadores capazes de seduzir qualquer coração. Holger saudou a jovem rainha com um respeito tão profundo que muitos membros da Corte o tomaram por um estrangeiro ou, no mínimo, por algum nobre criado distante de Paris e que por isso ainda cultivava os hábitos da velha Corte.

Quando a rainha foi informada pelo marido de que aquele era o famoso Holger, o dinamarquês, cujas façanhas memoráveis ela costumava ler nas crônicas antigas, sua surpresa foi imensa e só fez aumentar quando ficou evidente o requinte da sua educação, a vivacidade e até mesmo a jovialidade da sua postura. Essa rainha era demasiado inteligente para acreditar em tudo que via; apenas a existência de provas a convenciam, e ela fez ao visitante várias perguntas sobre a antiga Corte de Carlos Magno, recebendo respostas tão esclarecedoras e adequadas que puseram fim às suas dúvidas. É às correções que Holger foi capaz de fazer quanto às narrativas populares de suas empreitadas que devemos a total precisão e fidedignidade de todos os detalhes da nossa própria história.

O Rei Hugo Capeto, recebendo nessa mesma noite relatos dos moradores de Chartres informando-o de que se encontravam duramente pressionados pelos sitiantes, decidiu partir rapidamente com Holger em seu socorro.

Holger concluiu essa missão tão rapidamente quanto concluía todas as anteriores. Como os sarracenos haviam ousado declarar guerra, ele atravessou com o Auriflame as fileiras mais cerradas do exército inimigo. Papillon, cuspidor de fogo pelas ventas, espalhou a desordem entre as hostes, e a Cortana, manejada pelo braço invencível de Holger, em pouco tempo pôs fim ao conflito.

O rei, vitorioso contra os sarracenos, conduziu o herói dinamarquês de volta a Paris, onde o libertador da França recebeu as honras merecidas pelo seu valor. Holger permaneceu algum tempo na Corte, detido ali pela gentileza do rei e da rainha. Não demorou, porém, para ter o desgosto de testemunhar a morte do rei. Foi quando, impressionado com todas as perfeições que identificara na rainha, não pôde deixar de lhe render a terna homenagem de oferecer sua mão em casamento. A rainha talvez tivesse aceitado e chegou mesmo a convocar uma reunião da alta nobreza para discutir a proposta, mas, na véspera da reunião, no instante em que Holger estava ajoelhado a seus pés, ela percebeu uma coroa de ouro que fora colocada na cabeça do herói por alguém invisível. Logo em seguida, uma nuvem o envolveu e ele desapareceu para sempre. A responsável havia sido Morgana, a Fada, cujo ciúme fora despertado pela visão do amado com a rainha e que exercera novamente seu poder levando-o para morar com ela na ilha de Avalon. Ali, na companhia do Rei Artur da Bretanha, o herói vive ainda, e quando seu ilustre amigo voltar para reassumir seu antigo reino, Holger sem dúvida haverá de retornar com ele e compartilhar seu triunfo.



GLOSSÁRIO



A

ABDERRAMÃO, fundador de um emirado e da dinastia omíada (sarracena) na Espanha, conquistado em Tours por Carlos Martel

ADÔNIS, jovem amado por Afrodite (Vênus) e Prosérpina morto por um javali

AGRAMANTE, rei africano

AGRICAN, lendário Rei da Tartária, finalmente morto por Orlando ao disputar com ele Angélica

ALBRACA, cerco de

ALCINA, feiticeira

ALCUIN, prelado e estudioso inglês

ALICE, mãe de Huon e Girard, filhos do Duque Sevinus

AMAURY DE HAUTEVILLE, fingido cavaleiro de Carlos Magno

AMAZONAS, raça mítica de mulheres guerreiras

AMBESSA, governador sarraceno da Espanha (725 d.C.)

ANGÉLICA, Princesa de Catai

ANTEU, gigante guerreiro da Líbia, morto por Hércules, que, achando-o mais forte ao ser jogado ao chão, ergueu-o no ar e o estrangulou

AQUILES, herói da *Iliada*, filho de Peleu e da Nereida Tétis, morto por Páris

AQUITÂNIA, antiga província do sudoeste da França

ARRIDANO, um rufião mágico, morto por Orlando

ARTUR, Rei da Bretanha por volta do século VI

ASTAROTE, um espírito cruel, chamado por feitiço para levar Rinaldo à morte

ASTÍANAX, filho de Heitor de Troia, estabeleceu o reino de Messina na Itália

ASTOLFO DA INGLATERRA, um dos cavaleiros de Carlos Magno

ATLANTES, pai adotivo do poderoso mágico Ruggiero

ATLAS, monte, nome geral de uma cordilheira no norte da África

AUGUSTUS, o primeiro César imperial, que governou o Império Romano de 31 a.C. a 14 d.C

ÁVALON, terra dos Abençoados, um paraíso terrestre nos mares ocidentais, local de sepultamento do Rei Artur

AYA, mãe de Rinaldo

AYMON, Duque, pai de Rinaldo e Bradamante

B

BAIARDO, cavalo selvagem subjugado por Rinaldo

BALISARDA, a espada de Orlando

BERTHA, mãe de Orlando

BRADAMANTE, irmã de Rinaldo, uma lutadora

BRIAREU, gigante de cem braços

BRIGLIADORO, o cavalo de Orlando

BRUHIER, sultão da Arábia

BRUNELLO, anão, ladrão e rei

C

CALAIS, cidade francesa de frente para a Inglaterra

CAPEŊO, Hugo, Rei da França (987-996 d.C.)

CARAHUE, Rei da Mauritânia

CARLOS MAGNO, rei dos francos e imperador dos romanos

CARLOS MARTEL, rei dos francos, avô de Carlos Magno, chamado Martel (o Martelo) por causa da derrota dos sarracenos em Tours

CÉSAR, Júlio, advogado romano, general, estadista e autor, conquistou e consolidou o território romano, viabilizando o Império

CHARLOT, filho de Carlos Magno

CIRCE, feiticeira, irmã de Eetes

CLARIMUNDA, esposa de Huon

CLORIDAN, mouro
CONSTANTINO, imperador grego
CORTANA, a espada de Holger
CUPIDO, filho de Vênus e deus do amor

D

DARDINEL, Príncipe de Zumara
DESTINO, ministras do, descritas como filhas da Noite — para indicar a escuridão e a obscuridade do destino humano — ou de Zeus e Themis, isto é, “filhas dos céus justos”, eram Cloto, que fiava o fio da vida, Lachesis, que segurou o fio e fixou seu comprimento e Átropos, que o cortou
DIANA (ÁRTEMIS), deusa da lua e da caça, filha de Júpiter e Latona
DIDIER, rei dos lombardos
DUDON, um cavaleiro, camarada de Astolfo
DURINDANA, espada de Orlando ou Rinaldo

E

ENEIAS, herói troiano, filho de Anquises e Afrodite (Vênus), nascido no monte Ida, é reputado como primeiro colonizador de Roma
ENOQUE, o patriarca

F

FALERINA, uma feiticeira
FATA MORGANA, uma miragem
FERRAGUS, um gigante, adversário de Orlando
FERRAU, um dos cavaleiros de Carlos Magno
FLORDELIS, bela donzela, amada de Florismart
FLORISMART, Sir, um bravo cavaleiro
FUSBERTA, espada de Rinaldo

G

GALAFRON, Rei de Catai, pai de Angélica

GANIMEDES, o mais belo de todos os mortais, foi raptado para o Olimpo e passou a servir Zeus e viver entre os deuses imortais

GANO, também chamado de Gan ou Ganelão, duque traiçoeiro de Maganza; um dos cavaleiros de Carlos Magno e seu par

GAUDISSO, sultão

GAULA, França antiga

GIGANTES, seres de tamanho monstruoso e fisionomia assustadora

GIRARD, filho do Duque Sevinus

GRAÇAS, as três deusas que promoviam os prazeres da vida através do refinamento e da gentileza; eles eram Aglaia (brilho), Eufrosina (alegria) e Talia (florescimento)

GRADASSO, Rei de Sericana

GUERIN, senhor de Vienne, pai de Oliveiros

H

HAROUN AL RASCHID, califa da Arábia, contemporâneo de Carlos Magno

HARPIAS, monstros, com cabeça e seios de mulher, mas asas, pernas e cauda de pássaros, confiscavam as almas dos ímpios e puniam os malfeitores arrebatando-os avidamente ou tirando-lhes a comida

HÉCUBA, esposa de Príamo, Rei de Troia, que deu à luz Heitor, Páris e muitas outras crianças

HÉGIRA, fuga de Maomé de Meca para Medina (622 d.C.), época a partir da qual os maometanos contam o tempo, como fazemos desde o nascimento de Cristo

HEITOR, filho de Príamo e campeão de Troia

HÉRCULES, herói atlético, filho de Júpiter e Alcmena, realizou doze grandes trabalhos e muitas conhecidas façanhas

HIMENEU, o deus do casamento, representado por um jovem bonito,
invocado por canções nupciais
HIPOGRIFO, cavalo alado, com cabeça e garras de águia
HIRCÂNIA, Príncipe de, prometido a Clarimunda
HOLGER, o dinamarquês, um dos paladinos de Carlos Magno
HUON, filho do Duque Sevinus

I

ISABELLA, filha do Rei da Galícia
ISOLDA, a bela, amada de Tristão
ISOLIER, amigo de Rinaldo
IVO, rei sarraceno, torna-se amigo de Rinaldo

J

JANÍCULO, monte, uma colina na outra margem do Tibre
JOSÉ DE ARIMATEIA, que levou o Santo Graal à Europa

L

LEO, imperador romano, príncipe grego
LETE, rio do Hades, cujas águas, quando bebidas, provocavam esquecimento
LOGESTILLA, uma sábia senhora, que recebeu Ruggiero e seus amigos
LUÍS, filho de Carlos Magno

M

MALAGIGI, o Mago, um dos cavaleiros de Carlos Magno
MAMBRINO, com elmo invisível
MANDRICARDO, filho de Agrican

MAOMÉ, grande profeta da Arábia, nascido em Meca, 571 d.C., proclamou a adoração de Deus em vez de ídolos, espalhou a sua religião por meio de discípulos e depois pela força até prevalecer, com domínio árabe, sobre vastas regiões da Ásia, África e Espanha na Europa

MARFISA, irmã de Ruggiero

MARSÍLIO, rei espanhol, inimigo traiçoeiro de Carlos Magno

MEDORO, jovem mouro, que conquista Angélica

MELISSA, sacerdotisa do túmulo de Merlin

MERLIN, mago

MILON, pai de Orlando

MONSTROS, seres anormais nocivos aos homens

MONTALVÃO, castelo de Rinaldo

MORGANA, feiticeira, a Dama do Lago em *Orlando Furioso*, a mesma que a Fada Morgana nas lendas de Artur

N

NAMO, Duque da Bavária, um dos cavaleiros de Carlos Magno

NILO, rio do Egito

NINFAS, belas donzelas, divindades menores da natureza, Driades e Hamadriades, ninfas das árvores; Náíades, ninfas da primavera, das fontes e dos rios; Nereidas, ninfas dos mares; Oréades, ninfas das montanhas ou ninfas dos montes

NUMA, segundo Rei de Roma

O

ODÃO, Rei da Aquitânia, aliado de Carlos Martel

ODERIC, Chevalier, biscaio

OLIVEIROS, companheiro de Orlando

ORÁCULOS, respostas dos deuses a perguntas de pessoas que buscam conhecimento ou conselhos para o futuro, geralmente de forma cifrada,

para se adequar a qualquer evento. Também locais onde tais respostas eram dadas geralmente por um sacerdote ou sacerdotisa

ORCO, monstro marinho, frustrado por Ruggiero quando esteve prestes a devorar Angélica

ORLANDO, um famoso cavaleiro e sobrinho de Carlos Magno

P

PAGÃOS, descrentes

PALADINOS ou pares, cavaleiros errantes

PENTESILEIA, rainha amazona

PEPINO, pai de Carlos Magno

PINABEL, cavaleiro

PÍNDARO, famoso poeta grego

PROTEU, o velho homem do mar

PRUDÊNCIA (MÉTIS), esposa de Zeus

PSIQUE, bela donzela, personificação da alma humana, desejada por Cupido, a quem ela correspondeu, mas o perdeu pela curiosidade de vê-lo (quando ele veio até ela por uma noite), mas no fim, por meio de suas preces, foi feita imortal e restaurada para ele, um símbolo de imortalidade

R

RABICAN, cavalo notável

REGGIO, família da qual Ruggiero nasceu

RODOMONTE, Rei de Argel

ROLANDO (ORLANDO), (ver Orlando)

RUGGIERO, notável cavaleiro sarraceno

S

SACRIPANTO, Rei da Circássia

SALOMÃO, Rei da Bretanha, na Corte de Carlos Magno

SANSÃO, herói hebreu, considerado por alguns a versão original de Hércules

SARRACENOS, seguidores de Maomé

SENAPUS, Rei da Abissínia, que recebeu Astolfo

SEREIAS, ninfas do mar cujo canto encantava os marinheiros a saltarem ao mar. Passando pela sua ilha, Ulisses tapava com cera os ouvidos dos seus marinheiros e fazia-se amarrar ao mastro para poder ouvir, mas não ceder à sua música

SEVINUS, Duque de Guienne

SHERASMIN, cavaleiro francês

SIBILA, profetisa de Cumas

SOBRINO, conselheiro de Agramante

SUTRI, terra natal de Orlando

T

TEODORA, irmã do Príncipe Leo

TIBRE, rio que banha Roma

TOURS, batalha de (ver Abderramão e Carlos Martel)

TRISTÃO, um dos cavaleiros de Artur, marido de Isolda das Mãos Brancas, amante de Isolda, a bela

TROIA, cidade da Ásia Menor, governada por Príamo, cujo filho, Páris, raptou Helena, esposa de Menelau, o Grego, resultando na Guerra de Troia e na destruição da cidade

TURPIN, arcebispo de Reims

U

UBERTO, filho de Galafron

ULISSES (ODISSEU PARA OS GREGOS), herói da Odisseia

UNICÓRNIO, animal fabuloso provido de um único chifre

V

VULCANO (HEFESTO), deus do fogo e do trabalho em metal, com forjas sob o Etna, marido de Vênus

Z

ZERBINO, um cavaleiro, filho do Rei da Escócia

ZEUS (JOVE), deus principal da mitologia romana e grega

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Laiane Flores

Macondo Casa Editorial

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Letícia Côrtes

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E CAPA

Larissa Fernandez

Letícia Fernandez

DIAGRAMAÇÃO

Henrique Diniz

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Ranna Studio